O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

NEEMIAS

HAGNOS

NEEMIAS

O Livro que Descreve a Construção dos Muros de Jerusalém depois do Cativeiro Babilônico

Neemias

13 Capítulos
406 Versículos

Introdução

Esboço:

I. Neemias, o Autor
II. Data e Autoria
III. Pano de Fundo Histórico
IV. Propósito do Livro
V. Problemas Especiais do Livro
VI. Esboço do Conteúdo
VII. Bibliografia

I. Neemias, o Autor

Tudo quanto sabemos acerca de Neemias, cujo nome, em hebraico, significa "Yahweh consola", pode ser derivado do livro que tem o seu nome, bem como de algumas tradições que circundam a sua carreira. Não é dada a sua genealogia, mas é dito que ele era filho de Hacalias (Nee. 1.1) e tinha um irmão de nome Hanani (Nee. 7.2). Também ficamos sabendo que, durante o cativeiro babilônico, ele ocupava a honrosa incumbência de ser o copeiro do rei Artaxerxes Longimano, em Susã (ver Nee. 2.1). Isso ocorria por volta de 446 A.C. Tendo ouvido falar sobre as deploráveis condições de vida que prevaleciam na Judéia, ele foi a Jerusalém procurar melhorar tais condições. Para tanto, teve de apresentar uma petição ao monarca a fim de que lhe fosse dada permissão de ir a Jerusalém para reconstruí-la. Esse pedido lhe foi concedido e do rei ele recebeu o título persa de *tirshatha*, "governador", que era sua carta branca para agir. Neemias foi enviado com uma escolta de cavalaria e munido de cartas, da parte do rei, endereçadas a diversos sátrapas das províncias pelas quais ele teria de passar. Uma dessas missivas era para Asafe, que cuidava das florestas do rei, e que recebeu ordens para suprir a madeira necessária para Neemias, em sua tarefa de reconstrução. Neemias prometeu ao rei que voltaria, terminada a sua tarefa (ver Nee. 2.1-10).

Chegando a Jerusalém, Neemias realizou a notável tarefa de restaurar as muralhas de Jerusalém no breve espaço de cinqüenta e dois dias (Nee. 6.15). Naturalmente, Neemias encontrou quem lhe fizesse oposição, aqueles que não queriam que Judá se reerguesse. Os principais adversários foram Sambalate e Tobias. Esses dois chegaram a planejar apelar para a violência, se necessário fosse, para impedir a reconstrução, e assim os que reconstruíam a cidade tiveram de fazê-lo armados, a fim de afastar a ameaça (ver Nee. 4).

Além das reedificações, Neemias tomou medidas que visavam a reforma, tendo introduzido a lei e a boa ordem, e restaurado a adoração a Yahweh, em consonância com as antigas tradições judaicas (ver Nee. 7 e 8). Mas seus adversários, ao insinuarem que Neemias queria tornar-se um monarca independente em Judá, conseguiram impedir temporariamente o trabalho de reconstrução e de reformas (ver Esd. 4.2). Todavia, contornada essa dificuldade, o trabalho teve prosseguimento, contando com a cooperação de Esdras, o sacerdote, que havia chegado antes dele em Jerusalém e se tornara importante figura política e religiosa em Jerusalém (ver Nee. 8.1,9,13 e 12.36).

Após doze anos de trabalho profícuo em Jerusalém, Neemias retornou à corte de Artaxerxes (Nee. 5.14; 13.6), em cerca de 434 A.C. Não nos é informado por quanto tempo ele permaneceu ali; mas, após algum tempo, ele voltou a Jerusalém. Isso posto, podemos apresentar a seguinte cronologia:

Neemias foi nomeado governador em 445 A.C. (Nee. 2.1). Voltou à corte de Artaxerxes em 433 A.C. (Nee. 5.14). Então voltou a Jerusalém, "ao cabo de certo tempo" (Nee. 13.6). Seu retorno a Jerusalém foi assinalado por novas reformas, incluindo a questão da rejeição às mulheres estrangeiras com quem os judeus se tinham casado, durante o tempo do cativeiro babilônico. Além disso, o amonita Tobias foi expulso do templo, onde estava residindo, foi restaurada a observância do sábado, e, de modo geral, as coisas foram postas em ordem (ver Nee. 13).

É provável que Neemias tenha permanecido em Jerusalém até cerca de 405 A.C., que teria sido o fim do reinado de Dario Noto (Nee. 12.22). Contudo, não temos nenhuma informação certa sobre o tempo e a maneira da morte de Neemias.

O livro de Neemias, de acordo com os estudiosos conservadores, foi escrito pessoalmente por ele, embora muitos suponham que suas tradições tenham sido incorporadas ao livro por algum autor posterior. O trecho de Nee. 1.1 afirma que o livro é de autoria de Neemias; mas isso poderia significar que os pontos essenciais de sua história foram ali incorporados. O que é seguro é que a autobiografia de Neemias foi a principal fonte informativa do livro, mesmo que ele não o tenha composto pessoalmente. Alguns dentre os especialistas que pensam que o autor que compilou a obra viveu após o tempo de Neemias, crêem que o autor do livro também escreveu I e II Crônicas e Esdras, e viveu ou no século IV ou no século III A.C. Seja como for, a autobiografia de Neemias acha-se principalmente nos seguintes trechos: Nee. 1–7; 12.27-43; 13.4-31. E, se essa teoria de outra autoria está com a razão, então outras porções do livro foram compiladas com base em diversas fontes informativas.

Na Bíblia hebraica, os livros de Neemias e Esdras compõem um único volume. E o livro de Esdras também não envolve reivindicação de autoria. É provável que um único autor-editor tenha escrito a unidade inteira, e, na porção que alude a Neemias, aquele autor-editor tenha vinculado esse nome, porque, na realidade, estava ali incorporando a autobiografia de Neemias. No entanto, apesar de Esdras ter sido a personagem principal daquilo que, atualmente, se chama de livro de *Esdras,* este não deixou a sua autobiografia, pelo que o seu nome não aparece vinculado à unidade. Mas, de fato, Esdras e Neemias compõem um único livro, que foi preparado como suplemento de I e II Crônicas. E assim, a idéia de um autor-editor haver trabalhado com essa coletânea, como um todo, não é destituída de razão. Na Septuaginta, os livros de Esdras-Neemias ainda aparecem unidos; mas, nas modernas Bíblias hebraicas, os dois livros são separados, a partir da edição chamada de Bomberg, de 1525 D.C. Essa edição seguiu o arranjo alemão, no qual os dois livros apareciam separados. Eusébio de Cesaréia tinha conhecimento de apenas um livro, "Esdras-Neemias", chamado de *livro de Esdras,* que, sem dúvida incluía a porção que hoje foi separada como o livro de Neemias. No entanto, nos dias de Orígenes, pelo menos em algumas coletâneas dos livros sagrados, esses dois livros apareciam distintos um do outro. A unidade Esdras-Neemias pertence à terceira divisão da Bíblia hebraica, a divisão chamada *Escritos ou Hagiógrafos* (ver a respeito no *Dicionário*).

II. Data e Autoria

Se aceitarmos a idéia de que Neemias escreveu pessoalmente o livro inteiro de Neemias, ou, pelo menos, uma porção essencial, então teremos de pensar em uma data posterior a 433 A.C. Mas, se algum autor-editor (cronista) esteve envolvido, então essa data poderia ser esticada até cerca de cem anos depois disso. Alguns eruditos do hebraico afirmam que o tipo de hebraico envolvido na obra é posterior, pertencendo a talvez cem anos após a época de Neemias, período durante o qual houve algumas significativas mudanças de linguagem. Um dos argumentos em favor de uma data posterior é a suposta confusão que teria ocorrido com a incorporação de material do livro de Esdras, na parte da unidade que veio a ser conhecida, mais tarde, como livro de Neemias. A ordem dos eventos parece ter sido perturbada nesse material. Fica pressuposto que uma pessoa que tivesse vivido mais perto dos acontecimentos, que tivesse tido a vantagem de poder consultar testemunhas oculares, não teria feito tais deslocamentos de material. Ver a quinta seção, *Problemas Especiais do livro,* para uma discussão a respeito.

A despeito do problema de autoria (ou de editoração), o livro de Neemias sempre desfrutou do caráter de canonicidade entre os judeus palestinos e alexandrinos. Alguns críticos pensam que, pelo menos quanto a certas porções da narrativa, o editor dependeu de informes fictícios, os quais passaram a ser reputados como autênti-

cos. E quanto ao material canônico, o autor teria dependido de I e II Crônicas, embora alguns também digam que ele deixou correr solta a imaginação. Todas as investigações nesse campo deixam a questão no ar, visto que os argumentos que têm sido apresentados, contra e a favor, não são conclusivos. A grande verdade é que a unidade literária de Esdras-Neemias é praticamente a única fonte informativa autorizada de que dispomos quanto ao período histórico que envolve a restauração de Judá à cidade de Jerusalém. Isto posto, é impossível averiguar exatidão histórica dessa narrativa, exceto por meio da arqueologia, que ainda não apresentou coisa alguma obviamente contrária a ela. E, apesar de talvez ser verdade que certas porções desse material pareçam estar deslocadas do lugar certo, isso não milita contra a exatidão geral do relato bíblico. Sabemos que os hebreus sempre foram historiadores cuidadosos; e, apesar do adjetivo "cuidadoso" não ser idêntico a "perfeito", isso não envolve nenhuma inexatidão essencial. Outrossim, o período histórico ali coberto reveste-se de importância especial. Aquela foi a ressurreição histórica da nação hebréia, em sua cultura e em sua fé. É difícil acreditar que algum judeu piedoso tivesse manuseado desonestamente essa ressurreição histórica, e outros judeus, da Palestina ou de qualquer outro lugar, tivessem aceito sem protestar as supostas distorções históricas.

III. Pano de Fundo Histórico

Quanto a isso, ver no *Dicionário* o artigo *Cativeiro Babilônico;* bem como a introdução ao livro de Esdras, e a primeira seção desta *Introdução*, que trata especialmente sobre Neemias, no tocante a essas questões.

IV. Propósito do Livro

A teologia ensina-nos que Deus está interessado no destino dos indivíduos e das nações. Os cativeiros assírio e babilônico, como é óbvio, tiveram motivações meramente humanas, com base na ganância e na violência dos homens, ou na desumanidade dos homens contra os homens. No entanto, ambos os cativeiros também foram castigos bem merecidos que receberam as nações de Israel (do norte) e de Judá (do sul), em face de seus pecados e apostasias, "que formavam multidão". Os juízos divinos sempre são também remediais e restauradores, e não meramente vindicativos. O propósito de Deus, pois, operou através de nações como a Assíria, a Babilônia e a Pérsia. Mas também operou por meio dos restauradores da nação de Israel, como Esdras, Neemias, Zorobabel, Josué, Ageu e Zacarias, além de outros profetas que haviam advertido e instruído as nações de Israel e de Judá em tempos críticos, como Jeremias, Isaías e os profetas menores, como uma classe. Ora, a unidade literária Esdras-Neemias faz parte desse quadro maior, relatando-nos os anos críticos durante os quais Judá teve um novo início histórico em Jerusalém, tendo sido assim preservados a identidade e o destino do povo hebreu. As catástrofes posteriores, como as do tempo dos macabeus, da dominação romana e da grande dispersão mundial, não foram capazes de anular os propósitos de Deus. As profecias bíblicas falam de significativos eventos futuros que porão Israel à testa das nações da terra. Neemias faz parte da caudal do grandioso propósito divino, que tem prosseguimento apesar dos obstáculos que ocasionalmente parecem diminuir o ímpeto ou mesmo desviar a direção do seu fluxo.

V. Problemas Especiais do Livro

1. *Autoria.* Essa questão já foi discutida, na segunda seção, acima.
2. A *Presença de Esdras no Livro. Problemas Cronológicos.* Esdras chegou a Jerusalém no sétimo ano do governo de Artaxerxes II (ver Esd. 7.7), e Neemias ali chegou no vigésimo ano do governo do mesmo rei (ver Nee. 2.1), isto é, em cerca de 445 A.C. Portanto, tanto Esdras quanto Neemias estiveram envolvidos nos acontecimentos do período. O problema que envolve Esdras – no livro de Neemias – é o da ordem dos acontecimentos que as inserções daquele material parecem criar. O ponto nevrálgico do argumento dos críticos é que Esdras deve ter chegado a Jerusalém *após* Neemias, e não antes, ou seja, no vigésimo sétimo ano de Artaxerxes, e não no seu sétimo ano, ou seja, 428 A.C., e não 408 A.C. Três passagens bíblicas estão envolvidas nessa questão:
   a. Esdras 10.1. Temos aqui a afirmação de que houve grande ajuntamento em Jerusalém; mas, na época de Neemias (7.4), presumivelmente a cidade estava esparsamente habitada. Contra isso, afirma-se que a multidão que se reuniu a Esdras proveio de fora da cidade, de outras partes do território de Judá, pelo que a própria cidade de Jerusalém teria poucos habitantes, ao passo que no território de Judá, em geral, já haveria bastante gente.
   b. Esdras 9.9. Este trecho apresenta-nos Esdras a agradecer pelos muros reconstruídos de Jerusalém. No entanto, esses muros só teriam sido reerguidos mais tarde, nos dias de Neemias. Em resposta a essa crítica, alguns aceitam a palavra "muro" de forma metafórica, traduzindo-a por "segurança" e removendo assim a dificuldade. Nossa versão portuguesa encontra um ponto de compromisso, traduzindo por "muro de segurança". No entanto, a verdade é que Esd. 4.12 mostra que a reconstrução das *muralhas* de Jerusalém havia começado antes mesmo da chegada de Neemias, pelo que uma interpretação metafórica da palavra "muro" torna-se desnecessária.
   c. Esdras 10.6. Este versículo menciona Joanã como contemporâneo de Esdras, chamando-o de "filho de Eliasibe". Mas Eliasibe foi sumo sacerdote nos dias de Neemias (ver Nee. 3.1). Contudo, o trecho de Nee. 12.10,11 faz de Eliasibe avô de Jônatas, e os papiros de Elefantina mostram que esse neto de Eliasibe foi sumo sacerdote em 408 A.C. Para que Esdras tivesse conhecido esse homem como sumo sacerdote, precisaria ter chegado a Jerusalém em data bem posterior. Em resposta a isso, tem sido mostrado que Joanã não foi a mesma pessoa que Jônatas, apesar da semelhança de nomes, sem contar o fato de que Eliasibe pode ter tido um filho que nunca se tornou sumo sacerdote, embora tivesse tido um neto que chegou a sê-lo, e que nomes comuns podem ter estado em jogo. Um reforço a esse argumento é que esse sumo sacerdote, Jônatas, foi culpado de ter assassinado o próprio irmão, no templo de Jerusalém (ver Josefo, *Anti.* 11.7,1), sendo improvável que Esdras tivesse querido associar-se a um assassino.
3. *O Problema dos Casamentos Mistos.* Tanto Esdras quanto Neemias (em diferentes períodos de tempo) tentaram solucionar o problema dos casamentos mistos, forçando os judeus a se divorciarem de suas mulheres estrangeiras, com quem eles se tinham casado durante o cativeiro babilônico? Isso significaria que houve duas reformas, e não uma só. Ou, de fato, a questão só sucedeu uma vez, mas foi mencionada por duas vezes, uma em relação a Esdras e outra em relação a Neemias? Ver Esd. 9.1,2 e 10.2 em comparação com Nee. 13.23 ss. Quanto a esse terceiro problema, não há como solucioná-lo, a menos que se diga que tanto Esdras quanto Neemias tiveram de enfrentar o problema, que não ficou resolvido na tentativa feita por Esdras. Ou então temos de confessar que houve deslocamento de material, por parte de um editor. Contudo, mesmo em face dessa última possibilidade, o problema não é de natureza gravemente insuperável, não atingindo a exatidão histórica geral.
4. *Quando a Lei Foi Lida Diante do Povo?* Esdras tinha a incumbência de ensinar a lei ao povo (ver Esd. 7.14,25,26), o que requeria que ela fosse lida aos ouvidos do povo. No entanto, o oitavo capítulo do livro de Neemias mostra que essa leitura foi feita treze anos depois da presumível leitura feita por Esdras. É significativo que o livro não-canônico de I Esdras vincule esse relato à leitura da lei, diante do povo, no fim do livro de Esdras, ou seja, tenha feito retroceder o acontecimento a um tempo anterior. Os críticos, pois, acreditam que essa é a verdadeira ordem cronológica do relato, e que o oitavo capítulo do livro de Neemias constitui um deslocamento de material, que fez a leitura da lei ter ocorrido mais de um decênio depois. Apesar disso, alguns eruditos pensam que o livro de Neemias é que está certo. Na verdade, não há como solucionar esse quarto problema, porque todas as

soluções propostas são influenciadas por preferências subjetivas. E nem a questão se reveste de maior significação, a não ser para aqueles que dão valor a questões assim, tendo em vista satisfazer seu gosto pela controvérsia.

VI. Esboço do Conteúdo

1. Notícias sobre condições adversas em Jerusalém impelem Neemias a voltar a Jerusalém, para prestar ajuda (1.1-11)
2. A permissão para tanto lhe é dada pelo rei, isso incluiu o direito de reconstruir a cidade de Jerusalém (2.1-12)
3. Lista dos construtores e de suas áreas de trabalho (3.1-32)
4. Adversários tentam fazer parar a obra, mediante o ridículo e a violência (4.1-23)
5. Problemas entre ricos e pobres, que ameaçavam a estabilidade dos restaurados (5.1-19)
6. Neemias é acusado de querer tornar-se rei, em mais uma tentativa de impedir o trabalho de reconstrução (6.1-14)
7. As muralhas da cidade são terminadas em cinqüenta e dois dias (6.15—7.4)
8. Registro dos exilados que retornaram (7.5-73)
9. A lei de Moisés é lida diante do povo (8.1-18)
10. Arrependimento nacional e estabelecimento de um novo pacto (9.1—10.39)
11. Registro dos habitantes de Jerusalém e das circunvizinhanças (11.1-36)
12. São relacionados os sacerdotes e os levitas, incorporando o tempo desde o retorno da Babilônia a Jerusalém até o fim do império persa (12.1-26)
13. Dedicação das muralhas de Jerusalém e regras acerca da adoração pública (12.27—13.3)
14. Outras reformas, incluindo a questão dos casamentos mistos (13.4-31)

VII. Bibliografia

Ver a Bibliografia sobre *Esdras*.

Ao Leitor

O leitor sério, ao examinar o livro de Neemias, preparará o caminho para seus estudos lendo a *Introdução* ao livro. Esta introdução trata das seguintes questões: Neemias, o autor; data e autoria; pano de fundo histórico; propósito do livro; problemas especiais do livro; esboço do conteúdo.

Na Bíblia hebraica, Esdras-Neemias formavam um único livro, de modo que a introdução a Esdras e notas expositivas adicionais, dadas imediatamente antes da exposição em Esdras 1.1, também se aplicam ao livro de Neemias. A separação da unidade literária em dois livros ocorreu, pela primeira vez, na versão grega do Antigo Testamento, a Septuaginta, e esse arranjo foi seguido por traduções posteriores para outros idiomas.

Provavelmente, I e II Crônicas, Esdras e Neemias foram compilados pelo mesmo autor-compilador, a quem os eruditos chamam de "o cronista". As tentativas de fazer de Esdras o autor do livro de Esdras, e de Neemias o autor do livro de Neemias, não têm sido bem aceitas pelos estudiosos modernos. Pelo menos temos as memórias de Esdras (Esd. 7.27—9.15) e as de Neemias (Nee. 1.1-7.5; 11.27-43; 13.4-30), e essas seções provavelmente representam narrativas de testemunhas oculares que o cronista incorporou em sua compilação-composição. Neemias 1.1, que fala sobre as "palavras de Neemias", não apresenta Neemias como o autor do livro inteiro, mas somente a fonte informativa das partes incorporadas pelo cronista. Fazer de Neemias o autor do conjunto todo equivaleria a torná-lo autor da coletânea inteira: I e II Crônicas, Esdras e Neemias, pois é perfeitamente evidente que o mesmo autor-compilador foi o responsável pelo grupo inteiro dos livros. A coletânea é uma unidade distinta no Antigo Testamento, porque não é mera história. É, antes, uma espécie de filosofia da história sobre a qual comento nos parágrafos quarto a sétimo das notas introdutórias a I Crônicas, imediatamente antes da exposição em I Crô. 1.1. O cronista diz-nos que essa história é teisticamente controlada. Ver no *Dicionário* sobre *Teísmo*, quanto a explicações completas. Deus guia as atividades humanas; intervém na história da humanidade; recompensa os bons e pune os maus. O homem é moralmente responsável diante do Poder Supremo.

Perturbações Cronológicas. Os materiais de Esdras e Neemias se interpõem, e a ordem dos eventos, de acordo com o cronista, nem sempre representa a verdadeira cronologia histórica. Quanto a uma tentativa de pôr os materiais na ordem cronológica histórica, ver as anotações introdutórias a Esdras, imediatamente antes da exposição a Esd. 1.1, o quinto parágrafo a contar do fim.

"*Catorze anos* após o retorno de Esdras a Jerusalém, Neemias liderou um grupo de judeus que retornou a Judá (444 A. C.) e restaurou as muralhas de Jerusalém e a autoridade civil. Este livro é o registro desses acontecimentos. O estado moral da época é desvendado pelo profeta Malaquias. Este livro fornece muitas instâncias de fé individual, agindo sobre a palavra escrita: como exemplos, ver Nee. 1.8,9 e 13.1. Esse é o princípio que domina o capítulo 2 da segunda epístola a Timóteo. Os eventos do livro, de acordo com Usher, cobrem um período de onze anos" (*Scofield Reference Bible*, introdução ao livro de Neemias).

"Em 444 A. C., catorze anos depois do retorno de Esdras a Jerusalém, Neemias também retornou, e Deus o usou para guiar Judá na reconstrução das muralhas da cidade de Jerusalém e no registro da vida social e econômica do povo. O que ele realizou em um breve período de tempo foi um feito incrível. Como ele conseguiu esse alvo, é uma das grandes ênfases do livro que traz o seu nome" (Gene A. Getz, introdução ao livro).

Neemias havia sido guindado a uma posição de responsabilidade em seu meio ambiente pagão. Ele era o copeiro pessoal do rei Artaxerxes (Nee. 1.11; cf. Nee. 2.1). Essa posição na Babilônia deu-lhe a oportunidade de exercer influência sobre o rei e de favorecer seu povo de maneira eficaz. A posição dele na Babilônia revelou suas qualidades intelectuais e pessoais. Mas ele também tinha uma boa posição espiritual, e foi isso que o inspirou a fazer o que fez.

Exposições

Capítulo Um

A Reconstrução das Muralhas (1.1 – 6.19)

Notícias sobre Condições Adversas em Jerusalém Impelem Neemias a Voltar para a Cidade, a fim de Prestar Ajuda (1.1-11)

O título do livro, Neemias, provavelmente foi introduzido pelo cronista ou por um editor posterior, o qual incorporou o texto de Neemias no atual complexo literário de Esdras-Neemias. A Septuaginta, manuscrito *L*, não tem esse título, e talvez isso represente o original hebraico. As "palavras de Neemias" significam "os atos de Neemias". Os termos "palavras de" são comuns para introduzir obras proféticas, e o cronista reteve essas palavras sem levar em consideração que ele não estava contando um relato cuja personagem principal era um profeta. Os livros de I e II Crônicas, que eram um único livro no hebraico, também têm o título de "palavras".

Neemias. Ver a forma abreviada do nome, Neum (Naum), em Nee. 7.7, bem como o livro desse nome, vs. 1. Quanto ao que se sabe sobre esse homem, ver a primeira seção da introdução ao livro. Esse material também cobre a situação histórica na qual ele vivia. A seção III dá detalhes adicionais sobre o pano de fundo histórico.

Caracterização Geral. Enquanto servia no palácio persa de inverno, em Susã (cf. Est. 1.2; Dan. 8.1), Neemias recebeu um relatório da horrenda situação de Jerusalém, da parte de vários homens que tinham acabado de chegar daquele lugar. Um deles era seu irmão, Hanani. (Posteriormente, Neemias nomeou-o para uma alta posição em Jerusalém; Nee. 7.2). Neemias recebeu esse relatório no mês de quisleu (novembro-dezembro). O ano era 444 A. C., pois sabemos que o episódio ocorreu no vigésimo ano de governo do rei Artaxerxes. Neemias ficou muito aflito diante do relatório e resolveu fazer alguma coisa a respeito, com a ajuda de Yahweh. O Novo Israel, embora já tivesse levantado o templo, estava em situação de desgraça e pobreza, ameaçado por forças hostis, a muralha derrubada e os portões queimados devido aos atos hostis que conduziram ao cativeiro babilônico (Nee. 3.1,3,6,13-15). Tinha havido alguma atividade de construção das muralhas (ver Esd. 4.12), mas o projeto não fora muito adiante. Neemias, tomando vantagem de sua elevada posição perante o rei, foi inspirado a levar avante o projeto de reconstrução das muralhas de Jerusalém.

1.1

As palavras de Neemias. Uma expressão que imita as introduções aos livros proféticos. Um título ou introdução melhor para o livro teria sido Atos de Neemias.

Neemias. Quanto ao que se sabe sobre ele, ver a primeira seção da Introdução ao livro, anteriormente. Seu nome significa "Yahweh é consolo", e nele haveria consolação para o Novo Israel.

No mês de quisleu. Isto é, correspondente a nosso novembro-dezembro. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Calendário Judaico.* A data dada foi em algum ponto entre 5 de dezembro e 3 de janeiro.

No ano vigésimo. Ou seja, no vigésimo ano do governo do rei Artaxerxes (Nee. 2.1), o qual, presumivelmente, foi Artaxerxes I, Longânimo. Ele reinou entre 464 e 423 A. C. A data citada neste versículo está fora de ordem, cronologicamente falando. Ver Nee. 2.1, que põe ali os eventos, antes de Nee. 1.1. Os eruditos supõem que Nee. 1.1 devesse ter uma data anterior, ou então as indicações de tempo foram interpoladas aqui, o que causou um problema com a nota sobre o tempo em Nee. 2.1.

Na cidadela de Susã. Ver Esd. 4.9 e o *Dicionário.* Susã era capital do Elão, uma residência de inverno dos reis persas (Xenofonte, *Cyropaedia* VIII.6.22). O local era uma fortaleza, ou "cidadela", conforme Esdras também informa (Esd. 6.2). Depois da captura do lugar (foi tomado dos babilônios), Dario Histaspis a reconstruiu e levantou um magnificente palácio ali. Ver Dan. 8.2 e Est. 1.3.

1.2

Veio Hanani, um de meus irmãos. Hanani é a forma abreviada de Hananias (Nee. 3.8,30). Talvez ele fosse um irmão de sangue de Neemias, ou o termo poderia ser elástico o bastante para significar, simplesmente, colega judeu. Ver Êxo. 2.11 e Deu. 15.12 quanto ao uso amplo do termo. Seja como for, o homem aparentemente era um amigo íntimo, mesmo que não fosse um irmão de sangue (ver II Sam. 1.26; I Reis 9.13; 20.32,33). Nee. 7.2 parece indicar que Hanani era um verdadeiro irmão de sangue de Neemias. Josefo (Antiq. XI.5.6) não mencionou o homem em sua versão da história. Talvez *Hanani* (ver no *Dicionário* a respeito) e aqueles que o acompanhavam formassem uma delegação oficial de Jerusalém, enviada para buscar a ajuda de Neemias. Alguns poucos judeus tinham sobrevivido ao ataque dos babilônios e foram deixados no cativeiro, na Babilônia. Então, setenta anos mais tarde, houve dois movimentos de retorno a Jerusalém, o primeiro liderado por Zorobabel, e o segundo por Esdras. Progresso tinha sido feito no estabelecimento do Novo Israel, principalmente na edificação do templo de Jerusalém e na restauração do culto a Yahweh. A autoridade política tinha sido investida no Novo Israel, embora fosse apenas um minúsculo fragmento daquela tribo isolada, Judá. Zorobabel era descendente direto de Davi, e assim, em certo sentido, restaurava a dinastia davídica, embora fosse apenas um governador sob a hegemonia da Pérsia. Além disso, os sacerdotes e os levitas que tinham retornado conferiam ao novo estado de Israel autoridade espiritual. Portanto, de acordo com a legislação mosaica, havia agora um Novo Israel, que levava avante as antigas tradições. Neemias em breve receberia a missão especial de fomentar a causa sagrada. Judá tornou-se uma província siro-palestina do império persa, mas o tempo modificaria até essa situação.

1.3

Disseram-me. *A Triste Sorte de Judá.* O relatório de Esdras sobre as condições em Judá e em Jerusalém parece ter sido rósea demais. Os que residiam em Jerusalém falavam de uma realidade mais dura. O povo era pobre e miserável; vivia em estado de aflição; as muralhas da cidade tinham sido derrubadas, tornando-os vítimas fáceis de qualquer inimigo. Em breve veremos, no presente livro, que havia conflitos internos e oposição. A despeito dos decretos de Ciro (Esd. 1.1 ss.) e Artaxerxes (Esd. 7), havia muitos que não queriam ver Jerusalém e Judá restauradas, e faziam o que podiam para opor-se aos esforços dos judeus, embora o governo persa lhes fosse favorável.

"As condições em Jerusalém anunciadas pelos amigos de Hanani (vs. 3)... pareciam requerer uma calamidade recente de algum tipo... Neemias poderia ter ignorado ou esquecido esses relatórios, mas ele tinha uma imaginação suficientemente boa para perceber o que eles queriam dizer, e também tinha um senso de lealdade e de responsabilidade a fim de considerar esses relatórios com preocupação. A despeito de sua própria alta e afluente posição, ele sentia 'a grande tribulação e a vergonha' de seus compatriotas" (Charles W. Gilkey, *in loc.*).

Nossa história do período não é muito completa, de modo que não sabemos dizer que grande aflição tinha sobrevindo a Jerusalém. Mas uma série de eventos muito graves parece ter acontecido.

Adam Clarke, talvez corretamente, observou que as muralhas derribadas provavelmente significavam que uma parte tinha sido reconstruída sob a liderança de Esdras. Nesse caso, a referência primária não era ao que os babilônios tinham feito contra a cidade, em 587 A. C.

1.4

Tendo eu ouvido estas palavras, assentei-me e chorei. Cf. a aflição, as lamentações e o jejum de Neemias às mesmas reações de Esdras, antes dele (ver Esd. 9.3 ss.). Grandes emoções correspondem a uma grande preocupação pelo bem-estar do povo. Cf. Jó 2.8,12,13. Adam Clarke faz o tempo de lamentações ir do mês de quisleu (dezembro) até o mês de nisã (abril), cerca de quatro meses. Cf. Nee. 1.1 a 2.1.

Seja como for, Neemias, pensando constantemente no desastre que havia atingido Jerusalém, passou longo tempo profundamente preocupado. Isso tinha de transformar-se, finalmente, em ação. "Nem toda boa obra é efetuada às pressas. A oração e a vigilância são necessárias para que haja algo completo. Muitas boas obras têm sido arruinadas por atos apressados" (Adam Clarke, *in loc.*).

Em contraste com este versículo, comparado a Nee. 2.1, Josefo diz-nos que Neemias compareceu diante do rei persa imediatamente, ou seja, agiu de imediato.

Perante o Deus dos céus. Ver Esd. 1.2 quanto a notas completas sobre essa expressão, com referências a outras ocorrências nos livros de Esdras e Neemias.

A Oração de Neemias (1.5-11)

Josefo dá-nos uma versão dramática dessa questão, afirmando que Neemias "prorrompeu em lágrimas, por dó do infortúnio de seus compatriotas, e olhando para o céu disse: 'Até quando, Senhor, olharás para outro lado, enquanto a nossa nação sofre essas coisas, tendo-se tornado a presa e o despojo de todos?'" (Antiq. XI.5,6). Alguns críticos atribuem essa oração à invenção do cronista, mas não há razão alguma para duvidarmos de seu conteúdo essencial. As memórias de Neemias sem dúvida a contiveram. Suas memórias ficaram registradas em Nee. 1.1-7.5; 11.27-43; 13.4-30. Neemias estava enfrentando uma situação que não era capaz de remediar, sem a ajuda divina. Por isso, ele lançou seu apelo ao

céu. Um Deus assombroso foi endereçado em oração, porquanto Neemias queria alguma resposta assombrosa. A soberania divina era capaz de reverter as misérias terrenas. O cronista, por sua vez, promoveu sua filosofia da história mediante o uso da oração. Os negócios humanos são controlados teisticamente. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Teísmo*. Ver, nos parágrafos quarto a sétimo das notas de introdução a I Crô. 1.1, os cinco princípios segundo os quais se desenrola a história humana, divinamente controlada como é.

1.5

E disse: Ah! Senhor, Deus dos céus, Deus grande e temível!

Princípios da Oração:

1. O povo de Deus estava em grande aflição, requerendo alguma espécie de intervenção divina. A necessidade era grande e óbvia.
2. Yahweh-Elohim era o Deus de Israel, o endereço certo das orações. Israel era filho de Deus (Êxo. 4.22). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Yahweh-Elohim significa o Deus Eterno e Todo-poderoso.
3. Yahweh-Elohim é grande e terrível, falando de Seu tremendo poder que pode ser aplicado como alívio do terror para alguns, mas como terror para outros, dependendo do que cada qual mereça. O texto fala do atributo divino da onipotência. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Atributos de Deus*. Cf. Nee. 4.14 e 9.32.
4. A oração baseia-se sobre a noção do *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus não fez somente criar. Ele também está presente em Sua criação, para recompensar os bons e punir os maus e, de modo geral, para intervir nas atividades humanas. Contrastar isso com o *deísmo*, também no *Dicionário*.
5. O pacto estabelecido com Moisés (anotado na introdução a Êxo. 19) e com outros patriarcas, incluindo Davi (anotado em II Sam. 7.4), obrigava Yahweh a cuidar de Seu povo. Havia entre Deus e Israel uma relação de pacto que não podia ser rompida.
6. Yahweh é um Deus misericordioso e amoroso. Ele age baseado em Sua piedade e amor. Ele é tocado pelas emoções e necessidades humanas. Deus dá mais do que os homens merecem, porquanto parte da verdadeira justiça é a misericórdia e o amor.
7. O homem tem diante de Deus a responsabilidade de cumprir a sua parte, obedecendo à legislação mosaica. Israel se tornara uma nação distinta graças a esse fator (ver Deu.4.4-8) e, cada vez que Israel falhava nessa obrigação, sobrevinha o desastre, produzindo toda a espécie de desgraça e destruição. O cativeiro babilônico foi um exemplo conspícuo disso.

1.6

Estejam, pois, atentos os teus ouvidos.

Continuação dos Princípios da Oração:

8. Os ouvidos de Deus estão atentos; Seus olhos estão abertos diante das necessidades de Seus filhos. Neste texto, esses filhos aparecem como servos de Deus. Novamente, o teísmo é apresentado sob termos antropomórficos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo*. A Septuaginta, a Vulgata Latina, o etíope peshitta e o português têm a forma plural, *ouvidos*, tal como se vê em II Crô. 6.40 e Sal. 130.2. Mas Isa. 37.17 tem a forma singular, *ouvido*, tanto no original hebraico quanto na versão portuguesa. Esperava-se que Deus respondesse tanto aos apelos da visão quanto aos apelos da audição.
9. Confissão de pecados. Sempre ocorriam calamidades sobre Israel por causa de seus pecados. A síndrome antiga do pecado-calamidade-julgamento nunca deixou de funcionar. Naturalmente, Neemias pensava que as terríveis condições em que se achava Jerusalém significavam que o povo estava brincando e facilitando com a lei mosaica, o padrão divino do certo e errado.
10. Neemias se associou tão intimamente a seus irmãos, em Jerusalém, que ele também se incluiu nos pecados deles. Portanto, sua confissão foi feita por si mesmo e por eles. Com a confissão vem o arrependimento, e com o arrependimento a restauração (ver I João 1.9). Neemias tornou-se servo de Yahweh, em sua abordagem humilde de um Ser Superior, conforme se vê também em Gên. 18.3 e I Sam. 20.7,8. Encontramos esse mesmo tipo de abordagem nas cartas assírias. Os israelitas eram igualmente servos de Yahweh e também faziam essa abordagem humilde.

1.7

Temos procedido de todo corruptamente contra ti.

Continuação dos Princípios da Oração:

11. O problema do pecado é reiterado aqui. Yahweh estava ofendido pelos muitos e constantes lapsos de Israel. O pecado de Israel estaria sendo julgado pelos mandamentos, estatutos e juízos divinos, a tríplice maneira de referir-se à lei de Moisés. Quanto às distinções desses três termos, ver as notas expositivas em Deu. 6.1. A legislação mosaica era o padrão de toda bondade e de toda maldade.
12. Moisés fora o maior patriarca por meio de quem a revelação divina foi dada através da lei. Seu nome sempre requeria atenção e respeito. Nenhum judeu autêntico negligenciaria o que Moisés tinha dito. Os Dez Mandamentos formavam o âmago da lei. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Dez Mandamentos* e também o Êxo. 20. Ver Êxo. 19 quanto à impressionante cena da outorga da lei. Moisés era o homem que falava com Deus e O conhecia face a face (ver Deu. 34.10).

1.8,9

Lembra-te da palavra que ordenaste a Moisés teu servo.

Continuação dos Princípios da Oração:

13. Moisés tinha recebido a advertência de que o povo de Israel podia ser "disperso". A transgressão produziria a dispersão e a deportação da Terra Prometida. Ver Lev. 26.27,28,33 e Deu. 28.64 quanto aos textos aludidos. De fato, exatamente o que tinha sido ameaçado ocorrera no norte (entre as dez tribos de Israel), pelo cativeiro assírio (722 A. C.), e também, pouco mais de cem anos depois, no sul (as duas tribos de Judá e Benjamim), pelo cativeiro babilônico (596 A. C.). Ambos os cativeiros ocorreram como ondas, e não como um acontecimento único e isolado. Ver sobre *cativeiros* no *Dicionário*. Por conseguinte, Yahweh foi fiel ao que havia dito, mas a própria fidelidade no julgamento dava esperança de recompensa na fidelidade, quando o povo de Deus se arrependesse.
14. Yahweh, fiel para julgar, era também fiel para perdoar e restaurar (vs. 9), quando Seus julgamentos produziam resultados. Portanto, Neemias estava dependendo da reação do povo de Deus para que Jerusalém recebesse cura espiritual. Ver Deu. 30.1-5 quanto a esse princípio. O arrependimento precisava ser escudado na obediência à lei. Se essa condição fosse satisfeita, não importava até onde Israel tivesse sido disperso, o poder divino trá-lo-ia de volta. Foi assim que a grande dispersão romana, que começou em 132 A. C., no governo do imperador Adriano, passou a ser revertida em nossa própria época (1948), e Israel começou a ser recolhido de todas as partes do mundo.
15. Há um lugar escolhido, a Palestina, o antigo território da nação de Israel, Jerusalém. Para ali o poder de Deus trará Israel, sempre que este for restaurado. A Terra Prometida pertence a Israel. Essa é uma parte padrão do Pacto Abraâmico (ver as notas expositivas a respeito em Gên. 15.18). Quanto ao lugar escolhido, ver Deu. 12.5,11,14 e 16.6,11.
16. No lugar escolhido, Yahweh pôs o Seu nome e a Sua presença, sobretudo no templo de Jerusalém, onde se manifestava a glória shekinah. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Shekinah*. Cf. Esd. 6.12; 8.16,44,48; 11.13,32 quanto ao fato de o nome de Deus ter sido posto em certo lugar preparado.

1.10

Estes ainda são teus servos e o teu povo.

Continuação dos Princípios da Oração:

17. Neemias, à guisa de sumário, lembrou a Yahweh que sua oração estava sendo oferecida em favor de Seus servos e de Seu povo. Era neles que os interesses de Yahweh se centralizavam. Portanto, Neemias pediu que a centralização fosse eficaz quanto à restauração e à ajuda, naquele momento crítico. Aquele era o povo que tinha sido remido do Egito (ver Deu. 4.20). Esse princípio é mencionado por mais de vinte vezes no livro de Deuteronômio. Esse mesmo povo havia sido remido do cativeiro em outra terra estrangeira, a Babilônia. Foi preciso um grande poder para efetuar essas restaurações; foi necessária uma mão forte para conseguir tal feito. Este versículo parece parafrasear Deu. 9.29. Ver outras idéias na exposição que se faz ali. Quanto à *mão forte de Yahweh*, ver Deu. 3.24; 4.34 e 5.15. Quanto ao conceito de *redenção*, ver Deu. 7.8; 9.26; 13.5; 15.15; 21.8 e 24.18. Esses termos são teístas e antropomórficos.

1.11

Ah! Senhor, estejam, pois, atentos os teus ouvidos.

Continuação dos Princípios da Oração:

18. O final da oração foi uma intensa repetição do pedido para que Yahweh desse atenção à oração de Neemias e agisse, porquanto certamente a ajuda divina se fazia necessária. No temor do Nome Divino haveria prosperidade. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor*, quanto a notas expositivas completas.
19. O final, além de geral, era também específico. Havia ali o elemento humano. Neemias e Jerusalém estavam sujeitos àquele homem, o rei do império persa, a saber, Artaxerxes. Ver Nee. 2.1,4,5. Neemias teve de encontrar solução para o problema do poder humano, investido no rei da Pérsia. Ele precisava convencer o rei a ajudar. Dinheiro, materiais, trabalhadores e poder eram

necessários para reparar as tristes condições que prevaleciam em Jerusalém. Somente o rei da Pérsia tinha os recursos para isso.

A providência divina tinha posto Neemias em uma boa posição para influenciar o rei. Ele era o copeiro do rei e provavelmente estava na presença dele todos os dias, ou quase todos os dias. Alguns copeiros operavam assim; eles supriam seus superiores com bebidas e atendiam a seus pedidos mais triviais. Provavam as bebidas para checar a possibilidade de elas terem sido envenenadas. Entretanto, alguns copeiros tornavam-se confidentes dos reis e elevavam-se à posição de conselheiros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Copeiro*. Os persas consideravam esse um ofício de honra (Heródoto, *Thalia* 1.3, cap. 34; Xenofonte, *Cyropaedia*, 1.5, cap. 36). A mitologia dos gregos e dos romanos pintava os próprios deuses como quem tivesse copeiros que se tornavam confidentes.

Capítulo Dois

Petição de Neemias diante do Rei (2.1-8)

A permissão para construir as muralhas de Jerusalém foi concedida pelo rei da Pérsia. Foram admitidos direitos legais, provados por meio de cartas.

Artaxerxes, neste caso, é Artaxerxes I, chamado Longânimo, que reinou de 464 a 423 A. C. Mas alguns estudiosos lutam em favor de Artaxerxes II (chamado Menemon, que reinou de 404 a 358 A. C., embora isso pareça tarde demais). O vigésimo ano provavelmente foi 445 A. C., mas alguns calculam 444 A. C. O primeiro mês foi nisã (entre 13 de abril e 11 de maio), ou seja, quando terminava a estação chuvosa, e uma expedição a Jerusalém seria conveniente. Por três a quatro meses, Neemias vinha pensando nas péssimas condições de Jerusalém e planejava abordar o rei da Pérsia e dirigir petições ao Rei dos céus para que interviesse na questão. Presume-se que, durante esse tempo, o rei estivesse afastado, em sua residência de inverno, na Babilônia. Tendo retornado dali para Susã, o rei estava à disposição na tentativa de aproximação de Neemias.

O Problema da Cronologia. A seqüência natural dos acontecimentos foi como o cronista a apresentou: capítulo 1, Neemias ouve falar das tristes condições de Jerusalém; capítulo 2, ele tenta fazer algo a respeito, em um sentido oficial. Mas as notícias dadas em Nee. 1.1 e 2.1 poriam o segundo desses fatos antes do primeiro. Talvez a nota cronológica em Nee. 1.1 seja uma interpolação, conforme supõem alguns eruditos, ou então o cronista se equivocou e cometeu um pequeno erro. É óbvio que nisã, o primeiro mês, vem antes do mês de quisleu, o nono mês, e note-se que ambos são postos dentro do vigésimo ano do governo de Artaxerxes. Talvez Nee. 2.1 deva ler vigésimo primeiro ano, ou seja, 445 A. C. Seja como for, problemas como esses não afetam a sã visão da inspiração das Escrituras. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Inspiração*.

2.1

No mês de nisã, no ano vigésimo do rei Artaxerxes. Apresento as notas expositivas essenciais sobre este versículo na introdução à seção, incluindo o problema de cronologia. Também ficamos sabendo que Neemias era o copeiro do rei Artaxerxes, conforme anotado em Nee. 1.11. Essa circunstância foi providencial, dando a Neemias a oportunidade de aproximar-se do rei para fazer algo significativo em favor de Jerusalém. Neemias compareceu perante o monarca com a fisionomia entristecida, o que alertou o rei para o problema. O hebraico diz, literalmente, que ele tinha uma face ruim, pois refletia tensão e tristeza. Josefo (Antiq. XVI.8) informou-nos que uma das qualificações de um copeiro era a sua boa aparência, de maneira que Neemias deve ter sido um jovem de bela aparência. Naquele dia, entretanto, ele parecia ruim e triste. Talvez ele não se tivesse barbeado, e talvez nem se tivesse banhado e se mantivesse desalinhado em suas vestes.

Note a Primeira Pessoa. Neemias estava contando a própria história. As memórias de Neemias foram incorporadas ao livro pelo cronista. Essas memórias aparecem em Nee. 1.1-7.5; 11.27-43 e 13.4-30.

2.2

O rei me disse: Por que está triste o teu rosto...? O rei sabia que Neemias não estava doente, mas certamente parecia. Portanto, por que sua fisionomia estampava tristeza? O rei, homem sensível, sabia que Neemias estava "triste no coração", e que era aquilo que lhe dava Neemias uma aparência ruim. Tinha havido uma longa e íntima relação entre os dois homens, pelo que o rei sabia interpretar a fisionomia de Neemias.

Tristeza do coração. Ou seja, uma tristeza profunda, que atingia o âmago do ser. Coração significa mente (ver Esd. 6.22 e 7.10). Os gregos diziam "dor da mente" para más condições psicológicas.

Então temi sobremaneira. Talvez por temer ser despedido ou punido; talvez por temer que o pedido que ele estava prestes a fazer não lhe fosse concedido. Um servo que mostrasse mau humor perante o rei poderia ser considerado um conspirador, ou um "mau empregado". "Uma fisionomia triste nunca era tolerada na presença real" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Est. 4.2.

2.3

Viva o rei para sempre! Esta expressão comum introduziu o pedido feito por Neemias. Ele foi direto ao cerne da questão, falando sobre Jerusalém, sua amada cidade natal, onde seus pais tinham sido sepultados. A cidade era só escombros; as muralhas estavam derrubadas; os portões estavam queimados; os habitantes viviam em pobreza e miséria; e havia muitos inimigos rondando do lado de fora, esperando alguma oportunidade de tornar as coisas piores ainda. "Visto que todos os orientais se preocupavam com os túmulos de seus antepassados, e o rei estava preparando seu próprio sepulcro entre os túmulos reais da Pérsia, em Naqsh-I-Rustam, Neemias pode ter ganho a simpatia por meio de sua escolha de palavras. Ele mencionou de passagem os portões arruinados da cidade (cf. Nee. 1.3), mas fez silêncio quanto às muralhas, acerca das quais tinha havido controvérsias (Esd. 4.21,22)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

"Quando chegou o momento azado, Neemias estava preparado para apresentar seu caso vividamente na presença do rei, de modo tácito e breve. Ele tinha pensado tanto e tão claramente sobre a situação particular, que agora (tal como Lincoln em Gettysburg) pôde condensá-la... e assim apresentou um notável sumário que foi tocado por suas emoções pessoais e contagiosas" (Charles W. Gilkey, *in loc.*).

2.4

Disse-me o rei: Que me pedes agora? O rei também desceu ao âmago da questão. Ele sabia que Neemias estava "atrás de algo", e que o seu discurso terminaria formulando um pedido, de modo que Artaxerxes disse: "Vai direto ao assunto. O que queres?". Isso deu a Neemias a oportunidade que ele estava buscando, mas enviou ao Deus dos céus uma rápida oração. O cronista não nos mostra que oração foi essa, mas não é preciso muita imaginação para sabermos que oração foi. Talvez Nee. 1.5-11 nos dê a essência do que foi pedido.

Deus dos céus. Quanto a esta expressão, ver Esd. 1.2, que lista os lugares da unidade literária de Esdras-Neemias que a emprega. O Supremo Rei, o Deus dos céus, guiaria a mente e o coração do rei secundário, o rei da Pérsia. Neemias tinha-se preparado cuidadosamente para aquele momento, e agora pedia a Yahweh que preparasse de súbito o coração do rei, para que fosse favorável ao seu pedido. A oração, que faz muito mais do que tudo quanto este mundo sonha, foi capaz de cuidar da situação. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Oração*.

2.5

E disse ao rei: Se é do agrado do rei. "Preciso ir a Jerusalém", Neemias fez o rei saber, falando com toda a humildade e graça, e fazendo tudo depender do bom favor do rei, pois ele era o senhor, e Neemias o servo. Além disso, por um longo tempo, Neemias tinha servido bem e deveria ganhar algum crédito por isso, pelo que deixou a questão fazer parte do quadro, porque era um forte argumento em seu favor.

E se o teu servo acha mercê em tua presença. Temos aqui uma antiga fórmula hebraica para introduzir uma petição qualquer a poderes divinos ou humanos. Cf. Gên. 34.18; 41.37; 45.16 e cf. Esd. 5.14. Neemias queria ir a Judá e, especificamente, a Jerusalém, mas evitou qualquer referência àquele lugar arruinado e quase despovoado (ver Nee. 11.1,2), provavelmente porque simplesmente falar sobre a questão lhe causava dor. É conforme Homero disse com tanta freqüência em seus épicos: "terrível só de dizê-lo" (quanto mais na realidade). O vs. 5 repete essencialmente a essência do vs. 3, cujas notas expositivas também se aplicam aqui.

2.6

Então o rei, estando a rainha assentada, junto dele, me disse. O rei (com a bela rainha sentada ao seu lado, ouvindo a conversa) ficou feliz em permitir a ida de Neemias a Jerusalém, concedendo-lhe cartas de autoridade. Ele só condicionou a ida de Neemias ao elemento tempo. Não queria que p copeiro se ausentasse por muito tempo. Um acordo foi estabelecido sobre por quanto tempo Neemias se ausentaria, mas o versículo não nos revela exatamente que prazo foi esse. Conforme as coisas aconteceram, o período de ausência foi cerca de doze anos (Nee. 5.14)! Neemias, como é óbvio, não requereu originalmente tanto tempo, e sem dúvida precisou renovar sua ausência periodicamente.

Rainha. A Septuaginta dá aqui *concubina* (*pallake*), provavelmente por causa da circunstância de que as principais esposas dos haréns não apareciam em público. Portanto, os tradutores daquela versão imaginaram que alguma esposa

secundária estivesse presente. Escritos rabínicos posteriores passaram a usar a palavra do texto para as "esposas" secundárias, ou mesmo para subentender promiscuidade. Mas o uso bíblico da palavra favorece mesmo a idéia de esposa. Ver Sal. 45.9. O Talmude utilizou-se dessa palavra para indicar uma esposa. Se a principal esposa está em vista no texto, então a pessoa envolvida era Damaspia (Ctesias, *Persian Fragments*). Sabemos pela história da Pérsia que as intrigas de harém eram comuns no tempo de Artaxerxes, e talvez a mulher estivesse ali cuidando de seus interesses. Os manuscritos da Septuaginta, ABL e a Vulgata Latina adicionam algum material aqui, informando-nos como a rainha tomou o caso de Neemias e ajudou a convencer o rei a agir favoravelmente, mas tal material é puramente imaginário (embora nem por isso deixe de ser verdadeiro).

2.7

E ainda disse ao rei: Se ao rei parece bem. Neemias sabia que encontraria oposição e precisaria de autorização real para sua missão. Sabia que necessitaria de autoridade real para fazer o que pretendia fazer. Para esse propósito, cartas da parte do rei serviriam muito bem. Também haveria uma escolta (Nee. 2.9), a qual não é mencionada aqui. Finalmente, Neemias seria nomeado governador da Judéia (ver Nee. 5.14), o que demonstra quanto o rei Artaxerxes confiava nele. Esdras também recebeu cartas da parte de outro rei Persa (Esd. 7.21 e 8.36), e o cronista, naquele caso, teve o cuidado de informar-nos o conteúdo dela, embora não o fizesse aqui.

Dalém do Eufrates. Esta expressão refere-se aos territórios a oeste e sul da Babilônia, a saber, a província siro-palestina da qual Judá fazia parte. Quanto a notas expositivas completas sobre a expressão, ver Esd. 8.36, que fornece referências mostrando onde as palavras podem ser encontradas. Sem cartas, a passagem através de vários lugares, cidades e territórios poderia ser recusada pelos oficiais locais. Mas nenhum homem ousaria mostrar-se contrário às ordens de uma carta escrita pelo próprio rei.

Para que me permitam passar. Não somente essas cartas forneciam salvo-conduto, mas também ordenavam que se desse a Neemias provisões diversas e uma escolta armada.

2.8

Asafe, guarda das matas do rei. Asafe seria um dos primeiros a receber as cartas do rei. Talvez houvesse uma reserva real de sicômoros na Sefelá (ver I Crô. 27.28). Mas o mais provável é que houvesse algum oficial sírio que supria o rei com madeiras provenientes do sul. Neemias precisaria de madeira para seu projeto de construção, e Asafe lhe faria provisão. Os portões e fortificações do templo requereriam madeiras nobres. Não é provável que a referência seja a alguma espécie de parque artificial (paraíso, no persa, *pardes*), próximo de Jerusalém, que seria plantado com muitas árvores e pudesse atuar como fonte de material de construção para Neemias. A referência parece ser mais ampla do que isso. John Gill disse: "A floresta ou montanhas do Líbano, as quais, por causa de suas árvores odoríferas e frutíferas, mais parecia um pomar ou paraíso, conforme a palavra significa e é traduzida em Eclesiastes 2.5 e Can. 4.13".

Cidadela do templo. Uma fortaleza (cf. Esd. 6.2). Está em pauta a fortaleza do templo, uma estrutura que defendia a abordagem norte do templo e que incluía tanto a torre de Hananeel (Nee. 3.1) quanto também, possivelmente, a torre dos Cem (Nee. 3.1 e 12.39). Cf. Nee. 7.1, I Macabeus 13.52 e Atos 21.37.

A boa mão do meu Deus era comigo. Se a missão de Neemias tivesse de ser bem-sucedida, a Yahweh deveria dar-se todo o crédito, embora o nome divino aqui empregado, no hebraico, seja Elohim, o Poder. Quanto a essa expressão, ver também Esd. 7.6; 8.18,22. Deus tem Sua mão sobre as atividades humanas, guiando, recompensando o bom, punindo o mau, intervindo. Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), em consonância com a filosofia da história do cronista.

2.9

Fui aos governadores dalém do Eufrates. Isto é, os deputados da satrapia da Transeufratia (Síria-Palestina), a província da qual Judá fazia parte. Ver Esd. 5.3,5. Josefo diz-nos que Neemias recolheu um pequeno número de emigrados para a Babilônia. Ver Antiq. X.1.4.

O rei tinha enviado comigo oficiais do exército e cavaleiros. Neemias foi escoltado por homens armados. Ele atravessaria terras potencialmente perigosas. Os opositores já teriam conhecimento de sua missão. Ladrões poderiam querer saquear a ele e a seu grupo. Portanto, a segurança foi garantida por uma guarda armada. Os recebedores das cartas talvez tivessem olhado de soslaio para Neemias, mas nenhum homem se mostrou louco o bastante a ponto de insurgir-se contra as cartas do rei.

Se Neemias tomou a rota mais curta (a viagem era de cerca de 1.450 km), então provavelmente a jornada lhe ocupou dois meses, pois ele viajava desimpedido. Ver Nee. 6.5 e as notas expositivas ali. Esdras (catorze anos antes) precisou de cinco meses para cobrir a mesma distância, mas ele tinha consigo um grande grupo (entre 4.000 e 5.000, inclusive mulheres, crianças e animais domésticos) e, naturalmente, a viagem demorou mais. Ver Esd. 7.8,9.

2.10

Disto ficaram sabendo Sambalá, o horonita, e Tobias, o servo amonita. Há um detalhado artigo sobre esse homem no *Dicionário*, pelo que resisto à tentação de falar sobre ele aqui. Esse governador da Samaria tinha uma fisionomia contrária, que Neemias precisou encarar. De fato, ele era a maçã mais azeda do pomar e estava destinado a dar a Neemias muita tribulação. Quase tão azedo quanto ele foi Tobias (que também recebe um artigo especial no *Dicionário*). Ele tentou espantar Neemias para que este parasse suas operações (Nee. 6.17-19). Mas Neemias não se deixava intimidar facilmente. Além disso, ele contava com o favor do rei Artaxerxes, de modo que não se importaria com outras carrancas. Ademais, Yahweh estava sorrindo para ele, pelo que nenhuma oposição teria sucesso. Talvez Sambalá e Tobias estivessem tentando obter controle sobre Judá, ou talvez apenas temessem uma forte nação de Judá, que poderia abalar toda a região. Os papiros Elefantinos chamam Sambalá de "governador de Samaria", o que significa que ele era um inimigo natural do sul (Judá). Alguns estudiosos opinam que Tobias foi um dos principais conselheiros de Sambalá, mas ele parece ser antes governador de *Amom* (ver a respeito no *Dicionário*).

2.11

Cheguei a Jerusalém. Neemias fez uma viagem segura até Jerusalém, e então apenas descansou e olhou a situação por três dias. Após uma viagem de 1.450 quilômetros, sob as condições do mundo antigo, quem não teria descansado por três dias? "Antes de tratar de qualquer negócio, ele descansou da fadiga da viagem e recebeu a visita de amigos, conforme também fizera Esdras antes dele (Esd. 8.32)" (John Gill, *in loc.*).

Medidas Preliminares Cautelosas de Neemias (2.12-18)

2.12

Tendo descansado por três dias, lançou-se secretamente à tarefa de calcular o dano causado à cidade e às suas muralhas. Ele tinha de acostumar-se com a magnitude da tarefa à sua frente. O texto não declara, mas sugere que a destruição que ele encontrou não tinha sido causada pelo cativeiro babilônico. Antes, algum evento tinha desfeito a maior parte do labor realizado por Esdras, com exceção do templo propriamente dito. As muralhas da cidade tinham sido parcialmente reconstruídas, mas pouco desse labor permanecera intacto. Ver Esd. 4.12,13,16; 5.8,9. Neemias saiu em seu passeio de inspeção acompanhado de alguns poucos homens, montado em sua mula ou cavalo, mas mostrando-se o menos conspícuo possível. Em seu coração estava o trabalho de Elohim, mas ele não o revelou a ninguém, por enquanto. Ele precisava ter um bom plano e recursos abundantes para fazer o trabalho. Então anunciaria isso às autoridades apropriadas e verificaria que tipo de força-tarefa poderia reunir. Seus servos o acompanharam a pé. Um grupo montado poderia atrair atenção demais.

Por isso é que os vss. 12-18 deste capítulo registram as "cautelosas" medidas preliminares de Neemias, conforme disse Ellicott, *in loc.*

2.13

De noite saí pela Porta do Vale. Os mensageiros tinham dito a verdade para Neemias. O lugar era só escombros (ver Nee. 1.3). A situação era pior do que ele havia esperado encontrar. Algum desastre tinha reduzido o lugar a ruínas.

Porta do Vale. Isto é, uma importante parte das fortificações de Jerusalém (ver II Crô. 26.9). Não há certeza quanto ao lado da cidade onde essa porta ficava localizada. Mas "vale" pode ser uma referência ao vale de Hinom (wadi Rabâbeh), ao sul da cidade. Portanto, parece que a Porta do Vale ficava na muralha sul, dando saída para o vale de Hinom. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Vale, Porta do*, quanto a detalhes completos.

Fonte do Dragão. Ver sobre este título no *Dicionário*.

Porta do Monturo. Era o portão que dava acesso ao lado sudeste da cidade. Talvez seja a mesma coisa que a Porta do Oleiro (Jer. 19.2). Dali era lançado lixo no vale do Hinom. O vale do Cedrom funcionava como um esgoto.

Neemias, montado em sua mula, acompanhou as muralhas e olhou, incrédulo, a triste confusão. Os portões da cidade tinham sido queimados; as muralhas se desintegraram, com exceção de pequenos trechos, aqui e ali. O pouco que fora

deixado das muralhas deveria ser demolido a fim de preparar o caminho para um substituto decente. A tarefa era avassaladora em suas dimensões.

Por muitas vezes, a prova da coragem não consiste em morrer, mas em viver.

(Vittorio Alfieri)

Nada é algo demais para os mortais corajosos.

(Horácio)

Quando uma porta se fecha, outra se abre.

(Cervantes)

Os céus nunca ajudam o homem que não age.

(Sófocles)

Tende ânimo. Sou eu. Não temais.

Mateus 14.27)

2.14

Passei à Porta da Fonte. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Fonte, Porta da*, quanto a detalhes completos. Essa porta levava a uma fonte que ficava próxima à cidade. Poderia ser a mesma fonte de *Geiom* ou *En-Rogel*, ambas comentadas no *Dicionário*. A fonte de En-Rogel deve ser identificada com as escadas da cidade de Davi (Nee. 3.15), que foi desenterrada na esquina sudeste de Jerusalém.

Açude do rei. Talvez se trate do poço de Siloé, que ficava perto do jardim do Rei (ver Nee. 3.15), ou então, seria um açude diferente, ao sul de Siloé. "Uma bacia escavada na rocha, defronte do poço de Giom (a fonte da Escada, 'Ain Umm ed-Deraj, a fonte da Virgem), corresponderia às exigências do texto" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Neemias teria ido mais longe, não fora um montão de lixo que bloqueava o seu caminho. "... havia água no poço e muito lixo por ali, para permitir a passagem do animal" (Jamieson, *in loc.*). O aspecto da coisa inteira era depressivo. O que os babilônios não tinham estragado, outros inimigos de Judá tinham completado. Veja o leitor o que aconteceu à gloriosa Jerusalém de Salomão! O cronista não tinha dúvida de que aquilo era sinal do julgamento de Yahweh contra Judá, especialmente contra as múltiplas formas de idolatria e as corrupções espirituais que isso trouxera.

2.15

Pelo ribeiro. Provavelmente está em pauta o Cedrom. O vale do Cedrom, uma profunda ravina a leste da cidade (I Macabeus 12.37), era onde ficava esse ribeiro. O riacho dava ao vale o seu nome. Ver os nomes próprios no *Dicionário* quanto aos detalhes. "Ou ele completou o círculo em torno das muralhas, ou, mais provavelmente, recuou em seus passos a partir das muralhas orientais. E voltou a entrar na cidade no ponto por onde tinha saído, a porta do Vale" (Gene A. Getz, *in loc.*). A viagem de inspeção foi feita à noite, pois Neemias ainda ocultava suas ações. Ele tinha visto o bastante. Foi uma jornada miserável, na verdade, mas a esperança continuava a estufar em seu peito. Seria preciso muito trabalho para que aquelas elevadas esperanças se tornassem realidade, e doze anos da vida de Neemias seriam consumidos naquele esforço.

A própria esperança é uma espécie de felicidade, e, talvez, seja a principal felicidade que este mundo nos concede.

(Samuel Johnson)

A verdadeira esperança é rápida.
Ela voa com as asas de andorinha.
Transforma reis em deuses e homens comuns em reis.

(Shakespeare)

2.16

Não sabiam os magistrados aonde eu fora. Os "magistrados" eram os oficiais locais, deputados do governo persa, e não cidadãos judeus. Neemias tinha autorização do próprio rei para fazer o que estava fazendo, mas ainda não lhes comunicara o que estava fazendo em Jerusalém.

Judeus. Nem o povo comum nem seus líderes (civis ou não) tinham sido informados sobre as intenções de Neemias. Provavelmente estejam especificamente em vista aqui líderes civis.

Sacerdotes... nobres... magistrados... aos mais. Em outras palavras, pense o leitor em qualquer pessoa de autoridade, civil ou religiosa, e também em qualquer pessoa comum em Jerusalém: Neemias simplesmente nada disse sobre a sua missão.

Aos mais. Isto é, aqueles que, finalmente, terminaram fazendo a obra. Nem mesmo os operários potenciais sabiam, por enquanto, o que Neemias fazia em Jerusalém.

Neemias Anuncia o Seu Propósito (2.17,18)

A narrativa de Josefo difere da narrativa do cronista. Ele adianta a informação de que Neemias não tardou a passar a todos, em uma assembléia pública, "no meio do átrio do templo". E nada diz sobre a inspeção preliminar das muralhas da cidade (vss. 12-15). Mas o relato bíblico fala do anúncio de seus propósitos somente depois da "excursão noturna" secreta. Josefo também diz-nos que as aflições de Jerusalém eram devidas à má vontade de seus vizinhos, o que a narrativa bíblica não menciona.

2.17

Então lhes disse. Uma expressão vaga, presumivelmente querendo dizer, em essência, que Neemias nada tinha informado após a sua inspeção, especialmente aos anciãos e líderes religiosos e civis, tanto judeus quanto persas, conforme indica o vs. 19. Neemias repetiu finalmente, diante deles, uma descrição do triste estado de Jerusalém (o que eles já sabiam com detalhes) e então exortou-os a fazer alguma coisa a respeito: "Vinde, pois, e edifiquemos a muralha de Jerusalém, para que não estejamos mais em opróbrio". Os inimigos dos judeus estavam zombando deles. O país tinha sido reduzido a ruínas, e a capital fora deixada sem muros, ou seja, impotente diante de qualquer inimigo que lhes quisesse administrar outra derrota. Ver Nee. 1.3; 2.3,13 quanto ao estado lamentável da cidade, que Neemias ansiava por reverter. "Neemias fez um apelo intenso ao patriotismo deles" (Ellicott, *in loc.*).

2.18

E lhes declarei como a boa mão do meu Deus estivera comigo. Deus e o rei da Pérsia estavam com Neemias. Quem poderia estar contra ele? Deus tinha a Sua mão sobre a questão, pronto para dar forças e realização. Ver o vs. 8 deste capítulo e 1.10 quanto à expressão sobre a "mão". No vs. 8 dou outras referências a mesma expressão, atribuídas a Esdras. Então, o rei da Pérsia estava cooperando plenamente com o projeto, tendo demonstrado seu compromisso de que seria sincero, ao escrever e assinar cartas de autorização. Tendo ouvido isso, o povo judeu ficou convencido e reverberou o grito de guerra de Neemias: "Levantemo-nos e edifiquemos!". Isso foi acompanhado por esforços preliminares para dar início ao trabalho de reconstrução das muralhas, o que é expresso pelo cronista como o "fortalecimento de suas mãos". Isso posto, com as mãos de Deus e com as mãos populares ativas, algo de grande teria de acontecer. Quanto ao fortalecimento das mãos deles, cf. Nee. 6.9 e Esd. 4.4. Há uma expressão idiomática paralela no acádico que diz: "apressar as mãos", expressão essa que tem a força de "preparar-se para alguma coisa". Cf. Esd. 6.22. A versão peshitta diz "fazer o bem" (em resultado das preparações deles); e Josefo conclui: "... e os judeus prepararam-se para a obra".

2.19

Sambalá, porém. O cronista já nos havia preparado para a informação de que havia oposição ao projeto de reparação das muralhas de Jerusalém (vs. 10). Ele mencionara duas maçãs especialmente azedas e agora adiciona uma terceira, Gesém, o árabe. Quanto a Sambalá e Tobias, ver a exposição no vs. 8. Além desses dois havia também Gesém, o arábio. Quão moderno! Ele era o mais elevado oficial persa na porção árabe da província siro-palestina, isto é, transeufrateana, "além do rio", a região a oeste e sul da Babilônia, banhada pelo rio Eufrates.

O termo "árabe", porém, deve ser administrativo, e não étnico. Por outro lado, talvez tenha parecido sábio ao rei da Pérsia pôr um nativo na direção da Arábia. A Arábia, durante o período persa, incorporava as terras antes chamadas Edom, ao sul de Judá. Durante o exílio, Edom fora um vizinho agressivo: Mal. 1.2-5; Oba. 1.21; Lam. 4.1-22 e I Esdras 4.48-65. Ver no *Dicionário* a respeito de *Gesém*, quanto a detalhes de seus atos contrários a Neemias e informações gerais que não incluo aqui.

Esses três adversários evidentemente ainda não tinham visto as cartas que Neemias trouxera da parte do rei da Pérsia, e já o chamavam de traidor do império. Além disso, eles tomaram sobre si mesmos a tarefa de ridicularizar Neemias e seus planos. De maneira geral, eles ventilavam o seu ódio contra Neemias e seus compatriotas judeus.

2.20

Então lhes respondi: O Deus dos céus. Uma vez mais, o cronista usou a expressão "Deus dos céus", que anoto em Esd. 1.2, onde faço referência às suas ocorrências. O apelo de Neemias era para um Tribunal Superior. O que poderiam fazer aqueles delegados persas contra ele? Prosperidade era a palavra do dia, dirigida da parte de Yahweh-Elohim. A prosperidade de Neemias significa que ele executaria a missão que viera cumprir em Jerusalém, provendo proteção para os judeus e revertendo o estado de desintegração que tomara conta da cidade. Afinal, os judeus eram os servos, delegados de Elohim, o Poder. Em contraste, os oponentes não tinham parte nem herança em Jerusalém; eram como turistas ali.

O senso de missão de Neemias estava por trás tanto da vontade divina como do decreto do rei da Pérsia. Ver os vss. 8 e 18. Ele e seus associados eram obreiros de Deus.

> *Porque de Deus somos cooperadores;*
> *Lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós.*
>
> (I Coríntios 3.9)

Se Neemias seria lembrado pelo seu labor (até hoje nos lembramos dele), "não haveria de restar, mesmo na memória dos homens, uma fagulha sequer de evidência de que os oponentes tiveram alguma conexão com o território de Judá" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Cf. a resposta de Esdras aos samaritanos, em Esd. 4.3.

Capítulo Três

Edificando as Muralhas de Jerusalém (3.1 – 4.23)

A Lista dos Construtores e Suas Áreas de Trabalho (3.1-32)

Este capítulo parece ser uma espécie de interpolação que quebra a seqüência natural da narrativa, pois o capítulo 4 liga-se naturalmente ao capítulo 2. O cronista achou por bem introduzir a lista dos trabalhadores neste ponto, tão bom como qualquer outro ponto. É possível que o cronista não tenha sido o autor da lista, mas se trate apenas de um fragmento de material, da parte de outro autor, tomado por empréstimo e incorporado. Este capítulo preserva alguns informes topográficos importantes, incluindo marcos antigos de terra de Jerusalém dos dias de Neemias. Também menciona algumas pessoas importantes da época, que, de outro modo, poderiam ter-se perdido no esquecimento dos tempos. A despeito dessa informação, não contamos com informes suficientes para determinar a localização exata das muralhas, dos portões e de outros acidentes topográficos da cidade. E nem sempre podemos determinar se os portões mencionados pertenciam às muralhas da cidade, ou a algum outro lugar, no interior da cidade. Ver sobre esse problema nos vss. 28-30.

O texto supre um completo circuito das muralhas da cidade na direção anti-horária, partindo da porta das Ovelhas e especificando vários lugares ao longo do caminho. Temos dois pontos de referência: o primeiro lista os operários escolhidos para o trabalho de reparos, com suas tarefas específicas; e o segundo descreve tarefas nas muralhas, referindo-se a marcos próximos no terreno. Não sabemos o porquê desse modo de apresentação. Ele pode refletir duas fontes que foram combinadas em uma só. Ou o cronista simplesmente alterou seu modo de referência para aliviar o enfado de um número demasiado de expressões repetidas. Parece haver evidências de que as seções norte e ocidental da cidade eram essencialmente residenciais, ao passo que as outras (especialmente a antiga parte oriental) eram lugares de construções públicas como as plantas de água, o complexo de edificações reais e a área do templo. Seja como for, são mencionados vários marcos familiares e significativos. Ver o mapa da reconstituição de Jerusalém no tempo de Neemias. Esse mapa ilustra as dez portas e as quatro torres mencionadas neste capítulo. Seis das dez portas foram reparadas. Ver os vss. 1,3,6,13-15.

Operários que Trabalhavam na Muralha Norte (3.1-5)

3.1

Então se dispôs Eliasibe, o sumo sacerdote. Ver o artigo sobre esse homem no *Dicionário* quanto a detalhes completos. Cf. Nee. 13.4. Ele era neto de Jesua (Nee. 12.10), que foi o sumo sacerdote no tempo de Zorobabel (Esd. 3.2). Ele e outros sacerdotes (ver Nee. 3.22) repararam e dedicaram a Porta das Ovelhas, sobre a qual apresento detalhado artigo no *Dicionário*. Essa porta foi o começo e o fim do circuito feito na direção anti-horária, em redor das muralhas, que o autor sacro empregou para contar a história do reparo das muralhas. O circuito começa no vs. 1 e termina no vs. 32. Essa porta ficava perto da esquina nordeste da cidade. Os sacerdotes provavelmente foram escolhidos para a tarefa porque a porta ficava perto de seu bairro residencial, no complexo do templo. Os sacerdotes santificaram o trabalho, uma primeira prestação da dedicação subseqüente da muralha inteira. Essa era a entrada comum para a área do templo, e foi a primeira construção a ser terminada. Foram, por assim dizer, as primícias do trabalho dedicado a Yahweh, e também a fermentação da massa inteira, empregando ainda outra metáfora. As ovelhas eram levadas por essa porta até o templo, a fim de serem sacrificadas.

Até à Torre dos Cem e à Torre de Hananeel. A localização exata dessas torres é desconhecida atualmente. Sabe-se, porém, que elas ficavam em algum lugar entre a Porta das Ovelhas e a Porta do Peixe. Ver o artigo geral denominado *Torre*, bem como o artigo específico chamado *Torre dos Cem (Meá)*, no *Dicionário*. O segundo desses artigos também menciona a outra torre deste versículo. Ver sobre *Torre de Hananeel* quanto a informações adicionais. A Torre de Antônia finalmente substituiu essa torre. Quanto à mesma torre, ver também Nee. 12.39; Jer. 31.38; Zac. 14.10.

Dos Cem. Talvez uma referência às suas dimensões em côvados, ou pode tratar-se de um quartel do centurião que comandava seus cem homens (cf. II Sam. 18.1; II Reis 11.4).

3.2

Junto a ele edificaram os homens de Jericó. Movendo-nos na direção anti-horária, chegamos agora a outro grupo de edificações. A palavra "edificaram" (vss. 2,13-15) implica consideráveis construções. Somente as muralhas do norte e os portões aparecem como edificados. Era também ali que tinha ocorrido a maior destruição das muralhas. Note o leitor a frase "Junto a ele" (vss. 4,5,7,9,10), usada para introduzir sucessivos pontos de descrição do trabalho feito. As palavras "junto a", no original hebraico, são, literalmente, "à mão", tal como o acádico "à mão", que significa "ao lado de" (cf. Núm. 13.29; Êxo. 2.5). Ver também Núm. 34.3; Juí. 11.26; Jó 1.14; II Crô. 17.15,16. "Junto a ele" refere-se a Eliasibe (vs. 2). A Septuaginta usa o plural "eles", referindo-se aos sacerdotes. Os próximos operários a serem mencionados foram os de Jericó. Junto a eles esteve Zacur, filho de Inri.

Devemos entender que a muralha estava dividida em porções ou seções, e que homens receberam a incumbência de reparar essas porções. É como se Neemias tivesse dito: "Aqui é o teu lugar de atividades". Cada uma das famílias ou clãs distintivos eram representantes das várias seções. Foi tudo uma atividade comunal. Talvez Zacur fosse o chefe dos homens de Jericó, de modo que foi mencionado por nome.

3.3

Os filhos de Hassenaá edificaram a Porta do Peixe. Ver a respeito no *Dicionário*. Essa porta havia sido virtualmente destruída e teve de ser reconstruída, isto é, totalmente refeita. Os filhos de *Hassenaá* (ver a respeito deles no *Dicionário*) ficaram encarregados dessa seção da muralha. O autor continua seguindo a direção anti-horária, tendo começado na Porta das Ovelhas e terminado ali (ver os vss. 1-32 quanto ao princípio e ao fim do circuito).

Hassenaá é conforme lemos na Vulgata, na Peshitta e na maioria dos manuscritos da Septuaginta (cf. Esd. 2.35). Ele era um ancestral remoto dos trabalhadores, como é usual na lista, de maneira que se leia "descendentes de", que é mais claro para os ouvidos modernos do que "filhos de". A Porta do Peixe (Nee. 12.39; Sof. 1.10) era a porta de entrada do peixe que vinha da orla marítima. Sua localização exata é desconhecida. Talvez ficasse na colina sudeste e fosse a Porta da Esquina (ver Jer. 31.38). Naquele ponto, a muralha dobrava para o sul, na muralha ocidental. Ver o mapa. Alguns, entretanto, identificam-na no lugar da moderna Porta de Damasco (Bab el-'Amud), na muralha norte, onde o vale central entra na cidade. Seja como for, essa parte das muralhas exigia consideráveis reparos. Os portais eram feitos de grandes colunas de madeira. Então eram fixadas nessas vigas as portas (cf. Nee. 6.1). Os ferrolhos eram tiras de metal fixadas nos portões, onde eram postas as trancas (I Reis 4.13; Isa. 45.2). O artigo oferece mais detalhes.

3.4

Ao seu lado reparou Meremote, filho de Urias, filho de Coz. Continuando na direção anti-horária, chegamos agora à seção das muralhas atribuída a Meremote, filho de Urias. E próximo a ele, Mesulão, e depois deste, Zadoque.

Meremote havia perdido sua posição de sacerdote, mas é evidente que depois lhe foi restaurado o sacerdócio (ver Esd. 2.59-61). Ver também Esd. 8.33 quanto a indicações de sua restauração. Alguns estudiosos supõem que sua dupla tarefa no programa de construção (vs. 21) tenha conferido a ele essa restauração, mas os eruditos em geral duvidam de que essa devolução do sacerdócio poderia ter sido tão facilmente obtida.

Mesulão (ver o vs. 30 e Esd. 8.16). Talvez ele fosse um dos oponentes do divórcio em massa, ou homem do mesmo nome que também tinha essa distinção. Era o sogro do réprobo Tobias, o amonita (ver Nee. 2.10 e 6.18). A despeito de seus problemas, ele cumpriu a parte que lhe cabia. Em seguida vieram Berequias e Zadoque, cujos ancestrais remotos foram mencionados. Ver no *Dicionário* os artigos referentes aos nomes próprios. Praticamente nada se sabe sobre a maioria dessas pessoas, mas o cronista os honrou listando seus nomes.

Note o leitor que a palavra aqui usada é "reparou", em lugar de "edificou" (vss. 2,13-15), o que provavelmente indica que a seção na qual esses homens trabalharam não estava tão severamente danificada como outros trechos das muralhas. O termo literal hebraico para "reparou" significa "fortaleceu".

3.5

Ao lado destes repararam os tecoítas. Enquanto nos movemos na direção anti-horária (começando e terminando na Porta das Ovelhas, vss. 1 e 32), chegamos em seguida ao trecho reparado pelos homens de *Tecoa* (ver a respeito no *Dicionário*), a cidade onde nasceu o profeta Amós (Amós 1.1). Ficava cerca de 19 km ao sul de Jerusalém. Os nobres daquele lugar eram preguiçosos e indiferentes, mas os homens comuns se interessaram pelo projeto e contribuíram com sua parte. O vs. 27 mostra-nos que os homens de Tecoa tinham outra seção a construir. Homens daquela cidade não estavam listados entre os que retornaram a Jerusalém com Zorobabel, mas a lista dele pode ter sido defeituosa.

Obreiros da Muralha Ocidental (3.6-12)

3.6

Joiada, filho de Paseia, e Mesulão, filho de Besodias. Aqueles que repararam a Porta Velha foram mencionados por nome, e assim sendo, foram honrados pelo cronista, embora nada saibamos sobre eles. O que pode ser dito aparece nos artigos que figuram no *Dicionário*.

Porta Velha. No *Dicionário* há um verbete que dá o que se sabe sobre essa porta, mas a referência é obscura. Talvez esse fosse um portão da cidade antiga, ou da antiga muralha. Seja como for, parece que essa entrada da cidade ficava na esquina noroeste ou próximo a ela. O hebraico literal diz aqui "porta da antiga", ao que os eruditos se sentem tentados a adicionar "cidade" ou "muralha". A Vulgata Latina, a Peshitta e a Septuaginta fazem dessa designação um nome próprio, e a maioria das traduções nas línguas modernas segue essa sugestão. Alguns a identificam com Jesana (ver II Crô. 13.19), a Isana de Josefo (Antiq. VIII.11.3; XIV.15.12). Em outras palavras, esse portão abria na direção dessa localidade. Assim também a estrada de Damasco e a porta de Efraim (ver Nee. 8.16; 12.39 e II Reis 14.13) eram chamadas porque apontavam nessas direções. Alguns eruditos têm identificado a Porta Velha com a Porta de Efraim, mas isso por certo labora em erro.

3.7

Junto deles trabalharam Melatias, gibeonita, e Jadom, meronotita, homens de Gibeom, e de Mispa. Continuando a mover-se na direção anti-horária ao longo das muralhas, em seguida encontramos a seção reconstruída (ou reparada) por Meiatias, o gibeonita, e por Jadom, o meronotita, homens de Gibeom e Mispa. Essas áreas também pertenciam à província da qual Judá fazia parte, a saber, "além do rio", territórios ao sul e a oeste da Babilônia. Está em foco a província siro-palestina, o território transeufrateano governado por uma satrapia persa. Havia deputados em vários lugares, para manter as coisas sob controle. Quanto à expressão "além do Eufrates", ver Esd. 8.36, onde dou referências. Gibeom e Mispa ficavam poucos quilômetros a noroeste de Jerusalém. Estavam localizadas no território de Benjamim (ver Jos. 18.25,26).

Domínio. Ou melhor ainda, "trono" ou "tribunal" do oficial persa, paralelo ao pretório romano do procurador. Esse termo corresponde a Mispa e provavelmente significa que o oficial persa tinha armado um lugar de julgamento ali, e talvez até seu palácio. Era dali que ele se movia e efetuava sua governança. A referência tem deixado perplexos a intérpretes e tradutores.

3.8

Ao seu lado reparou Uziel, filho de Haraías. Chegamos agora à parte reparada por Uziel e por Hananias. Eles eram habilidosos, respectivamente, no fabrico de artigos de ouro e produtos químicos, incluindo perfumes. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Ourives* e *Perfumista*. Esses homens deixaram de lado suas respectivas profissões para serem pedreiros por algum tempo, no interesse da obra de Yahweh. "Desde o período mais remoto da história dos judeus, eles contavam com artistas em todos os negócios elegantes e ornamentais; e é evidente que ourives, apotecários e comerciantes se organizavam em companhias ou guildas, no tempo de Neemias" (Adam Clarke, *in loc.*). O cronista, pois, enfatizou que homens de todas as profissões participaram da construção das muralhas de Jerusalém. Não havia nenhuma "classe dos pedreiros" que pudesse tomar conta de tão grande projeto em tão curto tempo. Cada homem tornou-se um pedreiro por algum tempo.

Muro Largo. É difícil localizar essa seção das muralhas de Jerusalém. Tem sido identificada com uma parte larga das muralhas, na beirada oriental do poço de Ezequias (embora alguns estudiosos pensem que isso é impossível). Outros eruditos, porém, fazem do Muro Largo um fragmento das antigas muralhas adjacentes às muralhas ocidentais, que foram fortificadas e a elas adicionadas. A Vulgata e alguns manuscritos da Septuaginta interpretam isso como "Muralha da Praça". Cf. Esd. 10.9. Isso requer uma leve emenda da palavra hebraica traduzida por "largo". Talvez a Muralha da Praça fosse uma seção ocidental da muralha norte, localizada entre a Porta de Efraim, na muralha oriental da Mishneh, e a Porta da Esquina. Alguns eruditos simplesmente a identificam com a porta de Efraim (ver Nee. 12.39). "... uma muralha que formava a margem sul da praça do lado de fora da porta de Efraim" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Ver o mapa que acompanha o texto para esclarecimento da descrição.

"Muralha larga, que ia desde a porta de Efraim até a Porta da Esquina, que foi quebrada por Joás, rei de Israel, mas reconstruída por Uzias, rei de Judá. Foram aqueles homens que repararam essa parte das muralhas de Jerusalém. Cf. II Crô. 25.23; 26.9" (John Gill, *in loc.*). Jamieson diz-nos que era uma muralha dupla, com cerca de 200 m de comprimento.

3.9

Junto a estes trabalhou Refaías, filho de Hur. Em seguida, houve uma seção das muralhas reparadas por Refaías. Algumas traduções dizem que ele era "maioral" da metade de Jerusalém. E esse, de fato, pode ser o significado do texto hebraico envolvido. Mas alguns eruditos questionam se Jerusalém, uma cidade relativamente pequena e essencialmente despovoada, teria sido dividida em duas partes e precisava de dois "governadores". Portanto, alguns estudiosos preferem a tradução *capataz*, em lugar de *maioral*. Isso significaria que Refaías era capataz de metade dos que trabalhavam nas paredes, uma espécie de grande chefe do trabalho de reconstrução. O termo hebraico *pelekh* significa um distrito, que ocupava metade da cidade, mas provavelmente isso significa a parte da cidade sobre a qual o homem mencionado exercia jurisdição no trabalho das muralhas. O cognato assírio, *pilku*, pode significar "porção atribuída" de um trabalho, ou lugar de trabalho, e isso parece ser o que a palavra hebraica significa aqui.

3.10

Ao seu lado reparou Jedaías, filho de Harumafe. Jedaías conseguiu uma pequena porção das muralhas defronte de sua própria casa, o que era conveniente para ele e para seus filhos trabalharem. Eles não tinham problema de "transporte" para o local de trabalho. Perto dele, Hatus, filho de Hasabnéias, trabalhou, evidentemente dando a entender outra pequena seção das muralhas. Nenhum marco no terreno foi dado, porque nas proximidades não havia nada que chamasse a atenção.

3.11

A outra parte reparou Malquias, filho de Harim. Outro trecho das muralhas foi entregue a Malquias e a Hassube, e a seus filhos. Havia nesse trecho um marco de nota, a Torre dos Fornos. Estão em foco os fornos dos padeiros, e não fornos de fabricar tijolos ou esmaltar objetos. Parece que essa parte das muralhas ficava localizada na esquina noroeste da cidade, parte da fortificação da Porta da Esquina (ver Jer. 31.38 e II Reis 14.13). É provável que essa torre ficasse perto dos fornos, na rua dos padeiros (ver Jer. 37.21). É até possível que esses homens fossem realmente padeiros e estivessem interessados em trabalhar perto do local de suas atividades profissionais. Sem dúvida, esses homens tinham seu lugar de fabrico de pães perto de suas residências. Portanto, há evidências de que as tarefas foram dadas próximas das residências dos trabalhadores, o que era lógico e conveniente para todos.

3.12

Ao lado dele reparou Salum, filho de Haloés. Salum foi outro capataz. Ver o vs. 9 quanto a notas expositivas. Novamente, "governador" sobre metade de

Jerusalém poderia estar em pauta, mas a outra idéia parece melhor. O que nos surpreende neste versículo é que as filhas dele foram mencionadas entre os operários! Os eruditos são incapazes de acreditar que devem emendar o texto para dizer "filhas da cidade", ou seja, filhas de Jerusalém, uma referência a Jerusalém e suas vilas dependentes (cf. Nee. 11.25-31; Núm. 21.25; 34.42 e Jos. 15.45). Nesse caso, Salum beneficiou Jerusalém e suas filhas por meio desse labor, mas a emenda não é favorecida por nenhum manuscrito hebraico ou versão. Portanto, temos de aceitar que operárias trabalharam naquela parte das muralhas de Jerusalém. John Gill conjecturou que as filhas eram viúvas ricas ou pessoas abastadas que "contrataram" homens para fazer o trabalho, visto que Salum não tinha filhos que pudessem ajudá-lo. Essa conjectura parece cumprir todas as demandas da lógica, embora permaneça apenas como conjectura. Algumas vezes, ter dinheiro é melhor que trabalhar pessoalmente. O dinheiro pode contratar pessoas mais qualificadas do que nós mesmos.

3.13

A Porta do Vale reparou-a Hanum e os moradores de Zanoa. Uma grande e difícil seção foi atribuída a Hanum e aos moradores de Zanoa. A parte que coube a eles incluía a Porta do Vale (ver a respeito no *Dicionário*; e ver o mapa que acompanha esse artigo quanto à sua proposta localização). Cf. II Crô. 26.9 e Nee. 2.13,15. Azarias (Uzias) originalmente edificou torres nos Portões do Vale e da Esquina. A seção que coube a eles estendia-se até a Porta do Monturo. O mapa mostra que se tratava de um trecho bastante extenso, que deve ter requerido muitos operários. A seção comparativamente grande provavelmente havia sofrido menos dano que outras, de modo que eles a "repararam", e não a "edificaram" (ver sobre o vs. 2). A Porta do Monturo era por onde o lixo era jogado no Vale de Hinom. O ribeiro do Cedrom que por ali fluía agia como uma espécie de esgoto aberto. Cf. Nee. 2.13. Quanto ao reparo de portões, seus ferrolhos etc., comparar o vs. 3, que diz essencialmente a mesma coisa sobre a questão.

Mil côvados. Ou seja, cerca de quinhentos metros.

Zanoa. Ver a respeito no *Dicionário*. A moderna população de Khirbet Zanu assinala o local antigo. Ficava no sopé da região montanhosa de Judá, cerca de 19 km a oeste de Belém.

3.14

A Porta do Monturo reparou-a Malquias, filho de Recabe. Os reparos na Porta do Monturo (comentada no versículo anterior) foram efetuados por Malquias, que era o governador (ou capataz) do distrito de Bete-Haquerém. Esse termo significa "Casa dos Vinhedos", um lugar fértil que tinha nas proximidades um pico altaneiro de onde sinais de fogo podiam ser enviados (ver Jer. 6.1). Provavelmente está em vista o lugar marcado como 'Ain Karim (Fonte dos Vinhedos). Ficava cerca de 6,5 km a oeste de Jerusalém, ao pé da colina chamada Jebel 'Ail. Um cômoro feito de pedras memoriais tinha sido empilhado ali (Rujm et Tarud), tornando-se uma espécie de marco de terreno. Malquias foi o capataz daquela parte das construções. Ver o vs. 9 deste capítulo. A seção que Malquias e seus homens repararam ficava adjacente à Casa dos Vinhedos. Ver *Bete-Haquerém* no *Dicionário*. Alguns estudiosos fazem de Malquias o prefeito da vila, e não o capataz da parte das muralhas que jaziam adjacentes. Além de reparar as muralhas, os obreiros dessa seção também tinham o portão, incluindo suas portas, ferrolhos e trancas, conforme se vê nos vss. 3-13, onde ofereço notas expositivas sobre a questão. Bete-Haquerém ficava entre Tecoa e Jerusalém. Ver Jer. 6.1.

Tendo-nos movido na direção anti-horária, partindo da Porta das Ovelhas, chegamos à parte mais baixa das muralhas, a ponta sul, e agora começamos a subir pela muralha oriental, até a Porta das Ovelhas, de onde partimos. Ver o mapa como ilustração.

3.15

A Porta da Fonte reparou-a Salum, filho de Col-Hozé. Nosso primeiro ponto de parada na subida de volta para a Porta das Ovelhas é a Porta da Fonte. A seção das muralhas que incluía essa parte foi entregue a Salum. Ele reparou a porta, mas o texto também diz que houve ali um trabalho considerável, porque ele teve de "reconstruí-la" juntamente com todo o aparelho que perfazia o portão, conforme vemos nos vss. 3 e 13. Ver Nee. 2.14 quanto a notas expositivas sobre a porta em foco, e ver detalhes no artigo do *Dicionário* chamado *Fonte, Porta da*.

Hasselá. Esse era o nome de um poço em Jerusalém, perto do jardim do rei, comumente chamado Siloé e, nos dias modernos, Silwan (ver e Isa. 8.6). Não está em foco o poço de Siloã (que é a identificação da Vulgata latina e de muitos eruditos modernos). Selá era o poço em nível inferior.

Salum foi o capataz de metade da tarefa dada a Mispa. É altamente improvável que o lugar tivesse dois prefeitos. Pessoas de Mispa receberam duas incumbências, e Salum encabeçava uma delas. Ver os vss. 7 e 19. Ver as notas expositivas sobre o vs. 9 quanto ao sentido da palavra hebraica que tem sido traduzida por "governador", "prefeito" e "capataz" no presente capítulo.

3.16

Depois dele reparou Neemias, filho de Azbuque, maioral da metade do distrito de Bete-Zur. Neemias (não a personagem principal do livro) era filho de Azbuque, nome pagão que significa "Buque, o poderoso". Talvez ele fosse o dirigente de Bete-Zur, porém mais provavelmente ainda era um dos capatazes (ver o vs. 9) sobre um grupo de homens do lugar, o qual recebera como incumbência reparar uma seção da muralha. A palavra "metade" implica outra metade dirigida por outro capataz. Três marcos identificavam a seção onde Neemias trabalhava: os sepulcros de Davi; a piscina artificial e a casa dos homens poderosos. Quanto aos sepulcros de Davi, ver II Crô. 32.33. Dou no *Dicionário* um artigo detalhado com o título *Sepulcro dos Reis; Sepulcro de Davi*. Aos turistas que visitam Jerusalém é mostrada a alegada localização desses túmulos, mas os túmulos autênticos continuam ocultos em algum lugar próximo de Jerusalém. A piscina artificial também é de localização duvidosa. Talvez ela ficasse do lado de fora das muralhas de Jerusalém. Alguns a identificam com o reservatório construído por Ezequias, para garantir suprimento de água caso fosse cercado pelas tropas de Senaqueribe. Ver II Crô. 32.4. Em algum lugar nas proximidades, mas que ainda não foi identificado com certeza, estava a casa dos homens poderosos, ou seja, a casa dos "heróis", o que poderia ser uma referência aos poderosos guerreiros de Davi (ver II Sam. 10.7; 16.6 e 23.8). Ou talvez fossem apenas as barracas da guarda real. O que era claro para o cronista permanece incerto para nós.

3.17,18

Depois dele repararam os levitas, Reum... Hasabias. Em seguida vinha a seção reparada por alguns levitas, Reum (e seus filhos) e, ao lado dele, Hasabias. Esse homem era um capataz (ver o vs. 9) de metade da tarefa dada aos habitantes da cidade chamada *Queila* (ver a respeito no *Dicionário*). Queila ficava cerca de 13 km a noroeste de Hebrom, já perto da fronteira com a Filístia. Parece que durante o período persa foi colonizada por levitas. A outra incumbência dada aos homens de Queila foi entregue a Bavai (vs. 18). Ele era o capataz da segunda metade. Não havia marcos de terreno nem características especiais a serem mencionados sobre as seções que eles repararam. Eles apenas estavam "ali", trabalhando nas muralhas, talvez na parte adjacente àquela em que moravam os homens de Queila. É altamente improvável que Queila tivesse dois prefeitos, pelo que a tradução *capataz* é melhor, como por todo este terceiro capítulo.

3.19

Ao seu lado reparou Ezer, filho de Jesua, maioral de Mispa. Continuando na direção anti-horária, chegamos agora à seção reparada por Ezer, filho de Jesua, provavelmente um levita (ver Esd. 2.40).

Mispa tinha duas incumbências, portanto, como Salum (vs. 15), Ezer era capataz de uma das partes. Ver os vss. 7,15 e 19 quanto às duas incumbências de Mispa. O que se deve entender por "subida para a casa das armas", não temos certeza. Talvez *direção norte* é o que se deva entender, porquanto o cronista nos estava levando para o norte, na direção de seu destino, a Porta das Ovelhas, onde ele começara. Ver os vss. 1 e 32. Ou talvez a casa das armas estivesse em algum terreno elevado, claro para o cronista, mas não tão claro para nós. O arsenal da cidade era um depósito de implementos de guerra. O povo poderia ser armado de repente, se necessário fosse, embora seja óbvio que Judá não tivesse exército durante o período persa.

No ângulo do muro. Tratava-se de alguma curva na muralha, também conhecida pelo cronista, mas que para nós é um detalhe perdido. Nada sabemos sobre essa curva na direção das muralhas senão já nas proximidades da Porta dos Cavalos (vs. 28). Ver o mapa acompanhante quanto a essa pequena curva. Talvez outra muralha fizesse esquina com a muralha principal naquele ponto, isto é, perto da casa das armas, conforme pode dizer a Septuaginta e a Vulgata Latina. Ver os vss. 24 e 25 quanto a outro ângulo.

3.20

Depois dele reparou com grande ardor Baruque, filho de Zabai. O industrioso Baruque reparou a seção seguinte (quando nos movemos para cima, para o norte). Nessa seção, as muralhas faziam uma curva perto da casa particular de Eliasibe, o sumo sacerdote. Várias residências particulares serviam de pontos de referência. Cf. os vss. 1,23,24,28-31. Baruque era um homem ardoroso, ou no hebraico, literalmente, "ele queimava". Contudo, essa palavra está ausente em alguns manuscritos hebraicos, bem como nos manuscritos *AB* e *Aleph* da Septuaginta e nas versões etíope e árabe. A Revised Standard Version a omite, tal como o fazem algumas versões portuguesas.

3.21

Depois dele reparou Meremote, filho de Urias. A seção seguinte (movendo-nos para o norte, em um movimento circular na direção anti-horária) foi entregue a Meremote. Sua parte começava adjacente à residência do sumo sacerdote, Eliasibe, e estendia-se até o fim de sua propriedade, por uma distância não especificada. Ele tinha outra porção daquela parte das muralhas, talvez como Baruque tivesse sua parte (vs. 20), a seção anterior.

3.22

Depois dele repararam os sacerdotes. Então vinha a seção trabalhada pelos sacerdotes, "que habitavam na campina". A Vulgata Latina diz aqui "homens das planícies do Jordão". Mas os sacerdotes habitavam nos subúrbios de Jerusalém (Jer. 1.1; Luc. 1.39 ss.). O termo, portanto, pode significar "os homens das vizinhanças" (do templo); no entanto, o texto hebraico não fornece toda essa informação. Talvez esse versículo consista em uma interpolação posterior que não tinha certeza do que tentava expressar. Ellicott simplesmente supõe que alguns sacerdotes não residissem no vale do Jordão, algo que não podemos nem provar nem rejeitar. John Gill informa-nos que, em tempos posteriores, alguns sacerdotes realmente habitavam na planície de Jerico. Ali havia "uma estação de sacerdotes, ou na planície de Jerusalém". A referência permanece obscura para nós, se é que não era obscura até para o cronista.

3.23

Depois repararam Benjamim e Hassube, defronte da sua casa. Avançando sempre para o norte, chegamos aos trabalhadores Benjamim e Hassube, que trabalhavam adjacente à casa deles. Podemos supor que eles vivessem juntos, na mesma casa. Trabalhando para eles, um pouco mais ao norte, estava Azarias, que provavelmente trabalhava com seus filhos. Esses também trabalhavam nas proximidades de onde residiam. Nenhum marco de terreno ou parte importante da muralha havia nas seções deles. Binui reparou desde o fim da propriedade de Azarias até uma curva das muralhas, na qual havia um ângulo. A Revised Standard Version diz aqui *ângulo*, que podia ser menos uma mudança radical de direção do que uma esquina. Mas está em foco alguma mudança brusca de direção. Cf. os vss. 31 e 32; Jó 1.19 e I Reis 7.34.

3.24

Depois dele reparou Binui, filho de Henadade. Ellicott (*in loc.*) presumia que o ângulo "norte-oriental da cidade de Davi" estava em vista. O versículo seguinte talvez favoreça essa suposição.

3.25

Palal, filho de Uzai, reparou defronte do ângulo e da torre que sai da casa real superior. Adjacente à curva da muralha (vs. 24) havia uma torre que se projetava da casa superior do rei no átrio da guarda. Esse lugar era chamado de "casa real superior", distinguindo-a da casa mais antiga de Davi, que ficava na colina sul. Alguns intérpretes negam que houvesse dois palácios reais e traduzem a palavra "outra" por "superior". A Revised Standard Version fica com a tradução "casa superior" para distingui-la da "casa inferior". Assim a nossa versão portuguesa diz "superior" com o mesmo sentido. O palácio do vs. 25 é, presumivelmente, aquele que Salomão construíra, depois que o palácio de Davi já havia sido construído. Ver I Reis 7.1-8. Mas os babilônios deixaram algum desses palácios de pé, ou o cronista simplesmente se refere aos lugares onde havia esses dois palácios (mas que agora não existiam mais ali)?

Seja como for, adjacentes a esses marcos do terreno (ainda ali ou que tinham estado ali), Palal trabalhou em sua seção das muralhas de Jerusalém.

Junto ao pátio do cárcere. Perto do palácio (ou de onde o palácio estivera) havia a casa da guarda, que foi um ambiente fechado na casa do rei, onde Jeremias foi encerrado (ver Jer. 32.2). Cf I Reis 7.9-12. John Gill diz que essa casa da guarda, usada como prisão temporária, ficava "perto" ou "dentro" do palácio do rei. Ellicott informa-nos que os antigos palácios dos monarcas usualmente tinham suas casas da guarda ou prisões, onde pessoas perigosas podiam ser temporariamente trancafiadas.

Depois dessa seção veio a parte entregue a Pedaías, filho de Parós.

3.26,27

E os servos do templo que habitavam em Ofel. O vs. 26 é uma pequena adição feita ao versículo anterior, uma espécie de parênteses, informando-nos que os servos do templo (*netinim*; ver a respeito deles no *Dicionário*) trabalharam juntamente com Pedaías, como colaboradores. Era apenas natural que essa classe fosse posta a trabalhar nas muralhas, e talvez eles tenham ajudado em outras partes também. A menção ao "muro de Ofel" (vs. 27) tem sido interpretada por alguns estudiosos como significando que os servos do templo realmente estavam ajudando aos homens de Tecoa (vs. 27), e não a Pedaías. Ou talvez a glosa se refira ao vs. 27. Ou outra possibilidade ainda é que os servos do templo (ou *netinim*) trabalhavam tanto com Pedaías quanto com os habitantes de Tecoa.

Ofel (no hebraico, inchaço) refere-se a uma eminência ou projeção (cômoro) que foi fortificada (ver I Reis 5.24). Esse lugar é mencionado na pedra Moabita. Posteriormente, o termo foi aplicado à colina sul de Jerusalém (II Crô. 33.14), mas seu uso mais antigo se confinava ao lado do Cedrom da mesma colina, perto do ângulo da presente Harã. Ver notas expositivas completas no *Dicionário*.

Os homens de Tecoa ganharam duas incumbências, conforme se deduz da referência prévia a outra incumbência, no vs. 5.

Na seção reparada pelos tecoítas havia uma torre (ver no *Dicionário*) que serviu de marco do terreno por parte deles. O mapa ilustrativo mostra a localização dessa torre, quase a meio caminho como quem vai para o norte, voltando para a Porta das Ovelhas, de onde o cronista começou sua viagem em redor da muralha, seguindo a direção anti-horária.

3.28

Para cima da Porta dos Cavalos repararam os sacerdotes. Certo número de sacerdotes residia defronte da *Porta dos Cavalos* (ver a respeito no *Dicionário*), e foi-lhes conveniente trabalhar ali. Essa porta ficava próxima do palácio e era usada como portão particular do palácio real. Ver em II Reis 11.16 a entrada de cavalos no palácio do rei. Essa porta ficava entre o templo e o palácio. "Tal área, adjacente ao complexo do templo, naturalmente pertencia aos sacerdotes" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

3.29

Depois deles reparou Zadoque, filho de Imer. Seguindo a área da Porta dos Cavalos, Zadoque trabalhou em um lugar adjacente à sua própria casa. Em seguida vinha a seção entregue a Semaías. A família deste tinha estado envolvida como porteiro da porta Oriental, o que lhes dava especial prestígio, sendo aquele o portal principal do templo. Sua localização exata é desconhecida, mas o mapa dá uma idéia.

Ver sobre Zadoque no vs. 4 deste capítulo. E ver também Esd. 2.37. Zadoque era sacerdote, e Semaías provavelmente era levita (ver Esd. 2.40). Alguns identificam a Porta Oriental com a Porta das Águas (vs. 26), mas a maior parte dos estudiosos duvida dessa identificação. O templo ideal de Ezequias reservava a Porta Oriental como entrada exclusiva para o príncipe (ver Eze. 46.1). Quanto a detalhes completos, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Porta Oriental*. Ficava diretamente a leste do templo, o lugar do sol ao nascer no horizonte, uma figura plena de simbolismos. Do oriente, Yahweh sorria para o Seu templo cedo pela manhã. Dali a glória de Yahweh-Elohim entrava em Sua habitação, e a Presença de Deus ficava com Israel.

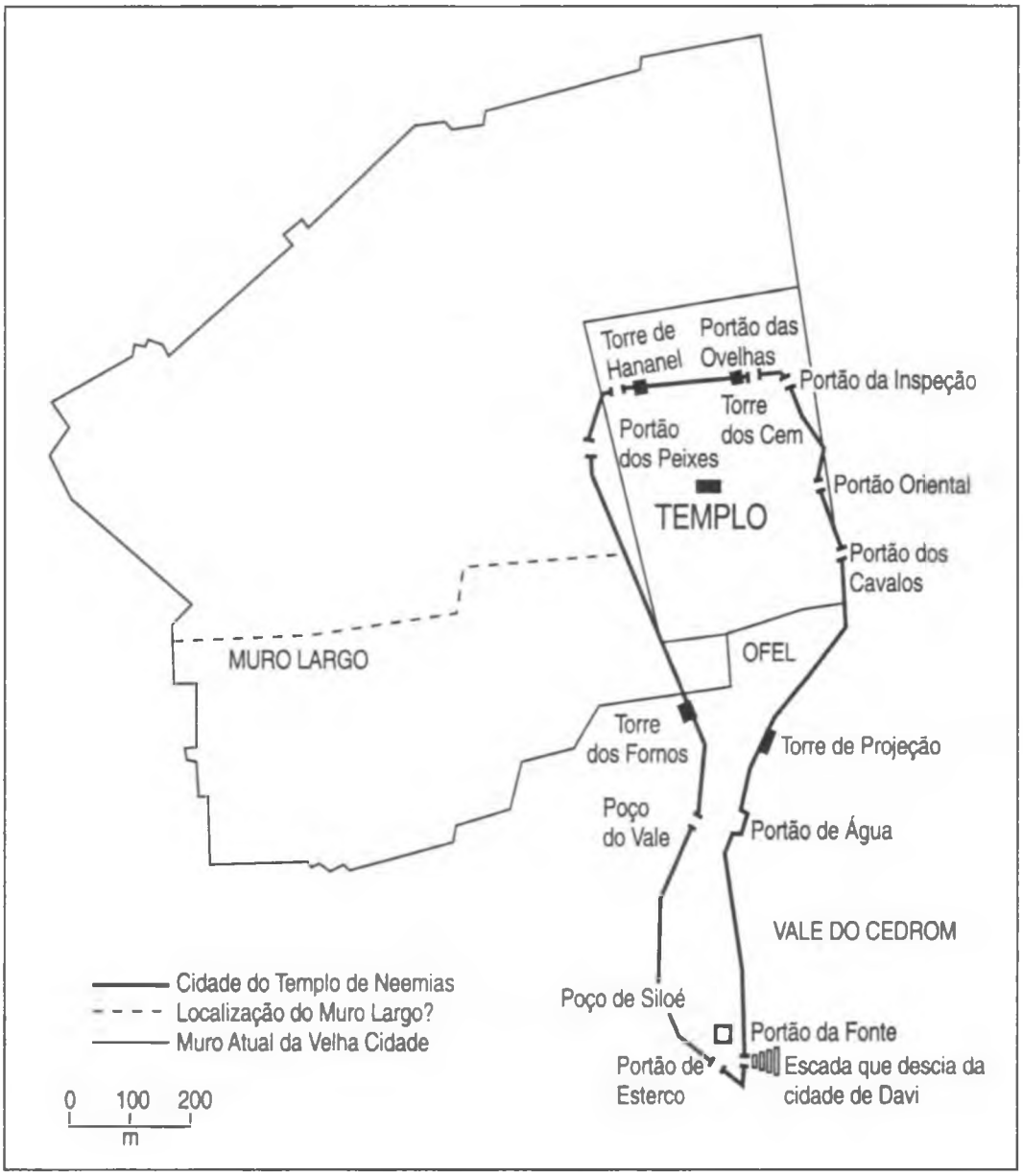
3.30

Depois dele reparou Hananias, filho de Selemias, e Hanum... filho de Zalafe. Hananias e Hanum cooperaram no reparo de uma seção das muralhas. Os nomes de seus pais não aparecem em nenhum outro lugar. Ver os nomes próprios no *Dicionário*. Em seguida, a próxima seção foi entregue a Mesulão, que já tinha recebido uma incumbência (vs. 4), e, tendo terminado aquela, agora recebia outra. Evidentemente ele fora um dos proponentes dos divórcios em massa e era sogro do réprobo Tobias, o amonita (Nee. 2.10 e 6.18). A despeito de seus problemas, foi um dos mais industriosos construtores da muralha de Jerusalém. Grandes homens, grandes vícios. Sua segunda incumbência foi defronte de sua residência pessoal.

3.31

Depois dele reparou Malquias, filho dum ourives. A seção de Malquias veio em seguida. Sua profissão era trabalhar em objetos de ouro. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ourives*. Três homens com o nome de Malquias são mencionados na lista dos construtores da muralha de Jerusalém (vss. 11,14,31). Seus reparos na muralha estenderam-se do sul até a casa dos servos do templo (*netinim*; ver a respeito no *Dicionário*). Os comerciantes também residiam naquela área. A *Porta da Guarda* (ver a respeito no *Dicionário*) foi um marco de terreno para essa seção. O termo hebraico usado é *Miphkad*, que significa recenseamento. Mas o que seria esse recenseamento? A palavra pode significar (possivelmente) revista de tropas, inspeção, visita, nomeação. Talvez se trate da mesma Porta de Benjamim (ver Jer. 37.12,13). Ficava na esquina nordeste das muralhas da cidade, e o mapa acompanhante ilustra sua posição. Dali uma pessoa iria diretamente à Porta da Ovelhas, ponto de partida, a pouca distância. Os eruditos não concordam com o que a palavra Miphkad poderia significar no tocante a essa porta. Alguns pensam que ali havia uma casa de visitação, ou uma casa de correção. Ou então era ali

JERUSALÉM DO TEMPO DE NEEMIAS



O SEGUNDO TEMPLO

Em comparação com o Templo de Salomão, era uma miséria e, com o de Herodes, lastimável. Mas no tempo de Esdras e Neemias foi um fator unificador do povo restaurado do cativeiro babilônico. Em comparação com os outros templos, temos poucas informações. Esdras 6.3 dá as dimensões gerais.

O rei Ciro, no seu primeiro ano, baixou o seguinte decreto: com respeito à casa de Deus em Jerusalém, deve ela edificar-se para lugar em que se ofereçam sacrifícios; seus fundamentos serão firmes, a sua altura de sessenta côvados, e a sua largura de sessenta côvados, com três carreiras de grandes pedras e uma de madeira nova.

O Talmude nos informa que este Templo não tinha *cinco coisas*: a arca da aliança; o fogo sagrado; o Shekinah; o Espírito Santo; o Urim e Tumim. O Santo dos Santos estava vazio. No Lugar Santo existiam somente um candeeiro e uma mesa do pão de exposição.

que o Sinédrio se reunia para julgar os casos. Ellicott fala claramente a respeito: "Não sabemos dizer". No entanto, nossa versão portuguesa arrisca-se com a tradução "Porta da Guarda".

Havia ali outro ponto de referência, a saber, o "eirado da esquina". Cf. Juí. 3.23-25; I Reis 17.19,23. Talvez fosse uma espécie de torre de vigia na esquina nordeste da cidade. A Septuaginta e a Peshitta falam em uma "subida", mas isso parece menos provável. Se era uma subida, não fica claro para onde, talvez para a Porta da Guarda.

3.32

Repararam os ourives e os mercadores. Finalmente, nosso movimento anti-horário nos leva de volta à Porta das Ovelhas, onde nossa jornada em torno das muralhas de Jerusalém havia começado (vs. 1). Esse portão ficava a pequena distância da esquina nordeste das muralhas, referida no vs. 31. Nee. 13.1 diz que os sacerdotes repararam a Porta das Ovelhas, e este versículo talvez indique que eles foram ajudados por ourives e mercadores. Ou melhor, a seção entre a esquina e a Porta das Ovelhas foi reparada por ouvires e mercadores, que tinham seus negócios naquela área (e, sem dúvida, residiam nas proximidades). Sabemos que esse negócio era efetuado na área da Porta das Ovelhas porque ali havia muito comércio de animais usados nos sacrifícios. Cf. João 2.14. Ver também o comércio que Jesus condenou (Mar. 11.15).

"Assim a muralha, em todo o seu circuito, com seus portões, foi reconstruída e reparada, trabalho esse que foi feito em cinqüenta e dois dias (Nee. 6.15)" (John Gill, *in loc.*).

"Foi uma instância de religião e de coragem, uma provisão de defesa pelos verdadeiros adoradores de Deus, para que O servissem em quietude e segurança e, no meio de seus inimigos, continuassem ocupados em seus negócios, confiando piamente no poder de Deus de que Ele os susteria" (Jamieson, *in loc.*).

Capítulo Quatro

Adversários Tentam Fazer a Obra Parar, Mediante o Ridículo e a Violência (4.1-23)

O terceiro capítulo é parentético, dando-nos uma lista dos operários da construção ou reparo das muralhas de Jerusalém, e as seções que eles consertaram. A obra começou e terminou na Porta das Ovelhas. Famílias paternas estiveram envolvidas na construção, até o encerramento. Agora, porém, o cronista nos leva de volta à seqüência dos eventos que terminaram no segundo capítulo e prossegue cronologicamente a partir dali. Assim sendo, a oposição que os judeus sofreram é agora descrita, e nos esquecemos, pelo momento, de que o cronista já registrou como as muralhas foram terminadas (Nee. 3.32).

"Os problemas e as atitudes com que se confrontou o sionismo primitivo na Palestina, vinte e quatro séculos atrás, têm emergido de novo em nosso próprio tempo. Mas agora um conflito mais violento ainda irrompe entre os judeus, que têm retornado à sua antiga terra natal para restabelecer ali Israel, e os habitantes árabes de longo tempo naquela mesma terra. Assim sendo, a história se repete, séculos mais tarde, e em uma escala maior e com problemas e resultados ainda mais complexos" (Charles W. Gilkey, *in loc.*).

4.1

Tendo Sambalá ouvido que edificávamos o muro. Cf. Nee. 2.10 quanto à sua reação inicial e suas zombarias. Quando ele ouviu que o trabalho das muralhas estava realmente começando, enfureceu-se. Ele continuou zombando, mas agora não limitava mais sua oposição a meras palavras. Ver o artigo sobre *Sambalá* no *Dicionário* quanto a detalhes completos que não repito aqui.

Edificávamos. Note aqui o uso da primeira pessoa do plural. O cronista incorporou em sua composição as memórias de Neemias. Essas memórias consistem nas seções de Nee. 1.1-7.5; 11.27-43 e 13.4-30. Pelo menos esse trecho do livro está baseado em relatórios de uma testemunha ocular. Sambalá teria seus aliados, que também ficaram indignados porque o trabalho de construção das muralhas da cidade estava começando (ver o vs. 7). Portanto, a missão de Neemias se complicou. Ele tinha todo aquele trabalho a ser feito e, ainda por cima, inimigos que tentavam entravar seu progresso.

E escarneceu dos judeus. "O que vocês estão fazendo é ridículo e inútil. Vocês nunca terminarão esse trabalho. Vocês são traidores do governo persa Seus inimigos darão cabo de vocês, assim que sentirem vontade de fazê-lo. Suas tentativas de reverter o que os babilônios fizeram fracassarão. Vocês são débeis e seu trabalho é insuficiente. Até uma raposa que subisse pela vossa muralha a faria cair" (ver os versículos que se seguem).

4.2

Então falou na presença de seus irmãos e do exército de Samaria. Há várias traduções deste versículo, na tentativa de ocultar o fato de que o texto está corrupto e é quase impossível de reconstituir. Este versículo tem deixado perplexos intérpretes antigos e modernos. Nenhum texto convincente foi reconstituído. Seja como for, podemos estar seguros de que os elementos do versículo estão relacionados às zombarias do réprobo Sambalá.

Sambalá, com ódio ardendo em seu coração, dirigiu a palavra a seu exército e a seus irmãos, os homens de Samaria. Muitos planos contrários foram imaginados. O homem esperava apelar para a violência, a despeito das cartas do rei da Pérsia que Neemias trouxera consigo (ver Nee. 2.7 ss.). Assim, em certo sentido, era o norte contra o sul, uma vez mais. Os nortistas nada ganhariam por um sul ressuscitado, embora eles não fossem hebreus. Contudo, algum sangue hebreu estava misturado à raça dos samaritanos. Ver II Reis 17.24-41 quanto à origem dos samaritanos. Ver o artigo sobre eles no *Dicionário*.

Os judeus eram débeis, mas não desprovidos de poder. O plano diabólico deles, na opinião de Sambalá, tinha de ser interrompido antes que crescesse e se transformasse em ameaça real. Provavelmente o conselho se reuniu em Samaria e algum tipo de movimento foi organizado com vistas a "deter o trabalho de construção das muralhas". Se o rei da Pérsia não tivesse dado seu apoio a Neemias, não haveria a menor esperança de que o trabalho de construção terminaria.

Os babilônios tinham feito um trabalho completo ao destruir Jerusalém e suas muralhas. Poderiam aqueles débeis judeus reverter a destruição, por assim dizer, "em um dia"? Foram necessários somente cinqüenta e dois dias para fazer o trabalho de conserto das muralhas da cidade, tão entusiasmados estavam os operários judeus! Ver Nee. 6.15. As palavras "num só dia" derivam da Vulgata Latina, pois o original hebraico é confuso neste ponto.

Sacrificarão? O culto a Yahweh era o objeto de tudo quanto se fizesse em Jerusalém. Poderiam aqueles débeis judeus devolver a Judá o yahwismo? O original hebraico aqui é confuso e poderia significar "restaurarão eles?" Os sacrifícios poderiam significar a "proteção do poder divino, solicitado por meios ritualísticos". Tais sacrifícios realmente fariam algum bem àqueles débeis judeus? Talvez eles sacrificassem para aplacar a ira de Yahweh, que trouxera destruição a Jerusalém, por causa dos pecados dos judeus. Porventura Yahweh agora daria a eles alguma atenção?

Que dizer sobre o material de construção? De que adiantariam aqueles tijolos quebrados e madeiras queimadas, deixados pelos babilônios e provavelmente por outros atacantes que se seguiram, após terem demolido parte das muralhas que Esdras havia construído (ver Esd. 9.9)? Mas haveria um suprimento do rei da Pérsia (Nee. 2.8), e isso tornaria possível o trabalho de construção.

4.3

Estava com ele Tobias, o amonita. Tobias, o réprobo e ímpio amonita, estava ao lado do infame Sambalá, adicionando seus insultos e comentários. Ver Nee. 2.10 e detalhes no artigo sobre esse homem, no *Dicionário*. Tobias acrescentou uma pequena símile: aqueles débeis judeus construíram uma muralha tão fraca que até uma raposa que corresse por cima do muro o derrubaria. Em vez de raposa, algumas versões preferem chacal, também uma tradução possível. O verbo "derrubar " provavelmente significa "escavará para o outro lado". A palavra é usada algures para indicar uma fenda produzida em uma muralha qualquer. Ver II Reis 14.13. "... os materiais eram tão ruins e o trabalho fora feito tão sem técnica que até o peso de uma raposa derrubaria a muralha" (John Gill, *in loc.*). As raposas e os chacais infestavam os locais desolados, inclusive os arredores de Jerusalém (Lam. 5.18).

4.4

Ouve, ó nosso Deus, pois estamos sendo desprezados. Neemias apelou a Yahweh, pedindo ajuda. Cf. Nee. 1.4 e 2.4. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Oração*, que provê detalhes e poesia ilustrativa. Neemias estava precisando de coragem e iluminação.

> *A mais forte, mais generosa e mais orgulhosa*
> *de todas as virtudes é a verdadeira coragem.*
>
> (Michel de Montaigne)

> *Coragem, pois! O que não pode ser evitado seria*
> *uma fraqueza infantil lamentar ou temer.*
>
> (Shakespeare)

A reversão das maldições foi a essência da oração de Neemias. Que os que zombavam fossem alvo de zombarias. Que os que faziam os judeus de presa se tor-

nassem presa de seus inimigos. Cf. Sal. 54.1,2; 64.1; Dan. 9.17. Note o leitor que Neemias desejou até que seus inimigos fossem levados em cativeiro, tal como os judeus haviam sofrido.

"Jesus, nosso grande Mestre, recomendou: 'Amai os vossos inimigos; fazei o bem àqueles que vos odeiam; orai por aqueles que vos perseguem'. Tais declarações, como as que aparecem no presente versículo, só são desculpáveis na boca de um judeu, severamente irritado" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.5

Não lhes encubras a iniqüidade. Os pecadores tinham de ser severamente castigados pela ira divina. Yahweh jamais ignoraria o que estava sendo feito ali pelo terrível Sambalá e pelo ridicularizador Tobias. Por certo Deus não encobriria seus pecados nem os perdoaria. Antes, Sua espada já estava erguida para acabar com aqueles homens miseráveis. De fato, eles tinham provocado Yahweh, porquanto Deus é que tinha enviado tanto Esdras quanto Neemias de volta ao lugar de Sua habitação, a cidade de Jerusalém, onde Ele manifestava Sua presença. Portanto, blasfêmias lançadas contra os judeus eram blasfêmias contra Yahweh e sua honra. Sambalá, Tobias e seus aliados queriam desfazer o plano divino. Essas linhas, ao que tudo indica, foram tomadas por empréstimo de Jer. 18.23.

John A. Martin (*in loc.*) preocupava-se com o que os cristãos pensariam de tal oração, à luz de Mat. 5.44 e Rom. 12.14,20. Caros leitores, há uma grande diferença entre a luz que era projetada pelo Antigo Testamento e a luz lançada pelo Novo Testamento. As coisas mudaram; as coisas melhoraram; a espiritualidade atingiu um plano superior nos ensinos de Jesus e de Paulo. Não é necessário reconciliar o Antigo com o Novo Testamento. Mas isso não significa que os pecadores estão livres dos efeitos de suas blasfêmias. Eles não estão livres, mas isso já é parte dos direitos de Deus, e não dos nossos. Aqueles que amaldiçoassem a Abraão e seus descendentes seriam amaldiçoados (ver Gên. 12.3). A vingança vem de Deus (ver Deu. 32.25 e Rom. 12.19).

E não se risque diante de ti o seu pecado. Ver Sal. 51.1,9 e Atos 3.19 quanto a essa metáfora. Os pecados dos homens são registrados no livro de Deus como uma lembrança. Eles podem ser apagados. Há perdão à disposição dos pecadores.

4.6

Assim edificamos o muro. O trabalho de construção progrediu bem, a despeito de toda a oposição; e, pelo esforço diligente, cerca de metade da altura das muralhas foi atingida. Todos os grupos escolhidos para a construção (capítulo 3) trabalhavam ao mesmo tempo, pelo que a muralha subia em sua altura e em todo o comprimento. Mas alguns eruditos pensam em termos de comprimento do trabalho, e supõem que metade da extensão das muralhas estivesse pronta. Nesse caso, as muralhas estariam completas em metade de seu comprimento, mas isso parece estranho. A Septuaginta omite esse versículo, e talvez ele tenha sido uma adição ao original hebraico, feita por algum escriba posterior. Talvez "se fechou até a metade" do muro seja uma nota temporal, isto é, 26 dos 52 dias que o projeto tomou (ver Nee. 6.15) já se tivessem escoado. Mas isso parece altamente improvável.

O povo tinha ânimo para trabalhar. No hebraico temos a palavra "mente", em lugar de "ânimo". Os judeus tornaram-se obcecados pela construção das muralhas de Jerusalém, uma postura necessária para completar qualquer grande projeto.

4.7

Mas ouvindo Sambalá e Tobias, os arábios, os amonitas e os asdoditas. Chegaram notícias no norte, a Sambalá (em Samaria), de que as muralhas, espantosamente, já tinham alcançado metade de sua altura, e isso o deixou lamentando e irado. Tobias também ouviu as notícias e rilhou os dentes e de suas narinas saiu fumaça. Os árabes também aceitaram muito a contragosto a notícia, como o fizeram os amonitas e os asdoditas. O que eles tinham dito que não podia ser feito já estava pela metade! Suas profecias de condenação ao trabalho de construção das muralhas de Jerusalém eram profecias da própria condenação deles! Quando o sucesso no fortalecimento de Jerusalém se tornava óbvio, todos os vizinhos de Judá ficaram consternados. Quem podena suportar a volta de um Judá forte?

Os asdoditas habitavam uma das cinco principais cidades da Filístia (Jos. 11.22). Asdode ficava a meio caminho entre Jope e Gaza, e se tinha tornado uma das principais cidades da província assíria da Palestina. A última coisa que os filisteus queriam era uma nação de Judá forte. A versão árabe e Josefo omitem a menção aos asdoditas, sendo até possível que essa palavra tenha sido uma adição tardia ao texto. Asdode foi finalmente saqueada durante o período helenista (ver I Macabeus 5.68 e 10.84). Ver detalhes sobre isso no *Dicionário*.

Sambalá tinha relações amistosas com aquela gente, e talvez eles estivessem sob as suas ordens como um delegado do rei da Pérsia. Os inimigos de Judá foram "levados à fúria" pelo progresso que as muralhas de Jerusalém estavam tomando, conforme observou Jamieson (*in loc.*).

4.8

Ajuntaram-se todos de comum acordo. Houve uma conspiração geral contra Judá, pelos inimigos mencionados no vs. 7. Eles "lutariam contra Jerusalém", fazendo cessar à força o absurdo projeto. O assassinato seria uma das soluções (vs. 11). Provavelmente eles não ousariam tocar na própria muralha, porquanto o rei da Pérsia não permitiria que ela fosse derrubada. Mas, se um número suficiente de assassinatos fosse cometido, o restante ficaria aterrorizado, e o trabalho cessaria por falta de trabalhadores. Outra solução seria um ataque geral por parte de um exército. A resposta a essas ameaças foi que os judeus se armaram, e metade estava pronta para lutar e metade continuou edificando (vs. 16). Dessa maneira, embora o ritmo da construção tenha diminuído, o trabalho não cessou de todo. Por conseguinte, uma pequena guerra estava em andamento. O ataque geral, por parte de um exército, nunca se cumpriu, mas outras formas de assédio foram aplicadas.

4.9

Porém nós oramos ao nosso Deus. Confiando na oração e nas armas de guerra, os judeus não se deixaram intimidar; eles trabalhavam e vigiavam. A Vulgata também diz que eles puseram um vigia para espiar o inimigo que poderia estar-se aproximando, dando tempo aos judeus para se armarem para uma possível batalha. A versão Peshitta diz que o vigia era "sobre nós" (os judeus). O hebraico diz literalmente "do rosto deles" (cf. Gên. 7.7; Jer. 35.11), expressão idiomática que significa "contra eles".

4.10

Já desfaleceram as forças dos carregadores. Havia muitos escombros para serem retirados, de tal modo que os que tinham o trabalho de carregá-los para fora estavam completamente exaustos, e isso era uma ameaça para o trabalho. A tensão na narrativa aumenta pela realista revelação de fraqueza no acampamento dos judeus. Este versículo é reconhecido como o fragmento de uma lamentação, composta sob forma métrica. Portanto, as palavras "então disse Judá", que parecem tão estranhas neste versículo, provavelmente faziam parte de um poema que foi incorporado ao texto sagrado. Judá refere-se a toda a comunidade judaica pós-exílica. As forças dos trabalhadores "cambaleava", conforme significa a palavra hebraica correspondente. Essa palavra tem sido encontrada indicando a fraqueza e o cambaleio causado por muito jejum. Cf. Sal. 31.10. A Septuaginta a traduz com o dramático termo "abalados". "Os construtores estavam enfrentando novos problemas: estavam física e psicologicamente exaustos, e o trabalho parecia interminável. E também enfrentavam a ameaça de algum ataque em segredo (vs. 11), que Neemias reconhecia não ser conversa fiada" (John A. Martin, *in loc.*).

Uma Lição Moral. Um projeto difícil e demorado nos deixa exauridos. Mas não há glória no lazer.

> *O ócio é o refúgio das mentes fracas*
> *e o feriado dos insensatos.*
>
> (Lord *Chesterfield*)

> *Na civilização não há lugar para o ocioso.*
> *Nenhum de nós tem o direito ao lazer.*
>
> (Henry Ford)

4.11

Nada saberão disto. Uma campanha de assassinatos em massa, em segredo. Um ataque frontal e aberto teria sido eficaz. Não havia como Judá resistir contra os muitos inimigos que circundavam seu minúsculo território. Mas o rei da Pérsia não toleraria uma "guerra" interna nos territórios do império. Mas ataques secretos com assassinatos, o equivalente aos confrontos de guerrilhas, seriam eficazes. Conforme as mortes se fossem multiplicando, os trabalhadores fugiriam das muralhas.

4.12

Quando os judeus que habitavam na vizinhança deles. O texto hebraico deste versículo está incompleto e tão corrupto que não faz sentido; assim sendo, os tradutores imaginam a tradução que lhes parece melhor. As ver-

COMO NEEMIAS ENFRENTOU SEUS PROBLEMAS

OS PROBLEMAS	AS REAÇÕES
Os muros de Jerusalém foram quebrados e o portões foram queimados (1.2-3)	Angústia de espírito; oração (1.4); motivação do povo para reconstruir (2.17-18)
Acusações falsas contra os trabalhadores (2.19)	Deus daria êxito contra adversidades (2.20)
Escárnio contra os trabalhadores (4.1-3)	Oração e ação diligentes (4.4-6)
Ataques ameaçadores (4.7-8)	Oração e guardas posicionados (4.9)
Cansaço físico e ameaças de assassinato (4.10-12)	Armas dadas aos trabalhadores e aos membros de suas famílias (4.13, 16-18)
Crise econômica e ganância (5.1-5)	Ira; repreensão; disciplina contra os gananciosos (5.6-11)
Planos para assassinar Neemias (6.1-2)	Coragem para continuar trabalhando (6.1-2)
Calúnias contra Neemias (6.5-7)	Negação e oração (6.8,9)
Planos para desacreditar Neemias (6.13)	Coragem para continuar trabalhando no meio de calúnias ; oração (6.11-14)
Tobias ocupou uma sala de armazenagem do templo (13.4-7)	Os móveis dele foram jogados fora (13.8)
Os dizimos e ofertas do templo negligenciados (13.10)	Repreensão; exigências; levitas acionados (13.11,14)
Violação do sábado por comerciantes (13.15-16)	Repreensão; guardas acionados; oração (13.11-14)
Casamentos mistos contra a lei mosaica (13.23.24)	Repreensão; remoção de um sacerdote, oração (13.25-29)

NEEMIAS, O HOMEM DE LIDERANÇA E CORAGEM

Durante o cativeiro babilônico, Neemias ocupava a honrosa incumbência de ser o copeiro do rei Artaxerxes Longimano, em Susã (Nee. 2.1). Chegando a Jerusalém, ele realizou a notável tarefa de restaurar as muralhas daquela cidade. Tudo foi feito no breve espaço de cinqüenta e dois dias (Nee. 6.15).

LIDERANÇA

Além das reedificações feitas, Neemias tomou medidas que visavam a reforma, tendo introduzido a lei e a boa ordem e restaurado a adoração a Yahweh, em consonância com as antigas tradições judaicas (Nee. caps. 7 e 8). Tudo foi realizado a despeito das resistências mais persistentes e violentas.

CORAGEM

É melhor morrer de pé do que viver de joelhos.

La Pasionaria

Coragem consiste em ser igual aos problemas enfrentados.

Ralph Waldo Emerson

A verdadeira coragem é de fazer, sem a observação de outros, o que a pessoa é capaz de fazer.

François de La Rochefoucauld

sões também diferem largamente, pelo que não podemos obter muita ajuda da parte delas. Isso sugere que o próprio cronista foi responsável pela confusão. Aparentemente, o que a passagem quer dizer é que os "judeus" que viviam perto dos inimigos que atacariam, vieram e deram esse relatório ameaçador aos que se ocupavam do trabalho nos muros. Planos diabólicos estavam sendo efetuados e os inimigos se jactavam, repetindo por vezes sem conta as devastações que eles trariam contra os trabalhadores que atuavam nas muralhas da cidade. Além disso, um ataque geral foi prometido. Esse ataque viria de todas as partes. "Os que moravam perto de Samaria, na Arábia e em Asdode tinham conhecimento dos desígnios deles" (John Gill, *in loc.*), e isso significa que os judeus que conheciam essas ameaças continuavam dando relatórios aos líderes em Jerusalém sobre o que poderia acontecer a qualquer momento.

4.13

Então pus o povo... com as suas espadas e as suas lanças e os seus arcos. *A Preparação de Neemias.* Tendo recebido repetidos avisos, Neemias tomou as precauções apropriadas. Nos lugares onde as pedras estavam sendo preparadas ("lugares baixos e abertos"), foram postados guardas de vigilância. Aqueles que preparavam as pedras, portanto, estariam protegidos por homens armados. Então os que estivessem nos "lugares altos", onde ficavam as muralhas, subindo desde as regiões mais baixas, também teriam seus guardas. A Septuaginta diz aqui "lugares abertos", tal como diz a nossa versão portuguesa. Uma de minhas fontes informativas tenta adivinhar dizendo "por trás do muro", o que a nossa versão portuguesa também inclui. Guardas foram fornecidos de acordo com grupos de famílias, pelo que havia ampla participação no programa de defesa. John A. Martin (*in loc.*) opina que até mulheres e crianças participaram desse programa, o que se tornou uma questão familiar, mas isso parece conter algum exagero.

Algumas versões falam aqui em "lugares altos", e isso poderia ser uma referência a torres, onde guardas estariam vigiando.

4.14

Não os temais; lembrai-vos do Senhor, grande e temível. *O Encorajamento Dado por Neemias.* Tendo feito o que era possível para defender as muralhas e os que nelas trabalhavam, Neemias apelou para o encorajamento verbal. Nesse encorajamento ele como que disse: "A batalha é de Yahweh, e Ele vos dará a vitória". Yahweh é grande e terrível, um renomado derrotador de adversários. Ele não falharia. Além disso, havia o apelo humano. Além de defender as muralhas, um homem estaria defendendo sua família e seus irmãos. Era um projeto comunitário e uma defesa comunitária. Neemias deve ter sido inspirado a dar seu discurso de encorajamento quando "olhou" e percebeu o temor estampado na fisionomia dos judeus. Josefo comentou (Antiq. XI.5.8): "Os judeus estavam tão alarmados que quase desistiram da construção".

Ésquilo, Pers. vs. 402, fez um discurso similar:

> *Filhos dos gregos, avançai!*
> *Livrai agora vosso país e vossos filhos.*
> *Defendei vossas esposas, os templos de vossos pais.*
>
> *Agora golpeai por todos!*

Quanto às palavras "grande" e "terrível", em relação a Yahweh, cf. Nee. 1.5; 7.21 e 10.17.

4.15

E sucedeu que, ouvindo os nossos inimigos que já o sabíamos. Os adversários dos judeus ficaram consternados pela notícia de que seus planos tinham sido descobertos, e supuseram que Elohim (o Poder) tivesse colaborado com os judeus. E também ouviram, desanimados, a terrível notícia de que os judeus tinham voltado ao trabalho. Essa declaração subentende que os judeus haviam suspendido o trabalho por algum tempo, quando a ameaça era nova. No relato do cronista não temos nenhuma palavra de violência sofrida pelos judeus, mas Josefo assegura-nos que muitos judeus foram mortos por ataques secretos (s. 11). É provável que isso tenha feito o trabalho de construção das muralhas cessar durante algum tempo.

4.16

Daquele dia em diante. Mais tarde as coisas melhoraram, o trabalho de construção continuou, mas as precauções referidas no vs. 13 foram mantidas: metade ficava com armas na mão e metade trabalhava. E também havia vigias (vs. 9). Os guardas tinham os implementos usuais das guerras antigas, comuns a todas as infantarias. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Guerra* e *Armadura, Armas.* Ver aqueles pugnazes judeus armados de novo deve ter sido especialmente repelente para os inimigos de Jerusalém.

Meus moços. Esta é a tradução correta, melhor do que "meus servos", que figura em algumas versões. Aqueles jovem soldados-operários eram homens de Neemias que podiam ser destacados para trabalhar nas muralhas (Nee. 5.16) ou para fazer o trabalho de guarda (Nee. 13.19). Não eram escravos, pois tinham fundos próprios (Nee. 5.10). Eram homens militares treinados. Cf. Gên. 14.24; I Sam. 25.5 ss.; II Sam. 2.14 ss.; I Reis 20.14 ss. Provavelmente faziam parte do corpo de guarda-costas treinados de Neemias. Estavam armados com lanças curtas, escudos de vime, arcos compridos e couraças de ferro escamada, igual às dos soldados persas. Mas não são mencionadas espadas, talvez por simples omissão descuidada. E eles também tinham cotas de malha, provavelmente para cobrir o pescoço e o peito. Ver Heródoto (*Hist.* IX.22) e Pausano (*Descrição da Grécia*, I.27.1). Ambos os autores mencionavam cotas de malha com escamas douradas, usadas pelos soldados persas de elite. Fragmentos de couraças de ferro e bronze escamadas têm sido encontrados pela arqueologia em Persépolis, bem como algumas couraças de ouro (ver Schmidt, *Tesouro de Persépolis*, págs. 44-46).

4.17

Os carregadores, que por si mesmos tomavam as cargas. *As Três Classes.* Havia os construtores em geral; havia os que transportavam os escombros; e havia os que tinham armas, os defensores. O cronista, entretanto, deixou de fora os que preparavam as pedras nas regiões baixas (vs. 13). Cada homem tinha sua própria tarefa, que desempenhava a contento. Tudo era bem organizado, o que é sempre importante em qualquer grande projeto.

> *O cumprimento do dever espiritual em nossa vida diária*
> *é vital à nossa sobrevivência.*
>
> (Winston Churchill)

> *Cumpre o teu dever e deixa o resto com o céu.*
>
> (Pierre Corneille)

Alguns judeus edificavam com suas armas sempre à mão, e assim combinavam as duas funções; mas outros apenas vigiavam, embora de vez em quando também construíssem, participando das duas tarefas. O trabalho foi assim dividido e complicado, e tomava mais tempo do que o normal, mas o plano bem-sucedido de Neemias esquecia o trabalho já feito, concentrando-se no que estava por ser feito.

4.18

Os edificadores cada um trazia a sua espada à cinta. Este versículo repete o que já vimos no versículo anterior: os operários também brandiam armas e estavam sempre preparados para deixar de assentar tijolos e começar a matar os invasores. Ademais, havia sempre um homem junto com Neemias, que tocava a trombeta. Ele fazia soar o clamor de batalha, caso algum inimigo se aproximasse.

4.19,20

No lugar em que ouvirdes o som da trombeta para ali acorrei. *Mais Encorajamento.* Cf. o vs. 14. Contemplando o trabalho progredir às mil maravilhas, e estando ele mesmo encorajado, Neemias proferia palavras de fogo aos líderes do povo. Ademais, o "resto" do povo recebia bem seus discursos poderosos. Os soldados-operários estavam espalhados ao longo das muralhas. Isso era uma desvantagem definida contra algum ataque súbito do inimigo. Os pequenos grupos de judeus, que estavam aqui e acolá, não tinham muita chance contra algum ataque organizado. Por isso mesmo, Neemias adicionou às suas defesas instruções para os judeus "se reunissem em um só lugar", onde quer que ouvissem o sonido da trombeta. O trombeteiro soaria a trombeta e os judeus se reuniram para enfrentar o inimigo como uma única força armada (s. 20).

A trombeta era feita do chifre torto de uma vaca ou de um carneiro. Era um instrumento primitivo, mas soava alto o bastante para ser útil em campo aberto. O cronista menciona apenas um trombeteiro, mas Josefo diz que havia vários, estacionados a intervalos ao longo das muralhas. Reunir os judeus em qualquer local que estivesse sendo atacado era a melhor solução humana que Neemias podia pensar. Mas também havia sempre o fator divino: Elohim, de Quem se esperava que sempre ajudaria os defensores da cidade. Afinal, era para Elohim que todos os judeus trabalhavam. A fortificação de Jerusalém era a causa que eles defendiam.

4.21

Assim trabalhávamos na obra. Novamente se repete aqui a essência dos vss. 16-18 deste capítulo. Os operários judeus continuavam ocupados em sua

dupla tarefa, trabalhando e guardando, sendo pedreiros e soldados, e continuavam a operar no programa diariamente até que as trevas sobrevinham e as estrelas se tornavam visíveis. Assim sendo, o trabalho diário ia desde que o sol se elevava acima do horizonte até que as estrelas aparecessem, ou seja, durante todo o tempo em que os céus lhes dava luz. Diligência era a palavra do momento.

É sinal de um homem superior que ele não ficará
em um ócio prejudicial.

(Confúcio)

Não há riquezas verdadeiras senão
o labor de um homem.

(Percy B. Shelley)

4.22

Também nesse mesmo tempo disse eu ao povo. "O dom de liderança executiva de Neemias sabia como conseguir a cooperação tanto dos operários quanto dos soldados na frente da tarefa comum... Essa previdência e eficiência de organização fazia cada homem tomar a peito a pesada responsabilidade e a constância" (Charles W. Gilkey, *in loc.*).

As noites eram passadas em Jerusalém, e todo homem (excetuando os guardas) deveria permanecer em casa. Ninguém deveria ficar perambulando no escuro. "Aventurar-se em torno de Jerusalém à noite seria um risco perigoso. A cada noite alguns operários montavam guarda, sabendo que a cidade estava vulnerável a ataques mesmo assim. Eles nem ao menos tiravam as roupas para fazer a faxina depois de terem trabalhado! Mantinham vigilância diligente a todo o tempo" (John A. Martin, *in loc.*).

"A maioria dos judeus morava nas aldeias fora de Jerusalém (cf. Nee. 3.3,5,7,14-17), o que deixava relativamente poucas pessoas na cidade (Nee. 7.4; 11.1-3). A nova segurança da cidade tornou aconselhável que os que residissem nas circunvizinhanças viessem para dentro das muralhas terminadas em tempos de perigo. Talvez a ordem tenha sido dirigida aos operários de Jerusalém, mas pode ter sido também uma ordem geral" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

4.23

Nem eu, nem meus irmãos. Os principais líderes, os capatazes, os "moços" de Neemias (vs. 16), eram homens muito atarefados. Seus irmãos estavam com ele, provavelmente indicando aqui seus parentes próximos, e não a comunidade judaica em geral. Todos aqueles homens estavam tão envolvidos em suas tarefas que nem ao menos tinham tempo para trocar de roupa à noite! Havia uma única exceção a essa prática horrível: um homem, quando precisava lavar suas roupas, descia até a água, carregando consigo suas armas, por precaução. O hebraico que nos transmite essa idéia tem causado dificuldades para os tradutores, pois diz literalmente: "cada sua arma a água". O sentido é evidente: "Cada homem levava sua arma até a água, quando tinha de lavar suas roupas". A Vulgata Latina afasta-se muito do alvo ao fazer esse versículo referir-se às lavagens ritualísticas, como se as armas do homem fossem a lavagem que agradasse Yahweh. Além disso, a referência não parece ser ao fato de que, quando um homem tinha de descer até a água (para qualquer propósito), ele carregava consigo armas. Isso, sem dúvida, expressa a verdade, mas não parece ser o significado do presente versículo.

Capítulo Cinco

Problemas entre Ricos e Pobres Ameaçam a Estabilidade dos Restaurados (5.1-19)

Alguns estudiosos pensam que a narrativa está aqui fora de sua verdadeira ordem cronológica. Ver o vs. 14. O capítulo diante de nós (tal como o terceiro capítulo) parece ser uma inserção de materiais que não segue os eventos do capítulo 4. O vs. 16 sugere que o trabalho nas muralhas da cidade continuava, mas isso não serve necessariamente de nota cronológica. Os judeus tinham seus problemas socioeconômicos inteiramente separados do projeto de construção, e o cronista diz-nos exatamente isso aqui, inserindo o material neste ponto, que é tão bom quanto qualquer outro ponto. Provavelmente a inspiração de inserir esse material aqui se deveu ao fato de que tais problemas eram outras espécies de obstáculos ao trabalho de construção. Havia inimigos internos, e não somente externos. E algumas vezes nossos inimigos internos podem ser mais devastadores que os externos. A prolongada e incomum falta de água era o principal fator dos problemas econômicos (ver o vs. 3).

"A substância e o tom deste capítulo sugere as circunstâncias retratadas no capítulo 13 e a data que aparece no vs. 14 do presente capítulo indica que a narrativa foi escrita já no fim da administração de Neemias, muito depois das muralhas de Jerusalém terem terminado" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Algumas famílias judaicas foram forçadas a cair em uma escravidão virtual (vss. 1-5) por causa das condições que se tinham desenvolvido, e porque as pessoas mais abastadas tomavam vantagem das mais pobres. Os ricos emprestavam dinheiro a juros ridiculamente altos e confiscavam terras.

5.1

Foi grande, porém, o clamor do povo. Os pobres sempre se queixam no tocante à sua sorte, e os ricos sempre exploram os pobres. Essa era uma condição crônica no antigo Oriente Próximo e Médio. E a despeito de todo o nosso avanço no conhecimento e na tecnologia, as mesmas condições prevalecem até hoje, com os mesmos tipos de exploração econômica.

"A narrativa de Neemias sobre os problemas com os inimigos de seu povo de súbito muda de tom, para enfocar uma aguda dificuldade entre o próprio povo, uma dificuldade que tem um som curiosamente contemporâneo. Então, como até hoje, grandes empreendimentos têm sido ameaçados e com freqüência traídos dentro do próprio campo, por fraquezas familiares à própria natureza humana" (Charles W. Gilkey, *in loc.*).

Os problemas centralizavam-se em dificuldades internas, não sobre Sambalá, Tobias e Gesém, inimigos estrangeiros e réprobos dos judeus. Os alimentos eram escassos. O dinheiro tinha desaparecido; propriedades estavam sendo perdidas. A miséria geral tinha-se estabelecido, mas como sempre havia aqueles poucos homens ricos que tiravam vantagem da miséria alheia. Foi dessa maneira que um "grande clamor" levantou-se em Judá, e um clamor de irmão contra irmão. Os abusos tinham-se avolumado mais que o povo podia suportar. A opressão interna era pior do que a externa.

"Este capítulo é uma queixa dos pobres contra os ricos que os oprimiam (vss. 1-5). E Neemias, indignando-se diante disso, reprovou os ricos e fê-los prometer, sob juramento, que eles restituiriam as riquezas mal adquiridas (vss. 6-13). E deu exemplo, nada cobrando deles durante seus doze anos de governo, suportando a si mesmo e aos seus familiares de seu próprio bolso e trabalho (vss. 14-19)" (John Gill, *in loc.*).

5.2

Porque havia os que diziam. A vida tinha sido reduzida à simples sobrevivência, em que as pessoas tinham apenas o suficiente para comer, e até isso com alguma dificuldade. Alguns estudiosos pensam que a construção das muralhas servira de empecilho às atividades normais da vida, mas, se essas condições realmente existissem depois de terminadas as muralhas, então provavelmente a causa teria sido a seca e a fome, tão devastadoras que são (vs. 3). Embora parte do problema possa ter decorrido do aumento da população mais rapidamente do que o crescimento do suprimento alimentar, e as famílias geralmente eram numerosas demais para serem adequadamente cuidadas, na verdade a perda gradual de propriedades e bens materiais é que deveria levar a culpa pela situação. Os pobres tiveram de apelar para a ajuda do governador. Terminados os reparos nas muralhas da cidade, os judeus perderam o espírito de ajuda mútua. Quando os alimentos se tornaram escassos, seus preços subiram. E o povo não tinha dinheiro para comprar alimentos, pelo que houve grande clamor popular (vs. 1).

5.3

Também houve os que diziam. Algumas famílias foram obrigadas a vender suas casas e suas terras aos ricos, e ficaram sem meios de sobreviver. Alguns, sem dúvida, venderam a si mesmos como escravos para os ricos.

Nesta fome. Os judeus sempre encontravam razões divinas por trás de causas naturais. "Pelo tempo de Zorobabel, Deus tinha enviado uma seca judicial sobre a Terra Prometida, conforme aprendemos em Ageu 1.9, porquanto os judeus estavam mais inclinados a edificar residências do que a reconstruir a casa do Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*). Talvez essa seca tivesse continuado, ou então outra seca tenha atacado, algum tempo depois. Mas Ellicott pensava que a condição sobreviera devido à redução gradual à pobreza, e não por causa da seca.

"Fomes freqüentes eram encontradas na regiões montanhosas, relativamente inférteis, visto que elas dependiam fortemente da chuva (cf. Gên. 42.5; I Reis 18.1,2; II Reis 6.25 ss.)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

5.4

Houve ainda os que diziam. Outro queixume era que os impostos cobrados pelo rei eram uma dificuldade especial, sobretudo diante de tantos outros fatores negativos. Essa taxa do governo imperial era especial, separada da outra referida no vs. 15. Era cobrada para pagar certas necessidades do reino da Pérsia. A

quinta satrapia, que incluía a ilha de Chipre, a Síria e a Palestina, tinha de contribuir com 350 talentos (Heródoto, *Hist.* III.91). Isso orçava em cerca de 10.500 kg de ouro (ou prata, ou ambas as coisas). Essa drenagem em metais nobres na verdade nada trazia de vantajoso para as províncias, mas financiava o elevado estilo de vida do rei e suas aventuras militares. Os proprietários de terra ou aqueles que as haviam hipotecado tinham agora de emprestar dinheiro dos agiotas, os quais eram encontrados por toda a parte do império persa. Terras e casas serviam de garantia para os empréstimos, e o povo pobre nunca conseguia libertar-se do círculo vicioso em que tinha caído.

O presente versículo mostra-nos que o povo tinha que tomar dinheiro emprestado até para pagar as taxas reais. Os agiotas judeus não demonstravam misericórdia, cobrando juros ridiculamente altos, e quem se importava se as crianças estavam passando fome? Era contra a lei mosaica um hebreu cobrar juros de um empréstimo feito a outro hebreu (ver Êxo. 22.25; Lev. 25.36,37; Deu. 23.19,20). De fato, os israelitas não deveriam tornar-se agiotas (Sal. 15.5). Mas quem cuidava em obedecer à lei quando era fácil ganhar dinheiro de famílias desesperadas? Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Juros*.

5.5

Eis que sujeitamos nossos filhos e nossas filhas para serem escravos. *Escravidão.* Embora todos fossem compatriotas judeus, alguns tiveram de ir ao extremo de vender a si mesmos e/ou seus filhos como escravos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escravidão*. A servidão "temporária" de um hebreu a outro era permitida por lei, quando então se exigia tratamento humano (ver Êxo. 21.7). A unidade racial não impedia o programa de "escravidão doméstica". O dinheiro era mais importante que a raça e a bondade para com o próximo. Considerações humanitárias proviam que os escravos hebreus deveriam ser liberados a cada sétimo ano e no ano do jubileu. Ver Êxo. 21.2,3; Deu. 15.12. Propriedades sob a forma de terras também eram devolvidas (ver Lev. 25.10,13,23,28 e 31 e Núm. 36.4). Mas, mesmo quando os ricos obedeciam a essa legislação, os escravos eram, com freqüência imediatamente reescravizados, visto que continuavam destituídos de recursos. A interpretação rabínica posterior, como a de Hillel, encontrou meios de contornar as normas de liberação. A legislação idealista, por conseguinte, com freqüência tinha pouco que ver com aquilo que realmente acontecia.

Assim, não tiranos estrangeiros (como os que se tinham oposto à construção do templo e das muralhas de Jerusalém), mas irmãos de raça eram responsáveis pela maior parte da opressão que ocorria em Judá. Ademais, os queixosos não tinham poder de mudar a situação. Somente um apelo diretamente dirigido ao governador, Neemias, acenava com alguma esperança.

Assim também no Brasil, quase metade da população vive subnutrida, e cerca do mesmo número trabalha em troca de salários próprios de escravos. Ser um escravo do salário é uma forma real de escravidão, a respeito da qual nenhum tipo de legislação tem-se mostrado eficaz. De fato, a legislação decretada tem mantido propositadamente a situação de escravidão do salário.

5.6

O seu clamor. Ou seja, o grito de desespero do povo (vss. 2-5). O clamor foi como um aguilhão que lançou Neemias à ação. A versão Peshitta refere-se ao aborrecimento de Neemias ao ouvir essas palavras. Neemias faria "cabeças rolar", conforme diz uma moderna expressão idiomática. Mas, mediante um segundo pensamento mais sóbrio (que é sempre melhor), ele esfriou a cabeça e tomou uma ação sã, em vez de agir inspirado pela paixão (vss. 7 ss.).

Muito me aborreci. Ao que parece, Neemias, tal como muitos governadores, saiu de "contato" com o homem comum. Veio como uma surpresa para ele ouvir quão erradas andavam as coisas em Judá. Foi assim também que certa rainha da França reagiu, quando lhe disseram: "O povo não tem pão!". Ela então respondeu: "Nesse caso, que comam bolos!". Essa desgraçada declaração tem sido atribuída a Maria Antonieta, rainha da França entre 1755 e 1793. Mas declarações similares retrocedem até o século XIII D. C. Talvez a querida rainha tenha tomado a expressão por empréstimo à situação de seu país, não sendo uma expressão original dela.

5.7

Depois de ter considerado comigo mesmo. *O Segundo Pensamento Mais Sóbrio de Neemias.* Ele consultou seu coração e sua razão. Empregou então algum tempo refletindo e planejando. E não se pareceu com algum adolescente precipitado que faria algo de radical. A Septuaginta traduz aqui por "meu coração tomou conselho dentro de mim". "Coração", naturalmente, para os hebreus, significava "mente". Neemias seria racional e não se deixaria arrastar por alguma explosão de ira. Por isso diz aqui a American Translation: "depois de ter pensado a respeito". O termo cognato acádico significa "aconselhar" (ver Dan. 4.27). O original hebraico diz aqui, literalmente, "meu coração foi rei em mim". A versão Peshitta diz: "Meu coração partiu-se dentro de mim".

Segundos pensamentos são mais sóbrios,
de alguma maneira.

(Provérbio grego)

Apesar de empregar a mente, Neemias não
se mostraria indeciso.
Há tristeza na indecisão.

(Cícero)

Por uma vez, para cada homem e nação,
chega o momento de decidir.

(James Russell Lowell)

Neemias convocou os nobres e os dirigentes, que eram aqueles que estavam oprimindo os pobres irmãos. E repreendeu-os por estarem cobrando juros nos empréstimos, o que era estritamente proibido pela lei mosaica (ver as notas no vs. 4). Neemias convocou uma assembléia geral para cuidar da questão. Ele não permitiu que a questão fosse discutida somente pela elite. A nação inteira armou-se acerca dos abusos.

O fato de que Neemias teve de convocar uma assembléia geral subentende que ele não obteve nenhuma decisão satisfatória ao discutir sobre a questão com os nobres e dirigentes. Estes não desistiriam do dinheiro fácil que estavam ganhando. Muitos indivíduos de cabeça quente vociferavam acusações contra os agiotas. Algo tinha de ser feito, e prontamente.

5.8

Disse-lhes: Nós resgatamos os judeus, nossos irmãos. De um cativeiro para outro; de uma escravidão para outra. Os babilônios tinham submetido os judeus a um cativeiro. Isso fora uma espécie de escravidão. Os decretos de Ciro e Artaxerxes os haviam livrado. Com alegria, os judeus retornaram a Jerusalém. Tanto Zorobabel quanto Esdras tinham sido líderes capazes. Os judeus retornaram a Israel em várias ondas de "imigração". Eles reedificaram o templo, e depois as muralhas de Jerusalém. Mas vieram tempos mais difíceis, e judeus ricos puseram os judeus pobres de volta no cativeiro, um cativeiro econômico, outra forma de escravidão! Foi esse incrível acontecimento que inspirou a diatribe de Neemias contra os nobres e os principais homens da nação, conforme vemos nos vss. 8-11.

A causa da liberdade é a causa de Deus.

(William Lisle Bowles)

Nenhum homem é livre se não
é senhor de si mesmo.

(Epicteto)

A liberdade do temor, da injustiça e da opressão só será nossa na medida em que os homens que valorizam tal liberdade estiverem prontos para sustentar sua possessão — defendendo-a contra todo ataque vindo de fora e de dentro.

(Dwight D. Eisenhower)

Os judeus escravizados por judeus supostamente seriam liberados no ano do jubileu (ver Lev. 25.10,13,39-41). Mas os que fossem escravizados por pagãos tinham de ser remidos. Neemias, pois, indicou que os judeus ricos estavam agindo como pagãos, e requereu que os judeus mais pobres fossem redimidos de suas dívidas. Ver Lev. 25.47-49. Mas quem poderia pagar o preço? A melancólica alternativa era simplesmente continuar sendo escravo.

5.9

Então se calaram, e não acharam que responder. Os pagãos, observando os atos abomináveis dos judeus, olhariam com maus olhos para o yahwismo que supostamente deveria inspirar altos ideais. Os nobres e dirigentes da nação estavam atrás de dinheiro, e não de honrar a Yahweh. No coração deles não havia o temor de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Temor*, para detalhes sobre o conceito. Os pagãos zombavam de Israel e de seu Deus. Nada havia de nobre para exaltar no judaísmo.

Os nobres eram importantes, mas os pobres eram pequeninos. É fácil oprimir os humildes. Mas Yahweh era grande, e os nobres judeus eram pequenos. Eles podiam estar certos de que seriam oprimidos, se não mudassem seus caminhos.

Deus deve ser temido (ver Sal. 119.120); Ele é terrível (ver Nee. 4.14). Deus ama, mas também castiga (ver Pro. 3.11,12). O temor de Deus é um termo sinônimo à retidão (cf. Jó 1.1,8). A santidade não podia ser separada do temor piedoso (ver Sal. 111.10; Pro. 1.7). O fracasso em temer significava, finalmente, a punição divina, a punição pessoal e nacional, de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*).

"A reputação de Deus estava em jogo. Esse comportamento imoral e antiético estava trazendo reprimenda contra Aquele que tinha libertado seu país da servidão no Egito e, depois, do cativeiro babilónico" (John A. Martin, *in loc.*).

5.10

Também eu, meus irmãos e meus moços. Neemias estava ajudando os pobres e dando bom exemplo. Estava emprestando dinheiro e alimentos aos pobres, mas sem cobrar juros. A palavra "irmãos", usada neste versículo, pode indicar seus parentes de sangue, ou seus irmãos no yahwismo. Neemias parece aqui infeliz consigo mesmo, por estar "emprestando" coisas a seus irmãos, quando, na realidade, deveria está-las dando. Por conseguinte, ele se incluiu no pecado que estava sendo cometido, embora ele não pudesse ser culpado de cobrar juros. Em tempos de tensão e necessidade, os bons dão, e não emprestam. Nenhum homem bom emprestaria algo a seu irmão, para em seguida demandar de volta tanto o capital como o lucro. O homem generoso não emprestaria esperando paga. Antes, daria. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Liberalidade e Generosidade*. A medida de um homem é sua generosidade, outro nome que se dá ao amor.

Em qualquer relacionamento pessoal a coisa mais importante não é o que se obtém, mas o que se dá.

(Eleanor Roosevelt)

Qual dentre vós é o homem que, se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra?

(Mateus 7.9)

A Vulgata Latina diz aqui: "Perdoemos a dívida que nos é devida", o que fica implícito, embora não seja declarado no texto hebraico. O vs. 11, porém, diz isso diretamente.

5.11

Restituí-lhes hoje, vos peço, as suas terras... *Restauração.* Isto posto, longe de cobrar juros, os homens espirituais restaurariam tudo quanto haviam tomado de outros, todos os objetos valiosos, terras e dinheiro, vinhedos, olivais e todos os modos de sustento. Todas as casas confiscadas por práticas gananciosas também deveriam ser devolvidas.

Cf. o vs. 3 deste capítulo. Os pomares de oliveiras deveriam ser restaurados tanto quanto o vinho e o azeite, principais produtos do comércio que um negociante acumularia para serem vendidos no futuro. Tais produtos também deveriam ser devolvidos. Cf. Deu. 6.11.

Além disso, havia dinheiro envolvido nos negócios. E, com o dinheiro, produtos valiosos como o vinho, o trigo e o azeite, coisas que os pobres vendiam para viver. Este versículo parece dar a entender que a centésima parte das coisas que tinham sido confiscadas deveria ser devolvida. Mas o que deve estar entendido (embora não seja dito claramente) é que tais coisas deveriam ser devolvidas, mais 1%, dando assim aos pobres mais do que lhes fora tirado. Mas alguns intérpretes sugerem que 1% ao mês estava sendo cobrado, ou seja, 12% ao ano. Isso aumentava demais as dívidas contraídas por empréstimo. Mas estudos sobre as questões persas demonstram que até 12% ao ano era uma baixa cobrança de juros no império persa. Vinte por cento ao ano era mais comum e, algumas vezes, até mais do que isso. Estariam os juros ricos cobrando taxas de juros inferiores ao que era comum no império persa? Não é muito provável.

5.12,13

Então responderam: Restituir-lhes-emos, e nada lhes pediremos. Os dirigentes e os nobres concordaram em fazer devolução e cessar em seus atos de ganância. Neemias requereu deles um juramento de confirmação, e assim chamou os sacerdotes para colocarem a autoridade de Yahweh por trás da promessa feita. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juramentos*. Assim sendo, pelo menos "no papel" foi conseguido um bom acordo. Como as coisas realmente aconteceram na prática, já é outra coisa. Não é fácil curar um coração ganancioso.

Seja como for, a promessa e o juramento foram proferidos na grande assembléia, pelo que ali havia muitas testemunhas. Isso faria o acordo tomar ares de grande seriedade. Cf. Núm. 5.21 ss. Os juramentos, na antiguidade, eram usualmente acompanhados por uma declaração das penas que haveria para aqueles que quebrassem o juramento. O perjúrio era considerado um crime grave contra Deus, cujo nome teria sido assim usado em vão (Sal. 15.4; Eze. 17.13,16,18,19). Os que perjurassem seriam privados de suas residências e de seu meio de vida (cf. Esd. 7.26; 10.8). Visto que a maioria dos nobres não se compunha de "trabalhadores" e, portanto, não podiam ser privada de seus empregos (como uma possível penalidade), provavelmente a pena atingiria suas propriedades. Ver Ageu 1.11 e Sal. 109.11. O vs. 13 deste capítulo, assim sendo, mostra que Neemias dramatizou perante o povo as penas que seriam impostas. As testemunhas estariam presentes para registrar as queixas, se o acordo não fosse observado.

Amém! "Assim seja!" foi o eco de toda a congregação. Neemias tinha falado bem; todos tinham concordado; a congregação inteira selou a questão com um solene amém. Naquele dia, pelo menos, Judá mostrou-se una contra a ganância e a exploração.

"Sabendo que falar é barato e que é fácil dizer coisas na pressão do momento, sob pressão pública, Neemias fez os líderes culpados (nobres e oficiais, vs. 7) tomar um juramento de confirmação" (John A. Martin, *in loc.*).

Há os que pensam muito pouco e falam muito.

(John Dryden)

5.14

Também desde o dia em que fui nomeado seu governador. Neemias já era governador fazia doze anos. Isso certamente significa que as muralhas estavam reconstruídas e as circunstâncias refletidas neste capítulo estão cronologicamente deslocadas. Toda a questão da ganância dos judeus ricos aconteceu depois de as muralhas estarem completas, quando o povo estava tranqüilo. Ver a introdução a este capítulo. Os incidentes descritos aqui ocorreram já perto do fim do período de autoridade de Neemias.

Neemias serviu como governador de Judá por doze anos, a saber do vigésimo ano do reinado de Artaxerxes (444 A. C.) ao seu trigésimo segundo ano (432 A. C.). A palavra hebraica aqui traduzida por "governador" é *peah*, derivada do vocábulo acádico *pahatu*. Uma palavra persa diferente é usada para indicar "governador" em Nee. 7.65,70; 8.9 e 10.1.

Neemias, embora fosse o governador, não era sustentado pelo império persa. Ele não estava recebendo um salário do rei. Antes, trabalhava para viver e era generoso com o que obtinha, ajudando outros (vs. 10). Os governantes do império persa (de acordo com a prática seguida por esse império) beneficiavam-se com uma pensão alimentícia, que era uma grande ajuda, quando não a solução de todos os problemas financeiros. Mas Neemias nem ao menos se aproveitara desse seu "direito". Cf. Mal. 1.7,8. Por todo o tempo de sua governança, Neemias dava o exemplo correto. Ele era generoso, e não ganancioso (como os príncipes e os nobres). Dessa maneira, ele ajudava o povo, sem impor-lhes nenhum empecilho.

5.15

Mas os primeiros governadores. Os primeiros governantes da cidade, em contraste com Neemias, obtinham alegremente todos os benefícios marginais de seus cargos. Aproveitavam-se da pensão alimentícia e também do dinheiro, a saber, quarenta siclos de prata, equivalentes a quase meio quilo. Se esse peso em prata por mês não solucionaria todos os problemas de um homem, servia de boa ajuda. Ver no *Dicionário* o artigo *Dinheiro*, II, na parte chamada *Siclo*, e também *Pesos e Medidas*, IVc. Ver também Êxo. 30.13 e Lev. 27.25.

Alguns estudiosos do hebraico salientam que a palavra "além", usada neste versículo, não é uma boa tradução. Antes, os quarenta siclos serviam para custear a pensão alimentícia. Ou seja, a pensão alimentícia valia quarenta siclos. A American Translation aparentemente está correta ao traduzir a palavra como "para alimentos", e não como "além". A Vulgata fala que essa importância era dada todos os dias, e isso é provavelmente correto. Muita gente comia na mesa do governador.

Até os subordinados do governador, os subchefes, dominavam o povo praticando várias formas de opressão e obtendo lucro desses atos. Neemias, em contraste, devido ao seu temor a Deus (ver o vs. 9), não seguiu o mau exemplo e não permitia que seus subordinados prejudicassem o povo. "Os jovens subordinados dos governadores anteriores... mostravam-se insolentes e altivos para com os judeus. Neemias afirmou aqui sua inocência de qualquer exploração desse tipo. Cf. o caso de Paulo em I Cor. 9.12 e II Cor. 11.9. Ele não usou todo o seu pleno poder porque era um homem temente a Deus" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

"Note-se que a usura e o tratamento rigoroso foram proibidos por lei em Lev. 25.36,43, com a condição expressa de temor a Deus" (Ellicott, *in loc.*). "O temor de Deus estava em seu coração e perante os seus olhos e, por isso mesmo, ele não podia oprimir os pobres" (John Gill, *in loc.*).

5.16

Antes também na obra deste muro fiz reparação. Além de não viver à custa do império persa, Neemias estava envolvido em um labor fatigante que

requeria enorme sacrifício pessoal. Pois ele não se importou em comprar terras e viver no luxo. Ademais, reuniu outros que tinham mentalidade igual à dele, e todos se sacrificaram no projeto. Raro é o grande projeto que não requer o sacrifício de muitos!

Luxo e avareza — essas pestes têm sido a ruína
de todos os estados.

(Catão)

As pessoas têm reclamado contra o luxo por dois mil anos,
em verso e prosa, mas as pessoas sempre
se deleitaram nele.

(Voltaire)

Neemias tinha tido o cuidado de não abusar de outras pessoas com a sua autoridade, e nem de usar seu poder para fazer coisas que outras pessoas geralmente cobiçam. Sua energia derramava-se sobre o seu trabalho. Ele não hesitava em sujar as mãos. Ele não era um governador ornamental.

Neemias também não comprou terras baratas, a saber, a dos oprimidos que precisavam, desesperadamente, de dinheiro. Suas riquezas eram as suas realizações, e não as coisas em que outras pessoas estavam interessadas.

5.17

Também cento e cinqüenta homens dos judeus e dos magistrados. A mesa de Neemias servia diariamente a 150 judeus e nobres, e então, com freqüência, havia visitantes que aumentavam esse número, a maioria deles persas ou pessoas que serviam o império persa. O versículo nos diz que Neemias cuidava de todas as despesas alimentares de toda essa gente todos os dias, mas não nos é dito como ele fazia isso. Cf. Salomão e sua imensa mesa, I Reis 4.22,23. Talvez fosse costume dos persas que os administradores alimentassem o seu próprio pessoal, e essa era uma das razões para a ajuda de custo de quarenta siclos (vs. 15). Neemias, entretanto, recusava-se a tirar proveito até dessa ajuda de custo, embora não sejamos informados sobre como ele pagava tantas despesas.

O versículo seguinte lista as despesas diárias, os alimentos que eram requeridos em um único dia. Adam Clarke (*in loc.*), sugeriu que o trabalho de Neemias como copeiro do imperador persa era um trabalho muito bem pago, e que ele sustentava sua mesa por meio de poupança. Talvez Neemias viesse de uma família rica e estivesse usando recursos da família. Talvez ele tivesse projetos de agricultura que tinha delegado a subordinados, e isso provia os fundos necessários. Podemos multiplicar suposições sobre essa questão, mas continuaremos não sabendo como ele custeava todas as suas imensas despesas, pois ou o cronista também não sabia como ele o fazia, ou não se incomodou em incluir essa informação no relato. Neemias deu a Elohim (o Poder) o crédito por todo o seu sucesso, de qualquer tipo que fosse, e o poder financeiro, adequado para o trabalho, foi um dos benefícios divinos. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

5.18

O que se preparava para cada dia era um boi e seis ovelhas escolhidas. Todos os dias, a fim de alimentar toda aquela gente, um boi, seis ovelhas escolhidas e vários tipos de aves supriam a carne a ser consumida. Também havia vários tipos de vinho para beber e, sem dúvida, outros itens que o cronista não se importou em listar. Eles tinham uma pesada dieta de carnes, que provavelmente era suplementada por pães, frutas, cereais etc. O cronista menciona somente os alimentos principais. Eles bebiam vinho como bebida, e não água; e assim diminuíam a taxa de colesterol que toda aquela carne estava acumulando em suas veias!

Uma das mais surpreendentes descobertas científicas de nossos dias é que o vinho ajuda a diminuir a taxa de colesterol no sangue. Portanto, faça sua escolha: boas veias ou um bom cérebro. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Vinho* e *Bebida Forte*. E ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Alcoolismo e Bebida*.

De dez em dez dias. Isto não significa que eles bebiam vinho somente a cada dez dias, mas que o estoque de vinho era renovado de acordo com essa freqüência.

5.19

Lembra-te de mim para meu bem, ó meu Deus. Este é um dos melhores versículos do livro de Neemias. Neemias, ao pensar em todas as suas cargas e responsabilidades, e assegurando-nos de que estava fazendo o melhor que podia. com um espírito de generosidade, de súbito enviou uma oração a Elohim (o Poder), pedindo-Lhe que o fizesse ver tudo quanto tinha feito ou estava tentando fazer, e que isso redundasse em "seu bem". Ele clamou para que Elohim o recompensasse por seu labor e generosidade. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

"A declaração de Neemias de retidão e virtude não é uma jactância de justiça própria (cf. Luc. 18.11-14), mas uma expressão em harmonia com um antigo provérbios egípcio: "As virtudes de um homem são o seu monumento. O homem de má reputação acaba esquecido". Aqui, como também outros lugares do livro, Neemias, olhando para o futuro, pleiteia que ele fosse relembrado por seus atos virtuosos, tal como fez o egípcio Uzahor, que disse: "A vós, deuses de Sais! Pensai em todo o bem que o médico-chefe Uzahor-empiris tem feito!" (Raymond A. Bowman, *in loc.*, com uma excelente anotação).

Por sete vezes neste livro, temos registradas orações de Neemias que pediam que Deus se lembrasse dele: 5.19; 6.14 (duas vezes) e 13.14,22,29 e 31. No fim do livro, ele clamou de novo para que Elohim se lembrasse dele "para o seu bem" (Ver Nee. 13.31). "Neemias não esperava nenhuma recompensa da parte do povo. Ele a esperava da parte do Senhor, e não por méritos próprios, mas pela graça divina e pela Sua boa vontade, apelando para que Deus não se esquecesse dele e o recompensasse pelo que estava fazendo em Seu nome (ver Heb. 6.10)" (John Gill, *in loc.*).

Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do
vosso trabalho e do amor que evidenciastes para
com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos.

(Hebreus 6.10)

Ensina-me a sentir outro ai,
A esconder a falha que vejo.
Ensina-me a ser misericordioso para com os outros,
Para que usem de misericórdia para comigo.

(Alexander Pope)

"Nada estava mais distante de seus pensamentos do que a fama de seus belos feitos" (Ellicott, *in loc.*). Ver as exposições em Nee. 13.14 e 31.

Capítulo Seis

Continuação no Trabalho das Muralhas (6.1-19)

Caracterização Geral do Capítulo 6. "Sambalá e seus aliados, ouvindo que as muralhas de Jerusalém iam de construção avançada, enviou alguém a Neemias convidando-o para ter uma reunião com ele, em certo lugar, que Neemias rejeitou: vss. 1 e 2. Então lhe enviaram uma carta aterrorizante, sugerindo que ele e os judeus com ele seriam tratados como rebeldes, visto que a intenção deles, segundo se dizia, era fazê-lo rei, carta essa que Neemias ignorou: vss. 3-9. Então empregaram os serviços dos que se diziam profetas para aconselhá-lo a fugir para o templo, para ter segurança, o que ele também se recusou a fazer: vss. 10-14. Foi assim que o trabalho nas muralhas prosseguiu e terminou, embora houvesse uma correspondência secreta levada a efeito entre seus inimigos e falsos irmãos judeus: vss. 15-19" (John Gill, *in loc.*).

O capítulo 5 é uma interpolação, colocada fora de ordem cronológica, que nos dava informações sobre as condições socioeconômicas em Judá, após o término da construção das muralhas de Jerusalém. O capítulo 6 reinicia a narrativa que tinha sido cortada no fim do capítulo 4.

6.1

Tendo ouvido Sambalá, Tobias, Gesém, o arábio, e o resto dos nossos inimigos. Os mesmos inimigos de Neemias e do projeto de construção das muralhas de Jerusalém são novamente mencionados. Ver Nee. 2.19. Eles nunca desistiram, como também Neemias nunca desistiu. Por uma boa causa, a pessoa nunca deve desistir. Sempre é cedo demais para desistir. A narrativa reinicia-se do capítulo 4, pois o capítulo 5 é uma interpolação colocada fora de ordem cronológica. Ver as notas de introdução ao presente capítulo.

O Conserto das Muralhas Estava Chegando ao Fim. Não havia mais brechas para preencher, mas algumas das portas ainda precisavam ser instaladas. O fato de que as muralhas tinham sido levantadas tão depressa e tão bem, a despeito das predições dos adversários gratuitos dos judeus, de que o projeto fracassaria (ver Nee. 4.2 ss.), deixou enraivecidos os inimigos dos judeus. Eles tinham de renovar seus esforços para pôr fim a Neemias e a todo o seu projeto de construção.

"Aqueles oponentes das muralhas novamente tentaram impedir a continuação do trabalho de construção das muralhas. Dessa vez foram mais sutis. O ataque concentrou-se no próprio Neemias. Removendo-o da cena, eles esperavam destruir a credibilidade do projeto. Cada um dos três ataques foi diferente, mas todas as tentativas tinha por desígnio tirar-lhe a vida ou lançar no descrédito sua eficácia como líder" (John A. Martin, *in loc.*).

Primeiro Teste: Um Conluio de Assassinato (6.2-4)

6.2

Sambalá e Gesém mandaram dizer-me. *O Plano de Assassinato.* Eles mandaram dizer a Neemias: "Vem falar conosco sobre tal questão", como quem procurava uma conciliação. Mas Neemias sabia (por intuição natural ou por alguma iluminação da parte de Yahweh) que eles estavam planejando matá-lo. Eles queriam encontrar-se com ele em uma aldeia no vale de *Ono* (ver a respeito no *Dicionário*, quanto a detalhes). Ono localizava-se em uma ravina conhecida como Vale dos Artífices (Nee. 11.35). Perto da aldeia havia uma planície que tinha o mesmo nome. O local moderno chama-se Keft 'Ana, 11 km a sudeste de Jope. Os registros egípcios do templo de Tutmés III (1490 A. C.) trazem o nome dessa localidade como Unu. Seu nome hebraico significa *forte*. Nos dias de Josué era uma cidade murada e fortificada, um dos muitos obstáculos que os israelitas tiveram de enfrentar ao invadir a Palestina. Cf. Esd. 2.33. Talvez Uno tenha sido selecionado como local do convidado encontro porquanto a área por muito tempo tinha sido um distrito neutro governado diretamente pela Pérsia, não fazendo parte das províncias da Filístia, da Judéia ou da Samaria. Tais "reuniões inocentes" era um ardil comum para o assassinato de um inimigo. Cf. Jer. 41.1-3; I Macabeus 12.39-53 e 16.11-24.

Aquilo que no capítulo 4 não passava de zombarias e ameaças agora se transformara em uma guerra de nervos, com perigos fatais ocultos. Neemias venceu devido à sua coragem, paciência e fé. Ele estava sob uma provação pessoal.

6.3

Enviei-lhes mensageiros a dizer. Neemias teve a cortesia de dar resposta aos seus traiçoeiros convidadores. Ele enviou mensageiros desculpando-se de que não tinha tempo para tal reunião, porquanto não podia deixar a grande obra que estava fazendo meramente para ter uma conversa com eles. Se ele atendesse ao convite, o trabalho cessaria, e isso seria intolerável para Neemias. Foi dessa forma que Neemias tratou sutilmente com seus inimigos, conforme tinha (presumivelmente) sido sutilmente tratado por eles. Ele não expressou seus temores de um conluio de assassinato. Ele simplesmente "não tinha tempo" para deixar o trabalho. A Septuaginta deixa a porta aberta para a reunião, em contraste com o original hebraico, que fecha a porta em termos nada duvidosos. A Septuaginta diz: "Assim que eu terminar o trabalho, irei até vós". Algumas vezes, a Septuaginta preserva um texto mais antigo do que o dos manuscritos hebraicos existentes, conforme fica demonstrado pelos Manuscritos (Rolos) do Mar Morto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*, e também o artigo geral chamado *Manuscritos do Antigo Testamento*. Neemias não questionou abertamente os motivos deles. Se eles quisessem provar boas intenções, ele nem quis saber.

Um Homem de Propósitos. Em primeiro lugar, a mente de Neemias voltava-se para o trabalho. Nessa disposição, ele entrou em uma causa maior do que ele mesmo, e atirou-se ao trabalho. E não deixou o trabalho por fazer enquanto este não se completou. Ele poderia ter permanecido na vida fácil da Babilônia, recebendo seu gordo salário como copeiro do rei e tendo muitos dias feriados nos quais se devotar aos prazeres. Neemias, porém, não era esse tipo de homem. Nenhum homem que faz muito com a sua vida é esse tipo de homem.

> *Todas as ambições são legítimas exceto as que sobem escudadas nas misérias ou na credulidade da humanidade.*
>
> (Joseph Conrad)

> *É a ambição de ser louvado que leva um homem a ser melhor do que seus vizinhos.*
>
> (Benjamim Franklin)

> *Satanás encontra alguma coisa má para as mãos ociosas fazerem.*
>
> (Isaque Watts)

6.4

Quatro vezes me enviaram o mesmo pedido. Persistindo em sua primeira tentativa, aqueles patifes enviaram a mesma mensagem a Neemias por quatro vezes. Mas de cada vez, Neemias lhes dava a mesma resposta do versículo anterior. O grande homem estava engajado em algum grandioso progresso. Ele não tinha tempo para reuniões tolas que apenas desperdiçam o tempo de um homem.

"Quão lentamente, e através de quantos erros... aprendemos a dizer a todos o inimigos de nossas principais responsabilidades: 'Estou fazendo uma grande obra e não posso ir'" (Charles W. Gilkey, *in loc.*).

O Segundo Teste (6.5-9)

6.5

Então Sambalá me enviou pela quinta vez o seu moço. Palavras bondosas e fingidas não surtiram efeito, pelo que os inimigos dos judeus e de seu líder, Neemias, apelaram para uma abordagem mais drástica. Sambalá enviou seu servo para entregar em mãos uma carta a Neemias, acusando-o de sedição. Para o império persa, Neemias era um "rebelde", um "traidor". Ademais, era claro que Neemias tinha intenções de tornar-se rei, uma acusação manifestamente absurda. Como poderia Neemias e seu pequeno grupo de judeus estar planejando contra o império persa? A grande obra de Neemias seria apenas a medida preliminar de uma "obra maior" de rebelião, diziam na carta os seus inimigos. Talvez tudo quanto os adversários de Neemias quisessem dizer é que ele queria ser um reizinho de Judá. Isso ainda faria dele um traidor.

"A carta aberta era um insulto a uma pessoa com as qualidades de Neemias. Os governadores dos países do Oriente sempre tinham muito cuidado ao enviar cartas, dobradas e postas em sacolas de seda de elevado preço, e cuidadosamente seladas. As circunstâncias da carta aberta mostravam o desprezo que Sambalate tinha por Neemias" (Adam Clarke, *in loc.*).

A carta "poderia ter sido uma folha de papiros sem selo; mais provavelmente ainda, era um ostracon, uma carta escrita em um fragmento de cerâmica... como aqueles conhecidos desde os tempos de Jeremias" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). As cartas de Laquis fornecem exemplos disso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Laquis*, seção IV.4.

6.6

Do teor seguinte. *Evidências Colaboradoras.* O réprobo Gesém (o arábio, Nee. 2.19; ou governador da Arábia, nomeado pela Pérsia) estava (alegadamente) espalhando o rumor de que o verdadeiro objetivo de Neemias em Jerusalém era tornar-se rei daquela cidade. Ele reavivaria o reino de Judá e tornar-se-ia uma ameaça ao império persa, caso não fosse eliminado prontamente. Os persas tratavam brutalmente com os usurpadores e, por isso, se essas fossem realmente as intenções de Neemias, ele faria bem, de fato, em salvar a própria vida, dando ouvidos aos seus adversários e saindo do negócio de sedição. Se todos esses rumores fossem verdadeiros, então o projeto da muralha era somente o primeiro passo de um plano mais ambicioso de restabelecer Judá como nação separada, livre do controle persa.

6.7

Puseste profetas para falarem a teu respeito em Jerusalém. *A Acusação Elaborada.* Neemias, diziam seus inimigos, tinha profetas em Jerusalém, cuja tarefa era glorificar o líder judeu e conseguir apoio popular. O plano crescia, e em breve Neemias estaria sujeito à ira do rei. Mas seus bondosos amigos, o abominável Sambalá e seus diabólicos aliados, esperavam salvar Neemias de uma condenação miserável tendo uma conversinha com ele, a fim de endireitar seus atos. Assim sendo, com aquela carta ridícula, eles esperavam "deslocar" Neemias de Jerusalém, a fim de matá-lo. Essa seria a solução definitiva para o problema.

Naturalmente, é possível que houvesse apoiadores entusiasmados de Neemias que, contra a sua vontade, pensavam em torná-lo rei de Judá. Mas não é provável que tão cedo assim, antes de as muralhas de Jerusalém terem sido completadas, alguém estivesse realmente ocupado nesse tipo de atividade. E Neemias, como é claro, negava que tal coisa estivesse acontecendo (vs. 8).

Profetas, que sempre acompanhavam a monarquia em Israel-Judá, com freqüência punham ou depunham os líderes. Ver os casos de Jeroboão (I Reis 11.29-31), e de Jeú (I Reis 9.1 ss.). Cf. Jer. 28.1-4,11 quanto aos supostos atos desse profeta despertando uma rebelião contra o rei de Judá no momento. E, naturalmente, os judeus tinham uma história de reconhecida violência e rebelião (Esd. 4.12,15). Ageu, notável profeta, e Zacarias favoreceram altamente a Zorobabel, e isso poderia ser interpretado como parte do plano para tornar Neemias rei de Judá (ver Ageu 2.21-23 e Zac. 3.8; 4.6-10 e 6.10-15).

6.8

Mandei dizer-lhe. Novamente, Neemias teve a cortesia de responder e, naturalmente, negou todas aquelas acusações ousadas. Tudo não passava de invenção de seus inimigos, a fim de parar os judeus em Jerusalém. A Septuaginta tem a declaração mais forte: "Estás falsificando os relatórios". Foi assim que Neemias seca e diretamente negou os rumores que seus miseráveis inimigos estavam propagando. Como é natural, Neemias não faria cessar o trabalho nas muralhas, embora a carta tenha conseguido causar nos judeus muito ansiedade e temor (vs. 9).

"Sabes muito bem que aquilo que estás dizendo é falso. Portanto, não me deixarei perturbar com falsos rumores" (Adam Clarke, *in loc.*).

6.9

Porque todos eles procuravam atemorizar-nos. Toda a comunidade judaica ficou tremendo de medo, e o efeito da campanha do terror era justamente esse, fazer os judeus abandonar o projeto de construção, temendo perder a vida. No meio desse temor todo, Neemias, uma vez mais, atirou-se à oração a Yahweh. Ele expôs diante do Senhor, que era o inspirador do projeto de construção, o que estava acontecendo, e pediu forças naquela hora crítica. Neemias precisava da intervenção divina contra aquela maré contrária.

Quando outros ajudadores falham e o consolo foge,
Ajudador dos desvalidos, oh, fica comigo!

Mantém Tua palavra perante meus olhos;
Brilha em meio às trevas melancólicas!
Mostra-me o firmamento.
A manhã do céu irrompe
E fogem as vãs sombras da terra.
Na vida, e também na morte,
Oh, Senhor, fica comigo.

(H. F. Lyth)

O Terceiro Teste: Traição nas Fileiras Internas (6.10-14)

6.10

Tendo eu ido à casa de Semaías. Os horrendos inimigos de Neemias, não tendo obtido sucesso em conseguir afastá-lo de Jerusalém, a fim de matá-lo, resolveram assassiná-lo na própria cidade, e no templo! Eles contrataram um traidor judeu, de nome *Semaías* (ver sobre ele no *Dicionário*), para atrair Neemias ao templo. Presumivelmente esse homem estava "encerrado" por causa de alguma contaminação ritualista que ele limparia no templo, mediante os rituais e sacrifícios apropriados. Neemias visitou a casa do homem (provavelmente foi chamado até ali) e recebeu o convite de conversar sobre as coisas no templo. O homem sem dúvida era da confiança de Neemias, visto que seria ilógico para ele expor-se a qualquer perigo em um lugar fechado com um "fator desconhecido". O réprobo Semaías afirmou que estava agindo no interesse de Neemias, ocultando-o no templo e salvando-o de tentativas de assassinato "durante a noite".

Que estava encerrado. Esta expressão tem deixado perplexos os intérpretes, os quais não conseguem dar uma explicação certa a respeito. Temos a considerar três possibilidades: 1. Conforme foi sugerido anteriormente, está em vista alguma imundícia cerimonial que precisava ser purificada no templo. Mas se esse fosse o caso, Neemias não teria ido à casa de Semaías, para não se contaminar também. 2. Ou então Semaías presumivelmente estava em transe extático, pois, como profeta, estaria "encerrado em Yahweh". 3. Ou então, à semelhança de Neemias, ele era um homem caçado e se fechara em casa por motivo de segurança. Seja como for, estava confinado em sua casa, embora não saibamos dizer por quais razões.

6.11

Porém eu disse: Homem, como eu fugiria? Neemias, embora assustado, não fugiria nem se esconderia. Ele era homem grande demais para isso. Além disso, era o líder do trabalho nas muralhas da cidade, e não podia ausentar-se da obra. Ele não se asilaria no templo. Ficaria em seu posto e permitiria que Yahweh tomasse conta dele ali mesmo, e não no interior do templo. Para Yahweh, isso não seria uma tarefa mais difícil. Se Neemias tentasse evadir-se, o povo, tendo de enfrentar o perigo sozinho, chamaria Neemias de covarde, e isso impediria o término do trabalho nas muralhas. Ademais, sendo um leigo, Neemias (de acordo com a legislação mosaica) não teria direito de estar homiziado no templo, e, sem dúvida, esse foi outro fator em sua decisão de repelir o convite de Semaías. Além disso, sendo eunuco (conforme os copeiros usualmente eram), ele não tinha o direito de estar ali. Os intrusos (não-sacerdotes) seriam executados (ver Núm. 18.7). Quanto à proibição da presença de eunucos no templo, ver Lev. 21.17-20,23 e Deu. 23.1.

Quem há, como eu...? 1. Um eunuco. 2. Um não-sacerdote. 3. Um líder do trabalho de construção. 4. Não um covarde. Por essas quatro razões, ele não podia esconder-se no templo.

6.12

Então percebi que não era Deus quem o enviara. Novamente (cf. o vs. 2), Neemias, mediante intuição interior, ou por alguma iluminação dada por Yahweh, compreendeu que Semaías era um mentiroso. Elohim não o tinha enviado. Ele era um profeta falso. Os profetas falsos eram com freqüência alugados com propósitos escandalosos (ver Zac. 13.2-6). Tendo recebido esse tanto de informação extra-sensorial, Neemias não se exporia a ser assassinado no templo, nem se arriscaria à má fama que a ele se apegaria: "Neemias, aquele hipócrita, embora não seja um sacerdote, escondeu-se no templo! Nós estamos enfrentando perigos, mas ele, como um covarde, foi esconder-se".

Presumimos que, em tempos posteriores, Neemias descobriu que Semaías havia sido contratado por Tobias e Sambalá para realizar esse ato de traição. Isso pode ter sido um aspecto de sua iluminação, mas provavelmente o texto fala de algum modo natural de obtenção de conhecimento.

Note-se que as palavras ditas por Semaías foram apresentadas como uma profecia; mas tudo não passava de uma invenção mentirosa e traiçoeira. Elohim não estava naquilo.

6.13

Para isto o subornaram, para me atemorizar. Semaías foi contratado para adicionar temor ao temor e derrotar Neemias. No seu temor, Neemias teria cometido um pecado: entrar no templo como uma pessoa não autorizada; abandonar seu posto; fazer papel de covarde; deixar um mau exemplo para outros que estivessem envolvidos na obra e enfrentassem perigos. Um mau relatório teria sido publicado pelos inimigos de Neemias, a fim de lançá-lo no descrédito. Ver os comentários sobre o versículo anterior, quanto a suposições sobre o que diria a mensagem. A versão Peshitta diz "para matar-me", e podemos supor com segurança que esse foi o intuito e o mau relatório era uma questão secundária, se a primeira questão falhasse. Entrar no templo como intruso constituía pecado grave (ver II Crô. 26.16,18), e Neemias poderia ser legalmente executado como conseqüência de seu ato. Esse pode ter sido o propósito de toda a sugestão de Semaías. O estado judeu o executaria, e Sambalá e Tobias não teriam sujado as mãos com o sangue dele. O vs. 14 mostra-nos que houve outros falsos profetas que de alguma maneira (não mencionada) haviam assediado Neemias. Portanto, houve forte oposição interior, e não meramente da parte dos delegados da Pérsia.

6.14

Lembra-te, meu Deus, de Tobias e de Sambalá. Da mesma forma que Yahweh-Elohim deveria "lembrar-se" de Neemias para o bem, por causa de tudo o que ele tinha feito pelo povo judeu (ver Nee. 5.19), assim também deveria "lembrar-se" dos inimigos dos judeus, os abomináveis Tobias e Sambalá, além de Noadia e daqueles outros "profetas" que foram contratados ou influenciados por homens maus para prejudicar Neemias. Pensando em inimigos de fora e de dentro, Yahweh aplicaria o castigo apropriado. Ademais, Ele levaria a absolutamente nada os seus maus pensamentos e obras, enquanto Neemias desfrutaria sucesso absoluto em meio à segurança. Quanto a *Noadia*, ver o *Dicionário* e cf. Esd. 8.33. Aqui ela aparece como uma profetisa, embora a Septuaginta apresente Noadia como profeta. Houve algumas profetisas que atuaram em Judá (ver II Reis 22.14), embora o fenômeno fosse raro. Coisa alguma é dita sobre exatamente que maldade fez aquela mulher ímpia, mas o Deus que a tudo conhece sabia e a castigaria de acordo com o pecado dela.

Término das Muralhas (6.15,16)

6.15

Acabou-se, pois o muro. *O Dado Cronológico.* As muralhas de Jerusalém foram terminadas 52 dias depois de sua construção ter sido iniciada. A data do início foi 11 de agosto de 445 A. C., e a data do término foi 2 de outubro do mesmo ano, seis meses antes de terminar o prazo de Neemias ficar ausente. Josefo (Antiq. XI.5.6) põe a obra no reinado de Xerxes (478-477 A. C.) e apresenta uma cronologia diferente. Ele afirmou que foram necessários dois anos e quatro meses para levantar as muralhas de Jerusalém, e alguns estudiosos acusam o cronista de glorificar a obra, dando-lhe tão rápida execução. Bowman (*in loc.*) inclinava-se por acreditar na cronologia do livro de Neemias, e não na de Josefo, supondo que o trabalho foi feito em prazo tão curto porque grande parte das

muralhas já estava de pé e grande parte do trabalho foi de reparos, e não de edificação. Além disso, Neemias tinha um programa para ser efetuado em pouco tempo, sem falarmos no fato de que projetos assim inspirados podem ser efetuados em um tempo surpreendentemente breve. Temos um paralelo na história, o da construção das muralhas de Atenas, sob as ordens de Temistocles (Heródoto, *Hist.* VIII.71), no qual outro "projeto breve" foi efetuado.

Elul. Este mês corresponde ao nosso setembro-outubro, pelo que o mês de agosto também esteve envolvido, e Neemias conseguiu terminar o projeto dentro de "um mesmo ano". Tinha sido apenas no novembro-dezembro (quisleu) anterior que Neemias ouvira acerca da necessidade. Portanto, Neemias deixou-nos o exemplo de ser um trabalhador prodigioso.

Labor omnia vicit,
Improbus et duris urgens in rebus egestas.

(que significa "O labor persistente venceu todas as coisas,
bem como a tensão da precisão em uma vida difícil").

(Virgílio, Georgicas)

Não temerei o que os homens disserem;
Trabalharei noite e dia
Para ser um peregrino.

(João Bunyan)

6.16

Sucedeu que, ouvindo-o todos os nossos inimigos temeram. Neemias e os judeus se regozijaram, mas os inimigos dos judeus ficaram arrasados, com a auto-estima destruída, e somente então reconheceram que "Deus estava envolvido na construção daquelas muralhas". Foi uma realização divina. Essa era a única maneira de explicar o que aconteceu em tão pouco tempo e diante de tão ferrenha oposição.

"A maravilha ocorreu, não somente devido ao esforço humano, mas por causa da ajuda de Deus. Este versículo serve de apropriada e feliz conclusão da história da edificação dos muros de Jerusalém. Comentou Josefo sobre a questão: 'Neemias era um homem de natureza bondosa e justa, e ansioso por servir a seus compatriotas, e deixou as muralhas de Jerusalém como seu monumento eterno'" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Foi o Senhor que fez isto, e é maravilhoso
aos nossos olhos.

(Salmo 118.23)

Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver sobre *Providência de Deus* no *Dicionário.*

Deus se move de forma misteriosa
Para realizar as Suas maravilhas.
Implanta Seus passos no mar,
E cavalga por cima do tufão.

No profundo, em minas insondáveis
De habilidades que nunca falham,
Ele entesoura Seus grandes desígnios,
E põe em obras Sua vontade soberana.

(William Cowper)

Correspondência Judaica com Tobias (6.17-19)

A questão da dedicação das muralhas de Jerusalém é adiada até Nee. 12.27 ss. Antes de escrever sobre outros triunfos, o cronista achou por bem contar-nos a respeito das relações de Tobias com aqueles propagandistas judeus que serviram como seus simplórios espiões. Devemos entender mais ainda quão grande triunfo foi o término do conserto das muralhas, considerando-se toda a intrincada oposição que houve contra o projeto. Portanto, este material não serve realmente de anticlímax, conforme pensam alguns estudiosos. O abominável Tobias contava com muita gente que dava apoio à sua causa nefanda e rejeitava a Neemias. Devemos lembrar a oposição que o apóstolo Paulo sofreu bem dentro das fileiras da igreja, que os livros de I e II Corintios deixam claro. Uma das pragas que atacaram o apóstolo dos gentios eram os falsos irmãos (II Cor. 11.26). Houve até falsos apóstolos que tentaram lançar o seu ofício apostólico no descrédito (II Cor. 11.13). Já vimos como Neemias teve de enfrentar falsos profetas (Nee. 6.14).

6.17

Também naqueles dias alguns nobres de Judá escreveram muitas cartas. O esforço de tentar deter Neemias e seu projeto envolveu intensa correspondência entre seus adversários. Eles estavam sempre pensando em alguma nova forma de atacar, exemplos que vimos em Nee. 6.2 ss., onde três esquemas específicos tentaram assassiná-lo, para afastá-lo definitivamente do negócio. Ele venceu somente porque foi capaz de resistir a uma severa prova e enfrentou cada novo desafio com decisão e coragem.

6.18

Pois muitos em Judá lhe eram ajuramentados. Laços de família existentes entre o horrendo Tobias e oficiais e operários em Jerusalém davam-lhe um prestígio, que, de outra sorte, ele não teria desfrutado. Tobias, entretanto, tinha-se casado com a filha de Secanias (ver Nee. 3.29), um nobre da família de Ara (cf. Esd. 2.5). Ele também conseguiu, com sucesso, fazer seu filho Joanã casar-se com a filha de Mesulão, o qual reparou duas seções das muralhas da cidade (Nee. 3.4 e 30). Por meio desses contatos, o homem foi capaz de manipular a outros em proveito próprio, e somente um homem forte como Neemias poderia ter desfeito a influência de Tobias. Este versículo demonstra que muitas pessoas em Jerusalém estavam ligadas a Tobias por juramentos de lealdade. Ele as tinha, portanto, em "sua mão", conforme diz uma moderna expressão idiomática.

6.19

Também das suas boas ações falavam na minha presença. Aqueles indivíduos leais a Tobias, mas traidores da causa de Jerusalém, tiveram a audácia de contar a Neemias coisas boas acerca de Tobias, mas por trás de tudo estava o desejo de livrar-se de Neemias e de seu projeto sobre a construção das muralhas da cidade. Eles trabalhavam nas costas de Neemias, enviando a Tobias relatórios sobre como Neemias estava agindo, para que pudessem opor-se a ele com maior eficácia. Os nobres judeus, pois, mostraram-se informantes nefandos contra o projeto de construção. Ademais, Tobias continuava enviando aquelas sórdidas cartas com vistas a atemorizar Neemias e derrubá-lo psicologicamente. Mas coisa alguma funcionou dessa maneira. As muralhas da cidade se completaram. Neemias triunfou, afinal, por que a sua causa era divina e justa.

O temor sempre se origina na ignorância.

(Ralph Waldo Emerson)

Nunca negociemos baseados no temor.
Mas nunca temamos negociar.

(John F. Kennedy)

A única coisa que temos a temer é o próprio medo.

(Franklin Delano Roosevelt)

Capítulo Sete

A Reorganização de Jerusalém. A Restauração do Povo (7.1-73)

Nomeação e instruções aos Vigias (7.1-3)

Deslocamento Cronológico. Os eventos de Nee. 7.1-3 ocorreram pouco depois de as muralhas de Jerusalém terem sido terminadas e, cronologicamente falando, ficaram mais bem colocados depois de Neemias 6.16. O cronista, por razões suas, apresentou vários blocos de materiais desconsiderando a sequência cronológica. Seja como for, depois que as muralhas estavam prontas, então portões e portas tiveram de ser completados e porteiros tiveram de ser nomeados. Neemias voltou-se para a nomeação dos turnos dos levitas para tomarem conta das coisas em Jerusalém, em suas várias categorias.

7.1

Estabelecidos os porteiros, os cantores e os levitas. Porteiros foram nomeados uma vez que as muralhas e as portas estavam absolutamente terminadas. Eles seriam os vigias tanto nas portas do templo como nos portões da cidade. Também foram mencionados cantores, porquanto eles formavam uma das ordens dos levitas que tinha deveres nos templo, no ministério da música. I Crô. 23.1-26.32 lista laboriosamente os vários turnos e deveres dos levitas. Neemias

fez o que pôde para seguir o modo de organização de Davi, mas ele não contava com grande número de sacerdotes e levitas para fazer um trabalho de boa imitação. Todavia, fez o que estava ao seu alcance para pôr em ordem a casa de Jerusalém e restaurar funções que tradicionalmente existiam.

7.2

Eu nomeei a Hanani, meu irmão, e a Hananias. Neemias nomeou a seu irmão de sangue, Hanani, e a Hananias, como seus principais deputados em Jerusalém. Os nobres, príncipes e anciãos seriam responsáveis diante deles. Fora esse irmão de Neemias quem, no começo, à Babilônia, descreveu-lhe as miseráveis condições de Jerusalém, o que serviu de inspiração para o projeto de levantamento das muralhas da cidade. Ver Nee. 1.2. O outro homem, *Hananias* (ver sobre ele no *Dicionário*), era também um homem íntegro, dotado de sabedoria e profundas convicções espirituais. Ambos eram tementes a Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor*. Note o leitor como a espiritualidade era uma das qualificações dos políticos de Neemias, algo ignorado hoje em dia em nossa política corrupta. Por conseguinte, continuam os escândalos dia após dia. Hananias havia feito um bom trabalho como mordomo do palácio do governador, pelo que foi elevado a posição de co-prefeito juntamente com Hanani, enquanto Neemias continuava a ser governador de Judá.

Alguns estudiosos pensam que Hananias está em aposição a Hanani, uma única pessoa, sendo o primeiro nome uma forma abreviada do último. Nesse caso, Hanani seria o prefeito único, e fora governador do palácio do governador. Assim Neemias, o governador, nomeou seu irmão como prefeito. É provável que Neemias em breve voltaria a ser copeiro do rei da Pérsia, reiniciando ali seus deveres, após completar a sua missão. Pesada responsabilidade cairia assim sobre Hanani.

7.3

E lhes disse: Não se abram as portas de Jerusalém até que o sol aqueça. Os inimigos continuavam à espreita. Eles não desistiriam de tentar perturbar a boa ordem, principalmente porque agora as portas estavam terminadas. Portanto, Neemias teve de limitar o acesso a Jerusalém. Os portões da cidade só deveriam ser abertos durante o dia, apenas quando o sol se aquecesse. Neemias não queria "assaltos cedo pela manhã". E então as portas seriam fechadas ao pôr-do-sol (provavelmente nenhum horário específico foi determinado). Os porteiros tinham a incumbência de cuidar dos portões, os quais provavelmente eram fechados à tranca. Portanto, nenhum descuido seria tolerado. Então vigias noturnos montariam guarda na cidade a noite inteira. Haveria vigias a intervalos, cada qual guardando a porção das muralhas que ficava defronte de sua própria casa, para efeito de maior conveniência. Cf. essa declaração com Nee. 3.10,23,28,29. A edificação das muralhas se processara sob a mesma conveniência, isto é, o operários trabalhavam cada qual diante de suas próprias residências. Foi assim que muitos reparadores das muralhas se tornaram também guardas das muralhas. No Oriente, o costume era abrir os portões de uma cidade ao nascer-do-sol e fechá-los ao pôr-do-sol. Ninguém era admitido na cidade antes ou depois dessas horas. Neemias, para efeito de maior segurança, diminuiu o tempo do dia em que os portões da cidade estariam abertos.

7.4

Este versículo mostra-nos que Jerusalém era uma cidade bastante grande quanto ao território, mas estava arruinada pelo cativeiro babilônico e por outros ataques posteriores de outros inimigos, e foi deixada relativamente desabitada. Com as suas fortificações renovadas, Neemias, à semelhança de Alexandre e seus sucessores, que estabeleceram cidades, teve o problema de repovoar o lugar. A cidade era grande (no sentido do comprimento) e espaçosa quanto à área total. O hebraico literal confunde aqui os tradutores, porquanto envolve uma expressão idiomática que não é facilmente traduzida para outros idiomas: "larga de mãos e grande". Essa expressão refere-se ao gesto de estender os braços (mãos) para transmitir a idéia de amplidão, "estender-se largamente para a direita e para a esquerda" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Havia casas ali (vs. 3), mas nenhuma nova habitação foi erguida; ou então, se alguma casa foi construída, elas não eram adequadas a uma cidade populosa. Mas casas, no sentido de unidades familiares, eram escassas. O povo tinha sido espalhado, e muitos haviam perdido suas conexões familiares. Josefo (Antiq XI.5.8) diz-nos que Neemias construiu muitas casas pagando-as do próprio bolso, tal como tinha cuidado de 150 pessoas à sua mesa, todos os dias (Nee. 5.17,18). Mas em parte alguma é dito como Neemias tinha tanto dinheiro para fazer tais coisas. Ofereço algumas sugestões em Nee. 5.7.

Registro dos Exilados que Retornaram (7.5-73)

7.5

Então o meu Deus me pôs no coração que ajuntasse os nobres. Por inspiração divina, Neemias tomou medidas para repovoar Jerusalém, e um princípio normativo foi o mesmo seguido por Esdras: judeus puros tinham de ser postos ali. Neemias não queria elementos estrangeiros para atrapalhar a restauração de Jerusalém e Judá. Cf. Nee. 11.1-24. Para registrar a população da época, ele começou a fazer o registro dos que tinham retornado em companhia de Zorobabel (vss. 5-7). A lista que se segue é paralela à de Esd. 2.2-67, e do começo ao fim temos um paralelo também em I Esdras 5.7-46. Agora, pois, adicionamos a essas duas listas uma terceira, a de Neemias, e a reconciliação entre as três listas está longe de alcançar harmonia absoluta. É evidente que foi usada pelo cronista mais de uma fonte informativa, e ele não era como os harmonistas modernos, que precisam de uma compilação livre de quaisquer discrepâncias. Existem discrepâncias, mas elas não afetam, de modo algum, a espiritualidade, nem são contraditórias a qualquer teoria da inspiração das Escrituras. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Inspiração*.

Convido o leitor a examinar a Introdução ao segundo capítulo do livro de Esdras. Dou ali a caracterização geral da lista, em seus elementos principais. Arrolo cinco classes aparentes na lista. Também dou os propósitos da lista. A autoridade política foi estabelecida na pessoa de Zorobabel, um descendente de Davi, o qual, em certo sentido, restaurou a dinastia davídica, embora fosse apenas um governador, sob o poder da Pérsia. Houve também uma autoridade espiritual personificada no retorno de um número adequado de sacerdotes e levitas. Assim aconteceu que o minúsculo remanescente de Judá podia levar avante, espiritual e legalmente, o antigo Israel e, de fato, tornar-se Israel, estando sujeito à legislação mosaica. O processo inteiro estava sendo orientado teisticamente, de acordo com a filosofia da história do cronista. Quanto a essa filosofia, ver os cinco princípios, nos parágrafos quarto a sétimo da introdução a I Crônicas.

Na exposição sobre o segundo capítulo do livro de Esdras, saliento as diferenças entre essas três listas. Ver alguns problemas explicados em Esd. 2.3. São problemas comparativos, que aparecem quando justapomos Esdras e Neemias. A lista de problemas não é, de modo algum, exaustiva, mas é suficiente para salientar os tipos de coisas que causam dores de cabeça aos harmonistas.

Os totais que aparecem nos livros de Esdras, Neemias e I Esdras não concordam uns com os outros, embora cheguem bem perto disso. O total de Esdras é 49.897 e o de Neemias é 49.942. Em meus comentários sobre Esd. 2.64-67 dou exemplos das contorções que os harmonistas fazem na tentativa de harmonizar os texto, mas tais labores, apesar de curiosos, são dificilmente necessários de um ponto de vista espiritual.

Podemos dizer, de qualquer maneira, que, apesar de haver algumas diferenças, os vss. 6-73 do sétimo capítulo do livro de Neemias são, em todos os pontos essenciais, são os mesmos que a lista de Esd. 2.1-67, e isso deveria satisfazer a nossa mente.

7.6-65

Esta seção deve ser comparada com Esd. 2.1-63, onde ofereço a exposição e saliento diferenças existentes nas listas, referindo-me também a I Esdras 5.7-46. Ver sobre os nomes próprios no *Dicionário* quanto à pouca informação disponível sobre cada uma daquelas pessoas. Há muita dificuldade quando confrontamos as três listas: Esd. 2.2-63; Nee. 7.6-69 e I Esdras 75.7-43. Nenhuma manipulação tem obtido harmonia perfeita, nem é necessário que a alcancemos. O fato é que foram usadas na compilação desses livros várias fontes informativas, e as próprias fontes informativas, sem dúvida, estampavam discrepâncias. Aqueles que as copiaram não estavam interessados em paralelismos e harmonias perfeitas, e faríamos bem em compartilhar dessa atitude. A harmonia a qualquer preço usualmente é conseguida à custa da honestidade.

Para satisfazer a curiosidade do leitor, dou, acompanhando este texto, um gráfico que compara Esdras e Neemias e salienta as diferenças nos números que figuram nas duas listas.

7.66-69

Grandes Totais. Neemias: 49.942; Esdras: 48.897 (Esd. 2.64,65). Os grupos enumerados em Nee. 7.8-62 foram 31.089, número bastante diferente do total apresentado. Os grupos enumerados em Esd. 2.3-60 somam 29.818, também bastante diferente do total apresentado. As diferenças ocorrem em dezenove dos quarenta e um itens enumerados, e quanto a esses itens Esdras e Neemias diferem em 1.281. Os eruditos ultraconservadores culpam os copistas subseqüentes pelos "erros", supondo que o cronista deveria ter uma matemática perfeita, através da inspiração divina. Mas errados estão os eruditos, em uma questão manifestamente absurda. Para explicar a vasta diferença entre as 31.089 pessoas enumeradas e o grande total, que é de 49.897, os intérpretes supõem que mulheres e crianças não foram contadas nos grupos enumerados, mas constavam do grande total. Talvez, sim; talvez, não. Os intérpretes é que dizem isso, e não o cronista. Outra conjectura é que as pessoas do norte explicam a diferença. Presume-se que elas não participaram nas enumerações específicas. Os intérpretes jogam dessa maneira quando não têm nada melhor para fazer.

Visto que o cronista estava disposto a fazer contagens, ele chegou a contar os próprios animais: cavalos, 736; mulas, 245; camelos, 435; asnos, 6.720. Gran-

de total: 8.136, onde os asnos eram os animais mais abundantes (um asno para cada sete pessoas). Pense só no trabalho que aqueles animais teriam de fazer. Ver Esd. 2.66,67, trecho diretamente paralelo que dá os mesmos números. Dou outras idéias na passagem paralela, que achei por bem não repetir aqui.

Ofertas Voluntárias para a Obra e a Ocupação da Terra (7.70-72)

7.70-72

O Paralelo. O trecho de Esd. 2.68,69 é bastante diferente e deve ter sido aproveitado de uma fonte informativa diferente. Ver as notas expositivas em Esd. 2.69. A dracma (Esdras) era uma moeda de ouro da Pérsia; a mina (Neemias) era um peso mesopotâmico para metais preciosos. Ver o trecho paralelo quanto a explicações. Os eruditos ultraconservadores continuam a falar em "erros escribais" para explicar as discrepâncias, mas isso é infantil. Não há razão para harmonizar dados relativamente triviais das contas.

7.73

Os sacerdotes. Este versículo é paralelo a Esd. 2.70, mas os críticos pensam que a declaração de Esdras está mais correta, textualmente falando. A última parte do versículo baseia-se em Esd. 3.1. Note o leitor como a narrativa de Neemias tem a declaração desajeitada de "alguns do povo" e "todo o Israel", na mesma sentença. Provavelmente o cronista estava combinando duas declarações finais levemente diferentes, reduzindo-as a uma só, o que produziu um resultado confuso. Dificuldades secundárias não nos deveriam cegar para a coisa momentosa que aconteceu. O minúsculo fragmento da tribo de Judá se tinha tornado Israel, e a história da nação, embora tão rudemente interrompida pelos babilônios, continuou.

Capítulo Oito

A Lei de Moisés é Lida Diante do Povo (8.1-18)

O cronista produziu uma obra em um único volume que veio a ser dividido em dois: Esdras e Neemias. Ele tinha empregado certo número de fontes informativas e fez o melhor que pôde para reunir todas as informações em um relato congruente. Mas aqui e acolá encontramos uma cronologia perturbada; porém, ao que tudo indica, isso para o cronista não era algo que causasse preocupação, conforme acontece aos harmonistas modernos. Nas notas de introdução a Esd. 1.1 (após a introdução geral), ofereço ao leitor uma tentativa de reconstituição de Esdras-Neemias na seqüência cronológica. Ali pus o capítulo 8 de Neemias depois dos capítulos 7-10 de Esdras. Seja como for, o capítulo 8 de Neemias definidamente pertence ao tempo de Esdras, e não ao tempo de Neemias. O cronista, aparentemente ansioso por aliviar a confusão cronológica, introduziu Esdras no livro de Neemias (tal como se dá com o capítulo que ora comentamos e também com Nee. 12.26,33,36), e os nomes de Neemias e Esdras aparecem juntos, como se eles fossem contemporâneos e tivessem trabalhado juntos (Nee. 8.9).

Considerem-se Estas Datas:

O edito de Ciro, que deu a Zorobabel permissão para retornar a Jerusalém (538 A. C.).

O segundo grupo de judeus é levado a Jerusalém por Esdras (458 A. C.).

O terceiro grupo foi com Neemias para construir as muralhas de Jerusalém (444 A. C.)

Apesar de ser perfeitamente possível que Esdras, agora um homem relativamente idoso, tenha voltado a Jerusalém para continuar seu ministério de ensino, é mais provável que o que é dito aqui se relacione ao tempo em que ele era o líder espiritual do povo, por ocasião da edificação do templo.

Alguns estudiosos questionam a historicidade da passagem à nossa frente, mas parece melhor simplesmente admitir um deslocamento cronológico. Provavelmente deveríamos vincular o capítulo 8 de Neemias com Esd. 7.10,14,25,26. Não somos informados se Esdras continuou em Jerusalém ou se voltou para a Babilônia depois de o templo haver sido levantado.

8.1

Em chegando o sétimo mês. As dificuldades cronológicas da passagem não deveriam cegar-nos para a importância espiritual do material. Esdras era um mestre poderoso. Ele não foi somente um pioneiro que ajudou a arranjar pessoas que quisessem voltar para Jerusalém. Talvez ele tivesse tido uma continuação do ministério do ensino, nos dias de Neemias, e, por algum tempo, os dois se tenham mostrados ativos em Jerusalém. Isso é o que o cronista parece indicar, mas pode ter sido apenas uma conveniência literária e idealista, que se deu por meio de deslocamento de um pouco de material que realmente (historicamente) pertencia a um tempo anterior. Ver a introdução acima a esta seção.

Todo o povo se ajuntou como um só homem, na praça. Aquela foi uma ocasião importante, e tanto homens quanto mulheres foram à grande conferência de ensino. O livro da lei de Moisés era a fonte do material que estava sendo exposto. Alguma porção não-especificada foi usada, como parte do livro de Deuteronômio, talvez, sem dúvida algo que se tornou parte do cânon das Escrituras hebréias. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Cânon do Antigo Testamento*.

Esdras queria fazer da minúscula nação do Novo Israel uma nação distintiva, digna de levar avante as antigas tradições. O poder para isso consistia em ter e obedecer à lei de Moisés. Quanto ao caráter distintivo de Israel, ver Deu. 4.4-8.

"Esdras aparece neste livro, pela primeira vez, tendo provavelmente estado na corte da Babilônia por doze anos" (Ellicott, *in loc.*).

Quanto ao "livro da lei" usado por Esdras, cf. Esd. 7.6,10,14. Esd. 7.10 dá a comum tríplice designação da lei, anotada em Deu. 6.1. Os versículos referidos dão notas expositivas sobre o ofício de Esdras e sua habilidade como mestre da lei. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ensino*.

"A ocasião foi a celebração da festa do sétimo mês (Nee. 7.73). O começo de cada mês era celebrado como uma festa sagrada, mas essa festividade, no início do sétimo mês (tisri), tinha sido anteriormente guardada com distinguidas honras como a Festa das Trombetas, que se prolongavam por dois dias" (Jamieson, *in loc.*). Ver sobre essa festa no artigo *Festa (Festividades Judaicas)*, II.4.f. O segundo versículo confirma a notícia concernente a quando esse ensino teve lugar.

Na praça, diante da Porta das Águas. Ver no *Dicionário* sobre a *Porta das Águas*, quanto ao que se sabe e se conjectura sobre essa área do complexo do templo.

8.2

Esdras, o sacerdote, trouxe a lei perante a congregação. Os que não podiam compreender foram isentados como "os infantes, os idiotas e as crianças", conforme disse, pitorescamente, Adam Clarke (*in loc.*). Parece que Esdras contava com uma "audiência cativa", obrigada a estar presente. Por outra parte, a maioria das pessoas que assim se juntou deve ter-se alegrado de participar da oportunidade.

Era o primeiro dia do sétimo mês. Em outras palavras, era a ocasião da Festa dos Tabernáculos, conforme declarado também em Nee. 7.53 e sobre o que comentei no vs. 1 deste capítulo. Era o primeiro dia do ano civil, ou seja, o Dia do Ano Novo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Calendário Judaico*. Ver Lev. 23.24. Tisri, o sétimo mês, corresponde ao nosso setembro-outubro. Foi apropriado que a festa de ensino tivesse começado no Ano Novo, em contraste com a glutonaria e a bebedeira que caracterizava a ocasião para tanta gente. Há certos dias que não devem ser profanados, e o Dia de Ano Novo é um deles. Nesse dia o altar foi primeiramente estabelecido, após o retorno do minúsculo remanescente de Judá do cativeiro babilônico. Ver Esd. 3.6.

8.3

E leu no livro, diante da praça. *Uma Longa Reunião.* Esdras continuou a ler e a comentar, durante todas as horas da manhã e até o meio-dia! É notável é que a grande multidão (de talvez 30.000 pessoas) estava inteiramente atenta. As crianças pequenas não estavam presentes, pelo que não perturbavam a reunião. Aqui temos Esdras a ler, mas no vs. 8 "eles" é que leram. Provavelmente outros sacerdotes ajudavam. Quem poderia ler de pé por tantas horas? I Esdras diz-nos que a leitura da lei começou com o nascimento do sol no horizonte, ou, então, a Septuaginta diz: "desde a hora em que o sol deu luz". É fatigante apenas ler este versículo. Somente os pentecostais podem resistir a reuniões de seis horas!

8.4

Esdras, o escriba, estava num púlpito de madeira. Esdras, ali elevado na plataforma de madeira, era a atração-professor-leitor. À sua esquerda e à sua direita havia outros, que o cronista tomou o tempo de mencionar separadamente. Talvez um ou mais deles tenha ajudado na leitura (ver o vs. 8). Quanto ao púlpito de madeira, cf. II Crô. 6.13. Não houve nenhuma tentativa, por parte do cronista, de identificar esses auxiliares como ministros de Esdras, e nem todos eles parecem ter sido sacerdotes ou levitas. Eram apenas homens importantes na comunidade, que estavam honrando a ocasião com sua presença. Há alguma confusão na lista, nas versões e em I Esdras. Sem dúvida havia o mesmo número de homens à esquerda e à direita de Esdras, mas seis ou sete aparecem nas várias fontes informativas. O número seis de cada lado seria apropriado, pois então teríamos um total que representava as doze tribos de Israel, que o Novo Israel (embora composto somente por pessoas da tribo de Judá) representava. O texto massorético fala em seis homens à direita de Esdras, mas o número à esquerda permanece confuso, devido a dificuldades, visto que Mesulão é omitido na segunda narrativa, em I Esdras 9.44. Com seu nome, o texto massorético menciona sete à esquerda, e não é provável que seis estariam à direita de Esdras, e sete à

sua esquerda. Quanto ao texto massorético, ver no *Dicionário* o verbete *Massora (Massorah): Texto Massorético.* Ou I Esdras está correto quanto a esse particular, ou o cronista não preservou uma simetria que esperaríamos que ele fizesse. Talvez houvesse treze homens na plataforma, juntamente com Esdras, e não doze, o que destruiria o simbolismo dos doze.

8.5

Esdras abriu o livro à vista de todo o povo. Lemos aqui que Esdras "abriu o livro", o que esperaríamos que tivesse sido dito no vs. 3. Parece que o povo ficou de pé pelas seis horas inteiras. Talvez assentar-se enquanto a lei estivesse sendo lida fosse considerado sacrilégio. O livro não tinha a forma de códex, mas, antes, era um rolo. O processo de "abrir", por conseguinte, na realidade significava enrolar uma das extremidades e desenrolar a outra. Ficar de pé era costumeiro na leitura das Escrituras, mas podemos esperar que, embora fosse um gesto esperado, era reverente. Cf. Jó 29.8; Eze. 2.1; Dan. 10.11; 12.13; Est. 8.4. É em imitação a esse ato que, na maioria das igrejas evangélicas de hoje em dia, o povo levanta-se para ouvir a leitura das Escrituras. O Talmude Bab. Megillah, fol. 21.1, informa que, desde os dias de Moisés até ao rabino Gamaliel, o povo não somente se levantava para ouvir a leitura da lei de Moisés, mas também para receber lições. Após a sua morte, a "doença" se abateu sobre o mundo (disse aquele homem), e assim as pessoas começaram a sentar-se durante aqueles tempos sagrados. A palavra de Schulchan Aruch diz a mesma coisa.

8.6

Esdras bendisse o Senhor, o grande Deus. A reunião transformou-se em uma reunião de bênçãos, louvor e adoração. Esdras, provavelmente em uma oração especial, bendisse a Yahweh, pronunciando louvores e ações de graças por tudo quanto tinha sido feito em Jerusalém, com respeito à sua restauração. O povo correspondia com gritos altos de "Amém", "Amém". Teria sido interessante ouvir os judeus gritando aquela palavra, tipicamente hebraica, mas que tem sido tomada por empréstimo por tantos idiomas. A palavra "amém" significa "assim seja" e era repetida para efeito de ênfase, como uma expressão de concordância e confirmação de algo que estivesse sendo dito ou lido. Quanto a detalhes, ver sobre a palavra *Amém* no *Dicionário.* "Amém" tornou-se um dos títulos de Cristo (Apo. 3.14). Comento a respeito dela na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

"A oração pública terminou com um amém no tempo do cronista (cf. I Crô. 16.36). Paulo esperava o amém na hora em que se dessem graças (I Cor. 14.16). Esse amém popular era acompanhado pelo soerguimento das mãos, conforme Esdras tinha feito durante a oração (Esd. 9.5). Então, quando Esdras se prostrou (ver Esd. 10.1), as pessoas 'inclinaram-se e adoraram ao Senhor com o rosto em terra'. Inclinar-se, que sempre precede o verbo *adorar* (I Crô. 29.20; II Crô. 29.30) significa o primeiro estágio do ato de prostração. 'Inclinar a cabeça' é menos exato do que inclinar-se. A versão Peshitta diz "eles se ajoelharam ", que sugere a postura humilde de Esdras em Esd. 9.5. O estágio final da prostração, 'com o rosto no chão' (cf. Esd. 10.1), como é óbvio, não seria gesto mantido durante a reunião inteira, a despeito de não haver menção específica de eles se terem levantado de novo" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Adam Clarke dá-nos um comentário histórico que se reveste de interesse. Quando começava uma reunião nas igrejas da Inglaterra, em seus dias, o povo exclamava: "Glórias sejam a Deus pelo evangelho!", e então um alto amém era pronunciado por todos.

8.7

E Jesua. Aos sacerdotes foi ordenado que "ensinassem a lei" (Lev. 10.11), e lemos no vs. 9 deste capítulo que os levitas "ensinavam a todo o povo". Portanto, a ocasião foi assinalada pelo ensino ministrado a outras pessoas. Foi um grande dia para os ministros que estavam ocupados em sua tarefa principal. Ao que parece, as pessoas nomeadas neste vs. 7 espalharam-se entre o povo, explicando coisas que estivessem sendo lidas. O cronista não descreve o modus operandi das funções deles. As versões não incluem no vs. 7 a idéia de ensino. A Vulgata dá aqui aos levitas a função de manter o povo quieto, enquanto a lei era lida por Esdras. Mas alguns intérpretes vêem os levitas ensinando povo em grupos, em "classes privadas", por assim dizer, e, nesse caso, isso deve ter acontecido também nas classes normais de leitura da lei. Nenhum dos treze homens nomeados neste versículo foi listado entre os leigos que ajudavam a Esdras no púlpito de madeira (vs. 4). A maioria deles já foi mencionada como levitas em outras passagens bíblicas. Ver sete deles no capítulo 10, e quatro em Nee. 9.4,5. Ver também Nee. 11.16 e Esd. 8.33 e 10.23. Visto que maioria deles pode ser identificada como levitas, sem dúvida todos eles eram levitas.

8.8

Leram no Livro, na lei de Deus. Estas palavras provavelmente indicam que alguns dos sacerdotes ajudaram Esdras na maratona de leitura. Certos estudiosos, entretanto, pensam que alguns dos leitores eram os auxiliares de Esdras mencionados no vs. 4. Talvez alguns poucos dentre eles fossem levitas ou sacerdotes, pelo que estavam apenas cumprindo essa função. O Talmude Babilônico assevera que, embora a lei tenha sido originalmente dada em hebraico, era transmitida ao povo na língua assíria, a língua franca nos dias de Esdras, no Oriente. *Assírio,* nesse caso, provavelmente significa o aramaico, a língua que se falava na Babilônia.

Os rabinos apegavam-se ao presente versículo como se aí tivéssemos o princípio dos Targuns, isto é, os comentários. Talvez eles estejam certos ao afirmar que os comentários bíblicos começaram naquela época. As Escrituras explicadas são os Targuns. Seja como for, é historicamente correto dizer que Esdras lia e os levitas iam entre o povo comentando sobre o que Esdras lia, naquele dia memorável. Naturalmente, os comentários verbais terminaram assumindo a forma escrita, pelo que formaram as sementes plantadas que desabrocharam nos comentários bíblicos. Quanto a *Comentános sobre a Bíblia,* ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Ver também ali *Dicionários* e *Enciclopédias,* um artigo separado.

Dando o sentido do que estava sendo lido, os levitas faziam o povo compreender, e esse é o propósito dos comentários bíblicos. O eunuco etíope queixou-se de que não poderia entender as Escrituras a menos que alguém as explicasse (ver Atos 8.31). Se as pessoas comuns podem ler e compreender várias coisas nas Escrituras, há muitos trechos que até pessoas eruditas precisam receber explicações por parte dos que estudaram o assunto. É um erro degradar o intelectualismo, pois o intelecto é um dom que Deus deu ao homem e faz parte integral de seu ser. O misticismo nos traz a verdade (ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo*), mas outro tanto faz o estudo de livros. As duas coisas não estão em competição. Fazem parte da mesma equipe. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Antiintelectualismo.*

Talvez as Escrituras estivessem sendo lidas em hebraico, tendo sido necessário que os levitas traduzissem o que era lido para o aramaico, de modo que o povo judeu entendesse. Eles tinham adotado a linguagem do lugar onde permaneceram cativos por tantos anos, e o hebraico falado não era mais a língua do povo judeu. Foi assim que o aramaico se tornou o idioma do Novo Israel e permaneceu sendo a língua do povo até os dias de Jesus. Jesus e Seus apóstolos (bem como o povo judaico em geral) falavam o aramaico, língua irmã do hebraico, provavelmente próxima do hebraico, mas não tão próxima como é o espanhol do português. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Aramaico,* quanto a detalhes. Certas porções do Antigo Testamento foram escritas em aramaico: Dan. 2.4-7.28; Esd. 4.8-6.18; 7.12-26 e Jer. 10.11.

8.9

Neemias, que era o governador, e Esdras, sacerdote e escriba. Este versículo une Neemias e Esdras no mesmo ministério de ensino, o que os críticos duvidam ter sido historicamente verdadeiro. Se isso não é historicamente correto, então este versículo serve como uma espécie de unificação idealista da obra de Esdras-Neemias, dois volumes que eram um único volume no hebraico original. Este oitavo capítulo de Neemias parece ajustar-se melhor, cronologicamente falando, ao capítulo 7 de Esdras. Discuto essa questão na introdução ao presente capítulo. E se este versículo não é artificial, um truque literário, mas antes reflete uma comunidade em operação, então os dois grandes líderes, Esdras e Neemias, reuniram-se com um único propósito, o de ensinar. Dessa maneira, foi ajudada a obra de soerguer novamente a Israel, após o cativeiro babilônico.

O termo hebraico *tirshatha,* que fica sem ter sido traduzido por algumas versões, significa governador, e é aplicado a Neemias. O trecho paralelo de I Esdras 9.49 deixa Neemias de fora, e isso favorece os comentários dos críticos quanto ao presente versículo. O nome pode ter sido a glosa de um escriba posterior, no texto massorético do presente versículo. Quanto a esse texto, ver o *Dicionário* no verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Seja como for, o fato é que Neemias se tornou o governador de Judá, tal como Zorobabel o tinha sido (ver Esd. 2.63).

O povo de Judá ficou emocionado com o que ouvia, e começou a chorar, gemer e lamentar-se. Isso ameaçou o espírito alegre da ocasião e quase transformou o dia em um dia de lamentação. Foi assim que os levitas tiveram de recomendar ao povo que cortasse as lágrimas e se regozijasse. O dia era santificado a Yahweh, como um feriado religioso, uma ocasião festiva, e não um dia de lamentações. As trombetas soavam de alegria. Era a festa das Trombetas. Era o dia do Ano Novo, tempo de regozijo e não de choro. O dia da expiação daria ao povo ampla oportunidade para chorar e lamentar por seus pecados. O Novo Israel estava de volta do cativeiro. A desolação tinha sido revertida. Havia muitas razões para os judeus gritarem de alegria. Ver Núm. 10.11.

8.10

Disse-lhes mais: Ide, comei carnes gordas, tomai bebidas doces. Esdras recomendou aos levitas que orientassem o povo a parar de chorar e começar a

regozijar-se. Ele disse: "Comei as gorduras e bebei as doçuras", isto é, tende um tempo de festejos em casa, comendo, bebendo e gritando de alegria (e, provavelmente, dançando, como os hebreus se inclinavam por fazer). Os povos orientais apreciavam muito as carnes gordas, isto é, alimentos ricos, em contraste com as refeições ordinárias. Vinhos doces provavelmente é o que se deve entender por "bebidas doces". É isso que Septuaginta diz para a palavra hebraica, em Amós 9.13. A Vulgata diz: "vinho doce, temperado com mel". O povo judeu também deveria mostrar-se generoso enviando presentes de alimentos finos para os que nada tivessem preparado para si mesmos (as "porções" do texto português). O dia era "consagrado a Yahweh" como um dia de festa e regozijo, pelo que, quanto mais uma pessoa comesse, bebesse e gritasse de alegria, mais estaria honrando a Yahweh.

"... não era uma refeição comum, mas um banquete, que consistia nas mais ricas provisões, o melhor de alimentos e licores" (John Gill, *in loc.*). Eles tinham recebido o melhor e supostamente deveriam dar o melhor aos outros, aos pobres, aos desabrigados, aos órfãos e às viúvas. Toda a comunidade deveria ter um suprimento abundante para regozijar-se naquele dia. Yahweh era a força deles e, pelo Seu poder, possibilitara aquela ocasião festiva. Eles tinham sido libertados da escravidão e do cativeiro. Estavam de volta a Jerusalém!

8.11

Os levitas fizeram calar a todo o povo, dizendo. Novamente, o cronista enfatizou o trabalho dos levitas, para que o choro cessasse. Que o choro fosse reservado para outro dia, não para o dia do Ano Novo. Os levitas controlavam a multidão, conservando-os em boa ordem e passando-lhe as instruções de Esdras. Parte do trabalho consistiu em fazer parar toda aquela lamentação. Havia muita emoção irresponsável que estava arruinando o espírito alegre da ocasião.

8.12

Então todo o povo se foi a comer, a beber. O povo correspondeu às instruções dadas pelos levitas e em breve estava a caminho de casa para fazer exatamente o que havia sido sugerido: eles comeram, beberam, regozijaram-se e enviaram porções a outras pessoas. O cronista repetiu aqui todos os elementos do vs. 10, assegurando que o povo "entrou no espírito da coisa". Mediante tal regozijo, Esdras fez aquele dia tornar-se um sucesso tremendo. Ele associou a leitura da Bíblia com a alegria, pois, afinal de contas, os melhores prazeres são os espirituais, e não os carnais. O êxtase é uma das experiências místicas padrões.

Espiritualizando o Texto. "Quanto maior razão há de alegria e regozijo quando o evangelho e suas doutrinas são claramente conhecidas e compreendidas? Cf. Sal. 89.15" (John Gill, *in loc.*). "Santidade e alegria andam juntas" (um pensamento de John A. Martin, *in loc.*).

> *Bem-aventurado o povo que conhece o som festivo,*
> *que anda, ó Senhor, na luz da tua face.*
>
> (Salmo 89.15)

8.13

No dia seguinte ajuntaram-se a Esdras... os cabeças das famílias de todo o povo. Uma busca espontânea de aprender mais assinalou o segundo dia da maratona de leitura das Escrituras por parte de Esdras. Isso serviu de prova do sucesso de seus esforços e do interesse que ele era capaz de gerar. Os interessados eram um grupo menor de líderes seculares e eclesiásticos que precisavam conhecer melhor a lei a fim de pô-la em vigor entre os judeus. Um judeu desconhecedor da lei?! As circunstâncias também nos mostram que eles não tinham cópias da lei e não podiam lê-la por si mesmos. Naturalmente, a grande massa do povo não podia ler, de qualquer modo. Isso pode ser confrontado com nossos dias, quando as Escrituras são abundantes por toda a parte, mas até os chamados cristãos as ignoram essencialmente.

A Festa dos Tabernáculos (8.14-18)

Examinando as Escrituras, os líderes judeus descobriram que havia uma grande festa para celebrar, à qual eles não podiam ignorar. Tradicionalmente, três festas eram obrigatórias por parte de todo indivíduo judeu do sexo masculino, e eles deveriam subir a Jerusalém a fim de celebrá-las. Essas festas eram a páscoa, o pentecostes e os tabernáculos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Festas (Festividades) Judaicas*, II.4.a.b.c., quanto a uma breve descrição dessas festas. A *festa dos tabernáculos* (ver o artigo separado sobre essa festa) era celebrada do décimo quinto ao vigésimo segundo dia do sétimo mês, poucos dias depois de haver terminado a maratona de ensino de Esdras.

8.14

Acharam escrito na lei que o Senhor ordenara. Os dois artigos acima mencionados dão detalhes abundantes sobre os tabernáculos, que não repito aqui. Ver Lev. 23.39-43 e Deu. 16.13. A festa fazia os judeus relembrar a jornada de seus pais, depois de deixarem o Egito e a natureza precária da vida de peregrinos. Da escravidão eles passaram a viver como peregrinos andantes. Descanso e estabilidade esperavam por eles na Terra Prometida. Tendo sido livrados da Babilônia, outro cativeiro e outra forma de escravidão, era apropriado que celebrassem o livramento observando a mesma festa religiosa.

8.15

Que publicassem e fizessem passar pregão. O povo publicou a festa para garantir uma boa celebração por parte de uma grande multidão. A lei não demandava que se passasse pregão, mas isso fazia parte do costume, e era especialmente necessário para os judeus, que tinham retornado da Babilônia extremamente ignorantes acerca da própria cultura e herança religiosa. Eles tinham de recolher ramos e fazer as suas tendas, onde habitariam por uma semana, "como peregrinos", sem uma casa estabelecida. Portanto, foram a alguma colina que tinha a madeira e os ramos necessários para a construção das tendas ou tabernáculos. O versículo lista os vários tipos de árvores que supririam os materiais. As tendas seriam construídas em vários lugares (uma grande multidão espalhada), conforme diz o vs. 16. Cf. Lev. 23.40. Eram usados nas tendas Vários tipos de árvores que não são especificados em Levítico, e parece não haver nenhum preceito quanto às espécies a serem usadas. Qualquer ramo serviria, contanto que tivesse muitas folhas e uma folhagem espessa de qualquer tipo.

Monte. Provavelmente está em pauta o monte das Oliveiras, mas a Revised Standard Version diz colinas (que circundavam Jerusalém). "O escritor pode ter tido em mente a área florestada a oeste de Jerusalém, nas montanhas de 'Ain Karim" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

8.16

Trouxeram os ramos e fizeram para si cabanas. As cabanas foram dispersas por toda a parte. Se 30.000 pessoas participaram da Festa dos Tabernáculos, então muito espaço estaria ocupado por todas aquelas cabanas. O povo judeu armou cabanas nos telhados planos e nos pátios das casas, nos átrios do templo, na praça que dava frente para a porta da água e para a porta de Efraim. Quanto a notas completas sobre esses lugares, ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Porta das Águas* e *Efraim, Porta de.* Foi assim que os judeus dos dias de Neemias relembraram as vagueações dos hebreus pelo deserto, depois de terem deixado o Egito (ver Lev. 23.43) e seu próprio estado de peregrinos, tendo escapado ainda tão recentemente da escravidão na Babilônia. Portanto, Yahweh continuou livrando o Seu povo! Note que nenhuma cabana foi levantada fora das muralhas de Jerusalém. Os inimigos poderiam ter prejudicado os judeus se eles tivessem levantado cabanas fora das muralhas da cidade.

8.17

Toda a congregação dos que tinham voltado do cativeiro fizeram cabanas. Foi realizada uma grande celebração, tão grande que coisa alguma parecida tinha sido vista desde os dias de Josué. O cronista não estava dizendo que a festa não havia sido celebrada desde os dias de Josué. Ver I Reis 8.2,65,66 e Esd. 3.4. O autor sagrado poderia ter querido dizer que Josué era contemporâneo com Esdras, mas, nesse caso, errou ao dar o nome de seu pai como Num. A celebração nos dias de Jesua ocorreu em 536 A. C., quando o altar estava levantado. Nesse caso, o tempo de inatividade por parte da festa dos tabernáculos era de apenas cerca de cem anos. Mas é melhor ficar com Josué, o contemporâneo de Moisés: "Nenhuma Festa dos Tabernáculos, desde os tempos de Josué, fora celebrada com tal empenho de coração e com tal piedade" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Nunca fora observada com uma ocupação tão universal de cabanas" (Ellicott, *in loc.*). "... não com tal exatidão, com tal zelo e afeto, com tal consideração pela lei de Deus" (John Gill, *in loc.*).

Grande alegria acompanhou a celebração da Festa dos Tabernáculos, porque não se tratava de uma lamentação, mas da celebração de uma vitória nacional.

8.18

Dia após dia leu Esdras no livro da lei de Deus. Durante todos os sete dias da festa, Esdras continuou lendo suas seleções da lei de Deus, prosseguiu com seu ministério de ensino, que é descrido nos vss. 2 ss. Moisés havia indicado que isso deveria ser feito a cada sete anos (ver Deu. 31.10-13). Cf. Lev. 23.36 e 39. Essa leitura foi feita por Esdras todos os dias, durante a festa, "ao passo que

somente o primeiro e o último dia eram as santas convocações durante as quais deveria ter havido leituras" (John Gill, *in loc.*).

O oitavo dia era um dia de santa convocação. Todos os judeus ajuntaram-se, como se fossem um homem só, para o final da festa. "Em tempos posteriores, outras cerimônias, que aumentavam o regozijo, foram adicionadas (ver João 7.37)" (Jamieson, *in loc.*).

"Com o término bem-sucedido de sua missão, fica concluída a história de Esdras. Josefo (*Antiq.* XI.5.5) observou: 'E foi sua sorte, depois de ter sido honrado pelo povo, morrer como homem idoso e ser sepultado com grande magnificência, em Jerusalém" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). As tradições concernentes à sua vida, no judaísmo posterior, enfatizam sua devoção à lei, o ensino da lei e o fato de ele ter fundado muitas sinagogas etc.

Ó Capitão, meu Capitão, nossa temível viagem terminou,
O navio atravessou cada escolho,
O prêmio que buscávamos foi conquistado,
O porto está próximo, já ouço os sinos,
E todo o povo exulta.

(Walt Whitman)

Capítulo Nove

Arrependimento Nacional e Estabelecimento de um Novo Pacto (9.1 – 10.39)

Reforma dos Casamentos Mistos (9.1-5)

Os judeus confessaram e abandonaram seus pecados. "A Palavra de Deus exerceu tremendo impacto sobre a comunidade restaurada. Ela destacou diante do povo os pecados deles (Nee. 8.9), levou-os à adoração (Nee. 8.12,14) e deu-lhes grande alegria (Nee. 8.17)" (J. Carl Laney, Esdras-Neemias).

Uma reforma desse tipo é descrita uma ocasião anterior, a saber, quando Esdras enfrentou certo problema e demandou divórcios em massa. Ver o capítulo 10 de Esdras. Parece que muitos judeus desconsideraram o que havia acontecido e, misturando-se por casamento com os pagãos, criaram de novo o problema. Naturalmente, os casamentos mistos provocavam problemas com a idolatria e todas as suas corrupções, pelo que a confissão de pecados foi geral, tocando em todas as áreas da atividade humana na qual os homens geralmente fracassam. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Arrependimento.*

9.1

No dia vinte e quadro deste mês se ajuntaram os filhos de Israel. "A festa dos tabernáculos terminou no vigésimo segundo dia do mês (ver Nee. 8.14). Após o intervalo de um dia, o dia vinte e três, o povo reuniu-se de novo no dia vinte e quatro. Eles separaram os estrangeiros (cf. Nee. 10.28). Então confessaram seus pecados, evidenciando isso mediante jejum (ver Nee. 1.4), vestindo-se de cilício (cf. Gên. 37.24; Est. 4.1-4; Sal. 30.11; 35.13; 69.11; Isa. 22.12; 32.11; Lam. 2.10; Dan. 9.3), o uso de roupas escuras, feitas com pêlos de cabra, e o lançar de poeira sobre a cabeça (Jó 7.6; I Sam. 4.12; II Sam. 1.2; 15.32; Jó 2.12; Lam. 2.10; Eze. 27.30). Esses foram sinais de lamentação" (John A. Martin, *in loc.*).

A leitura da lei (capítulo 8) tornara o povo sensível para com o pecado. Portanto, os judeus começaram a identificar pontos de corrupção; os casamentos mistos e a idolatria figuraram como pecados mais destacados.

Deste mês. Corria o sétimo mês, tisri (setembro), o mês da Festa dos Tabernáculos, que tinha acabado de terminar.

... se ajuntaram. A espiritualidade havia unido os judeus para formar uma comunidade forte, com alvos e sentimentos comuns. A comunidade agia como se fosse um homem que tivesse uma única atitude mental, pelo menos por algum tempo, concentrada na legislação mosaica. Portanto, por algum tempo houve um povo distintivo, conforme se esperava que eles fossem (ver Deu. 4.4-8).

9.2

Os da linhagem de Israel se apartaram de todos os estranhos. O espírito de comunidade dos filhos de Israel levou-os a ver como eles e seus pais tinham estado unidos no pecado. Por conseguinte, eles fizeram uma confissão nacional e universal no lugar da raça inteira, por assim dizer. Os casamentos mistos eram o principal erro do momento, entre os judeus. Cf. o capítulo 10 do livro de Esdras, e como Esdras enfrentou esse problema. Esse problema agora se repetia, em grau menor, sem dúvida, mas mesmo assim suficiente para contaminar a nação. Ver o capítulo 11 de I Reis, onde Salomão se casa com muitas mulheres estrangeiras. Os pais da nação tinham deixado um mau exemplo que os hebreus e os judaítas seguiram estupidamente. Erros estúpidos, e a repetição desses erros, por gerações subseqüentes, sempre trouxeram de volta a síndrome do pecado-calamidade-julgamento, que periodicamente se mostrava tão devastadora na história de Israel. Apenas recentemente, os judeus tinham passado pelo cativeiro babilônico, que quase pôs fim à nação de Judá. O remanescente que voltou do exílio babilônico renovou as coisas, o que é a mensagem de Esdras-Neemias. Portanto, era mister cuidar da questão do pecado, para manter as coisas renovadas.

9.3

Levantando-se no seu lugar, leram no livro da lei. Outra reunião de maratona de leitura da Bíblia. Cf. Nee. 8.3, onde vemos Esdras lendo as Escrituras por seis horas! A quarta parte de um dia provavelmente indica três horas. Isso posto, o cronista disse-nos que leitores não-identificados leram por três horas, e então a congregação fez suas confissões durante outras três horas. A adoração (com ações de graças, oferecimento de louvores e talvez cânticos) também fez parte daqueles momentos. O texto massorético diz "inclinaram-se", como um ato que acompanhou a confissão de pecados, enquanto a leitura das Escrituras foi feita estando todos de pé, o que era requerido por ocasião da leitura da lei, por respeito. Cf. Nee. 8.5. Ver o texto massorético no artigo do *Dicionário* chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* É provável que esse "culto de adoração" se tenha demorado das seis da manhã até o meio-dia.

9.4

Jesua, Bani, Cadmiel, Sebanias, Bunl, Serebias, Bani e Quenani. Novamente vemos os levitas dirigindo a adoração, agindo como guardas e guardiães, enquanto a adoração progredia. Cf. Nee. 8.7,11. Cada lista nos vss. 4 e 5 tem oito levitas, mas os totais diferem nas versões e o texto é marcado por dificuldades textuais no original hebraico. Talvez o número original fosse o sete divino (cf. Nee. 8.7). Ou então havia dois seis, perfazendo o doze simbólico para representar as doze tribos de Israel. Note o leitor as duplicações nas listas dos vss. 4 e 5, que deixam em dúvida o número exato dos participantes, considerando-se quão corrupto é o texto hebraico neste ponto. Alguns estudiosos pensam que o total original seja onze (seis no vs. 4 e cinco no vs. 5), os quais, somados a Esdras, totalizavam doze. Mas a história de Esdras já havia terminado no capítulo 8. Mas ver Nee. 9.6.

No estrado dos levitas. Havia uma elevada plataforma com degraus. No original hebraico temos a palavra *subida.* Essa subida levava ao estrado ou a alguma parte do complexo do templo. Ver sobre plataforma, em Nee. 8.4. Talvez a mesma estrutura esteja em vista aqui. Os homens envolvidos liam a lei e dirigiam geralmente a cerimônia religiosa.

9.5

Os levitas... disseram. Este versículo apresenta a parte do culto que consistia em adoração e louvor. Lamentações e prostração transformaram-se em ficar de pé e dar louvores em altas vozes. Os levitas dirigiam a função. Yahweh-Elohim foi abençoado e louvado, porquanto Seu nome era glorioso e Ele tinha feito coisas gloriosas em favor de Seu povo. Ele era digno de ser exaltado pelos homens e suas palavras, pelos ritos religiosos e pela vida diária. Caro leitor, se você estivesse presente ali, naquele dia, teria pensado estar no meio de um culto pentecostal! "Os levitas, responsáveis por trabalhar com grupos fora das portas, cultivavam vozes altas, fortes, que chegavam longe" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Quanto ao glorioso nome de Deus que estava sendo louvado, cf. Sal. 72.19.

9.6

Só tu és Senhor. Típico das orações e dos louvores dos hebreus é o lembrete de que Yahweh foi Quem criou os céus e a terra, e também o "céu dos céus", ou seja, os mais elevados céus, onde Ele habita. Então a terra e tudo quanto nela existe, o mar, a terra e sua vasta extensão, tudo foi obra desse Deus. Ademais, o mesmo poder de Deus preserva agora a criação inteira. Portanto, temos aí um poder criativo e preservador. As hostes do céu adoram esse poder, e assim fazem os homens. Yahweh é o criador único e o preservador. O *monoteísmo* dos hebreus (ver a respeito no *Dicionário*) não permitia que outrem compartilhasse desse programa. Quanto ao caráter ímpar de Yahweh-Elohim, ver Deu. 6.4. Cf. Deu. 10.14, que combina os céus e a terra. O céu dos céus fala de uma pluralidade dos céus, que no judaísmo posterior foi transformado em um sete conveniente. Cf. Deu. 10.14; I Reis 8.27; Sal. 68.33; II Enoque 8.1-9.1; 10.1-6. E no Novo Testamento, ver Efé. 4.10 e II Cor. 12.2-4. As hostes do céu se põem de pé e louvam. Algumas vezes, essa palavra refere-se ao sol, à luz e às estrelas, personificados (Deu. 4.19 e Isa. 40.26). Assim é que os seres angelicais e a natureza inanimada

louvam a Deus, todos de pé, em uma grande proclamação, porque quem poderia sentar-se diante da Presença de Deus? Quanto à preservação, cf. I Sam. 2.6; Deu. 32.29; Eze. 1.18,19, e, no Novo Testamento, Col. 1.17 e Heb. 1.3. Atualmente, como é claro, sabemos que a criação é um processo contínuo e, se os judeus tivessem conhecido isso, eles teriam feito de Deus o Criador contínuo.

9.7

Tu és Senhor, o Deus. Israel, como nação, começou com Abraão, o pai da raça. Foi Yahweh-Elohim, em outro aspecto de suas atividades, quem separou aquele homem da massa da humanidade, transformando-o em um indivíduo especial. Naturalmente, sua linhagem levaria a Israel, e Israel levaria ao Messias, pelo que propósitos especiais estavam envolvidos em sua escolha. Ver sobre o Pacto Abraâmico, em Gên. 15.18, onde há notas expositivas detalhadas. Assim como Deus criou os céus e a terra (ver Gên. 1.1), Ele também criou uma nação distintiva para levar adiante Sua mensagem espiritual e promover Sua causa espiritual em toda a terra.

"Com o vs. 7 começa um exame retrospectivo da história de Israel, tal como a sua característica de escritos judaicos posteriores, fortemente influenciada pela filosofia deuteronômica da história (cf. Sal. 78, 105 e 106)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Na introdução a I Crônicas, nas notas imediatamente antes da exposição a I Crô. 1.1, parágrafos quarto a sétimo, demonstro que o cronista (o autor-compilador da coletânea de I e II Crônicas, Esdras e Neemias) tinha sua filosofia especial da história. Listei cinco princípios normativos daquela filosofia. O homem tinha uma visão teísta da história da humanidade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*.

Quanto à seleção de Abraão, ver Gên. 11.28,31 e 12.1. Quanto a explicações sobre o nome *Abraão*, ver Gên. 17.5. Ver o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*. E ver também ali o verbete chamado *Ur*. Cf. Gên. 11.31.

9.8

Achaste o seu coração fiel perante ti. Yahweh descobriu em Abraão um homem de coração honesto e sincero, que correspondeu ativamente ao chamado e à vontade divina. Ele foi um homem fiel, e Deus podia confiar no cumprimento da missão que lhe fosse entregue. Foi assim que com tal homem Deus estabeleceu aliança (anotada em Gên. 15.18), que dava a terra da Palestina a Israel. As sete nações que então ocupavam a Terra Prometida teriam de ser expulsas, para que a promessa divina pudesse operar. Quanto àquelas sete nações, ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. O cálice da iniqüidade dessas sete nações finalmente ficou cheio, e assim elas foram expulsas, porque isso era o que mereciam (ver Gên. 15.16). O cronista, talvez por um deslize da pena, deixou de fora os heveus, pelo que a lista conta com somente sete pequenas nações. A lista de povos, no vs. 8, forma um acordo superficial com Gên. 15.18-21. A Septuaginta e a Peshitta adicionam os heveus, para que a lista concorde com as listas mais longas do Antigo Testamento.

9.9

Viste a aflição de nossos pais no Egito. Abraão tornou-se um andarilho na Terra Prometida. Ele tinha quartéis-generais ali e caminhava ao redor como um nômade. Então veio um tremendo surto de fome que enviou a família patriarcal (Jacó e seus filhos) ao Egito. Por algum tempo, pois, eles gozaram de favor, mas então subiu ao trono do Egito um Faraó que não conheceu a José. Como resultado, Israel foi escravizado no Egito e passou vários séculos nessa condição de aperto. Mas surgiu em cena Moisés, o qual livrou do Egito o povo de Israel, que então era composto de cerca de seis milhões de pessoas. Israel esteve sujeito à servidão e ao labor forçado, fazendo todos os trabalhos que os egípcios não queriam fazer. Yahweh viu a angústia deles e escolheu Moisés para reverter esse curso.

Este versículo é paráfrase de Êxo. 3.7, mas faz as palavras referir-se à perseguição movida pelos egípcios (ver Êxo. 1.8-16). Os israelitas clamaram (Êxo. 3.7 refere-se à reação deles diante de seus capatazes brutais). Aqui esse clamor é posto no mar Vermelho (mar de Sargaços), que corresponde a Êxo. 14.10. Portanto, podemos ver que o cronista fez uso livre das passagens de Êxodo, sem considerar exatamente como as palavras que ele usou se adaptavam à seqüência cronológica dos eventos.

9.10

Fizeste sinais e milagres contra Faraó e seus servos. O poder de Yahweh, o Criador (vs. 6), evidenciou-se na maneira como Ele criou confusão no Egito, a fim de obrigar o abominável Faraó a permitir a saída do povo de Israel. Deus realizou toda espécie de maravilhas para amolecer o Faraó. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo denominado *Pragas do Egito*, onde também ofereço um gráfico ilustrativo. Os egípcios agiram com insolência contra Israel, e isso atraiu contra eles a ira de Yahweh. Ao derrotar o Egito e seu altivo povo, incluindo o Faraó, indivíduo persistentemente maligno, Yahweh obteve um nome para Si mesmo, isto é, tornou-se conhecido em todo o Egito, em Israel e nos países circunvizinhos, que ouviram a história dos milagres e do livramento final dos filhos de Israel. E o cronista ajuntou a isso que esse Grande Nome persistia até seus próprios dias, quando outras maravilhas ilustravam o mesmo poder divino. Quanto à reputação de Deus (Seu nome exaltado), ver Êxo. 9.16 e Isa. 63.12,14. Quanto à associação do nome de Deus com sinais e maravilhas, cf. Jer. 32.20.

9.11

Dividiste o mar perante eles. O cronista fala da travessia do mar Vermelho (mar de Sargaços), conforme registrada em Êxo. 14.21,22, seguindo a história com uma paráfrase bem próxima. Ele incluiu algumas memórias do Cântico de Moisés (ver Êxo. 15.5,10). Em vez do "desceram" de Êxo. 15.5,10, o cronista diz "lançaste", influenciado por Êxo. 14.27. Quanto a "águas impetuosas", ver Êxo. 15.10, mas um adjetivo diferente foi usado, influenciado por Isa. 43.16. Algumas traduções dizem aqui "perseguidores", influenciadas pela Vulgata, mas o texto massorético diz "seguidores" (conforme a Revised Standard Version e algumas versões portuguesas). Por texto massorético, entendo o texto hebraico padronizado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora (Massorah): Texto Massorético*.

Esse relato foi dado para ilustrar o poder de Yahweh, e como esse poder foi usado em favor do povo de Deus. Portanto, o mesmo poder divino livrara Israel da Babilônia, onde Israel ultimamente estivera em servidão. Portanto, louvado seja Yahweh e que vidas santas sejam vividas em gratidão!

As Vagueações pelo Deserto (9.12-21)

9.12

Guiaste-os, de dia por uma coluna de nuvem. Em favor de Israel, depois do aberto milagre de livramento do Egito (ver "para fora do Egito", em Deu. 4.20), houve a miraculosa preservação do povo de Israel no deserto. Ver Êxo. 13.21,2. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Colunas de Fogo e de Nuvem*, quanto às mais conspícuas provisões no deserto, que só o poder divino é capaz de explicar.

9.13

Desceste sobre o monte Sinai. A presença divina manifestou-se no Sinai através de fogo e fumaça, e a lei mosaica foi dada, tornando Israel uma nação distintiva (ver as notas expositivas em Deu. 4.4-8). Ver sobre *Pacto Mosaico* nas notas expositivas introdutórias a Êxo 19. Ver Êxo. 19.18,20; 20.22; Deu. 4.36. Quanto à *tríplice designação da lei*, ver Deu. 6.1. O cronista, neste ponto, variou a fórmula usual adicionando adjetivos a cada qualidade mencionada: juízos retos, leis verdadeiras (extra, não na tríplice descrição), estatutos e mandamentos bons. Ver no *Dicionário* sobre *Dez Mandamentos*, o âmago mesmo da lei mosaica. Tanto leis judiciais quanto cerimoniais foram dadas aos filhos de Israel, as quais serviram de excelente uso para eles na prática civil e eclesiástica. Esses preceitos foram dados a Israel por Yahweh, no monte, e Moisés foi o intermediário entre Deus e os filhos de Israel. Não foram estes que inventaram essas leis. Elas lhes foram concedidas "do céu".

9.14

O teu santo sábado lhes fizeste conhecer. O sábado era o sinal do pacto mosaico, tal como a circuncisão foi o sinal do pacto abraâmico. A guarda do sábado era um dos Dez Mandamentos, um princípio central, um *sine qua non* da fé dos hebreus, mas não da fé cristã. Ver o detalhado artigo sobre o *Sábado* no *Dicionário*. Ver Êxo. 20.8. Ver também Nee. 10.31 quanto à lei sabática posta em ação. Na presente passagem, dá-se atenção especial somente à lei do sábado. Houve alguma preocupação quanto a essa questão, antes que este versículo fosse escrito (ver Amós 8.5), mas ela se tornou uma das grandes preocupações do período pós-exílico (ver Nee. 13.15-21; Jer. 17.19-27; Mar. 2.23 28 e Luc. 13.10-17).

9.15

Pão dos céus lhes deste. Três atos de Yahweh aparecem neste versículo: 1. o *maná* (ver a respeito no *Dicionário*); 2. a dádiva miraculosa de água, logo depois que saíram do Egito, como novamente, pouco antes de sua entrada na Terra Prometida (ver Êxo. 17.6; Núm. 20.8,11); 3. a promessa especial da doação de terras. O autor sagrado enfatizava que somente a provisão, a intervenção e a providência divina podiam ter conduzido Israel, com sucesso, através do deserto, fazendo-o entrar na Terra Prometida. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*. Essa mesma provisão trabalhava em favor do Novo Israel, aquele minúsculo fragmento de Judá que deu a Israel vida nova e continuação, terminado o cativeiro babilônico. Isso era causa de gratidão, a qual seria demonstrada pela observância da legislação mosaica. A providência de Deus tinha conferido a Israel toda a vida e a felicidade de que eles precisavam: pão, água e terras.

Contra grandes possibilidades, o Novo Israel veio a possuir a Terra Prometida de novo. E depois da grande dispersão romana, que começou em 132 D. C. e perdurou até nossos próprios dias (foi formado o moderno estado de Israel em 1948), a Terra Prometida foi dada novamente a Israel. Além disso, há o Pão do Céu, o Senhor Jesus Cristo (João 6), que dá vida a todos os homens, e não meramente a Israel, bem como a promessa da Terra Prometida Celestial. Ver o artigo da *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* denominado *Pão da Vida, Jesus como*.

Com mão levantada. Deus agiu assim no tocante a todas as Suas promessas, ou seja, Deus fez um juramento. Cf. Êxo. 6.8; Eze. 20.28,42; 47.14; Sal. 106.26. Deus jurou que daria a terra de Canaã a Israel (Gên. 26.3; Êxo. 33.1; Núm. 14.23). Isso fazia parte central do *Pacto Abraâmico* (ver notas expositivas a respeito em Gên. 15.18).

Apostasia e Rebelião de Israel (9.16-18)

9.16

A despeito da longa história de contínua provisão especial, intervenção e providência divina, Israel rebelou-se e caiu em apostasia. Isso, como é claro, significa que eles tinham praticado a *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*), imitando os pagãos cujas terras conquistaram. Em certo sentido, a própria história de Israel pode ser (espiritualmente) sumariada mediante estas quatro palavras: revelação; apostasia; julgamento; restauração. Essa antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento sempre esteve em operação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Esse princípio sempre precisou ser aplicado ao povo de Israel, e usualmente em sentido negativo.

Eles, nossos pais. Ou seja, os contemporâneos de Moisés, os pais remotos da nação de Israel.

Nossos pais. Ou seja, os ancestrais imediatos do remanescente que retornou do cativeiro babilônico. Portanto, quer se esteja falando da história verdadeiramente remota de Israel ou da história recente, acha-se a mesma coisa em Israel: a apostasia e a rebelião, que sempre provocavam a ira de Yahweh. A apostasia deles resultava da negligência, da desobediência propositada à legislação mosaica, o que é elaboradamente descrito no vs. 13 deste capítulo.

... **se houveram soberbamente.** Israel tratou Yahweh e Suas leis da mesma maneira que os egípcios trataram de Israel, quando estes eram seus escravos (vs. 10). A mesma palavra é usada em Êxo. 18.11 e Deu. 1.43.

Endureceram a sua cerviz. Como um touro rebelde que enrijece o pescoço, por não aceitar o jugo, mas vira a cabeça de um lado para o outro, tentando livrar-se da canga. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Dura Cerviz*, quanto a metáfora e referências.

9.17

Recusaram ouvir-te. A extensão da rebelião deles (falando sobre os contemporâneos de Moisés) ficou demonstrada por cinco fatos: 1. constante recusa de obedecer os mandamentos que lhes foram conferidos; 2. ignorância quanto às muitas maravilhas que lhe deveriam ter tornado sensíveis às operações divinas que ocorriam entre eles; 3. o endurecimento do pescoço (vs. 16), isto é, a rebelião ignorante segundo a qual agiam como se fossem animais mudos; 4. a rebelião geral deles, de toda forma imaginável; 5. seu desejo de nomear um líder (ver Núm. 14.4) que os fizesse voltar ao Egito, para ali entregarem-se novamente à servidão, como algo preferível às durezas no deserto. Apesar dessa variedade de pecados, Yahweh permaneceu paciente e misericordioso, dispensando Seu amor e Seu perdão, e jamais esquecendo Seu povo. O conceito de que Deus estava sempre disposto a perdoar acha-se por toda a parte. Ver Êxo. 34.6,7; Amós 7.2; Sal. 130.4. Ver também Dan. 9.9. Assim aprendemos a lição do amor todo-poderoso de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amar*, quanto a comentários e ilustrações.

Deus é amor.

(I João 4.8)

O amor de Deus é muito maior
Que língua ou pena poderão contar;
Sobe acima da mais alta estrela
E desce ao mais profundo inferno.

(F. M. Lehman)

Pois o amor de Deus é mais lato
Que a medida da mente humana;
E o coração do Deus eterno
É admiravelmente gentil.

(Frederick W. Faber)

9.18

Ainda mesmo quando fizeram para si um bezerro de fundição. A pior das provocações, entre as muitas excentricidades do povo, foi quando fundiram o bezerro de ouro, enquanto Moisés estava no monte Sinai, recebendo a lei. Quanto à história, ver Êxo. 32.1-8. A provocação foi tão absurda quanto ridícula. Eles fizeram uma imitação do boi *Ápis* (ver a respeito no *Dicionário*), o boi adorado pelos opressores egípcios.

9.19

Todavia, tu, pela multidão das tuas misericórdias. Uma vez mais, as multiformes misericórdias de Deus salvaram da destruição o rebelde povo de Israel. As punições foram descarregadas contra eles como uma medida remediai, e não com o propósito de aniquilar. Esse é sempre o princípio do julgamento divino. Ver I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado*. As duas colunas (vs. 12) não se afastaram deles, pois eram sinais especiais do cuidado divino, representantes da bondade divina que acompanhava os israelitas. Foi-lhes mostrado o caminho pelo amor de Deus. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Meu amor é de origem tão rara
Que contempla objetos estranhos e altos;
Foi gerado pelo desespero,
Na impossibilidade.
Só o magnânimo desespero
Pode mostrar-me tão divina coisa,
Onde a débil esperança jamais voaria,
Mas vãmente batia suas asas finas.

(Andrew Marvell)

Deus tinha um propósito a cumprir em Abraão e em Sua aliança com ele, a tal ponto que era impossível abandonar a Israel, a despeito das provocações (cf. Esd. 9.9).

9.20

E lhes concedeste o teu bom Espírito. O Espírito de Deus era o Mestre deles, embora aqueles réprobos nada merecessem. Eles tiveram satisfeitas todas as suas necessidades físicas, mediante a provisão divina, como o maná miraculoso e como as águas que manaram livremente (ver o vs. 15, que o autor sagrado repetiu indiretamente). Note o leitor o jogo de palavras, no original hebraico. O hebraico diz "não lhes negastes" (*mana'*), que está relacionado ao "maná" (vs. 15) da provisão divina. Mas nem todos os dons dados por Yahweh eram de natureza material. Também eram espirituais da mais elevada ordem. A divina Presença os ajudava e os instruía. O Antigo Testamento não discute, diretamente, o dom do Espírito Santo, mas a idéia está em harmonia com o conceito e a condição posterior. Ver Isa. 63.11 e Sal. 143.10. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Espírito Santo*. Talvez o autor se refira a Núm. 11.17,25. O Espírito Santo talvez tenha uma função de ensino que antecipa Sua plena concretização no Novo Testamento. O Espírito estava por trás da nomeação dos anciãos e trabalhava através deles, visando o bem de Israel, razão pela qual Aben Ezra falou sobre o Espírito como quem inspirou aqueles anciãos.

Quando vier o Espírito da verdade,
ele vos guiará a toda a verdade.

(João 16.13)

9.21

Desse modo os sustentaste quarenta anos no deserto. Uma longa, contínua e completa provisão foi dada a Israel durante suas perambulações pelo deserto. Se as leis naturais tivessem funcionado normalmente, eles teriam perecido ali. Eram necessárias provisão e intervenção divinas em favor daquela grande massa de gente, de mais de três milhões de pessoas, para que sobrevivessem em suas vagueações pelo deserto. Foi por isso que o cronista disse que "o divino estava em tudo aquilo". E ele já havia ilustrado isso, de diversas maneiras, nos versículos anteriores, mencionando os vários milagres que foram ocorrendo conforme eles avançavam. Este versículo é uma citação livre de Deu. 8.4,9. A Vulgata

Latina diz aqui: "Tu os alimentaste...", visto que o original hebraico significa, literalmente, "eu vos suprirei com bens" (ver Gên. 50.21). O cronista também estava preocupado com a questão das vestes e assegurou que o poder miraculoso se ampliou a esse ponto. As vestes dos israelitas não se desgastaram, a despeito do uso e abuso. Comentadores judeus posteriores, pensando sobre como as crianças crescem tão depressa, perguntaram como Yahweh proveu a preservação de vestes para elas. Por isso eles inventaram a fabulosa história de que as vestes cresceram juntamente com as crianças, "como a carapaça de um caracol" (assim disse Rashi ao comentar sobre Deu. 8.4). Justino Mártir mencionou a lenda em sua obra *Trypho* 131). Algumas vezes, a fé consiste em "crer demais". Por outro lado, sempre é melhor acreditar de mais do que acreditar de menos.

Também havia o problema dos pés machucados. A graça de Deus cuidou igualmente desse aspecto, conferindo a toda a comunidade de Israel pés bons, fortes, saudáveis e resistentes. Os pés deles não incharam, apesar das andanças naquelas terras secas e poeirentas. A Vulgata Latina, assimilando as palavras sobre a questão das vestes, disse: "Seus pés não se desgastaram", algo que nós, pessoas de mais idade, que convivemos com a artrite, muito apreciamos. A Peshitta e a Septuaginta dizem: "Seus pés não se abriram".

9.22

Também lhes deste reinos e povos. Além de suas provisões e dos confortos relativos de que gozaram no deserto, eles se tornaram militarmente poderosos, a ponto de derrotar, um por um, os habitantes da Terra Prometida que porventura resistiam à invasão deles. Os reinos de Seom e Basã foram ambos derrotados (ver Núm. 21 e sobre esses nomes no *Dicionário*). Aquelas terras ficavam na Transjordânia e foram derrotadas no começo da invasão. A derrota desses dois reinos foi a garantia de que os outros reinos cananeus também cairiam diante dos invasores israelitas.

Que lhes repartiste em porções. O original hebraico diz aqui, literalmente, "lhes dividiste em cantos", que a King James Version preserva literalmente. A Revised Standard Version melhora isso para "alocaste para eles cada canto". Essa expressão tem deixado perplexos os intérpretes, tanto os antigos quanto os modernos, e sem dúvida representa uma expressão idiomática não ensinada nos livros didáticos. Alguns dizem aqui "segundo a extensão maior (das terras)". Outros compreendem "de acordo com fronteiras designadas", visto que a palavra hebraica tem sido descoberta como uma alusão aos pontos cardeais da bússola. Seja como for, "toda a terra, em toda a sua extensão" foi entregue a Israel, o invasor. O vs. 24 deste capítulo menciona os cananeus, nome genérico das sete nações que habitavam antes a Terra Prometida.

9.23

Multiplicaste os seus filhos como as estrelas do céu. A despeito de condições adversas, da luta contra as enfermidades, dos inimigos, das guerras e dos animais selvagens que abundavam na Terra Prometida, Israel conseguiu grande reprodução, de tal modo que as crianças se tornaram numerosas como as "estrelas do céu". Isso estava em harmonia com as promessas do *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18). Ver também Gên. 15.5; 22.17; 26.4 e Deu. 1.10 quanto à promessa de extraordinária reprodução, que emprega as "estrelas" e a "areia da beira-mar" como metáforas. Foi assim que Israel parece ter entrado na Terra Prometida com cerca de seis milhões de pessoas. Talvez três milhões de israelitas tenham saído do Egito, o que julgamos pelos cálculos dados em Êxo. 12.37; Núm. 11.21 e 26.51. Somente os homens foram enumerados, e talvez essa cifra possa referir-se a homens capazes de trabalhar na terra, e não à população masculina total. Havia 600.000 homens, além de mulheres e crianças (ver Êxo. 12.38), e da população mista, isto é, outros indivíduos que seguiram os israelitas, a fim de escaparem do Egito, embora não fossem hebreus. Os recenseamentos usualmente referem-se aos "homens capazes de guerrear", e quantos havia além desses, não sabemos dizer.

De que tinhas dito a seus pais. Isto é, a Abraão, e então a outros antigos patriarcas, como Isaque, Jacó e seus filhos, que foram as origens das doze tribos. O pacto abraâmico está aqui especificamente em foco, que foi renovado para as gerações sucessivas.

9.24

Entraram os filhos, e tomaram posse da terra. A invasão só obteve sucesso devido à derrota das sete nações que ocupavam a Terra Prometida. Ver essas nações listadas e discutidas em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. Coletivamente falando, essas sete nações eram chamadas de cananeus, referindo-se ao antigo nome da Palestina, terra de Canaã. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Canaã, Cananeus*, quanto a detalhes. O cronista teve o cuidado de ajuntar que o poder para conquistar a Terra Prometida não deve ser atribuído a Israel e às suas forças naturais. Antes, o "Ser divino esteva metido na questão", pois, de outro modo, nada teria acontecido. Os cananeus foram quase inteiramente exterminados, e não meramente subjugados. Ver os capítulos 1-10 do livro de Josué. Ver em Deu. 7.1-5 e 20.10-18 a porção chamada *Guerra Santa*. Essas nações foram oferecidas como *Holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*) a Yahweh, isto é, uma oferta queimada completa, sem sobreviventes, nem mesmo mulheres e crianças, e sem nenhum saque. Até os animais dos cananeus foram mortos. Naturalmente, desobedecendo à lei da guerra santa, algumas vezes Israel caía, tomando prisioneiros e saqueando bens materiais dos cananeus, incluindo animais domesticados. Josué listou nada menos de 31 reis vassalos derrotados, os quais eram os chefes de pequenas cidades-estados. Ver Jos. 12.9-24.

9.25

Tomaram cidades fortificadas e terra fértil. Muitos dos inimigos de Israel eram fortes e habitavam cidades fortificadas, além de serem muito superiores em equipamento de guerra, incluindo carros de combate de ferro. Israel tinha tradicionalmente (até os tempos de Salomão) um exército que consistia em mera infantaria. A despeito disso, Israel sempre ganhou todas as guerras e tornou-se proprietário de todas as espécies de riquezas, casas repletas de coisas boas, vinhas, poços já escavados, olivais e pomares. Em outras palavras, a invasão deixou nas mãos deles uma "terra preparada", a qual, posteriormente, eles aprimoraram. Mas o luxo em breve levou à corrupção dos bons costumes.

"Em meio a grande abundância, os israelitas, desde há muito meio famintos, comeram e ficaram satisfeitos, e o poeta louvou a profunda bondade de Deus ao dar-lhes tal plenitude. O verbo hebraico aqui traduzido por 'viveram em delícias' figura exclusivamente neste trecho do Antigo Testamento e parece estar relacionado ao luxo (ver II Sam. 1.24; Jer. 51.34). O siríaco tem o sentido de fartar-se ou de viver licenciosamente, e isso nos leva a pensar na apostasia que veio a ser associada à prosperidade. A expressão "engordaram" tem a mesma força no siríaco, quanto ao livro de Deuteronômio, e tem um significado degenerado associado à apostasia (ver Deu. 32.15)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

"... eles deram licença de cair no luxo e na intemperança..." (John Gill, *in loc.*).

9.26

Ainda assim foram desobedientes, e se revoltaram contra ti. A completa apostasia não precisou esperar por muito tempo. Estando ricos e abastados em bens materiais, a espiritualidade deles se desvaneceu. Em seguida, voltaram-se para os deuses vãos da terra e caíram na mais franca *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*). Ato contínuo, repeliram a lei de Moisés, que os tornava uma nação distintiva (ver Deu. 4.4-8), como se não mais precisassem de Yahweh. Em sua própria estimativa, eles se tinham tornado "independentes". Não eram apenas indiferentes diante do yahwismo. Tornaram-se abertamente agressivos contra a fé dos hebreus e mataram os profetas. Cometeram igualmente grandes blasfêmias e tornaram-se culpados de crimes de sangue, tendo até sacrificado os próprios filhos diante de divindades estrangeiras. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Moleque, Moloque* quanto aos extremos da apostasia de Israel.

A morte dos profetas naturalmente refere-se ao período do reino da história de Israel. Ver histórias de assassinatos em I Reis 18.4,13; 19.10,14; Jer. 2.30,34; 26.20 ss. Esses foram crimes gravíssimos, porquanto os profetas eram canais de informações prestadas pelo Espírito de Deus (Nee. 9.30; Jer. 26.15). Os profetas testificaram contra a apostasia dos filhos de Israel e foram mortos como recompensa por sua fidelidade a Yahweh. Este versículo deve ser confrontado com Mat. 23.37 e Atos 7.52.

9.27

Pelo que os entregaste na mãos dos seus opressores. A antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento sempre esteve em operação entre os israelitas, e os períodos de apostasia estavam relacionados a desastres nacionais subseqüentes. Mas esses desastres eram instrumentos de restauração, pelo que à síndrome era sempre adicionada a renovação. Os salvadores eram os juízes. É significativo que os autores do Antigo Testamento consistentemente deixem de fora outras causas e fatores das derrotas sofridas por Israel, como as causas econômicas e militares. Toda a culpa é posta sobre um baixo nível espiritual e moral. Fica entendido que, se a espiritualidade deles continuasse em ordem, Yahweh teria tomado conta da economia da nação e de seu exército.

"Todo o livro dos Juízes é uma história das misericórdias de Deus e das rebeliões de Israel" (Adam Clarke, *in loc.*). "O livro de Juízes é cuidadosamente relembrado na oração" (Ellicott, *in loc.*).

9.28

Porém, quando se viam em descanso. O descanso (que vinha por meio da restauração) era sempre temporário. Então os atos de maldade e a síndrome do pecado-calamidade-julgamento recomeçava. Em várias oportunidades, Israel foi reduzido à servidão, em suas próprias terras. Naturalmente, precisamos relembrar

que os juízes eram chefes locais. Somente Samuel teve algo parecido com uma influência universal em Israel. Essa influência universal começou, realmente, com os reis, quando as tribos foram unidas em uma unidade federal. Assim sendo, nas situações locais, porções de Israel eram postas em escravidão por algum tempo, e então algum juiz surgia em cena para livrá-las. Ver Juí. 2.19 quanto a períodos de rebelião.

As palavras finais do versículo, "muitas vezes", falam da estonteante freqüência dos ciclos de apostasia e restauração. Em certa oportunidade, os filisteus escravizaram o povo de Israel pelo período de quarenta anos (Juí. 13.1). Tais opressões finalmente resultavam em arrependimento, e o arrependimento resultava em restauração. "Eles pecavam e caíam nas mãos de seus inimigos. Então se arrependiam e clamavam a Deus por ajuda. Ele tinha compaixão deles e os salvava" (John Gill, *in loc.*).

9.29

Testemunhaste contra eles, para que voltassem à tua lei. Os profetas mostravam-se ativos ao testificar contra os israelitas rebeldes e apostatados. Isso tinha o propósito de fazer o povo de Israel voltar à obediência à lei. Os profetas ocupavam-se em "movimentos de volta à Bíblia". Usualmente, tais movimentos eram ineficazes. Israel tratava com Yahweh de maneira altiva, desrespeitava os Seus profetas, e algumas vezes chegava a assassiná-los (vs. 26 deste capítulo). Os israelitas, porém, continuavam a pecar e tornavam-se cada vez piores. Eles esqueciam que "a vida vinha mediante a obediência à lei" (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11). A lei foi dada a Israel visando seu benefício, vida e prosperidade, mas os rebeldes israelitas corrompiam a mente e o espírito, preferindo a morte do pecado. O autor sacro parece depender aqui do trecho de Lev. 18.5. Ver também Eze. 20.11.

Israel foi comparado a um boi teimoso e estúpido (cf. o vs. 16, onde a figura é empregada). Ver Zac. 7.11 e Osé. 4.16. O boi teimoso rejeita o jugo. Rejeita a canga. Endurece o pescoço, torcendo a cabeça para um lado e para outro para evitar a madeira em seu pescoço. A exposição sobre o vs. 16 deste capítulo fornece detalhes.

"Como bois que corcoveiam e lutam, e retrocedem, e não querem admitir a canga sobre eles" (John Gill, *in loc.*).

Não deram ouvidos. Em outras palavras, Israel não escutava nem obedecia às instruções dadas pelo profeta e, assim, reduzia-se à condição de animais mudos.

9.30

No entanto os aturaste por muitos anos. Durante muitos séculos, o jogo continuou: rebelião, punição, restauração — somente para repetir-se outra vez. Yahweh continuava dando instruções por meio de Seu Espírito (cf. o vs. 20) e de Seus profetas (cf. o vs. 26). Mas os israelitas permaneciam na estupidez espiritual, recusando-se a ouvir e a obedecer (cf. o vs. 29). Então aconteceu algo verdadeiramente diferente. A punição que eles experimentaram foi gigantesca. Em 722 A. C., os assírios desceram na direção sudoeste e levaram as dez tribos do norte (Israel) para o exílio. As dez tribos nunca retornaram, embora alguns poucos hebreus tivessem partido da terra porque se casaram com outros povos, para ali transportados pelos assírios, e seus descendentes se tornaram os samaritanos (ver II Crô. 20.1; 34.9 e II Reis 17.24-41). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Cativeiro Assírio* quanto a abundantes detalhes. Em seguida foi a vez do sul, Judá (as duas tribos de Judá e Benjamim). Em 596 A. C., chegaram os babilônios, da direção nordeste, e tomaram as duas tribos para o cativeiro babilônico. Passados setenta anos (por meio da permissão do império persa), um minúsculo remanescente de Judá voltou à Terra Prometida para tornar-se o Novo Israel, a unidade da qual falam os livros de Esdras e Neemias. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro Babilônico.*

Séculos depois, já dentro da era cristã, novamente Israel rebelou-se, em 132 D. C., e houve a grande dispersão romana, tendo como resultado Israel espalhado entre as nações do império romano. Somente em nossos próprios tempos essa condição foi revertida, pelo que agora temos um Novo Israel na Palestina, em meio a conflitos e matanças com seus antigos inimigos. Quando isso parará? Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Diáspora (Dispersão de Israel).*

9.31

Mas pela tua grande misericórdia não acabaste com eles. Israel continuou a existir por meio do Novo Israel, o minúsculo remanescente de Judá, que recomeçou a história da nação. Esse fato, entretanto, foi atribuído pelo cronista à graça, à misericórdia e ao amor de Yahweh. Deus "não os condenou ao fim". Israel continuou a existir, embora sob uma forma tremenda reduzida. Embora Josué tenha feito entrar seis milhões de judeus na Terra Prometida, Zorobabel trouxe consigo apenas cerca de 55.000 ao todo. Cf. este versículo com Jer. 5.18 e 30.11.

9.32

Agora, pois, ó Deus nosso. Aflito, o povo de Israel estabeleceria uma nova aliança (vs. 38), que seria, de fato, uma renovação do pacto mosaico. O Grande e Terrível Deus, que poderia fazer Israel desaparecer em um instante, e que trouxera a calamidade dos dois cativeiros (ver o vs. 30), poderia ferir novamente, a qualquer tempo em que não gostasse do que visse acontecendo em Israel. E Ele mostraria novamente quão terrível Ele era. Portanto, a oração que estava sendo oferecida apelava para o Deus que é o estabelecedor do pacto, para que Ele tivesse misericórdia dos participantes de Sua aliança, e também para que não pensasse que toda a tribulação pela qual Israel tinha passado seria algo pequeno. Pelo contrário, a tribulação tinha sido devastadora e esmagadora. Portanto, o sacerdote solicitou que houvesse paz e liberdade de punição, o que poderia ser prolongado devido à aliança que estava prestes a ser firmada.

Note o leitor o *Antropomorfismo* e o *Antropopatismo.* Ver sobre esses vocábulos no *Dicionário.* Cf. Nee. 1.5, que usa os mesmos termos que descrevem Deus no presente versículo.

9.33

Porque tu és justo em tudo quanto tem vindo sobre nós. Os julgamentos divinos que censuravam a apostasia eram bem merecidos. Yahweh se mostrara justo, embora severo. A severidade foi bem medida para adaptar-se à seriedade de cada caso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Justiça.* Ver também ali sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*, que este versículo ilustra.

> *Não vos enganeis: de Deus não se zomba;*
> *pois aquilo que o homem semear isso também ceifará.*
>
> (Gálatas 6.7)

> *Semeai um hábito, e colhereis um caráter.*
> *Semeai um caráter, e colhereis um destino.*
> *Semeai um destino, e colhereis... Deus.*
>
> (Professor Huston Smith)

"Estes versículos (33-35) têm sido considerados a 'contrapartida expandida' de Esd. 9.9,13,15, porquanto as duas passagens se preocupam com uma situação similar e ambas são influenciadas por raciocínios deuteronómicos... Quanto à justiça de Deus, cf. o vs. 8; Esd. 9.15 e Deu. 32.4" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

9.34

Os nossos reis... não guardaram a tua lei. A lei foi miseravelmente abusada, negligenciada e desobedecida continuamente pelos líderes da nação: reis, príncipes (governantes civis), sacerdotes (líderes religiosos) e pais (antepassados) em geral. Naturalmente, com tantos maus exemplos, o povo comum de Israel não andou melhor. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o detalhado artigo chamado *Exemplo.*

> *Os homens lêem o evangelho de Cristo*
> *E o admiram,*
> *Com seu amor tão infalível e autêntico.*
> *Mas o que dizem e o que pensam eles*
> *Do 'evangelho' segundo nós?*
>
> (Anônimo)

O autor sagrado falou sobre "anteriores gerações ímpias", mas não teve nada melhor para falar sobre seus contemporâneos. O testemunho de Deus era contra todos os que abusavam da lei. Ver o vs. 30 quanto a essa expressão. Esse testemunho foi dado através das mensagens dos profetas, os quais foram perseguidos e mortos porquanto diziam a verdade e faziam reverter grande corrupção (vs. 26).

Quanto à natureza tríplice da lei mosaica e os termos usados para expressar isso, ver Deu. 6.1. Mandamentos e testemunhos são, com freqüência, apresentados formando um par. Ver Deu. 6.17 e II Reis 23.3. Mas testemunhos ou avisos são termos favorecido em vários lugares do livro de Deuteronômio (ver 4.45 e 6.17,20).

Na enumeração líderes de Israel, os profetas são omitidos porque, em sua maior parte, eram fiéis à lei de Moisés, e não mereciam censura, como os outros líderes mereciam.

9.35,36

Pois eles no seu reino, na muita abundância de bens que lhes deste. Graciosamente, Deus lhes deu a Terra Prometida e juntamente muitas coisas

boas. Isso estava em consonância com as promessas do *pacto abraâmico* (ver a notas expositivas a respeito, em Gên. 15.18). A generosidade divina, entretanto, não suavizou seus corações duros e insensíveis. Em meio à abundância e à vitória sobre os inimigos, eles continuavam imaginando e pondo em efeito toda espécie de corrupção. Note o leitor o contraste entre o "eles" do vs. 35 e o "nós" (oculto) do vs. 36. O "eles" refere-se aos antepassados dos hebreus, que se inclinavam tanto por cair. Em contraste, "nós" são os servos de Yahweh, os quais, pelo menos no momento, estão agindo melhor do que aqueles, depois de terem recebido de volta a Terra Prometida. Neemias e seus contemporâneos estavam em correta posição diante de Yahweh, em contraste com os ancestrais, mas isso naturalmente não haveria de durar por muito tempo.

Os antepassados tinham o seu reino, ou seja, a Terra Prometida, sob o domínio das sete nações cananéias. Está aqui em vista a monarquia de Israel, independente e pré-exílica. Ter conseguido isso não foi um feito pequeno: de fato, foi obra de Deus. Não obstante, os israelitas não se mostravam gratos, nem manteriam esse caráter distintivo como nação por longo tempo. Os cativeiros arrebataram deles a sua nação, porquanto tinham poluído a Terra Prometida e a si mesmos. Mas o retorno sob a liderança de Zorobabel, Esdras e Neemias lhes tinha dado de volta a Terra Prometida. Grande bondade divina (vs. 35) estivera em operação antes e depois dos cativeiros. Isso importa em grandes bênçãos materiais (ver Jer. 31.12,14), mas não meramente nisso. O sacerdote que estava fazendo a oração também reconhecia as riquezas do espírito que os pecadores perderam.

Hoje somos servos. Sem dúvida estas palavras significam que os judeus eram servos dos persas. Embora estivessem de volta à Terra Prometida, servindo a Yahweh, continuavam sob o poder de estrangeiros, o que também era resultado do pecado. O versículo seguinte define como essa servidão operava. Taxas e tributos dilapidavam seus bens materiais. Assim sendo, apesar de terem liberdade e poder limitado, e também um "governador" que os governava, o verdadeiro rei estava na Babilônia, dando-lhes ordens e tirando-lhes dinheiro.

9.37

Seus abundantes produtos são para os reis. A condição do Novo Israel era a de escravidão absoluta. Pois, apesar de estarem de volta a seu país, esse país, de fato, pertencia à Pérsia, pelo que nem ao menos seu corpo pertencia a eles mesmos. Eles tinham um governador, mas este era um títere do rei que estava na Babilônia. Seu gado, suas possessões e tudo quanto produziam estavam sujeitos a pesados impostos e tributos. O resultado é que eles sofriam profunda aflição.

Dominam sobre os nossos corpos. Estas palavras apontam para o labor forçado ou então para o serviço militar obrigatório a um poder estrangeiro. Seu gado era abatido para servir de alimento, e seus animais de carga eram levados para trabalhar em favor do rei da Pérsia. Portanto, eles apelavam para a misericórdia de Yahweh para ajudá-los em sua aflição. Parte dessa aflição resultava da percepção de que suas condições adversas proviam de suas apostasias, pelo que, apesar de terem voltado da Babilônia, essa era apenas uma cura parcial para a calamidade nacional.

9.38

Por causa de tudo isso estabelecemos aliança fiel. *O Novo e Firme Pacto.* Para reverter as aflições e impedir mais algum julgamento divino, era chegada a hora de eles renovarem seu comprometimento e lealdade ao yahwismo. Isso importava em uma renovação do *Pacto Mosaico*, anotado na introdução a Êxo. 19. O capítulo 10 registra os nomes dos que, em Jerusalém e em Judá, assinaram a aliança, cujas condições se comprometeram a observar.

Nas versões da Septuaginta, Peshitta e Vulgata Latina, o vs. 38 é a conclusão do material antes apresentado. No texto massorético (o texto hebraico padronizado), porém, esse versículo dá início à nova seção, que começa no capítulo 10 do livro de Neemias. De fato, esse versículo serve bem a ambos os propósitos, e é possível que, originalmente, tenha sido uma inserção editorial para servir como elo de conexão entre os dois blocos de materiais.

Os pactos eram chamados de "cortar um acordo", porquanto os participantes sacrificavam um animal, cortavam-no em duas bandas, e andavam entre elas como sinal de seu acordo com as condições estabelecidas. Mas temos aqui uma palavra hebraica diferente. A palavra aqui usada é relacionada à idéia de firmar, de estabelecer um acordo digno de confiança. Não nos são fornecidas as palavras mesmas do pacto, mas versículos como Nee. 10.29 dão a sua essência: "... seus nobres convieram numa imprecação e num juramento, de que andariam na lei de Deus, que foi dada por intermédio de Moisés, servo de Deus; de que guardariam e cumpririam todos os mandamentos do Senhor, nosso Deus, e os seus juízos e os seus estatutos". Assim a tríplice descrição da lei é dada (ver as notas expositivas em Deu. 6.1), e é óbvio que o pacto era apenas uma repetição do pacto mosaico.

Ao longo do caminho apanhamos outros elementos, como a observância do sábado (ver Nee. 10.31), que era o sinal do pacto mosaico. Então havia as oferendas, os impostos, as cerimônias e os particulares do yahwismo, que o pacto mosaico naturalmente trouxera. Em outras palavras, eles se puseram sob a legislação mosaica, esperando que isso agradaria a Yahweh e que Ele lhes daria paz, prosperidade e vida longa (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11). Além disso, como é natural, eles prometeram não corromper o puro sangue judeu com casamentos mistos com pagãos, o que traria a idolatria e todos os tipos de práticas esquisitas para a comunidade do Novo Israel. Pelo contrário, eles se manteriam um povo separado e distinto (anotado em Deu. 4.4-8). Ver os vss. 28 e 30 do décimo capítulo.

Capítulo Dez

A passagem de Nee. 9.38, no texto hebraico padronizado (o texto massorético; ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora (Massorah): Texto Massorético*), liga os capítulos 9 e 10 de Neemias. Ali temos o pacto que foi feito, uma renovação do *pacto mosaico* (anotado na introdução a Êxo. 19). Ver a exposição sobre esse versículo quanto a maiores informações. O capítulo 10 segue-se, com uma lista dos assinantes do acordo e também dá, ao longo do caminho, elementos do pacto que não foram listados no fim do capítulo 9. Os que assinaram o pacto, como é óbvio, representavam todas as classes e todas as profissões da vida: os líderes, religiosos e civis; começando por Neemias, o governador; as classes e os clãs dos levitas; e os leigos. A ordem de apresentação é como segue:

1. As autoridades civis (Nee. 10.1)
2. Os sacerdotes (10.2-8)
3. Os levitas (10.9-13)
4. Os leigos (10.14-27)

Talvez os vss. 1-27 sejam uma interpolação, conforme pensam alguns eruditos. Seja como for, nos vss. 28-30 temos elementos do pacto, a sua essência. O vs. 31 fornece o seu sinal, a observância da lei do sábado, que era, obviamente, o sinal do pacto mosaico. Em seguida, temos questões secundárias que compunham a legislação mosaica, o imposto do templo (vss. 32 e 33); as oferendas (vs. 34); as leis concernentes às primícias (vss. 35 e 36); as contribuições voluntárias e os dízimos (vss. 37-39). Assim, os vss. 28-39 fornecem as estipulações da lei que governavam o pacto mosaico.

10.1

Os que selaram foram. A maioria dos nomes próprios arrolados nos vss. 1-27 recebe artigos separados no *Dicionário*, mas conhecemos muito pouco ou mesmo nada sobre a maioria das pessoas envolvidas. Por conseguinte, limito os comentários a observações gerais a respeito de cada grupo representado. Ver as quatro classes de assinantes do pacto, dadas na introdução ao presente capítulo.

1. *As Autoridades Civis.* Esta lista é encabeçada com o nome do governador, Neemias, vs. 1. Quanto ao que se sabe sobre esse homem, ver a introdução ao livro, primeira seção.

O grande total de pessoas nomeadas, de todas as classes, é de 84. A maioria dos nomes tivemos oportunidade de ver antes, em outras listas dos que retornaram da Babilônia. Cf. Nee. 7.8-25. Além disso, muitos dos 24 nomes que figuram em Nee. 10.1-8 também se acham em Nee. 12.12-21.

O primeiro versículo lista duas outras autoridades civis: Hacalias e Zedequias. Cf. Nee. 7.7 e Esd. 2.2. Conjectura-se que Zedequias talvez fosse um secretário oficial e talvez possa ser identificado com o Zadoque de Nee. 13.13, sendo essa a forma abreviada do nome mencionado no presente versículo. Alguns eruditos supõem que foi ele quem compilou o documento assinado e as condições do pacto. Ou então, ele poderia ser um chefe ancião, talvez chefe de um concílio de anciãos, em contraste com Neemias, que era o vice-rei, o primeiro no comando da cidade.

10.2-8

2. *Os Sacerdotes.* Curiosamente, nada é dito a respeito de Esdras, o qual pode ter retornado à Babilônia, ou pode ter morrido antes da assinatura do pacto. Ele era descendente de Seraías (mencionado no vs. 2).

A lista de sacerdotes está intimamente vinculada à lista dada em Nee. 12.1-6, que vem dos tempos de Zorobabel. E também há elementos comuns com a lista citada em Nee. 12.10-21, do tempo do sumo sacerdote Eliasibe. A comparação entre as listas mostra que virtualmente todas as mesmas pessoas foram mencionadas, se alguém observar que nomes similares indicam as mesmas pessoas. Supostos nomes ímpares usualmente são apenas abreviações ou erros escribais.

"Os nomes não são de indivíduos contemporâneos de Neemias, mas de ancestrais epônimos (cf. Nee. 12.12-18), e, aparentemente, devem ser entendidos

como indicativos de indivíduos de uma época posterior, os assinantes reais, que estavam representados pelas famílias mais antigas. Com base nessa lista, tem sido concluído que 'as famílias sacerdotais na Palestina tinham sido novamente arranjadas e agora estava havendo um esforço real para atingir a ordem do capítulo 24 de I Crônicas, ao passo que todos são ligados a Arão e seus filhos'" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Vinte e um sacerdotes são nomeados (vss. 2-8).

10.9-13

3. *Os Levitas.* Em primeiro lugar, temos os nomes de três levitas proeminentes, seguidos por um grupo maior de seus irmãos, que são para nós indivíduos desconhecidos, exceto pelos seus nomes. A maioria dos nomes aparece em outros lugares. Ver Nee. 8.7; 9.4,5 e Esd. 8.18,19,33. Há algumas duplicações de nomes que lançam a confusão na lista. Sebanias e Hodias (vs. 10) são repetidos nos vss. 12 e 13. Talvez tenhamos uma lista dupla, combinada a partir de outras duas, sem o cuidado absoluto de evitar repetições. Ou talvez houvesse envolvidas pessoas com os mesmos nomes. Talvez Binui (nome esse que não aparece em nenhum outro lugar) seja o mesmo de Nee. 12.8 e Esd. 8.33. Mica (uma abreviação de Miguel, "quem é como Deus?") talvez seja o nome de um levita, citado em Nee. 11.17. Reobe (vs. 11) não se acha em nenhuma das listas paralelas.

Dezessete levitas são enumerados nos vss. 9-13.

10.14-27

4. *Os Leigos, Chefes do Povo.* A expressão que se encontra aqui, "chefes do povo", substitui a expressão mais familiar "chefes dos pais", que encontramos na obra de Esdras-Neemias (Esd. 1.5; 4.2,3; 8.1; 10.16; Nee. 7.70; 8.13; 12.12,22,23. Parte da lista (vs. 14-19) tem relação com as grandes listas do segundo capítulo de Esdras e com o sétimo capítulo de Neemias, embora não haja dependência direta. Alguns eruditos sugerem que os nomes que se seguem derivam-se de algum protótipo das grandes listas. Há algumas grandes omissões de nomes dados em outros lugares. O capítulo 10 não menciona as famílias de Sefatias, de Ara ou de Zacai (Esd. 2.4,5,9, respectivamente). É altamente improvável que representantes dessas famílias se tenham recusado a assinar o pacto, pelo que não sabemos dizer por que esses nomes foram omitidos. Podemos supor tão-somente que todas as listas dadas em Esdras-Neemias fossem listas parciais e representativas, e que nunca foi feito um esforço concentrado para compilar listas definitivas. Seja como for, o número total dos assinantes sem dúvida foi maior que os 84 nomes listados no presente capítulo.

A maioria dos nomes locativos de Nee. 7.25 ss. e Esd. 2.20 ss. foi omitida. Começando com Mesulão (vs. 20), a grande lista padronizada é suplementada por uma série de nomes próprios (vss. 20-27), que provavelmente eram de líderes políticos dos lugares mencionados na grande lista (Esd. 2.20 ss.). Não obstante, esses nomes podem estar relacionados aos construtores das muralhas de Jerusalém, no terceiro capítulo do livro de Neemias. Algumas poucas famílias aumentaram as grandes listas padronizadas. Alguns podem ter sido nomes derivados de nomes de famílias.

Foram enumerados 44 nomes de leigos (líderes do povo). Eram cabeças de famílias ou clãs e tinham alguma autoridade em Israel sob o poder de Neemias, o governador.

Grandes Totais:		
1.	Autoridades civis:	2
2.	Sacerdotes	21
3.	Levitas	17
4.	Leigos	44
		84

Conforme já explicamos, essas listas são representativas, e não definitivas, e também não incluo Hacalias (o pai de Neemias; vs. 1), entre os que assinaram o pacto.

Elementos e Condições do Pacto (10.28-39)

Ao ser mencionado o pacto (ver Nee. 9.38), nenhuma informação foi dada quanto ao conteúdo. Mas agora o autor sacro fornece alguns detalhes. Os críticos supõem que a lista dos vss. 1-27 (84 pessoas são mencionadas) consista em uma interpolação, e que o vs. 28 dê prosseguimento à narrativa abandonada em Nee. 9.38. Talvez essa seqüência representasse o documento original, e algum editor posterior adicionou a lista de nomes. Seja como for, as palavras "o resto do povo" (vs. 28) referem-se aos que não assinaram o pacto. Contudo, embora suas assinaturas não apareçam entre os 84 nomes, eles concordaram verbalmente, com um juramento, de que guardariam as condições da aliança. Isso posto, foram participantes reais do pacto, embora não tivessem assinado formalmente o documento escrito. É provável que a maioria deles não soubesse ler nem escrever, e essa pode ter sido uma das razões pelas quais o número de assinaturas foi limitado. "Tal como em Nee. 8.2,3, mulheres e crianças não estiveram envolvidas no compromisso. Crianças menores estão excluídas pela frase "os que eram capazes de entender o que ouviam" (cf. Nee. 8.2)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Em Esd. 2.41 ss. (parte da grande lista), temos os levitas e suas classes, porteiros, cantores e então os servos do templo (os *netinim*), todos listados separadamente. Mas aqui o cronista inclui todos eles como se formassem uma única classe, "o resto", que não assinou o pacto. Cf. I Crô. 15.22,23; 23.3 ss. Mediante um pouco de expressão descuidada, poderíamos concluir que todo o conjunto mencionado como "o resto" fosse constituído de levitas, mas os servos do templo por certo não eram levitas. Cf. também Nee. 7.44-60.

Seja como for, "o resto do povo não apôs seus selos ao documento escrito, mas comprometeu-se a seguir a lei de Deus... O compromisso deles, embora não indicado por selos, foi evidenciado por uma maldição que atraía calamidade caso deixassem de cumprir seu acordo, e também um juramento. A maldição pode referir-se às maldições que Deus ligou ao pacto deuteronômico (Deu. 28.15-68)" (John A. Martin, *in loc.*).

Os representantes daqueles que não assinaram o pacto, mas que haviam assinado o acordo, autenticaram sua participação.

10.28

Todos os que se tinham separado dos povos de outras terras. Todos os participantes se haviam separado dos pagãos e suas idolatrias, mas estão particularmente em vista os servos do templo (ou *netinim*), que se tinham tornado prosélitos da fé dos hebreus (o yahwismo); eles eram racialmente estrangeiros, mas se tinham tornado judeus espirituais. Também estão em vista aqueles que tinham despedido suas esposas estrangeiras, que o cronista está prestes a mencionar (vs. 30). Esse novo começo foi tomado quando os judeus se separaram dos pagãos e de sua má influência. Cf. Nee. 9.2, onde o mesmo assunto está em pauta.

10.29

Firmemente aderiram a seus irmãos. Toda a comunidade de Israel uniu-se em torno do juramento e da maldição. Houve um propósito nacional em toda a questão. Competia-lhes caminhar unidos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar, Metáfora do*, quanto a detalhes e ilustrações. A vida seria caracterizada pela obediência à lei de Moisés, o livro de texto da vida, da moral e das idéias. Então temos a tríplice designação da lei, comentada em Deu. 6.1. Isso significa que a legislação mosaica como um todo seria observada, incluindo todos os seus conceitos morais e cerimoniais, em todas as suas crenças fundamentais. Cf. Deu. 28.15 e Nee. 8.14. Moisés, o servo de Yahweh, foi o veículo dessa legislação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sinai, Monte*.

Sobre antes da maldição, cf. Eze. 17.13; sobre o *juramento*, ver Lev. 5.4 e esse vocábulo no *Dicionário*. Ver também Deu. 29.12.

Este versículo prova que o Novo Pacto foi realmente a renovação do pacto mosaico, anotado na introdução a Êxo. 19. Cf. Nee. 9.38.

Andai na luz!
Assim conhecereis aquela comunhão de amor,
Que somente Seu Espírito pode dar,
E que reina na luz superior.

Andai na luz!
E nem mesmo o sepulcro terá sombra temível;
A glória espantará a sua tristeza,
Pois Cristo conquistou também ali.

(Bernard Barton)

10.30

De que não daríamos as nossas filhas aos povos da terra. Casamentos entre judeus e estrangeiros estavam proibidos no novo pacto. Cf. Nee. 13.23-27, e essa condição do pacto confirmou a decisão tomada por Esdras em um tempo anterior. Ver Esd. 9.1-10.44. Os casamentos mistos violavam a legislação hebréia anterior (ver Êxo. 34.16; Deu. 7.3). Os povos da terra não deveriam ser procurados (nem aceitos) em tipo algum de contrato de casamento, que usualmente era trabalho de pais que concordavam com pais. Ver Esd. 9.2,11. Podemos estar certos de que nisso havia preconceito racial, e não meramente o temor que a idolatria se instalaria como resultado de tais uniões. Seria impensável que a linhagem de Abraão-Isaque-Jacó viesse a perder seu prestígio e fosse iludida em

Israel. Naturalmente, na prática, tudo Isso foi ignorado, e até hoje aqueles que descendem dos judeus (da tribo de Judá) são mais europeus quanto à aparência física do semitas, por causa da longa peregrinação dos judeus na Europa, decorrente da prolongada diáspora romana. As referências do Antigo Testamento aos cabelos quase sempre usam os adjetivo negros (típico dos semitas), mas poucos judeus hoje em dia têm cabelos negros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Casamento Misto*.

O Sinal do Pacto (10.31)

10.31

O sinal do Pacto Mosaico era a guarda do sábado como dia especial de adoração e descanso. A questão também entrou nos *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*); ver notas sobre Êxo. 20.10. Há notas expositivas detalhadas sobre o Pacto Mosaico nas notas de introdução a Êxo. 19. Comento sobre os quatro elementos principais e faço seis observações sobre o Pacto Mosaico, e o de número sexto versa sobre a guarda do sábado. Ver Êxo. 31.13 ss. Em seguida, forneço um artigo detalhado no *Dicionário* chamado *Sábado*. O sinal do Pacto Abraâmico era a circuncisão (Gên. 17.9 ss.).

Meus amigos, a guarda do sábado era um sinal do Pacto Mosaico. Não é o sinal do Novo Pacto, nem isso é subentendido nas páginas do Novo Testamento.

O sábado semanal era a legislação principal, mas havia outros sábados que tinham seu lugar dentro da legislação. Algumas vezes dias de jejum são chamados de sábado, no Antigo Testamento. Ver Êxo. 12.16; Núm. 28.18; 29.1,7,12,35), tal como o eram as festas de lua nova. Essas festas de lua nova eram usualmente vinculadas aos sábados (ver Amós 8.5; II Reis 4.23). Ademais, o terreno supostamente deveria ficar sem cultivo a cada sete anos, para efeito de maior fertilidade do solo, e também como reflexo do sábado semanal. Ver Êxo. 23.11; Lev. 25.2-7. Além disso, não deveria haver cobrança de dívidas durante o ano sabático (ver Nee. 5.1; Deu. 15.1-4).

"Com freqüência, a escassez de grãos era noticiada como um reflexo da observância da lei do ano sabático (ver I Macabeus 6.49,53; Josefo, *Antiq.* XIII.8.1; XIV.16.2), e a declaração de Tácito (*História* V.4) e a remissão de tributos por parte dos judeus, por César, durante os anos sabáticos, confirmam ambos a observação dessa lei, o que é evidente em Josefo, *Antiq.* XIV.10.6" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Conforme pode ser visto, havia uma série de leis ligadas ao conceito do sábado, as quais eram importantes para o povo de Israel e começaram a ser observadas novamente por causa do pacto de Neemias.

Mostrando Boa-fé. Os judeus demonstravam boa-fé sobre suas intenções de guardar o sábado semanal recusando-se a negociar naquele dia. A palavra "cereal" da versão portuguesa está correta. O termo hebraico *shebher* refere-se a grãos esmigalhados, e não a produtos alimentares preparados. Naturalmente, os judeus faziam qualquer espécie de comércio com produtos dessa espécie.

10.32

Também sobre nós pusemos preceitos. Todos odeiam pagar impostos, e podem pensar que é uma virtude, e não um crime, evitar pagar impostos aos que usam e abusam do dinheiro pago pelo povo. Mas sob o pacto de Neemias, o povo começou a pagar novamente as taxas do templo, para financiar o culto a Yahweh, um suplemento aos dízimos. Neemias mostrava-se insistente quanto à necessidade de sustentar o templo e seu culto. Ver Nee. 13.10-14. "Nos tempos pós-exílicos, sem o apoio financeiro da monarquia, o templo dependia diretamente da comunidade. Isso não contradiz os trechos de Esd. 6.4 e 7.20 ss., que apontam para a ajuda persa. Esse apoio real, sob a forma de quantias limitadas, era para comprar materiais que, finalmente, tinham de ser pagos" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Ezequiel, no tocante a seu templo ideal, pensava em termos de obrigações pagáveis a um príncipe, o qual, por sua vez, cuidaria das despesas do templo (ver Eze. 45.13 ss.). O imposto individual determinado por Neemias era de 1/3 de siclo, e não do 1/2 siclo de Êxo. 30.11,12, a quantia originalmente cobrada. É provável que essa taxa variasse em tempos diferentes e sob condições diversas. Um siclo era um peso, e 1/3 pesava cerca da oitava parte de uma onça. Talvez a taxa determinada por Neemias estivesse baseada em uma moeda fenícia, e não nos antigos pesos dos hebreus. O padrão fenício de meio siclo pesava o equivalente aproximado de 1/3 do siclo, a saber, 11,2 grãos de peso. Quanto ao *siclo*, ver *Dinheiro II* e *Pesos e Medidas* IV.c, no *Dicionário*. Originalmente, a taxa do templo era voluntária, mas a taxa determinada por Neemias era obrigatória. Cf. o presente versículo com Mat. 17.24,27. O cronista supunha que a quantia tinha sido fixada por Moisés (ver II Crô. 24.6,9). Cf. Êxo. 30.11 ss. e 38.25 ss.

10.33

Para os pães da proposição, e para a contínua oferta de manjares. O culto regular a Yahweh, celebrado no templo e fora dele, foi restaurado pelo pacto de Neemias, em consonância com as instruções existentes na legislação mosaica. Este versículo atua como uma espécie de lista acrescentada de boas intenções. Ver o *Dicionário* quanto aos *Pães Asmos*. Quanto aos vários tipos de oferendas, ver a lista com referências em Lev. 7.37. Ver também ali os detalhados artigos sobre *Festas (Festividades) Judaicas* e *Sacrifícios e Ofertas*. Ver as ofertas contínuas em Esd. 3.2-5 e, quanto às oferendas oferecidas no sábado, ver Núm. 28.9,10. Quanto às luas novas e suas festas, ver Esd. 3.5. Quanto às coisas santas, ver II Crô. 29.33; 35.13. Quanto às ofertas pelo pecado, ver Esd. 8.35. Quanto à expiação, ver Nee. 8.18 e I Crô. 6.49; II Crô. 29.24; Lev. 4.13-21 e 16.21-28.

E para toda a obra da casa do nosso Deus. Tanto o trabalho do culto como a aparelhagem para o templo, bem como seu reparo e manutenção (ver II Reis 12.5 ss.; 22.3 ss.).

10.34

Nós os sacerdotes, levitas e o povo deitamos sortes. Neemias também se preocupou com a oferta em lenha (ver Nee. 13.31). Uma chama deveria queimar perpetuamente no grande altar (ver Lev. 6.12; Josefo, Guerras II.17.6). Assim sendo, seria necessário um suprimento adequado de lenha (Jos. 9.21,22; I Reis 17.10; Jer. 7.18), e alguém tinha de fazer esse trabalho. Sortes foram lançadas para determinar quem seriam os trabalhadores, e algum tipo de sistema de rotação foi inventado, a fim de que o trabalho fosse dividido. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sortes*. Alguns eruditos sugerem que foi usado o Urim e o Tumim, mas não parece ser a intenção da passagem dizer-nos isso. A Mishnah diz-nos que o suprimento de lenha era renovado nove vezes a cada ano. Josefo menciona uma festividade comunitária de carregamento de lenha (*Guerras*, II.17.6).

Segundo as nossas famílias. O trabalho foi dividido entre os clãs, para garantir uma justa distribuição desse labor.

Originalmente, os servos do templo (os *netinim*) tomavam conta desse trabalho, mas após o cativeiro babilônico não havia número suficiente deles para fazerem o trabalho sozinhos, o que explica a necessidade de ajuda da comunidade. Os servos do templo eram "cortadores de madeira e carregadores de água" e de modo geral faziam o labor que outros queriam evitar.

10.35,36

E que também traríamos as primícias da nossa terra. As primícias da colheita e dos pomares tinham de ser trazidas ao templo para sustento do ministério. Ver sobre as *primícias* (no hebraico, *bikkurim*) em Êxo. 13.1-13; 22.29; 23.19; 34.22,26; Núm. 18.15-18; Lev. 23.17,20. Cuidar dessa questão foi um aspecto importante das reformas de Neemias. As tribos semíticas nômades sacrificavam os filhotes primogênitos do gado e dos rebanhos, e, quando a agricultura se desenvolveu, os frutos do trabalho deles também estavam sujeitos às leis das primícias. As primícias também faziam parte do culto cananeu antigo, e talvez, conforme alguns sugerem, a prática tenha sido incorporada à cultura dos hebreus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Primícias*, quanto a detalhes sobre a questão. Os primogênitos dos homens e dos animais eram oferecidos (vs. 36). Os primogênitos dos animais eram oferecidos literalmente, e os primogênitos dos seres humanos eram dedicados a Yahweh, para viverem, em lugar de morrerem. Originalmente, sacrifícios humanos estiveram envolvidos. Até 621 A. C. temos uma história de sacrifícios humanos na Palestina, e algumas vezes os hebreus participaram, imitando os povos pagãos ao derredor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moleque, Moloque*. Os fenícios abandonaram a prática desde bem cedo (entre os séculos VIII e VI A. C.).

Este versículo, naturalmente, nada diz sobre sacrifícios humanos e a redenção dos primogênitos. Ver Êxo. 13.13; 34.20; Núm. 18.15; Luc. 2.22-24. Os animais, entretanto, conforme já dissemos, eram literalmente abatidos. Animais que não podiam ser sacrificados (imundos, de acordo com os requerimentos cerimoniais) eram remidos, a fim de que pudessem ser usados no trabalho (ver Êxo. 13.13; 34.20; Núm. 18.15,16). Os primogênitos dos homens eram remidos (não eram literalmente sacrificados em tempos posteriores) e eram então dedicados a Yahweh, para servirem como sacerdotes da família. Portanto, todos os primogênitos dos animais, literal ou simbolicamente, eram sacrificados a Yahweh.

Com a passagem do tempo, a tribo de Levi tornou-se uma casta sacerdotal em Israel, e, até onde os homens estavam envolvidos, substituíram as antigas leis das primícias. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Levitas*. Assim, em vez de terem um sacerdote para cada família, os sacerdotes e levitas serviam no templo, representando a nação inteira, liderando o culto de Yahweh.

10.37

As primícias da nossa massa. A lei das primícias era bastante extensa, conforme demonstra este versículo, e o artigo no *Dicionário* sobre as *Primícias* conta a história toda com detalhes.

Nossa massa. Ver Núm. 15.20,21. Entre as doações feitas para sustento do clero de Israel, havia a substância dos cereais crus (no hebraico, *aresah*), o grão,

preparado em suas primeiras fases. Mas o Talmude fala de uma espécie de pasta de cevada ou trigo (Talmude Babilônico, *Nedarim* 41b) e essa substância parece estar em vista aqui. A massa, no primeiro estágio de mistura, que podia ser transformada em um bolo, era requerida. Isso facilitava o problema da cozedura por parte dos levitas. Ver Rom. 11.16 quanto a um uso metafórico da questão. Ver até que ótimo ponto as leis das "doações aos levitas" chegaram. Uma dona de casa judia, quando misturava a massa para fazer pão ou bolo, tinha de doar parte da massa ao ministério.

Os pomares não estavam isentos da lei das primícias. Ver Lev. 18.23,24. E também não escapavam o vinho e o azeite (ver Núm. 18.12). A décima parte dos produtos agrícolas era o dízimo para os ministros (ver Núm. 18.21). Os produtos agrícolas eram a riqueza da Terra Prometida, juntamente com os animais domesticados. Tudo era dizimado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Dízimo*, quanto a detalhes. Originalmente, o dízimo era uma prática realizada em favor dos reis regulares, para eles "obterem sua partilha" de tudo, de fato, uma espécie de tributo cobrado sobre o povo do rei. A quantia de 10% tornou-se sagrada e devotada aos deuses e a Deus, isto é, ao ministério envolvido no culto às divindades.

É por isso que temos a abrangente declaração de Mishnah: "Tudo quanto é consumido e é vigiado e cresce do solo está sujeito ao dízimo" (Maaseroth 1.1). Os fariseus, nos dias de Jesus, exageravam a questão que já era naturalmente exagerada (ver Mat. 23.23; Luc. 11.42). Jesus objetou à ênfase deles quanto aos detalhes da lei, com a negligência das coisas que têm maior importância, como a justiça e a retidão de alma.

Neemias, em seu zelo, fez as reformas incluir toda a maciça legislação, a qual, presumivelmente, tornou-se obrigatória, pelo menos em seus dias.

10.38

O sacerdote, filho de Arão, estaria com os levitas quando estes recebessem os dízimos. *Coletores de Dízimos.* Para certificar-se de que o sistema de dízimos funcionava corretamente, os levitas receberam a incumbência de reunir e distribuir os dízimos. Os dízimos deviam ser trazidos aos armazéns do templo. Os sacerdotes atuavam como garantidores e inspetores da quantidade e da qualidade. Eles acompanhavam o trabalho dos levitas com olhos atentos. Dentre o dízimo dado aos levitas, outro era extraído, o qual ia para os sacerdotes. Portanto, os sacerdotes recebiam o dízimo dos dízimos. Ver Núm. 18.26-30. Quanto aos armazéns do templo, ver Nee. 13.13 e Esd. 8.29; 10.6. Os sacerdotes eram filhos de Arão, isto é, formavam um clã entre os descendentes de Levi. Ver Núm. 18.2-26.

10.39

Porque àquelas câmaras os filhos de Israel e os filhos de Levi. *O Final.* Este versículo provê uma conclusão dos requisitos do pacto estabelecido por Neemias. O culto do templo e seus ministros tinham de ser sustentados, sob pena de o programa inteiro do yahwismo ruir por terra. As câmaras do templo (ver Nee. 13.13; Esd. 8.29; 10.6) tinham de ser mantidas cheias, e aos levitas cabia a tarefa de garantir isso. Todas as funções de responsabilidade dos levitas tinham de ser mantidas em operação: os porteiros, os cantores, os levitas auxiliares, os sacerdotes. Cada indivíduo, ao cumprir sua tarefa especial, tinha de ser um recebedor dos dízimos porque, como é óbvio, o culto era um trabalho de tempo integral, e aqueles homens não podiam sair e cuidar de suas próprias necessidades. De fato, eles tinham terras de plantio adjacentes às suas cidades, mas isso não era o bastante para sustentar o sistema.

A Aplicação dessas Questões no Novo Testamento. O ministério precisava ser sustentado e tinha o direito de tirar seu sustento daqueles a quem servia: ver I Cor. 9.4 ss. No vs. 9, Paulo trouxe a lei para dentro da questão, a fim de reforçar o seu caso.

Assim não desampararíamos a casa do nosso Deus. "Tanto o compromisso como a violação desse compromisso, na seqüência, são explicados em Nee. 13.1-14" (Ellicott, *in loc.*).

Esquecendo a Casa de Deus. Adam Clarke (*in loc.*) generalizou o texto, fazendo-o referir-se à freqüência fiel à igreja cristã e ao sustento de seu clero. Ele listou as seguintes idéias: 1. A igreja é a casa de Deus, Sua habitação. 2. A família dos crentes deveria mostrar-se ativa na igreja. 3. Deveria haver ali ministros cuidando de todos os negócios. 4. A adoração de Deus é o objetivo principal da igreja. 5. As ordenanças do evangelho são o sustento espiritual da igreja. 6. Não negligenciemos a casa de Deus, pois o adorador deve estar presente. O crente deve participar, levar ali os seus familiares e observar e propagar todas as provisões da fé.

"Esse compromisso solene foi repetido no fim do pacto, como expressão do zelo intenso mediante o qual o povo, o tempo todo, era animado para glorificar e adorar a Deus" (Jamieson, *in loc.*).

Capítulo Onze

Registro dos Habitantes de Jerusalém e Circunvizinhança (11.1-36)

Quase todos os judeus, conforme era apenas natural, queriam viver na capital, Jerusalém. Mas isso não era possível. Portanto, foi escolhido um sistema de sortes que determinasse quem residiria na capital e quem deveria ir a outros lugares de Judá, para povoar as cidades interioranas. Seja como for, é uma boa idéia não sobrecarregar a capital. São Paulo é um triste exemplo do que acontece quando os homens fazem isso. Brigham Young, pioneiro norte-americano e líder dos mórmons, quando controlava o estado de Utah (EUA) não permitiu que se desenvolvessem cidades populosas. Ele advertiu o povo do resultado de grandes cidades onde os cidadãos têm liberdade de fazer o que lhes parecer melhor e podem circular relativamente desconhecidos entre o povo. Cidades superocupadas tendem a criar condições para bandidos e vítimas de crimes e de degradação. Atualmente, mais de cem anos depois, a maior cidade do estado de Utah, Salt Lake City, tem uma pequena população relativa de apenas um milhão de habitantes. Se Brigham Young fosse vivo hoje em dia, esse número seria ainda menor. Contudo, é relativamente seguro caminhar pelas ruas da cidade hoje em dia. Talvez a primeira regra da urbanização (que é uma especialidade de muitas universidades modernas) seja evitar que se desenvolvam megacidades.

Jerusalém precisava ser povoada, mas outro tanto acontecia com Judá. Pois de que outra forma os judeus teriam uma nação? Se todos permanecessem na capital, haveria uma cidade-estado, e não uma nação.

Em Nee. 11.1-13.31 temos a continuação das memórias de Neemias, que tinham sido deixadas para trás em Nee. 7.5. Neemias relata o que ele fez a respeito da reorganização da nação, e não apenas da capital da nação.

Jerusalém tinha sido essencialmente restaurada, os escombros tinham sido removidos, as cicatrizes do cativeiro babilônico (e outras destruições posteriores) tinham sido eliminadas. A cidade estava pronta para ser reocupada. "A narrativa reverte para Nee. 7.5. Foram lançadas sortes para a transferência da décima parte da população para a capital" (Ellicott, *in loc.*).

Caracterização Geral do Capítulo. "Este capítulo aborda a questão dos habitantes de Jerusalém, bem como dos habitantes das tribos de Judá e Benjamim, que se estabeleceram ali por sorte, ou por sua própria vontade, com seus nomes e números (vss. 1-9). Também trata dos sacerdotes e levitas que habitaram a capital: vss. 10-19; e, igualmente, fala do restante do povo, os sacerdotes e os levitas que habitaram outras cidades e aldeias de Judá e Benjamim: vss. 20-36" (John Gill, *in loc.*).

11.1

Os príncipes do povo habitaram em Jerusalém. A capital, conforme é apenas natural, contava com a grande maioria dos governantes, tanto civis quanto religiosos. A versão Peshitta diz *anciãos*. Eles eram os nobres (Nee. 6.17), os chefes de clãs, os chefes do povo (vs. 3; Nee. 7.70; Esd. 2.68). Estavam, em sua maioria, em Jerusalém, durante a administração de Jerusalém na cidade (ver Nee. 6.17), bem como no tempo de Esdras (Esd. 8.29). Mas somente os líderes não podiam fazer a cidade funcionar e garantir sua segurança e funções gerais. A reconstrução tinha ocorrido, os sinais do cativeiro babilônico tinham sido removidos, e assim Jerusalém se tornar receptiva à ocupação geral. O templo estava ali, o que fazia de Jerusalém o lugar centralizado da adoração nacional, bem como a principal residência dos sacerdotes e levitas.

Enquanto isso, as pessoas que se mantinham "afastadas" da capital estabeleceram-se no interior, ocupando-se da vida agrícola, livres dos problemas próprios de toda cidade grande. Mas Neemias cuidou para que a décima parte da população de Judá se mudasse para a capital. Alguns se apresentariam como voluntários, mas outros tiveram de ser escolhidos por meio das sortes.

Mudanças Forçadas. Temos outros exemplos históricos de mudanças forçadas de populações para novas localidades. Naturalmente, os assírios e os babilônios, em suas invasões, deportações de povos e importações de outros povos para tomar o lugar dos primeiros, com freqüência, ocupavam-se dessa atividade. Essa norma obliterava um inimigo. Ver Esd. 2.1 e 5.12 e os artigos sobre *Cativeiros*, no *Dicionário*. No período acaemenido e posteriormente, pessoas foram transplantadas à força para popular as cidades que tinham sido fundadas. Ver Diodoro da Sicília VIII.83.7; XVIII.4.4; Heródoto, *História* VII.156; Pausânio, *Descrição da Grécia* Viii.27.3-5.

Um de dez. Ou seja, um homem, em cada dez, transferiria sua família para Jerusalém. As estruturas familiares seriam mantidas. As famílias não seriam desmanchadas pela mudança forçada. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sortes*. O cronista não explicou, contudo, qual método foi usado nessa transferência. Acreditava-se, naturalmente, que Yahweh faria certo que a sorte cega não estaria envolvida. Yahweh controlaria as sortes e enviaria para Jerusalém as famílias que Ele queria ali. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*.

Na santa cidade de Jerusalém. Visto que o templo e seu culto sagrado estavam ali, centralizando a adoração. Ver Isa. 48.2; 52.1; Dan. 9.24; Tobias 13.9; Mat. 4.5; 27.53, quanto ao uso dessa expressão. O título árabe moderno da cidade preserva essa idéia: El-Quds (a Santa). Talvez o nome se tenha originado da transferência do adjetivo do "Santo dos Santos" para a área inteira.

11.2

O povo bendisse a todos os homens. Houve voluntários, conforme este versículo deixa claro, e essas "almas corajosas" receberam louvor especial da parte da população. Algumas pessoas estariam ansiosas para trocar a vida interiorana pela vida citadina, mas os que já estivessem estabelecidos nas fazendas haveriam de querer permanecer onde estavam. Os que foram voluntariamente para a capital "tiveram seu patriotismo aplaudido por todos" (Ellicott, *in loc.*). Jerusalém era um lugar perigoso, a despeito da restauração. Os habitantes da cidade teriam de conservar os olhos abertos. Além disso, era difícil abandonar os lucros que se estava fazendo (vs. 3).

Líderes que Residiam em Jerusalém (11.3-24)

Estes versículos são independentes do vs. 2. Não falam sobre os voluntários que foram residir em Jerusalém. A referência à ocupação de Jerusalém sugeriu naturalmente a relevância da menção aos líderes daquele lugar. Sem dúvida, a lista está relacionada, de alguma maneira, a I Crô. 9, mas exatamente como é algo disputado. Sem dúvida trata-se de uma lista pós-exílica, extraída dos arquivos do templo. E também, sem dúvida, é uma lista ao mesmo tempo incompleta e apenas representativa, e os números fornecidos provavelmente indicam não a população total, mas apenas os chefes de família. Seja como for, é impossível usar os números dados em qualquer tentativa de calcular a população total da cidade. Os vss. 1-36 constituem uma espécie de recenseamento. Os vss. 9, 14 e 22 mostram que um supervisor acompanhava cada grupo.

11.3

São estes os chefes da província. O cronista listou as principais classes envolvidas: sacerdotes, levitas, servos do templo (ou *netinim*) e descendentes dos servos de Salomão (aparentemente devem ser distinguidos como um grupo separado, diferente dos *netinim*). "Uma boa diferença será encontrada entre a enumeração aqui feita e aquela de I Crô. 9.2 ss. Ali, parece que foram enumerados somente os que vieram com Zorobabel. Aqui, aqueles e as pessoas que vieram tanto com Ezra como com Neemias entram no cômputo geral" (Adam Clarke, *in loc.*). A lista provida nos vss. 3 –19 deste capítulo é idêntica à de I Crô. 9.2-17.

11.4-36

Habitaram, pois, em Jerusalém. São mencionadas as tribos de Judá e Benjamim, mas Benjamim havia sido absorvida pela tribo de Judá, e não havia distinção real entre as duas tribos, após o exílio. Contudo, havia alguma consciência tribal, que continuou até os tempos dos romanos, conforme hoje falamos sobre as conexões étnicas que temos com povos da Europa e de outros lugares do mundo. Cf. Rom. 11.1 e Fil. 3.5.

Os vss. 4-19 listam os descendentes de vários chefes de famílias que se mudaram ou que já habitavam em Jerusalém. Eram 468 leigos da tribo de Judá (vss. 4-6) e 928 leigos da tribo de Benjamim (vss. 7-9). Além desses, havia 1.192 sacerdotes (vss. 10-14), 284 levitas (vss. 15-18) e 172 porteiros (vs. 19). O grande total orçou em 3.044. As listas de I Crô. 9 também mostram que descendentes de Efraim e Manassés viviam em Jerusalém.

Os nomes dos líderes provinciais de Judá são listados (antecipadamente no vs. 3). Dou artigos sobre esses homens no *Dicionário*, relatando o pouco que se sabe acerca deles, os significados de seus nomes etc. A essas informações acrescento aqui algumas poucas observações:

1. *Vss. 4-9.* Os leigos que eram líderes provinciais incluíam Ataías, filho de Uzias, filho de Zacarias, filho de Amarias, filho de Sefatias, filho de Maalaleel e dois filhos de Perez. Perez era filho de Judá (ver Gên. 38.2-5, 26-29). Outro filho de Judá, Zera, mencionado em Gên. 38.30 e I Crô. 9.6, não é citado no presente texto. Conforme alguns estudiosos supõem, isso explica por que I Crô. 9.6 tem 690 pessoas mencionadas, ao passo que Neemias refere-se a somente 468 (vs. 6). Na lista de Benjamim, Neemias nomeou apenas uma linhagem de descendentes (vs. 7), mas o cronista incluiu quatro linhagens. Isso poderia explicar o número de 928 benjamitas, segundo a lista de Neemias (vs. 8), um total levemente inferior aos 956 de I Crô. 9.9. Ver Zera mencionado no vs. 24. Provavelmente sua família foi acidentalmente deixada de fora no vs. 5. I Crô. 9.6 omite o total dos filhos de Perez, mas dá um grande total (690) que provavelmente representa todos os judaítas residentes em Jerusalém.
2. O *vs. 9* implica que os oficiais mencionados eram supervisores, e que havia muita gente sobre a qual eles exerciam controle, que não entraram na lista e em seus totais. O vs. 9 não tem paralelo em I Crô. 9. Provavelmente "superintendente" significa que o homem mencionado (Zicri) encabeçava os descendentes de Benjamim, e não meramente o seu próprio clã. Ver a palavra "superintendente" também nos vss. 14 e 22. Senua era uma espécie de prefeito de Jerusalém, que só ocupava o segundo lugar após Neemias, o governador.

Superintendente. No hebraico, *paqidh*, um chefe representativo, equivalente ao termo assírio *amelpaqudu*. Pode significar "prefeito". A Septuaginta nos dá a palavra *episkopos*, como tradução, e isso tem influenciado algumas traduções a traduzir o termo hebraico como *superintendente*.

O segundo sobre a cidade. No hebraico, *mishneh*, que significa aqui "segundo encarregado", mas não de alguma seção de Jerusalém, como se a cidade estivesse dividida em distritos. Antes, ele era o "segundo oficial", como um prefeito, que obedecia a Neemias, o primeiro poder, o governador.

3. *Vss. 10-14.* Seis famílias de sacerdotes são aqui listadas. Cf. I Crô. 9.10-13. Estão em vista os mesmos indivíduos (nomes de clãs), com algumas diferenças nas grafias dos nomes. O total de 1.192 difere da lista de I Crônicas, que enumera 1.760. Encontramos o mesmo tipo de dificuldade com todas as listas em Esdras e Neemias, começando pelas grandes listas do segundo capítulo de Esdras e do sétimo capítulo de Neemias. Os vss. 10 e 11 dão os nomes dos sacerdotes que habitavam em Jerusalém, e a narrativa é paralela a I Crô. 9.10,11, excetuando o fato de que Seraías (vs. 11) é o Azarias da passagem paralela.
Adaías (Esd. 10.29) liderava a família de Pasur (Nee. 7.41 e Esd. 2.38), e sua genealogia é traçada até Malquias.
Zabdiel é chamado de *superintendente* (*supervisor*, conforme a tradução da Septuaginta). Ver as notas sobre o vs. 9 quanto ao significado dessa palavra. Ver também o vs. 22, onde o termo ocorre de novo. Zabdiel era superintendente dos sacerdotes, tal como Joel era superintendente dos leigos. O leitor deve contrastá-lo com o príncipe (vs. 11). O príncipe pode ter governado questões internas, sagradas, enquanto o superintendente controlava os aspectos mais seculares da comunidade sacerdotal, mas isso é apenas uma conjectura. Havia a tendência de diferenciar entre as funções sagradas e as funções seculares do clero (vs. 16).
4. *Vss. 15-19.* Temos aqui a lista dos clãs dos levitas, através da menção de seus respectivos cabeças. Os vss. 15-18 são bastante próximos da lista paralela, em I Crô. 8.14-16, sendo provável que originalmente as listas fossem idênticas. Visto que os manuscritos da Septuaginta, *AB* e *Aleph*, têm apenas cerca de metade do material, julgamos que a lista foi crescendo com a passagem do tempo, e que esses manuscritos representem uma listagem mais antiga. Entretanto, não são muitos os nomes ausentes. Existem omissões em materiais expandidos, nos vss. 16, 17, 20 e 21. Dos quatro líderes levitas que aparecem em I Crô. 9, três acham-se na presente lista. O quarto líder, Berequias (Nee. 9.16), é omitido, possivelmente porque esse clã não residia em Jerusalém, mas nas vilas dos neofatitas. Encontramos as variantes usuais na grafia dos nomes e algumas substituições. Os porteiros (vs. 19) são representados, no livro de Neemias, por dois chefes de famílias, mas no trecho paralelo (I Crô. 9.17), há quatro desses chefes. Portanto, os totais são diferentes: Neemias, 172; I Crônicas, 212. Como em tudo mais, quanto a informações adicionais sobre os nomes, examine o *Dicionário*.
Dentre os seis porteiros que figuram em Esd. 2.42, apenas Acube e Talmom são listados aqui. Talvez os outros quatro habitavam fora de Jerusalém.
5. *Vss. 20-24.* O restante dos judeus habitava em cidades da Judéia (e nas fazendas), fora da capital, Jerusalém. Esses são descritos nos vss. 25-36. Aqui temos "os cabeças da nação" (Ellicott, *in loc.*).
Os servos do templo se localizavam em Ofel (vs. 21, ver Nee. 3.26), a colina de Jerusalém que levava ao norte, para o templo. O vs. 20 é praticamente igual a Nee. 11.3b. Não se acha na maioria dos manuscritos gregos, mas é suprido no manuscrito *L* da Septuaginta. Tanto quanto possível, o povo "lá fora" retornou a seus lares ancestrais (cf. o vs. 3). Ver sobre os servos do templo (os *netinim*), no *Dicionário*. Visto que essa classe de servos do templo não é mencionada no trecho paralelo de I Crô. 9, nem nos manuscritos *AB* e *Aleph* da Septuaginta, e que a Peshitta omite os nomes dos líderes, o versículo é claramente um suplemento no texto presente. Outro tanto pode ser dito com referência aos vss. 22 e 23, que podem ter sido inseridos por um editor que perdeu a referência a um superintendente (vs. 9) dos levitas, visto que tais líderes foram nomeados quanto a outros grupos (vss. 9 e 14). Portanto, esse editor supriu o elemento perdido. Seja como for, o superintendente aqui é Uzi, o mesmo Uzias de Esd. 10.21.
Vs. 23. O "mandado do rei" provavelmente é uma referência a Davi, que tinha organizado os levitas em turnos e funções. Ele enfatizara o ministério da música. Os cantores participavam da adoração e faziam-se presentes aos sacrifícios. Cf. Nee. 12.24 e I Crô. 25. Por outra parte, os reis persas estavam interessados nos cultos locais (ver Esd. 6.9,10), e alguns estudiosos supõem que a referência poderia ser ao rei da Babilônia. Nesse caso, o homem envolvido provavelmente foi Artaxerxes. Seja como for, havia uma provisão física para a classe dos cantores, pelo que eles podiam prosperar em sua profissão

sem se preocupar com as provisões físicas fundamentais. Eles contavam com uma pensão diária dos alimentos necessários. Uzi deveria ter a certeza de que o sistema funcionava bem. Dario fizera provisão para os sacerdotes (Esd. 6.10). Talvez Artaxerxes fosse um amante da música, pelo que favorecia a classe dos cantores levitas. Mas não é muito provável que estes fossem empregados por ele em capacidades fora do templo (conforme dizem alguns).

Vs. 24. Este versículo nos faz voltar às aldeias judaicas, distantes de Jerusalém. As palavras "à disposição do rei" implicam em uma residência no estrangeiro, na corte persa. Se isso é verdade, então Petaías provavelmente era o embaixador que fazia a mediação entre Judá e a corte persa. Era ele um judeu, aparentemente de família nobre, um descendente de Zera, irmão gêmeo de Perez. Cf. o vs. 4 e ver Gên. 38.30 e Núm. 26.20. A família de Zera, na lista dos judeus (vss. 4-6), pode ter sido acidental, mas é possível que essa família ainda não tivesse retornado à Judéia quando a lista estava sendo compilada. Petaías era "um dos famosos olhos do monarca persa, que noticiava os negócios judaicos a ele" (*Oxford Annotated Bible*, *in loc.*). Alguns fazem de Petaías governador da Judéia, mas isso é menos provável.

6. *Vss. 25-36.* Tendo misturado, nos vss. 20-24 (Jerusalém, aldeias judaicas, a corte da Pérsia na Babilônia), o autor sagrado agora centraliza a atenção sobre aquelas coisas "lá fora", nas aldeias onde os judeus se estabeleceram, ou as quais reocuparam, fora de Jerusalém.

Caracterização Geral. "As colônias judaicas, relativamente poucas, estavam bastante dispersas em quatro áreas: o sul (Neguebe); a região montanhosa (o Sefelá); as montanhas ao norte e a oeste de Jerusalém; e um pequeno grupo bem para oeste, na planície costeira. Há um silêncio surpreendente acerca de muitos lugares mencionados em outros pontos na coletânea de Esdras-Neemias: Tecoa (Nee. 3.5); Bete-Haquerém (3.14); Bete-Zur (3.16); Queila (3.17); Belém e Netofa (7.26); Quiriate-Jearim (7.29); Gibeom, Mispa, Meronote (3.7); Quefira e Beerote (7.29); Jericó (7.36) e Bete-Gilgal (12.29). A situação dispersa dessas aldeias tem levado muitos a considerar a lista como artificial e não-histórica" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Por outro lado, talvez o cronista tenha simplesmente ficado cansado daquela interminável listagem de nomes de pessoas e lugares, preferindo oferecer uma lista breve, meramente representativa. Alguns outros estudiosos pensam que a lista é historicamente autêntica, mas reflita um tempo anterior ao de Neemias, quando o território de Judá foi, de fato, esparsamente povoado. O grosso da população — prossegue a teoria — ainda não tinha regressado do exílio. Talvez a natureza tão dispersa da lista (pessoas estavam largamente espalhadas por todo o território) devia-se ao fato de que alguns do povo referido nunca estiveram no cativeiro, tendo sido deixados em suas terras ancestrais.

A lista dos vss. 25-30 menciona dezessete aldeias espalhadas nas áreas que indiquei acima. A lista dos vss. 31-35 dá os nomes de quinze localidades onde viviam os descendentes de Benjamim, no norte do território de Judá. O Vale dos Artífices (vs. 35) provavelmente ficava perto de Lode e Ono. Alguns levitas mudaram-se para o norte, para o território de Benjamim (vs. 36). Quanto ao *Vale dos Artífices*, ver I Crô. 4.14 e também o artigo com esse nome no *Dicionário*. Anoto os outros nomes próprios no *Dicionário*, em artigos separados, pelo que não repito aqui a informação.

Os lugares de ocupação de Benjamim foram "desde Berseba até ao vale de Hinom" (vs. 30), isto é, do extremo sul do território concedido às doze tribos até a fronteira setentrional de Judá. Note-se a seguinte tradução do vs. 36: "E, dos levitas, alguns de Judá foram juntos a Benjamim", o que significa que alguns que costumavam viver em Judá mais tarde se mudaram para terras de Benjamim.

Os levitas, para melhor instruir o povo, foram espalhados ao redor, alguns aqui e outros ali, em ambas as tribos (Benjamim e Judá).

"Os homens de Judá espalharam-se do extremo sul ao extremo norte de Judá, em uma extensão de cerca de oitenta quilômetros" (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Doze

Relação dos Sacerdotes e dos Levitas, Incorporando o Tempo desde o Retorno da Babilônia a Jerusalém até o Fim do Império Persa (12.1-26)

Os vss. 12.27 - 13.3 relatam a dedicação das muralhas de Jerusalém e mencionam regras para a adoração pública.

"Este capítulo fornece-nos uma narrativa dos chefes dos sacerdotes e dos levitas nos dias de Zorobabel, Jesua, Joiaquim, Eliasibe e Neemias: vss. 1-26; da dedicação das muralhas de Jerusalém e da alegria expressa naquela ocasião: vss. 27-43; e da nomeação de algumas pessoas sobre os tesouros para os sacerdotes, levitas, cantores e porteiros: vss. 44-47" (John Gill, *in loc.*).

"As genealogias listam os indivíduos ou representantes dos sacerdotes e dos levitas em diversos períodos, desde o retorno sob Dario II até o tempo do sumo sacerdote Jadua" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Os vss. 1-26 são uma espécie de apêndice adicionado às listas referentes aos recenseamentos que terminaram no capítulo 11. Cf. Esd. 2.36-40. Os vss. 1-9 listam os nomes dos sacerdotes e levitas que chegaram sob a liderança de Zorobabel, no primeiro retorno dos judeus da Babilônia.

Os Sacerdotes (12.1-7)

12.1-7

Visto que a lista dos vss. 1-7 é dos sacerdotes que retornaram com Zorobabel, deve ser paralela a Nee. 7.39-42. Mas, em vez das quatro famílias de sacerdotes, segundo se vê no capítulo 7, o autor sagrado fala em vinte e duas famílias. Jamieson (*in loc.*) dá-nos uma explicação plausível: "De conformidade com o vs. 7, estão em vista 'os chefes dos sacerdotes', os cabeças dos vinte e quatro turnos em que o sacerdócio havia sido dividido (ver I Crô. 24.1-20). Apenas quatro turnos voltaram do cativeiro (Nee. 7.39-42; Esd. 2.36-39). Mas esses quatro foram divididos por Zorobabel e Jesua no número original de vinte e quatro. Mas aqui foram enumerados somente vinte e dois turnos, e não mais de vinte turnos nos vss. 12-21. A discrepância se deve à circunstância extremamente provável de que dois dos vinte e quatro turnos se tinham extinguido na Babilônia. Nenhum membro pertencente a esses dois turnos aparece como quem retornou do exílio (vss. 2-5)".

Quando comparamos isso à lista de Nee. 10.2-8, há diversas adições e omissões, mas os nomes dados estão em ordem de seqüência idêntica, quando correspondem nas duas listas. Diferentes tempos e condições são provavelmente refletidos nas listas, e o cronista não procurava harmonia e uma relação completa absoluta, nem poderia ter atingindo tal alvo, ainda que o tivesse alvejado.

Davi, naturalmente, foi quem organizou os sacerdotes nos vinte e quatro turnos ou divisões (ver I Crô. 24.7-19), e esse padrão foi imitado com algum sucesso (mas não com sucesso absoluto). A lista aqui reflete um tempo cem anos antes, isto é, cerca de 538 A. C.

Os sacerdotes e levitas. Estas palavras servem de título para os vss. 1-9. Os sacerdotes aparecem nos vss. 1-7, e os levitas, nos vss. 8-9.

Para detalhes sobre cada um dos vinte e dois nomes da lista, ver o *Dicionário*. Cf. Nee. 7.39-42. A maioria dos nomes podem ser encontrados espalhados pelo livro de Esdras. Exemplos: Jesua (Esd. 3.2); Esdras (o Azarias de Esd. 7.1); Amarias (vs. 2), visto em Esd. 7.1; Maluque (vs. 2), o Malquias de Esd. 10.25; Hatus (vs. 2), que figura em Esd. 8.2; Secanias (vs. 3), visto em Esd. 8.3; Reum (vs. 3), Esd. 2.2; Meremote (vs. 3), Esd. 8.33; Ido (vs. 4), paralelo a Esd. 5.1; Miamim (vs. 5), paralelo a Esd. 10.25.

Paralelos também ocorrem com Nee. 10.2 ss., os cantores do pacto estabelecido sob a liderança de Neemias.

Poderíamos esperar que a lista fosse um paralelo próximo do capítulo 2 de Esdras, mas não é. Portanto, podemos supor ter aqui descendentes de pessoas mencionadas ali, o que poderia explicar as diferenças. Ver Esd. 2.36-39 quanto à lista dos sacerdotes.

Os Levitas (12.8,9)

12.8,9

O cronista fornece os nomes de oito levitas que retornaram na companhia de Zorobabel. Juntamente com seus associados, o número deles chega a setenta e quatro (Esd. 2.40), ou a duzentos e dois, se os cantores foram incluídos (Esd. 2.41). Esdras listou apenas dois nomes (Esd. 2.40). Note o leitor que Matanias e Bacbuquias não devem ser confundidos com homens dos mesmos nomes, nos dias de Neemias (Nee. 11.17), embora seu trabalho fosse similar. Além disso, temos o problema dos nomes de famílias, de tal modo que um nome pode não ser o nome de um indivíduo..

Estavam defronte deles. Isto pode referir-se à maneira antifonal de cantar ou à mudança de turnos em diferentes ocasiões. O que é claro é que havia organização na questão, cada indivíduo com seu serviço e função no tempo determinado.

Sumos Sacerdotes Pós-exílicos (12.10,11)

12.10,11

Aqui a lista é dada sem um título preliminar. Cf. I Crô. 6.1-14. O primeiro sumo sacerdote pós-exílico foi Jesua (Esd. 2.2), contemporâneo de Zorobabel (Ageu 1.1; Zac. 3.1 ss.). A lista conclui com Jadua, que provavelmente era contemporâneo DO autor-editor da compilação da unidade literária de Esdras-Neemias. Muitas gerações de sumos sacerdotes estenderam-se de Arão até Jeozadaque, o qual foi levado para o exílio, por ocasião do cativeiro babilônico. Ver I Crô. 6.3-15. Então apareceu Jesua, o sumo sacerdote que retornou com Zorobabel (Esd. 2.1-2 e Nee. 11.1). Ele descendia de Eliasibe (vs. 10). Até Jadua foram três gerações. Joanã, provavelmente é o mesmo homem com esse nome, em Nee. 12.22.

"Seis gerações se espalharam ao longo de duzentos anos, de 536 a 332 A. C." (Ellicott, *in loc.*). Ver o *Dicionário* quanto ao detalhado artigo chamado *Sumo Sacerdote*.

Sacerdotes que Serviram sob Joiaquim (12.12-21)

12.12-21

"Esta lista, que se propõe a nomear os sacerdotes dos tempos de Joiaquim, pai de Eliasibe (vs. 10), é na verdade uma lista dupla, pois nomeia tanto os ancestrais remotos como os representantes contemporâneos da família" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Quanto ao pouco que se sabe sobre esses homens, os significados de seus nomes etc., ver os artigos separados no *Dicionário*.

Encontramos aqui vinte nomes que correspondem, grosso modo, aos vinte e dois nomes dos vss. 1-7. Hatus (vs. 2) e Maadias (vs. 5) não figuram na lista dos vss. 12-21. Temos uma variante na ortografia de Harim (ver 15), que é o mesmo Reum do vs. 3. Miniamim (vs. 17) é escrito como Miamim, no vs. 5.

Joiaquim era filho e sucessor de Jesua, o primeiro sumo sacerdote do segundo templo. "Seguem-se os principais homens do sumo sacerdócio em seu tempo. Eles eram filhos ou descendentes dos sacerdotes no tempo de seu pai, antes mencionado... ao todo havia vinte. Houve vinte e dois nomes nos dias de seu pai, mas não havia filhos e descendentes de dois deles, a saber, Hatus (vs. 2) e Maadias (vs. 5)" (John Gill, *in loc.*).

A Fonte das Listas Genealógicas (12.22,23)

Esperaríamos aqui a lista dos levitas (que sempre aparecem depois dos sacerdotes), mas isso é adiado até os vss. 24 e 25. Temos uma interpolação que fornece a origem das listas apresentadas. O título da obra originária aparece como o livro das Crônicas. Talvez esteja em foco o mesmo livro chamado pelo seu título mais longo: Livro da História dos Reis de Israel e Judá. Quanto a esse livro, dou notas expositivas detalhadas em I Reis 14.19, onde falo sobre os livros perdidos da Bíblia. Alguns desses livros serviram como fontes originárias para os livros canônicos, embora nunca lhes tenha sido dada posição canônica e eles não tenham sobrevivido até os nossos próprios dias. Cf. II Crô. 9.29; 12.15; 20.34; 26.22; 35.25 quanto a tais obras mencionadas. Alguns eruditos pensam que, ocasionalmente, os autores sagrados se referiram a "bibliotecas imaginárias", como se eles tivessem livros que lhes fornecessem materiais, mas isso é uma suposição tola. Naturalmente, existiam muitos livros, e, naturalmente, houve fontes informativas escritas que serviram de base para os livros canônicos. É possível que o livro mencionado no vs. 23 tenha sido uma obra diferente daquela de título parecido, mencionada em I Reis 14.19, e pode ter sido uma obra escrita especificamente para fornecer informações sobre as famílias levíticas, uma extensa genealogia (e, talvez, um comentário). Ver o artigo geral no *Dicionário* intitulado *Livro (Livros)*, que discute sobre alguns dos livros perdidos.

Meyer argumenta que o livro referido no vs. 23, além de materiais genealógicos, também continha informes históricos, e pode ter sido a crônica oficial do templo para o período pós-exílico.

12.22,23

Até aos dias de Joanã, filho de Eliasibe. Isso nos leva ao fim do reinado de Dario II. Visto que Joanã foi deposto por ter assassinado a seu irmão (cf. o vs. 11), o sumo sacerdote deve ter sido deposto em algum tempo entre 408 A. C., quando ainda ocupava o ofício sumo sacerdotal, de acordo com certos papiros descobertos em 405 A. C., quando morreu Dario II. O Dario do texto provavelmente é Dario II, que governou a Pérsia de 423 a 405 A. C. De acordo com os papiros Elefantinos, Joanã era sumo sacerdote em 408 A. C. É possível que Neemias tenha vivido para ver o filho de Jônatas, Jadua, tornar-se sumo sacerdote (entre 408 e 405 A. C.).

Os Levitas sob Joiaquim (12.24-26)

Os levitas aqui mencionados serviram em seu ofício nos dias do sumo sacerdote Joiaquim (cf. os vss. 10 e 12) e nos dias de Neemias. Os nomes dados não são nomes de indivíduos, mas são nomes levitas comuns, representando indivíduos que vieram na linhagem dos cabeças de clãs assim chamados. Aqui temos os oficiais existentes do templo, e muitos desses nomes, naturalmente, são os mesmos que aqueles de tempos anteriores. Ver o *Dicionário* quanto a detalhes sobre esses nomes.

12.24

Hasabias, Serebias. Estes dois nomes não devem ser confundidos com nomes de homens que acompanharam Esdras (Esd. 8.18,19), visto que eles não podiam estar vivos no tempo apresentado pelo presente texto. Este versículo dá os nomes dos cantores (envolvidos no ministério da música, que era tão importante para Davi). O vs. 25 dá os nomes dos porteiros. O vs. 26 diz que os homens mencionados serviram nos dias de Joiaquim e Neemias, mas a menção de Esdras, no mesmo versículo, está fora de lugar. O cronista supôs que Esdras e Neemias fossem contemporâneos, mas fazer Esdras ter vivido por tanto tempo é duvidoso. Alguns críticos colocam Esdras depois de Neemias e supõem uma perturbação cronológica. Eles o situam durante o reinado de Artaxerxes II.

Ver I Crô. 23.5,36 e o capítulo 25 do mesmo livro, e também II Crô 8.14, quanto à criação de turnos dos levitas, com suas respectivas funções. Ver sobre os porteiros em I Crô. 9.15-17.

12.25,26

Faziam a guarda aos depósitos das portas. Os dízimos e as oferendas traziam tudo quanto era necessário para a vida e subsistência dos levitas, e havia depósitos para guardar os bens oferecidos. Esses depósitos estavam localizados próximo a vários portões do templo, talvez sendo câmaras vinculadas ou próximas a eles. Certos levitas foram destacados para montar guarda nesses depósitos, a fim de garantir que não haveria violações nem furtos. A palavra hebraica é *'assupe*, cognata do acádico *bit assuppu*, armazém.

Dedicação das Muralhas de Jerusalém e Regras acerca da Adoração Pública (12.27 - 13.3)

As dedicações serviam não somente para reconhecer certas coisas como santas, mas também para colocar coisas seculares sob a proteção divina e santificá-las. Os antigos hebreus não limitavam seus atos de dedicação somente a objetos estritos de culto. Até casas particulares eram dedicadas a Yahweh (cf. Deu. 20.5). Os ritos de dedicação eram uma espécie de final de uma obra e, em muitos casos, uma liberação das coisas dedicadas para serem empregadas nas funções específicas para as quais tinham sido preparadas.

"Tais ritos eram, ao que tudo indica, reconhecidos como o ato final de uma construção, tal como os sacrifícios das primícias eram o ato final e essencial do processo agrícola. Assim sendo, era apenas natural supor que, quando as muralhas da cidade santa (11.1) fossem reconstruídas, essas muralhas seriam dedicadas, a fim de afastar possíveis catástrofes, pondo-as sob a proteção de Deus (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Assim é que, até hoje, pessoas piedosos oram sobre seus portões e portas, pedindo que ladrões e homens ímpios e desarrazoados se mantenham afastados de seus lares. A eficácia de tais atos tem sido confirmada pela experiência. Li sobre um caso no qual um ladrão saiu assustado de perto de uma casa, ao ver uma entidade (não física) que impediu sua aproximação. Neste mundo ímpio, precisamos de toda a proteção que possamos obter, e a oração e as dedicações existem para servir-nos.

Note o leitor o uso da primeira pessoa do singular na narrativa seguinte. Quanto às memórias de Neemias, ver: Nee. 1.1-7.5; 11.27-43; 13.4-30, ao que a presente seção, de Nee. 12.27-43, é adicionada. Contudo, alguns eruditos supõem que esse "eu" seja um artifício literário do cronista. De qualquer maneira, não há razão para duvidarmos da qualidade de testemunha ocular da narração.

Preparativos para a Dedicação (12.27-30)

Participação da Comunidade. Os levitas que moravam longe da capital, Jerusalém, foram convocados a participar da celebração, e podemos ter certeza de que muitos judeus leigos também se fizeram presentes a fim de comemorar a grande vitória concedida através de Neemias. Cf. Nee. 11.3,20. As muralhas foram dedicadas "com música, purificação, cortejo e sacrifícios" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 27).

Não nos é fornecido nenhum dado cronológico, mas alguns eruditos, mediante o uso de II Macabeus 1.18, supõem que a data tenha sido o vigésimo quinto dia do nono mês, o que, apropriadamente, ocorreu três meses após a conclusão do trabalho (ver Nee. 6.15).

12.27

Na dedicação dos muros de Jerusalém. A celebração foi uma festa de Hanukkah, semelhante à que houve na rededicação do templo, no tempo dos Macabeus (I Macabeus 4.52,59). Essa festa continua sendo celebrada no judaísmo moderno. Após ter considerado vários argumentos e datas, Raymond A. Bowman estabeleceu 2 de outubro de 445 A. C. como o dia da dedicação das muralhas de Jerusalém. Comparar Nee. 6.15, que fala do dia em que as muralhas da cidade foram terminadas.

Toda a comunidade dos levitas, vinda de toda a parte do território de Judá, foi convidada a participar da celebração, por parte de Neemias. Foi um grande dia de vitória, do qual todos deveriam participar. A ajuda dos levitas na música, nos cânticos, nas ações, nos louvores e nas danças seria necessária. Os levitas dedicados às questões musicais eram habilidosos no uso de todo o tipo de instrumentos musicais, e houve um alegre ruído naquele dia. Quanto ao uso dos instrumentos musicais, cf. Esd. 3.10; I Crô. 15.16; 16.5; Isa. 5.12; Sal. 33.2; 43.4; Jó 30.31. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Música, Instrumentos Musicais*, quanto a detalhes. Encontramos uma descrição similar no culto de dedicação do templo, na época dos Macabeus (ver I Macabeus 4.54).

"A dedicação foi tanto um cortejo musical como sacrificial, conforme o padrão da dedicação do templo de Salomão (Ellicott, *in loc.*).

"Os antigos consagravam suas cidades aos deuses, e as próprias muralhas das cidades eram consideradas sagradas. Ovídio fornece-nos uma narrativa das cerimônias usadas no lançamento dos alicerces das muralhas da cidade de Roma, por parte de Rômulo" (Adam Clarke, *in loc.*, referindo-se a Ovídio, *Fast.* lib. iv. vs. 819).

12.28

Ajuntaram-se os filhos dos cantores. Neste versículo, são mencionados dois lugares específicos, que eram as principais fontes informativas sobre os cantores que se reuniram para a dedicação: a campina, nas vizinhanças de Jerusalém, em contraste com as aldeias ao redor de Jerusalém (vs. 29); e as aldeias dos netofatitas. Cf. I Crô. 9.16. Havia colônias de judeus perto de Netofa. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Netofa (Netofatitas)*. Esse era o nome de uma localidade do território de Judá, perto de Belém. Ver I Crô. 9.16 e Esd. 2.22. A campina provavelmente refere-se à planície do rio Jordão, perto de Jericó.

"Essa cerimônia de consagração das muralhas e dos portões da cidade foi um ato de piedade da parte de Neemias, não meramente para agradecer a Deus, de modo geral, por ter sido capacitado a levar a construção a um término feliz, mas sobre a base especial de que a cidade era o lugar que Yahweh tinha escolhido para pôr o Seu templo e ali manifestar a Sua presença" (Jamieson, *in loc.*).

12.29

Como também de Bete-Gilgal e dos campos de Geba e de Azmavete. Este versículo adiciona outras três regiões das quais os levitas vieram para ajudar na dedicação das muralhas de Jerusalém. Ver sobre esses três nomes no *Dicionário*, quanto a detalhes. Bete-Gilgal é a mesma Gilgal de Jos. 15.7. Ver sobre Geba em Nee. 11.31 e Esd. 2.26. Azmavete é mencionado em Esd. 2.24. Ficava ao norte de Jerusalém, ao passo que Netofa (vs. 28) ficava cerca de 24 km a sudoeste. Os servos do templo estavam localizados principalmente em Ofel, mas os cantores levitas podiam ser encontrados principalmente nas aldeias ao norte da capital.

12.30

Purificaram-se os sacerdotes e os levitas. A purificação geral, sem a qual não teria havido nenhuma dedicação formal, começou entre o povo, primeiramente os sacerdotes e os levitas, e em seguida o povo em geral (todos participantes da cerimônia), e então incluiu as próprias muralhas. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Purificação*. Ver também o verbete chamado *Limpo e Imundo*. As estruturas usadas para atender a questões seculares tornavam-se automaticamente imundas. Os sacerdotes sempre passavam por cerimônias de purificação antes de qualquer culto ou função (ver Esd. 6.20). Os leigos ficavam imundos por qualquer razão ou por diversas razões, ao entrar em contato com objetos imundos. Havia um ritual cúltico de purificação (ver I Sam. 21.5). Talvez o jejum fosse um dos elementos de purificação. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Jejum*. Também havia a aspersão de sangue (Êxo. 12.22; Lev. 14.4-7), a lavagem com água, os banhos. Ver sobre o banho cerimonial em Lev. 14.8; 15.16; 17.15; Núm. 8.7; 19.19. Provavelmente sacrifícios especiais também faziam parte dos procedimentos (ver Êxo. 12.22 e Lev. 14.4-7).

O Grupo de Movimento à Esquerda (12.31-37)

12.31

Após a purificação, houve um cortejo em torno das muralhas de Jerusalém. Era mister organizar os grupos que fariam parte do cortejo. A marcha em redor da cidade não foi uma questão de inspeção. Foi um ato ritualista. Historicamente temos a cena paralela da marcha em torno da catedral de Armagh, liderada por São Patrício, na Irlanda. Essa marcha deu início a um nascer-do-sol e foi efetuada por grande multidão de participantes. No caso a que nos referimos na Bíblia, dois grupos foram empregados, cada qual movendo-se em uma direção diferente, um na direção horário e outro na direção contrária. Os grupos parecem ter sido organizados a fim de serem simetricamente arranjados. O vs. 31 descreve o primeiro grupo (que se movimentava na direção horária), e os vss. 38 ss. descrevem o segundo grupo.

Os dois grupos marchavam e cantavam, tocavam instrumentos e davam graças a Deus. Por assim dizer, eram coros ambulantes. Os grupos marcharam em torno das paredes e então se encontraram no templo, que, apropriadamente, era o alvo da cerimônia. "Os coros provavelmente começaram sua marcha perto do Portão do Vale, o qual, de forma muito interessante, era o lugar onde Neemias começou e terminou a inspeção noturna das muralhas arruinadas da cidade, meses antes (ver Nee. 2.13-15). A primeira procissão movimentava-se na direção anti-horária, sobre a muralha sul e oriental, na direção do Portão do Monturo (Nee. 12.31) e passou pela porta da Fonte, até a porta da Água. Visto que ambos os coros entraram no templo (ver o vs. 40), o primeiro grupo deve ter seguido ao longo da muralha até a Porta Oriental... E o segundo coro movimentou-se na direção horária, presumivelmente tento partido do Portão do Vale e passando por vários portões e torres até que chegaram ao Portão da Guarda" (John A. Martin, *in loc.*). O leitor poderá acompanhar a rota tomada no mapa provido no capítulo terceiro.

Porta do Monturo. Ver as notas expositivas em Nee. 3.13 quanto a essa porta da cidade.

12.32-34

Após ele ia Hosaías. O grupo que seguia na direção anti-horária (vss. 31-37) era, igualmente, um coro ambulante (levitas), mas também incluía príncipes e leigos importantes. Esse grupo seguia na direção direita, seguindo a rota anterior de Neemias (Nee. 2.13-15). Os principais participantes aparecem nos vss. 32-36, e então, no vs. 37, a rota deles é novamente descrita. Esse versículo está ligado ao vs. 31. Depois que foi mencionado o avanço até a Porta do Monturo (vs. 31; cf. Nee. 2.13), a descrição é interrompida por uma lista de membros proeminentes do primeiro grupo, que anoto no *Dicionário*. Talvez esses nomes tenham sido interpolados pelo cronista, que fez assim sua contribuição para a história com base nos materiais disponíveis. Havia sacerdotes, levitas, príncipes e o povo em geral, mas a ordem não parece ter seguido estritamente a questão de classes. O vs. 41 parece deixar claro que havia sete sacerdotes em cada grupo.

O líder do primeiro grupo era o leigo Hosaías (mencionado somente aqui em todo o Antigo Testamento). E o líder do segundo grupo foi o próprio Neemias, o "eu" referido no vs. 38. Ver também o vs. 40. Examinando o vs. 36, alguns estudiosos fazem de Esdras o cabeça do primeiro grupo, mas outros duvidam da autenticidade dessa observação. Os nomes dados nos vss. 33 e 34 provavelmente são nomes de sacerdotes, e havia sete sacerdotes, tal como no segundo grupo também havia sete sacerdotes (vs. 41). Hosaías era o príncipe que liderava o grupo dos governantes seculares; ou seja, era o líder de metade do grupo de homens proeminentes. E alguns eruditos fazem dele o líder do primeiro grupo inteiro.

A Ordem. Esdras (Nee. 12.36); o coro (formado por levitas); Hosaías e os príncipes; sete sacerdotes; Zacarias e seus oito associados, ou seja o grupo de levitas musicais. Ver também Esd. 8.3 e o *Dicionário*, no número *vinte e oito*.

12.35,36

Dos filhos dos sacerdotes. Esses filhos (vs. 35) não formavam um grupo separado, mas eram alguns dos sacerdotes cujo trabalho consistia em tocar as trombetas. Não eram levitas, pois as trombetas só podiam ser tocadas por sacerdotes em ocasiões litúrgicas e festivas.

O vs. 36 fornece os nomes dos levitas que tocavam instrumentos. Eles tocavam os instrumentos musicais tradicionalmente associados a Davi (cf. Amós 6.5). Zacarias era o líder deles. Os instrumentos que eles tocavam, em contraste com as trombetas, acompanhavam o cântico do coro ambulante. Davi foi o homem de Deus que enfatizou de tal maneira o ministério da música, porque ele mesmo era um músico excelente. Cf. o vs. 24. Lemos no fim do vs. 36 que Esdras ia adiante deles (o que provavelmente significa o cortejo inteiro). Ou, em outras palavras, ele foi o líder do primeiro grupo e seguia na vanguarda. Alguns eruditos, entretanto, pensam que essa nota é historicamente inexata, adicionada pelo cronista ou por algum editor subseqüente.

Oito levitas foram aqui nomeados, e não houve outros oito, que seguiam com o segundo grupo (vs. 42).

12.37

À entrada da Porta da Fonte subiram diretamente as escadas da cidade de Davi. Este versículo leva-nos de volta à descrição do circuito anti-horário do primeiro grupo, e, assim sendo, reinicia o comentário do vs. 31.

Continuando em seu avanço, o primeiro grupo chegou à *Porta da Fonte* (ver no *Dicionário*). Ver também Nee. 2.14. Ficava ao sul da Porta do Monturo (vs. 31; ver Nee. 3.13 quanto a notas expositivas). Quanto às escadas da cidade de Davi, ver Nee. 3.15. Essas escadarias (ou subida) levavam à cidade de Sião, que foi edificada em um lugar elevado. Eles então passaram para além da casa de Davi, o seu palácio, um edifício separado do palácio de Salomão, que talvez ainda existisse. Ver II Sam. 5.11. Mesmo que o próprio edifício não mais existisse nos dias de Neemias, o local antigo ainda era conhecido, e assim foi mencionado no presente relato. A muralha que subia parecia chegar a um lugar mais alto que o local do palácio de Davi. Então o grupo chegou à *Porta das Águas* (comentada no *Dicionário*). Ver também Nee. 3.26 e 8.16. Eles deram uma guinada da direção sul para a direção leste e assim aproximaram-se do templo. O mapa no terceiro capítulo de Neemias permite-nos seguir os degraus mencionados na descrição.

O Segundo Grupo (Direção Horária) (12.38-42)

12.38

Ao que parece, esse grupo era encabeçado pelo próprio Neemias, o "eu" dos vss. 38 e 40. O vs. 38 dá o ponto de partida desse grupo que, ao que tudo indica, foi em algum ponto nas vizinhanças da *Porta do Vale* (ver a respeito no *Dicionário*). Esse grupo movimentou-se para a esquerda. O Texto Massorético diz aqui "para fora", o que a Vulgata Latina traduziu como "para o lado oposto", e John Gill, *in loc.*, pensou ser o lado norte das muralhas da cidade. Mas "para fora" é um erro escribal de "para a esquerda", emenda que várias traduções adotam, incluindo algumas versões portuguesas. Nossa versão portuguesa prefere dizer "em frente". Note o leitor que "para a esquerda" é contrastado com as palavras "à mão direita", do vs. 31. O Texto Massorético é o texto hebraico padronizado do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

Neemias ("eu") era o líder desse grupo, mas note-se que é dito que ele encabeçava especificamente a metade dos governantes civis, e Hosaías dirigia a outra metade (vs. 32). Em ambos os casos, é dito que os líderes "iam" após o povo, o que significa que os dois "seguiam na retaguarda" de seus respectivos grupos. "Ele (Neemias) seguia na retaguarda de seu grupo, e Esdras seguia na vanguarda do grupo que lhe pertencia" (John Gill, *in loc.*). Essa segunda companhia passou adiante da Torre dos Fornos. Ver sobre *Fornos, Torre dos*, no *Dicionário*. A referência é aos fornos dos padeiros, e não aos fornos de dissolver metais. Ver Nee. 3.11. Então chegaram ao Muro Largo (ver Nee. 3.8, onde dou detalhes sobre a muralha). O leitor poderá acompanhar, no mapa provido no terceiro capítulo deste livro, as rotas seguidas pelos dois grupos.

12.39

E desde a Porta de Efraim. Este versículo dá vários pontos, ao longo das muralhas, que o grupo seguiu: Porta de Efraim (Nee. 8.16; ver *Efraim, Porta de*, no *Dicionário*); a *Porta Velha* (Nee. 3.6; ver no *Dicionário* o artigo com esse nome); torre de Hananeel (ver no *Dicionário* sobre *Hananeel, Torre de*); Torre dos Cem (ver no *Dicionário* sobre *Torre dos Cem (Meah)*; e Porta do Gado (ver Nee. 3.1,32, ver no *Dicionário* o artigo *Porta das Ovelhas*). Em seguida eles pararam defronte da Porta da Guarda (Nee. 3.25; ver *Porta da Guarda (Maphkad)*, no *Dicionário*). Talvez os líderes seculares se tenham reunido nesse lugar para vigiar a cerimônia de dedicação que seria realizada pelos sacerdotes. O leitor pode acompanhar esses lugares ao longo da muralha, ou acompanhar essa parte das muralhas que aparece no mapa oferecido nas notas sobre o terceiro capítulo deste livro.

12.40

Então ambos os coros pararam na casa de Deus. Os dois grupos tinham terminado seus circuitos e chegaram à área do templo, ou seja, à "casa de Elohim". E ficaram de pé no átrio do templo, talvez na área aberta bem a leste do edifício. O "eu" que aparece neste versículo refere-se a Neemias, que proveu a narrativa anotada, aqui e ali, pelo cronista. Ação de graças era o vocábulo do dia. Houve cânticos, louvores e a execução de música pelos instrumentos musicais, bem como sacrifícios. Foi uma ocasião festiva. Neemias e seu grupo são mencionados, mas não Hosaías e o grupo por ele encabeçado (vss. 31, e 32), o que parece ter sido causado por simples negligência.

12.41

Os sacerdotes... iam com trombetas. Os sete sacerdotes sopravam trombetas. Outra lista, aparentemente inserida na narrativa pelo cronista, representava o clero do segundo grupo. Cf. a lista dos sete sacerdotes que tomavam parte no primeiro grupo, nos vss. 33-35.

12.42

E faziam-se ouvir os cantores sob a direção de Jezraías. Este versículo lista os levitas musicais do segundo grupo. Esta é uma lista paralela às dos levitas musicais do primeiro grupo, citados no vs. 36. Ambos os grupos tinham oito levitas musicais, especialistas em cânticos, cujo líder era Jezraías. Eles cumpriam o ideal davídico de uma bem desenvolvida guilda musical, que ajudava a adoração no templo. Ver o vs. 36 e I Crô. 23-26, quanto às várias ordens dos levitas, conforme determinado por Davi. I Crô. 25 trata especificamente do ministério da música e dos responsáveis por ele. Essas tarefas passavam de geração a geração, através de clãs que se ocupavam dessas atividades. O líder do primeiro grupo era Zacarias (vs. 35).

Sacrifício e Celebração (12.43)

12.43

Natureza da Dedicação e da Celebração. Houve muitos cânticos, vários toques de trombetas e instrumentos musicais, louvores (talvez até danças) e também o oferecimento de muitos sacrifícios, sem dúvida de expiação, mas também de ação de graças (as ofertas de cereais). O autor não se deu ao trabalho de informar o número imenso de animais oferecido naquela ocasião. Ver Lev. 7.37 quanto aos vários tipos de oferendas e também para referências aos lugares do Antigo Testamento onde essas oferendas são descritas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sacrifícios e Ofertas*. Cf. a celebração do lançamento dos alicerces do templo, em Esd. 3.13. Em ambas as ocasiões foram produzidas altas exclamações e muito ruído, por causa da alegria. "Este versículo é pleno de alegria, mas antes do regozijo veio a abundante oferenda de sacrifícios" (Ellicott, *in loc.*). Os sacrifícios foram seguidos (conforme se tornara costumeiro) por uma grande refeição comunal que pertencia aos participantes. O sangue e a gordura eram oferecidos a Yahweh, conforme tinha sido ordenado por Moisés (ver Lev. 3.17). Deus era sempre o conviva invisível de qualquer sacrifício ou festividade.

Cf. este versículo com Esd. 6.17, a dedicação do segundo templo, quando o cronista listou o número dos animais sacrificados. Mas nada se comparou ao grande dia que comemorou a dedicação do templo de Salomão, em I Reis 8.63 (22.000 novilhos e 120.000 ovelhas!)

O grande ruído do regozijo foi ouvido a longa distância, o que também se deu por ocasião do lançamento dos alicerces do segundo templo (Esd. 3.13, um versículo quase idêntico).

A Comunidade Ideal (12.44 – 13.3)

O Novo Israel, agora equipado com seu templo (ver o livro de Esdras) e sua muralha da cidade (ver o livro de Neemias), precisava regulamentar o culto a Yahweh. Oficiais foram nomeados para cada ofício e função. Neemias planejou o modelo e fez o que estava a seu alcance para tornar isso uma realidade. A referência a Zorobabel, no vs. 47, indica que o autor sacro pensou que o ideal era a prática normal do período pós-exílico, mas permanece questão aberta quando desse ideal foi colocado em prática, e quão cedo.

Um dos propósitos desta seção foi preparar o leitor para as falhas, os pecados e os erros que aparecerão no restante do livro. Deveria haver um ideal contra o qual se compararia o que realmente teria acontecido. Portanto, o comportamento irregular, retratado no capítulo 13, não era o "normal" que o autor retratava para nós. O povo judeu sabia melhor do que isso; eles tinham maior conhecimento do que aquele que estavam aplicando, o que é verdadeiro acerca de todo povo religioso, por mais sincero que seja.

12.44

Ainda no mesmo dia se nomearam homens. Os sacerdotes e os levitas precisavam ser sustentados, pelo que homens qualificados foram escolhidos para coligir, manusear, guardar e distribuir os produtos derivados dos dízimos, das primícias e ofertas voluntárias que eram a origem do sustento do ministério. Até o homem espiritual precisa comer e ter um lugar para viver. Cf. as instruções de Paulo para os tempos do Novo Testamento: I Cor. 9.4 ss.

Para as câmaras. Isto é, células do templo (ver Nee. 3.30) que serviam de armazéns. Cf. Nee. 10.38 e 39 e Esd. 8.29. Os tesouros de que falam algumas versões portuguesas referem-se aos armazéns de bens materiais. Ver I Crô. 26.20,26.

Das ofertas. Isto é, as ofertas referidas em Nee. 10.39 e Esd. 8.25.

Dízimos. Ver Nee. 10.37,38 e o artigo no *Dicionário* que versa sobre esse assunto. Essas coisas faziam parte de leis físicas que visavam o sustento do ministério (cf. Nee. 13.5).

As porções designadas pela lei. Vários manuscritos hebraicos falam aqui em "para os chefes", os recebedores desses bens, ou seja, os oficiais comissionados a receber os bens materiais acima descritos. Outros manuscritos falam nos "campos". Mas, se ficarmos aqui com os "campos", então estarão em pauta aquelas regiões geográficas predeterminadas para ali serem feitas as coletas. Mas a Septuaginta parece preservar o melhor texto, que diz "dos campos", as origens da maioria dos produtos que foram enumerados.

Supõe-se ser uma alegria conferir doações para o sustento do ministério, e assim toda a nação de Judá sentia-se feliz por estar apoiando abundantemente os sacerdotes e levitas. Devemos lembrar que o autor sagrado apresentava o ponto de vista ideal. Contando com sustento, os sacerdotes e levitas estavam capacitados a agir como deveriam, e isso também servia de motivo de alegria para todo o povo de Judá.

Deus ama ao que dá com alegria.

(II Coríntios 9.7)

Cousa mais bem-aventurada é dar do que receber.

(Atos 10.35)

A coisa mais importante em qualquer relação pessoal não é aquilo que se obtém, e, sim, aquilo que se dá.

(Eleanor Roosevelt)

12.45

E executavam o serviço do seu Deus. Cada classe de sacerdotes e levitas estava ocupada em cumprir os seus deveres. A questão havia sido regulamentada. Cada indivíduo observava as leis e os mandamentos de Moisés no tocante a seu ofício, segundo as ordens emanadas da parte de Yahweh. Portanto, todas as funções eram plenamente servidas como as da purificação, que era tarefa especial dos levitas (ver I Crô. 23.27 ss.). Nenhuma pessoa imunda tinha permissão para participar do culto, e os que estivessem nessas condições deveriam passar pelos procedimentos apropriados para se tornarem novamente limpos e qualificados para a adoração. Os porteiros cuidavam para que nenhuma pessoa imunda fosse admitida aos ritos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Limpo e Imundo.* Ademais, os levitas também cumpriam seus deveres de guardar as portas, os portões e os depósitos; e os cantores estavam presentes para aplicar suas habilidades ao acompanhar a adoração efetuada pelos sacerdotes (levitas aarônicos). O regulamento do templo sempre foi atribuído a Davi (conforme temos, novamente, neste versículo). Ver I Crô. 23.1-26.32. Ele era o *rei ideal* (ver as notas expositivas a respeito em I Reis 15.3), pois, embora tivesse cometido alguns pecados graves, ele nunca se desviou do yahwismo e nunca foi maculado pela idolatria.

Salomão também merece menção honrosa aqui por ter cumprido as ordens de Davi referentes às coisas no templo que ele construiu. Assim, em um sentido secundário, Davi e Salomão tinham voltado ao segundo templo. Ver II Crô. 8.14 quanto à fidelidade de Salomão às ordens de Davi.

12.46

Pois já outrora, nos dias de Davi e de Asafe. O autor sacro lembra, uma vez mais, que fora o *rei ideal,* Davi, quem ordenara os levitas e os sacerdotes em seus turnos e funções, pelo que nada de novo havia sido inventado por Zorobabel, Esdras ou Neemias. As instituições eram divinas e davídicas, e isso era autoridade suficiente para os que viviam no período pós-exílico. Cf. I Crô. 16.7 e 25.1 ss. Para um tratamento mais extenso do assunto, ver I Crô. 23-26.

Outrora. "Sempre houve referência demonstrada para com os antigos precedentes" (Ellicott, *in loc.*).

Asafe. O levita original nomeado para o ministério da música. Ver sobre Asafe no *Dicionário* quanto a detalhes completos.

12.47

Todo o Israel. Neemias não somente tomou a constituir as antigas formalidades cúlticas, mas também reativou os modos antigos de sustento do ministério, conforme já vimos, com abundância de detalhes, no vs. 44. "Vinculando Neemias a Zorobabel, como se Neemias fosse o sucessor imediato de Zorobabel, ele salientou a continuidade da comunidade cúltica ideal por todo o período pós-exílico. Quanto às palavras 'as porções de cada dia', ver Nee. 11.23. O sujeito de consagrava, ao que se presume, é "todo o Israel" (cf. Nee. 10.37). Esse verbo significa "separar", no sentido de apresentar a Deus, no templo, de modo que dali por diante toda e qualquer profanação estava estritamente proibida (cf. Lev. 27.9). Ilustrando o relacionamento apropriado entre os membros do clero, o autor indicou que os levitas davam parte de seus dízimos (o dízimo dos dízimos) para os sacerdotes (cf. Nee. 10.38). Os filhos de Arão eram sacerdotes, em contraste com os levitas (cf. Nee. 10.38)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Quanto ao dízimo dos dízimos, ver Núm. 18.26.

"Todo o Israel. Todas as classes do povo exibiram uma fidelidade consciente ao pagar o que deviam ao templo e aos servos de Deus nomeados para nele ministrar " (Jamieson, *in loc.*).

Capítulo Treze

Outras Reformas Incluindo a Questão dos Casamentos Mistos (13.1-31)

Alguns estudiosos põem os vss. 1-3 juntamente com o capítulo anterior, visto que não há menção de Neemias como se ele tivesse realizado as reformas associadas a esses versículos. Se assim realmente sucedeu, então as reformas de Neemias começam no vs. 4. Seja como for, este capítulo aborda os abusos que contradiziam a noção da comunidade ideal descrita em Nee. 12.44 ss. Os vss. 1-3 deste capítulo fazem parte daquela comunidade ideal. E então, começando no vs. 4, temos o relato de como Neemias precisou efetuar várias reformas para que a comunidade se tornasse verdadeiramente a comunidade ideal, tanto quanto fosse humanamente possível.

Durante doze anos, Neemias tinha servido como governador de Judá, a saber, do vigésimo ano ao trigésimo segundo ano do governo de Artaxerxes (Nee. 5.14; cf. Nee. 13.6). Neemias havia solicitado um período de licença para realizar a magnificente tarefa de reconstruir as muralhas de Jerusalém. Uma vez que isso estava completado, ele continuou sua administração de governo e de reformas, e ninguém teria antecipado que ele abandonaria o ofício de copeiro pessoal do rei da Pérsia por tão longo tempo. Ver Nee. 2.5 ss. quanto à solicitação de licença, que Neemias havia pedido.

Pouco se conta sobre os detalhes, ano após ano, dos doze anos que Neemias passou em Jerusalém, mas "reorganização" e "reformas" foram as palavras-chaves desse período. Podemos supor que Neemias foi um administrador muito hábil e deixou o lugar em boas condições para o seu sucessor. Terminados aqueles doze anos, Neemias retornou a seus deveres anteriores, presumivelmente em Susã (ver Nee. 1.1) ou Persépolis. Ele reiniciou seus deveres como copeiro do rei, mas por quanto tempo permaneceu nessa posição é algo que não se sabe. Diante do afastamento de Neemias, as coisas tenderam por desintegrar-se. Violações sérias da lei de Moisés instalaram-se entre o povo judeu. Assim, quando Neemias voltou a Jerusalém (talvez em 430 D. C. ou mais tarde), teve de enfrentar de imediato a tarefa das reformas. Ele havia chegado a Jerusalém, pela primeira vez, em 444 A. C., pelo que talvez nada menos de catorze anos depois ele voltou a Jerusalém para cumprir uma nova missão.

A começar por 430 A. C., temos o início dos quatrocentos anos de silêncio entre o Antigo e o Novo Testamento. Durante esses quatro séculos foram compostos livros apócrifos e pseudepígrafos, mas não houve mais livros canônicos do Antigo Testamento. No *Dicionário* ofereço artigos sobre essas composições.

Os vss. 1-3 deste capítulo são redigidos na terceira pessoa, mas a começar pelo vs. 4 temos o "eu", a primeira pessoa do singular, pois era Neemias falando. Quanto às memórias de Neemias, ver Nee. 1.1-7.5; 11.27-43 e 13.4-30. Os primeiros três versículos provavelmente são a composição e o comentário do cronista, devendo ser ligados a Nee. 12.44-47 como uma continuação. O assunto é paralelo do trecho de Esdras 9.1-10.44.

13.1-3

Naquele dia se leu para o povo no livro de Moisés. Estes três versículos devem ser vinculados a Nee. 12.44-47 como uma continuação. É usada a terceira pessoa do singular. As reformas de Neemias começam a ser narradas no vs. 4, e ali temos o "eu", referindo-se a coisas que o próprio Neemias disse e fez. Ver acima sobre as memórias de Neemias. Nee. 12.44-13.3 fala sobre a comunidade ideal, que tinha de ser pura, separada dos gentios, separada dos pagãos. A leitura da lei de Moisés revela que os amonitas e moabitas não tinham parte na comunidade de Israel, por causa de infrações causadas no passado, quando eles procuraram impedir a conquista da Terra Prometida por parte de Israel. Ver Deu. 23.3-5 quanto à passagem em questão.

No palco do Israel pós-exílico, os amonitas eram o povo liderado pelo horrendo Tobias (ver Nee. 2.10 e 13.4-8). Os moabitas (povo que residia adjacente a Amom, mais ao sul) também estiveram envolvidos em planos contra o projeto de Neemias. Dentro do contexto antigo, tanto os moabitas quanto os amonitas estavam vedados de entrar na comunidade de Israel, devido a altiva oposição (ver Deu. 23.3). Seus atos, no tempo de Neemias, foram suficientes para desqualificá-los de participar na comunidade ideal estabelecida por Neemias. Os moabitas tinham ido tão longe, nessa oposição, que chegaram a contratar Balaão (vs. 1) para amaldiçoar Israel (Núm. 22-25), pelo que se tinham tornado malignamente culpados. Balaque era o homem que tivera a idéia diabólica de contratar Balaão para amaldiçoar Israel, e, embora nenhuma maldição tivesse sido permitida por Yahweh, os casamentos mistos com os moabitas arruinaram a separação e distinção de Israel como nação.

Note-se que os atos dessas nações foram condenados pelo manual da fé religiosa dos hebreus, a saber, a legislação mosaica.

Vs. 3. Ouvir a lei era suficiente para fazer os israelitas agir. Os hebreus estavam familiarizados com a antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento-restauração e ansiavam por evitar qualquer manifestação dessa síndrome no tempo de Neemias. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* A comunidade ideal era extremamente sensível à mera leitura das Escrituras que falavam sobre a separação entre Israel e outros povos. Mas logo veremos que a comunidade ideal não era assim tão ideal, conforme o tempo foi passando. Quando Neemias voltou a Jerusalém, logo percebeu que tinha muitas reformas a fazer, para que a comunidade ideal voltasse a seu estado inicial. Neste presente versículo, a lei lida foi um reflexo de Deu. 23.3. A "mistura estrangeira" (American Jewish Translation) precisava ser eliminada. Os judeus

pensavam em si mesmos como a farinha pura, ao passo que os misturados com o paganismo, por meio de casamentos mistos, compunham a massa corrompida.

Extensão da Separação. Alguns eruditos pensam que os estrangeiros foram completamente banidos de Jerusalém e enviados a seus países de origem. Mas outros supõem que a exclusão foi apenas dos privilégios do templo e do culto. Quanto a outro banimento, anteriormente feito, ver Esd. 10.15-44.

Reformas de Neemias (13.4-31)

Voltamos agora ao uso da primeira pessoa do singular, o "eu". Neemias volta à narrativa, com parte de suas memórias. Ver os comentários da introdução antes do começo da exposição sobre Nee. 13.1, quanto aos comentários. A comunidade ideal, visualizada em Nee. 12.44-13.4, como é óbvio, nunca teve cumprimento, pois quando Neemias voltou a Jerusalém, cerca de 430 A. C., ele encontrou condições deploráveis e a necessidade de reformas urgentes. Ver a introdução geral ao capítulo quanto a detalhes. Comento ali sobre os doze anos de trabalho de Neemias em Jerusalém, e sua volta à Pérsia para reiniciar o trabalho de copeiro do rei. Não somos informados sobre os motivos pelos quais Neemias retornou, mas sabemos que ele obteve do rei outra licença para ausentar-se (vs. 6). É provável que Neemias apenas quisesse fazer uma verificação das coisas. Para seu espanto, ele encontrou toda a variedade de males, a começar pelo próprio sumo sacerdote, que tinha agora apertados laços de família com o ímpio Tobias.

Expulsão de Tobias (13.4-9)

13.4

Ora antes disto. Essas palavras são um tanto vagas e têm deixado perplexos os intérpretes. Elas poderiam significar "enquanto eu estava de volta, com o rei da Pérsia". Durante esse tempo, o sumo sacerdote havia preparado sua momice. Mas também poderiam significar "antes que a lei acima fosse lida", referindo-se aos vss. 1-3 deste capítulo. Talvez diga respeito a algum incidente específico relatado por Neemias, que agora o cronista, ao narrar o registro, deixou de lado.

Eliasibe. Ver Nee. 3.1,20,21; 12.10,22. Este homem, embora fosse sumo sacerdote (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sumo Sacerdote*), não era cuidadoso quanto à separação racial. De alguma maneira não-especificada, ele estava ligado por laços de família com o horrendo Tobias. Sabemos que o sumo sacerdote estava vinculado por casamento com Sambalá (ver Nee. 13.28), e parece que as famílias envolvidas estavam todas misturadas por casamentos mistos. Não há razão para duvidar da historicidade dessa informação. Só porque Eliasibe se relacionava por casamento com Sambalá não significa que essa condição não teria existido com a família de Tobias também.

Encarregado da câmara da casa do nosso Deus. Na Septuaginta, isso é interpretado como "o tesouro", mas talvez somente esteja em foco um lugar para estar, ou um depósito. Cf. Esd. 8.29 e 10.6. O vs. 5 demonstra que a Tobias foi dada essa câmara pela autoridade do sumo sacerdote, e que isso era uma infração séria. Nenhum estrangeiro poderia ter espécie alguma de acesso ao complexo do templo.

13.5

E fizera para este uma câmara grande. Ver a oposição de Tobias contra o projeto de Neemias e contra o próprio Neemias, a quem ele ridicularizou (Nee. 2.10-19; 4.3,7; 6.1,12,17,19). Mas na ausência de Neemias, Tobias tinha-se mudado para o templo e estava guardando os objetos valiosos daquele local. Foi-lhe dado um dos depósitos do templo, uma câmara lateral que servia para guardar as oferendas sob a forma de grãos. "Ali Tobias podia opor-se à obra de Deus, ao mesmo tempo que fingia assistir aos cultos!" (John A. Martin, *in loc.*). A câmara entregue ao horrendo Tobias tinha sido um depósito para os vários itens enumerados neste versículo, coisas pertencentes aos ministros, oferendas sob a forma de dízimos, ofertas voluntárias etc. Ver os comentários em Nee. 12.44, que, pelo menos em parte, são paralelos a este versículo. O lugar fora santificado pelos dízimos e pelas ofertas. Mas agora estava contaminado pelo maligno Tobias. Jamieson (*in loc.*) pode estar correto ao supor que Tobias, que não residia em Jerusalém, tivera esse "esplêndido apartamento" preparado para ele, um lugar para ficar quando estivesse de visita à capital. O vs. 9 talvez indique que as várias câmaras estavam combinadas em uma para Tobias, de modo que ele tivesse mais espaço. Ver em Nee. 2.10 como Neemias residia distante de Jerusalém. É perfeitamente possível que agora ele se tivesse mudado de forma permanente para a capital da nação.

13.6

Mas quando isso aconteceu não estive em Jerusalém. Durante alguns anos, Neemias tinha voltado a servir pessoalmente ao monarca persa, talvez em Susã ou Persépolis (quartéis-generais dos reis da Pérsia). No ano trigésimo segundo de Artaxerxes (cerca de 432-433 A. C.), Neemias conseguiu do monarca persa outra licença para ausentar-se, a fim de verificar como as coisas corriam em Jerusalém. Talvez ele tivesse ouvido rumores sobre as coisas que aconteciam ali, ou talvez sua viagem tenha sido de simples rotina de verificação.

Rei de Babilônia. A expressão está historicamente correta, porquanto o autor sagrado espera que saibamos que os persas haviam conquistado a Babilônia, deslocando da cidade os monarcas babilônios, pelo que os reis da Pérsia também se tinham tornado reis da Babilônia. Cf. Esd. 6.22.

Neemias estivera ausente de Jerusalém por doze anos (cf. Nee. 5.14 a 13.6). Alguns estudiosos pensam que o ano em que ele voltou foi 430 A. C. Não somos informados por quanto tempo Neemias permaneceu em Jerusalém nessa segunda vez. Talvez Malaquias tenha sido o principal profeta de seus dias ali.

13.7

Então soube do mal que Eliasibe fizera. Neemias rotulou o que Eliasibe fizera de "mal". Ele violara todas as leis da separação do templo, bem como as leis referentes ao limpo e ao imundo. Tobias havia contaminado o templo e o tornara imundo, cerimonialmente falando. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo*.

13.8

Isso muito me indignou. Neemias estava "fumegante", conforme diz a expressão popular. Parece que ele foi pessoalmente à câmara de Tobias e jogou fora dali todas as coisas pertencentes a Tobias. O fato de ele ter sido capaz disso, sem que ninguém lhe fizesse oposição, nem mesmo o sumo sacerdote, mostra o poder que Neemias tinha. Essa circunstância, entretanto, não justifica a oposição que ele ainda mantinha no ofício de governador. "Neemias estava irado, em consonância com sua personalidade volátil (vs. 25)... a ira foi expressa pela violência das ações de Neemias, visto que o verbo 'atirar', usado neste versículo, também é usado no hebraico para indicar a idéia de 'jogar pedras'" (Raymond A. Bowman, *in loc.*). Alguns sugerem que as coisas que Neemias atirou para fora da câmara não foram apenas móveis e objetos pessoais, pertencentes a Tobias, mas também objetos usados no culto do templo. Mas é difícil imaginar que ao pagão Tobias tivesse sido dada alguma participação no culto de Yahweh.

Embora nada nos seja dito a respeito, podemos imaginar o horror com que outros observaram a cena. Mas Neemias não temeu o rosto de ninguém. Cf. o ato de Jesus ao purificar o templo, em Mat. 21.12.

13.9

Então ordenei que se purificassem as câmaras. Sem dúvida, isso foi feito pelos levitas, sob as ordens de Neemias. Ninguém levantou a voz em protesto. Em primeiro lugar, todos conheciam a lei e sabiam que Neemias estava com a razão. Em segundo lugar, o homem estava furioso, e seus raios de poder de vontade ressecavam as forças de todos aqueles ministros transigentes. Teria sido melhor confrontar um leão naquele momento do que resistir a Neemias! O ritual de purificação haveria de descontaminar o lugar. A condição de santidade precisava ser restaurada. Foram efetuados ritos de purificação com água e, talvez, com sangue. Cf. II Crô. 29.15,16,18; 34.3,5,8. O ritual de purificação envolvia os atos de lavar e esfregar (ver Lev. 6.27,28). Então havia o ato de salpicar sangue, de uma maneira simbólica (Eze. 45.18,19), além do ato de oferecer sacrifícios (Lev. 15.1-33). Encontramos a interessante informação de que, na Babilônia, os atos de purificação de um templo envolviam aspergir água, tocar tambores, queimar de incenso, acender tochas, esfregar as portas com resina de cedro, abater de um carneiro e recitar exorcismos (A. Sachs, "Temple Program for the New Year's Festival at Babylon", contido no livro de J. B. Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*). Se um templo fosse contaminado, estaria contaminada a comunidade inteira e o culto inteiro, o que explica o elaborado das cerimônias de purificação.

Terminado o expurgo, os itens originais foram devolvidos à câmara, incluindo os vasos sagrados usados no culto a Yahweh.

Restauração do Sustento aos Levitas (13.10-14)

13.10

Também soube que os quinhões dos levitas não se lhes davam. O povo judeu se mostrara lasso; e alguns deles eram até preguiçosos; o ministério foram negligenciado. As primícias não eram trazidas; os dízimos não eram coletados; os depósitos que conteriam as ofertas voluntárias viviam quase sempre vazios. Os levitas tinham de arar terras adjacentes às cidades onde residiam para sobreviver. O culto do templo, pois, era negligenciado. O que deveria ter sido feito, Nee. 12.44 descreve como ignorado.

"Embora os sacerdotes tivessem outros meios de sustento (ver Núm. 18.8 ss.), os levitas dependiam inteiramente dos dízimos para sobreviver (vs. 12). À semelhança de Malaquias (3.10), Neemias esperava que o povo judeu trouxesse seus dízimos aos depósitos do templo. Fica entendido que os levitas coletavam regularmente suas porções desde os tempos de Zorobabel (ver Nee. 12.47), mas, a despeito da suposta organização pare recolhimento dos dízimos (ver Nee. 12.44), é evidente que houve considerável lassidão, durante o período persa, na apresentação dos dízimos ao templo (cf. Mal. 3.8 ss.)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

13.11

Então contendi com os magistrados, e disse. Quando os dízimos não mais eram recolhidos, os levitas foram forçados a parar suas tarefas no templo e a fugir, para obter o dinheiro com que se sustentar (vs. 10). Cada levita teve de apelar para seu campo, isto é, retornar às tarefas agrícolas (Nee. 12.28,29). Cf. Núm. 35 e Jos. 21. Neemias, pois, atacou os magistrados, isto é, aqueles que estavam em posições de autoridade, civil e religiosa, e repreendeu-os por haverem negligenciado o templo, a Casa de Deus (Elohim). Ele precisou convocar uma assembléia e confrontá-los com seus pecados e inadequações. Cf. Nee. 2.17 ss. e 5.7. Quanto ao templo como a "casa de Elohim", ver Nee. 6.10; 8.16; 11.16,22 e 12.40. "Neemias foi o último leigo a interferir eficazmente na constituição sacerdotal, em virtude dos poderes que a coroa da Pérsia investiu nele" (W. F. Albright). Promessas solenes haviam sido quebradas, o que constitui o abc dos políticos (ver Nee. 10.39).

Ajuntei os levitas e os cantores. Neemias enviou um recado de chamada a todos os levitas e cantores que serviam no culto do templo, para que deixassem suas plantações e reiniciassem os seus deveres no templo de Jerusalém.

13.12

Então todo o Judá trouxe os dízimos do grão. Mediante sua palavra poderosa, Neemias prevaleceu sobre todo o Judá para recomeçar a trazer as contribuições necessárias para o sustento do ministério. Ver Nee. 12.44 quanto aos modos ideais de contribuir. Neemias precisou reorganizar todo o programa e, com ameaças e palavras de encorajamento, pôs as coisas novamente em condições de operação. Os depósitos do templo ficaram novamente cheios, e os "agricultores" tornaram-se, de novo, "ministros". Eles disseram: "Não desampararemos a casa do nosso Deus" (ver Nee. 10.39). E Neemias forçou os judeus a observar essa promessa, pelo menos por algum templo. Foi assim que ele restaurou os dízimos e o pessoal que cuidava do templo, uma tarefa em nada pequena no meio de espectadores indiferentes.

Digno é o trabalhador do seu salário.

(Lucas 10.7)

Sou um trabalhador autêntico; ganho o que como;
Obtenho o que visto; não devo nada ao ódio alheio;
Não invejo a felicidade de ninguém.
E alegro-me diante do bem de outros homens.

(Shakespeare)

13.13

Por tesoureiros dos depósitos. Os depósitos tinham sido renovados, e agora havia aqueles que cuidariam deles e garantiriam a distribuição apropriada. A mesma coisa é dita em Nee. 12.44, sem uma lista dos nomes dos responsáveis. Os sacerdotes ficariam com a décima parte de todos as oferendas recolhidas, e o resto iria para os levitas não-aarônicos. Ver Núm. 18.26. O sumo sacerdote Eliasibe havia fracassado em seu ofício e chegara a contaminar o templo. Os homens nomeados com o propósito de distribuir as oferendas eram conhecidos por sua fidelidade, e por isso mereciam toda a confiança de Neemias.

13.14

Por isto, Deus meu, lembra-te de mim. Uma vez mais, Neemias invocou a Yahweh para que visse o bem que ele estava tentando realizar em favor do povo, e pediu que suas boas obras e ele mesmo prosperassem pela graça divina. "Lembra-te de mim", disse ele novamente. Ver as notas em Nee. 5.19 e comparar com algo similar em Nee. 13.31. Há um relembrar divino negativo dos homens infiéis em Nee. 4.5 e 13.29. Há aquele "livro de referências divinas", a Mente Divina, que tem tudo registrado, e em acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), que recompensa e pune com justiça. Isso reflete o *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*).

Por sete vezes, neste livro, temos orações em que Neemias pede que Deus se lembre. Ver Nee. 6.4 (duas vezes); 13.14,22,29,31 e 5.19. Sua recompensa vinha de Deus. Ele não esperava que os homens justificassem seus atos. Ver notas expositivas mais completas, com ilustrações, em Nee. 5.19. Quanto ao livro de registros de Deus, ver Êxo. 32.32,33. Isso naturalmente é um *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*), mas expressa uma grande verdade. Cf. Mal. 3.16, os bons feitos dos homens justos que atuarão como créditos na conta corrente de homens fiéis, no dia do juízo final. Neemias havia encabeçado a construção das muralhas de Jerusalém, e em seguida labutara para que houvesse um correto culto a Yahweh, bem como o sustento dos ministros levitas. Suas boas obras o seguiriam para além do sepulcro.

Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas,
pois as suas obras os acompanham.

(Apocalipse 14.13)

A idade não os deixará exaustos,
Nem os anos os condenarão.
Quando o sol puser-se no horizonte
E também pela manhã,
Nós nos lembraremos deles.

(Edward Henry Bickersteth)

Este versículo deve ser confrontado com Osé. 6.10.

Neemias não queria que os seus esforços fossem
desfeitos pela negligência do povo.

(John A. Martin, *in loc.*).

Reformas Relativas ao Sábado (13.15-22)

13.15

Naqueles dias vi em Judá. Já vimos que Neemias teve de reinaugurar a guarda do sábado (ver Nee. 10.31). Nee. 9.14 mostra-nos que a guarda do sábado fazia parte da legislação mosaica dada no Sinai. E, como é claro, a instituição desse dia especial recua até a história da criação (ver Gên. 2.3). A guarda do dia de sábado tornou-se um dos *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*) e era o sinal do pacto mosaico (comentado na introdução a Êxo. 19), tal como a circuncisão era o sinal do pacto abraâmico. Meus amigos, não mais observamos esses sinais, pois estamos sob o Novo Pacto, o qual não se caracteriza por sinal algum. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sábado*. Nos dias de Neemias, o sétimo dia havia sido reservado pelos judeus para os negócios comerciais, o que naturalmente estava errado. Cf. Amós 8.5 e Jer. 17.21-27. Ver também Eze. 20.13; 22.8; 23.38. Quanto a idéias adicionais a respeito, ver a exposição em Nee. 10.31.

As palavras "naqueles dias" provavelmente representam uma fórmula usada pelo autor sacro para introduzir algum outro episódio. Cf. Nee. 12.44; 13.1 e 4. Durante sua segunda visita, Neemias observou abuso após abuso, entre os quais ele anotou o fato de que o sábado não estava mais sendo observado, em oposição direta à ordem que ele havia estabelecido após a construção das muralhas da cidade. Os agricultores trabalhavam no sábado! Homens envolviam-se no comércio no sábado! O templo estava sendo negligenciado no sábado! Para os judeus, o dinheiro significava mais do que o culto a Yahweh. O dinheiro significava mais do que a legislação mosaica. Neemias, sem dúvida alguma, ficou furioso (cf. Nee. 13.8). Visto que são mencionadas várias colheitas, que ocuparam diversos meses, pode ser que Neemias continuou observando o que estava acontecendo e foi ficando cada vez mais furioso, antes de agir. Ou poderia um homem como Neemias ficar esperando todo aquele tempo? O que ele viu era uma "coisa má", tal como a contaminação do templo por meio de Tobias (ver o vs. 7). O povo tinha concordado, por escrito, em não fazer tais coisas (ver Nee. 10.31), mas eles eram infiéis e quebravam facilmente suas promessas. Finalmente, porém, Neemias falou em termos em nada incertos.

"Ele admoestou os judeus sobre aqueles males; testificou contra eles como quem tinha quebrado a lei. E conclamou os céus e a terra para que testificassem contra eles" (John Gill, *in loc.*). "O sábado parece ter sido totalmente desconsiderado" (Adam Clarke, *in loc.*). "Protestei" é linguagem própria dos profetas. Ver Nee. 9.26. Neemias haveria de fechar os portões da cidade (vs. 19) e assim faria parar as negociações nos dias de sábado. Em primeiro lugar, porém, ele dirigiria uma tirada contra os nobres, por não terem reforçado a observância do sábado (vs. 17).

13.16

Também habitavam em Jerusalém tírios que traziam peixes. Esses peixes tinham de desaparecer do mercado nos dias de sábado. Os tínos eram

pescadores e tinham um comércio de peixes de dimensões internacionais. E não se esqueceram dos que gostavam de peixe em Jerusalém. Os tírios foram os mais extraordinários comerciantes do mundo antigo (ver Eze. 27). Aqueles homens, que vendiam peixes em toda parte, eram agentes de grandes casas mercantis da Fenícia. O peixe era trazido pelo mar até Jope, e daí seguia até Jerusalém por um caminho terrestre. Os tírios sabiam como preservar o pescado. Eles tinham seus sistemas de transporte. Eram pagãos que pisavam a legislação de Moisés, e isso com a ajuda dos judeus! Aqueles homens tinham ajudado a transportar materiais para o segundo templo de Jerusalém (ver Esd. 3.7), tal como tinham feito nos tempos antigos de Salomão (I Reis 7). Também supriam um labor técnico, que faltava aos hebreus, bem como habilidades arquiteturais como Israel nunca possuiu. Podemos dar-lhes crédito por essas cousas, mas devemos condená-los no episódio dos peixes.

13.17

Contendi com os nobres de Judá. Como lhe era usual, Neemias levou suas queixas diretamente aos príncipes, aos nobres, aos governantes civis e religiosos, que tinham a autoridade de fazer mudanças. Cf. atos anteriores parecidos, em Nee. 5.7 e 13.11. O abuso do sábado, por parte dos judeus, era outra coisa má (ver o vs. 7; ver também Jos. 22.16). A expressão aqui usada, "profanando o sábado", é bastante tardia, de caráter sacerdotal. Ver também Êxo. 31.14 e Isa. 56.2,6. Eles transformaram o que era sagrado em secular e profano e tratavam o santo dia de sábado como se fosse outro dia qualquer. Dessa maneira, anularam o sinal do pacto mosaico.

Os nobres tinham-se mostrado negligentes, gananciosos e descuidados, pelo que, acima de todas as demais pessoas, precisavam da repreensão administrada por Neemias. Ver a predição de Jeremias em Jer. 17.27. O cativeiro babilônico havia ocorrido por causa do abuso contra o sábado, entre muitos outros pecados.

13.18

Acaso não fizeram vossos pais assim...? Jeremias, o profeta, havia predito o cativeiro babilônico, porque o sábado estava sendo profanado (Jer. 17.27). E o cativeiro babilônico tinha acontecido. Apesar disso, os líderes do Novo Israel persistiam em um curso desastroso que atrairia outras calamidades. Mas eles colheriam o que haviam semeado. Essa é uma das principais leis espirituais. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Cf. Esd. 9.14; 10.10,14 e Eze. 20.12 ss. Yahweh já começara a olhar de soslaio para aqueles judeus que haviam retornado do cativeiro babilônico, mas sem aprender sua lição.

13.19

Dando já sombra as portas de Jerusalém antes do sábado. Nee. 7.3 mostra-nos que os portões da cidade, uma vez consertados, por ordem de Neemias, eram fechados ao cair da noite, por temor que os opressores lançassem um ataque de surpresa. Assim também agora, nos dias de sábado, os portões eram trancados e guardados pelas sentinelas apropriadas, para impedir qualquer tipo de comércio naqueles dias. Ninguém podia entrar ou sair da cidade. Os comerciantes com peixes ficavam "na mão", conforme diz uma expressão idiomática popular de hoje em dia.

Era começar a fazer escuro, e as portas de Jerusalém eram trancadas. O dia ia do pôr-do-sol ao romper o dia, pois o novo dia começava às 18 horas. O sábado ia das 18 horas de nossa sexta-feira até as 18 horas de nosso sábado. Jarchi foi quem pitorescamente falou sobre os portões da cidade serem fechados "conforme as sombras da noite se estendiam sobre os portões", como lemos aqui, em nossa versão portuguesa.

13.20

Então os negociantes e os vendedores. A despeito de todas as tiradas e provisões de Neemias, aqueles gananciosos comerciantes "se abrigavam" do lado de fora dos portões, na esperança de que acontecesse algo que levantasse o banimento. Talvez eles até tenham tentado negociar durante a noite, quando ninguém estava olhando. É tradicional (entre a maioria das pessoas) o dinheiro falar mais alto do que a religião.

> *Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males;*
> *e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé,*
> *e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.*
>
> (I Timóteo 6.10)

13.21

Protestei, pois, contra eles, e lhes disse. Quando Neemias percebeu o que aqueles ímpios negociantes estavam fazendo, ameaçou usar contra eles a força. Ele queria que eles se afastassem das muralhas. Não queria que ninguém sofresse a tentação de fazer "negócios em segredo". Neemias apelaria para a violência, e isso os deixou assustados, de forma que abandonaram o lugar. Algumas vezes, a solução violenta é a mais rápida, fácil e econômica. Os homens malignos riem-se da negociação, e é por isso que muitos líderes são psicopatas que só entendem a violência. É inútil tentar raciocinar com alguns homens, como se todos respeitassem a razão.

Lançarei mão sobre vós. Em outras palavras, Neemias ameaçou atacá-los, espalhá-los, destruir suas mercadorias e aprisionar a alguns, enquanto o resto fugia. John Gill pensa que Neemias chegaria ao extremo de "espancar e matar" alguns deles. Ele poderia executá-los, visto que quebrar o sábado era uma ofensa capital. Ver Êxo. 25.2; 31.15; Núm. 15.32 ss.

> *Pode alguém relembrar-se quando os tempos não*
> *eram difíceis, e quando o dinheiro não andava escasso?*
>
> (Ralph Waldo Emerson)

13.22

Também mandei aos levitas que se purificassem. Provisões apropriadas foram tomadas para reforçar a obrigatoriedade do dia de sábado. Certos levitas tiveram de purificar-se, passando por banhos cerimoniais, ritualistas, aspersões com água e talvez com sangue, para serem ministros capazes de guardar as muralhas e deter o comércio efetuado nos dias de sábado. Ver o vs. 9 quanto a uma purificação anterior como parte das reformas de Neemias. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Limpo e Imundo*, quanto às coisas que tornaram um judeu cerimonialmente impuro, e como essa imundícia poderia ser anulada.

Nee. 7.1,2 mostra-nos que os levitas foram encarregados dos portões da cidade, tal como já estavam encarregados dos portões do templo. Alguns eruditos pensam que essa foi uma ocasião especial, visto que manter guardas de portões seculares era a regra, com exceção do templo. Mas parece evidente que os levitas já estavam atarefados na guarda dos portões da cidade, pelo menos em algumas épocas da história de Israel. Seja como for, a guarda dos portões da cidade, naqueles dias, para resguardar a santidade do dia de sábado, era, definitivamente, uma tarefa própria para os levitas, os ministros das coisas sagradas.

Neemias queria que Yahweh lançasse crédito em sua conta corrente pelo bem que ele tinha praticado. Ele havia purificado o templo (vs. 9); ele havia restaurado o sustento financeiro dos ministros (vss. 10-14); ele havia restaurado a observância apropriada do sábado. Em outras palavras, ele tinha feito o bem. Como recompensa, pediu salvação física, proteção contra seus inimigos e longa vida (uma promessa especial para quem guardasse a lei mosaica; ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11). E também queria tempo para terminar sua missão na terra. Alguns eruditos vêem nisso a inclusão da salvação eterna, mas tal pensamento é estranho ao contexto. A origem do bem divinamente dado a Neemias seria a poderosa e eterna misericórdia de Deus, no hebraico, *hesed*, o Seu amor leal. A Revised Standard Version dá aqui uma ótima tradução, "amor constante". Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor*. Neemias tinha trabalhado com amor e esperava a recompensa da parte do amor divino.

Por sete vezes, neste livro, temos orações de Neemias que invocam Elohim a lembrar-se dele para o seu bem. Ver Nee. 5.19 (e as notas expositivas completas ali); 6.14 (por duas vezes); 13.14,22,29,31. O livro termina com esse tom excelente.

Neemias esperava receber uma recompensa divina por seu labor espiritual.

> *Quando outras ajudas falham,*
> *E os consolos fogem,*
> *Ajuda dos impotentes,*
> *Fica comigo.*
>
> (H. F. Lyte)

> *Continuai trabalhando! Continuai trabalhando!*
> *Mantende o brilhante galardão em vista.*
> *O Mestre disse que Ele*
> *Fortalecerá e renovará.*
> *Continuai trabalhando até o fim do dia.*
>
> (C. R. Blackall)

> *Ouvi vós a chamada do Mestre —*
> *Dá-me do teu melhor!*
> *Pois, seja grande ou pequeno,*
> *Esse é o teste.*
>
> (S. C. Kirk)

Reformas quanto aos Casamentos Mistos (13.23-29)

Poderíamos supor que, após a maneira radical pela qual Esdras tratou da questão dos casamentos mistos, que o problema não voltaria a ser uma praga contra Israel por longo tempo. Infelizmente, porém, a corrupção do coração humano nunca desiste. Ver Esd. 9-10. Aquilo que fora reformado, logo precisou ser reformado de novo. Isso é típico da vida humana. É conforme alguém disse em um sermão que de certa feita ouvi: "E assim digo para o Senhor: Eis-me aqui com o mesmo pecado de novo, pedindo perdão!".

"O povo de Judá tinha prometido, por escrito, que não se misturaria por casamentos mistos com povos pagãos (ver Nee. 10.30). No entanto, quando Neemias voltou a Jerusalém, descobriu que muitos homens haviam violado esse compromisso também (cf. Esd. 9.1-4; 10.44; Mal. 2.10,11), tendo-se casado com mulheres da cidade filistéia de Asdode, com amonitas e moabitas (ver os comentários sobre Esd. 10.1-3). Isso tinha sido proibido pela legislação mosaica (ver Êxo. 34.12-16; Deu. 7.1-5). Aqueles casamentos mistos significavam que os filhos dos judeus estavam falando os idiomas de suas mães, e não o hebraico" (John A. Martin, *in loc.*).

Tinham-se passado apenas vinte e cinco anos desde as reformas de Esdras, e o mal dos casamentos mistos perseguia de novo a Judá.

13.23

Vi também naqueles dias. O olho reformador de Neemias, que não perdia de vista uma coisa sequer, viu mais abusos. Ele tinha purificado o templo contaminado (vs. 9); tinha restabelecido o sustento dos ministros (vss. 10 ss.); tinha feito parar as profanações contra o dia de sábado (vss. 15 ss.); e agora ele faria cessar as corrupções morais (sobretudo a idolatria) envolvidas nos casamentos mistos com pagãos.

Parece que casamentos de judeus com outros povos eram encontrados principalmente nas fronteiras de Judá, nas vizinhanças dos povos mencionados, asdoditas, amonitas e moabitas. Ver sobre os nomes locativos no *Dicionário*, bem como sobre Asdode, em Nee. 4.7; sobre Amom, em Nee. 2.10 e Esd. 9.1; e sobre Moabe, em Esd. 9.1.

13.24

Seus filhos falavam meio asdodita. Esses filhos, naturalmente, aprenderam a falar o idioma de suas mães. A versão árabe fornece-nos a idéia mais natural do que os filhos falavam, misturando metade em hebraico e metade em outra língua, que é o que realmente acontece aos filhos que ficam expostos a um meio ambiente bilíngüe. Com a versão árabe concorda nossa versão portuguesa. Mas a queixa do cronista era que os filhos tinham abandonado sua língua nativa (pois seus pais eram judeus) e estavam falando metade hebraico e metade outra língua estrangeira. Fica na dúvida quanto de hebraico esses filhos ainda eram capazes de falar. O aramaico foi adotado no exílio pelos judeus, mas podemos supor com razão que muitos judeus eram bilíngües. Talvez a antiga língua da Filístia ainda fosse falada na Palestina, a despeito da invasão por parte dos filhos de Israel e da quase aniquilação daquele povo. Mais provavelmente, a linguagem falada nos territórios filisteus era o nabateu, mistura do aramaico com o árabe, que tinha produzido um dialeto distinto. Essa era a língua que prevalecia no sul da Palestina, nos dias de Neemias.

Alguns eruditos argumentam que o aramaico se tornara o idioma dos judeus (tendo-se transformado na língua nativa deles naquela data recuada); e Josefo parece dar apoio a esse ponto de vista. O mais certo, porém, é que os judeus continuavam falando o hebraico (pelo menos muitos deles), juntamente com o aramaico; e então houve a mistura inevitável dos dois idiomas. Seja como for, finalmente o aramaico prevaleceu sobre o hebraico como língua da Palestina, nos dias de Jesus. O aramaico era uma língua irmã do hebraico, mas provavelmente elas não eram tão próximas uma da outra quanto o espanhol é parecido com o português.

Devemos lembrar que mães e filhos viviam juntos de maneira bem reclusa, pelo que os filhos aprendiam o idioma de suas mães. E esses filhos apanhavam também "algumas palavras" da parte de seus pais, que estariam a maior parte do tempo "fora de casa", trabalhando.

13.25

Contendi com eles, e os amaldiçoei. Neemias ficou violento ao observar aquela situação. Ele atacou os ofensores; espancou-os; puxou-lhes a barba; proferiu-lhes uma tirada de fala degradante; e fê-los prometer que abandonariam suas esposas estrangeiras e não se casariam mais com mulheres estrangeiras daquela maneira. E eles também não podiam mais tomar noivos estrangeiros para suas filhas, nem tomar noivas estrangeiras para seus filhos, em casamentos de conveniência. Ali estava o reformador Neemias, no seu jeito mais autêntico, sem conversa mole, sem diplomacia, sem transigência. Ou as coisas corriam do seu jeito, ou de jeito nenhum, pois ele estava certo de que sua maneira de agir era a maneira de Yahweh, e assim recomendava a legislação mosaica. Essa legislação é que fazia de Israel uma nação distinta entre as nações (ver Deu. 4.4-8), e era um absurdo sacrificar essa distinção em lugar de um rosto feminino bonito.

Contraste-se isso com o modo de agir de Esdras. Ele fazia o seu desapontamento e consternação contra si mesmo, em lugar de contra os ofensores (Esd. 9.3). Neemias, em vez de ficar abatido, ficava violento. Mas a versão Peshitta certamente labora em erro ao dizer que ele matou alguns dos judeus culpados. Mui apropriadamente, a *Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo, lembra-nos que aquilo que Neemias fez era comum na história do Próximo e Médio Oriente. Portanto, Neemias estava aplicando sua "solução oriental".

Amaldiçoei. Em seu zelo justo, Neemias proferiu julgamentos pesados, caso eles não se arrependessem. Ele os sujeitou a maldições divinas. Eles teriam um mau fim, por haverem corrompido o yahwismo. Aben Ezra inclui nessas maldições ameaças de exclusão e, sem dúvida, a exclusão fazia parte das maldições; mas o que Neemias realmente desejava era que Yahweh castigasse aqueles judeus, tal como ele mesmo havia feito. Eles corriam perigo de ser divinamente espancados.

13.26

Não pecou nisto Salomão, rei de Israel? O mais clamoroso exemplo do mesmo erro foi o de Salomão, que pecou por misturar-se por casamento com todas aquelas mulheres estrangeiras, que logo o fizeram desviar-se para a mais flagrante idolatria. Ver I Reis 11.1-8 quanto à história. Salomão tornou-se conhecido por sua sabedoria, mas nessa categoria da vida ele aplicou uma crassa estupidez oriental. Naqueles tempos, era para a glória de um homem ter um grande harém. Somente os pobres tinham apenas uma esposa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Poligamia*. Ter várias esposas era uma prática comum e aprovada em Israel, por toda a história; mas quando mulheres estrangeiras entravam nas câmaras nupciais, isso era ir longe demais. Paul Getty (um dos homens mais ricos que já houve na história do mundo, e que teve muitas esposas em sucessão, uma forma de poligamia) declarou: "Se um homem tem apenas uma mulher, isso prova que ele é um fracasso comercial!". Os judeus não queriam ser fracassos comerciais, pelo que muitas mulheres sempre faziam parte do jogo da vida. Contudo, Salomão havia deixado um "exemplo horrível", quanto à maneira como sua poligamia deu lugar à idolatria. Salomão foi um grande homem, e nenhum rei de Israel poderia comparar-se a ele. Ademais, ele era amado por Deus. A despeito de tudo isso, as mulheres estrangeiras fizeram dele um tolo. A King James Version diz aqui "outlandish women", uma bela demonstração de inglês do século XVII, sem dúvida fiel aos fatos, mas não ao hebraico, que significa apenas "mulheres estrangeiras".

Ele era amado do seu Deus. "Temos aí uma alusão a seu nome alternativo, Jedidias, que significa 'amado do Senhor', II Sam. 12.24,25" (John Gill, *in loc.*).

13.27

Dar-vos-íamos nós ouvidos...? Aquilo que Tobias tinha feito (com a ajuda do sumo sacerdotes) foi chamado de "mal"; a profanação do sábado também foi chamada de "mal". Mas aqueles casamentos mistos foram chamados de um grande mal. Foi um ato especial de iniqüidade, uma forma de infidelidade e traição contra Yahweh. O julgamento já se enroscava, pronto para lançar o bote.

13.28

Um dos filhos de Joiada, filho do sumo sacerdote Eliasibe. Um caso infame de tais violações estava de pé diante de Neemias. Um dos filhos do sumo sacerdote Eliasibe tinha praticado o absurdo de casar-se com uma filha do abominável Sambalá! Neemias ficou tão furioso pela presença do homem, que o pôs para correr, sem dúvida gritando altas denúncias e proferindo toda espécie de maldições (conforme o vs. 35 nos levaria a crer). Assim agia o reformador Neemias quando estava em seu melhor: nada de conversa mole, nada de diplomacia, nada de transigência, mas tão-somente atos decisivos. Jarchi diz que o homem foi banido da cidade, sim, e até de Judá, e isso é perfeitamente possível. Seja como for, daquele tempo em diante, ele não pôde mais atuar como sacerdote, podemos ter certeza.

Josefo (Antiq. XI.7.2) informa-nos sobre tal casamento, mas chamou o homem abusivo de Manassé, irmão de Judá, o sucessor de Jonatã (ver Nee. 12.1). Ele chamou o homem de marido de Nikaso, filha de Sambalá. Ele também disse que esse casamento foi arranjado por razões políticas. Mas a época determinada por Josefo foi cerca de cem anos após os tempos de Neemias, durante o reinado de Dario III (335-330 A. C.), levando-nos aos tempos de Alexandre, o Grande.

Sambalá, o abominável, foi um dos principais oponentes de Neemias. Ver Nee. 2.10,19; 4.1,7; 6.1,2,5,12,14. "Ele, tal como Tobias (ver Nee. 6.17,18 e 13.4), ao que tudo indica, tinha planejado, através dessa relação de família, destruir a obra de Deus. Neemias tinha jogado para fora da câmara os móveis de Tobias (vs. 8) e então pôs para correr o marido culpado" (John A. Martin, *in loc.*). Um sacerdote só podia casar-se legalmente com uma virgem israelita (Lev. 21.14).

13.29

Lembra-te deles, Deus meu. Outro apelo para que Deus se lembrasse. O reformador Neemias continuava invocando a Deus para que recompensasse os seus esforços, para dar-lhe o sucesso nesses esforços e para receber o bem como uma recompensa. Por sete vezes achamos Neemias conclamando a Yahweh para que se lembrasse dele para seu bem. Ver Nee. 5.19 (onde ofereço anotações completas); 6.14 (por duas vezes); 13.14,22,29,31. Mas ele também invocou a Yahweh para lembrar-se de seus inimigos para mal deles! Ver Nee. 6.14 quanto a outra má memória. Neemias esperava que a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* fizesse justiça em todas as situações. Ver o artigo sobre esse assunto no *Dicionário*, e ver também o verbete chamado *Teísmo*. O teísmo afirma que Deus criou a tudo e não abandonou a Sua criação, antes, Ele recompensa e pune as Suas criaturas inteligentes, dotadas de responsabilidade moral. Isso fazia parte da filosofia da história do cronista (comentado nos parágrafos quarto a sétimo das notas introdutórias imediatamente antes da exposição sobre I Crô. 1.1).

Foi coisa terrível que Neemias tenha proferido maldição contra parte do sacerdócio, somente por causa de algumas belas fisionomias femininas e ambição política. Os valores tinham sido assim distorcidos. Os homens estavam caminhando pelo teto da casa, e mesmo assim pensavam que seu andar era exemplar.

Como também a aliança sacerdotal e levítica. Nenhum homem se tornava um sacerdote em Israel exceto através do modo usual de consagração, segundo o qual fazia seus votos e prometia fidelidade a Yahweh. Ver Núm. 24.11-13. Mal. 2.4-8 atacou os abusos contra essa regra. Os homens em Judá tinham quebrado seus votos e corrompido seu ofício e seus privilégios. Talvez haja uma alusão ao grande pacto referido no capítulo 10 deste livro.

Quero ser verdadeiro, pois há aqueles que confiam em mim.
Quero ser puro, pois há aqueles que se importam.
Quero ser forte, pois há muito para sofrer.
Quero ser corajoso, pois há muito para ousarmos.

(Howard Arnold Walter)

Recapitulação (13.30,31)

13.30

Encontramos aqui uma minúscula recapitulação das reformas de Neemias. O vs. 30 sumaria os incidentes do capítulo: todos os elementos estrangeiros, como aqueles representados por Tobias (vss. 7 ss.) e pelos casamentos mistos (vss. 23 ss.); a restauração dos levitas em seus turnos e serviços, com a devida autoridade (vss. 10-13). "Neemias era excelente ao fazer as pessoas trabalhar!" (John A. Martin, *in loc.*).

13.31

Lembra-te de mim, Deus meu, para o meu bem. Entre as reformas realizadas por Neemias, houve também a questão do sustento financeiro do ministério. "As primícias não têm contrapartida no capítulo 13 de Neemias, mas os arranjos para a coleta presumivelmente foram um trabalho de Neemias (Nee. 10.35-38), tal como a oferta de lenha (Nee. 10.34)" (Raymond A. Bowman, *in loc.*).

Por sete vezes neste livro, encontramos orações, da parte de Neemias, que invocam Elohim a lembrar-se dele para seu bem. As notas expositivas principais sobre essa questão aparecem em Nee. 5.19, mas cada referência tem alguma coisa a adicionar. Ver Nee. 6.14 (duas vezes); 13.14,22,29,31. O livro de Neemias termina com essa nota final. É enfatizada a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Ver sobre esse título no *Dicionário*. O Criador também é o Juiz, o Preservador e o Benfeitor. Os homens são abençoados pelo bem que praticam e punidos pelo mal que fazem. Ver a filosofia da história do cronista, nas notas de introdução a I Crô. 1.1 (parágrafos quarto a sétimo). Neemias salientou a necessidade de conhecer, obedecer, agir e cumprir a lei mosaica, o padrão de vida que tornava Israel uma nação distinta. Ademais, Neemias foi um exemplo de trabalhador decidido, que combinava idealismo com labor diligente e um propósito dirigido por Deus.

"Com essas palavras, Neemias deixou a cena, entregando ao Justo Juiz sua própria vida e a realização dos seus deveres " (Ellicott, *in loc.*).

Neemias deixou sua marca na história. E deveríamos adicionar que foi com as palavras do vs. 31 que os anais da história do Antigo Testamento terminaram. Depois dele há quatrocentos anos de silêncio, entre o Antigo e o Novo Testamento. Naturalmente, a história secular e os livros apócrifos e pseudepígrafos continuam a falar sobre Israel e sua história. Cronologicamente, porém, neste ponto do livro de Neemias atingimos o fim da história canônica do Antigo Testamento.

Faz o teu dever e deixa o resto para o céu.

(Pierre Corneille)

O cumprimento dos deveres espirituais em nossa vidas diárias é algo vital para a nossa sobrevivência.

(Winston Churchill)

Dá o melhor que há em ti!
Pois, seja isso grande ou pequeno,
Eis aí o teste.

Faz, pois, o melhor que puderes,
Não por causa da recompensa, nem
Pelos louvores dos homens, mas
Por causa do Senhor.

(S. C. Kirk)

Não há lugar na civilização para o ocioso.
Nenhum de nós tem direito ao lazer.

(Henry Ford)